SENTIMENTALISMO

E HISTORIA

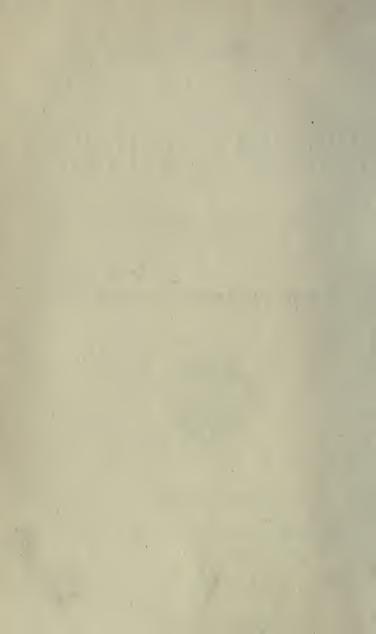
Camillo Castello Branco

SENTIMENTALISMO

E HISTORIA

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUTHOR

Livraria Internacional
DE
ERNESTO CHARDRON — EDITOR
PORTO E BRAGA

M. DCCC. LXXX.

SENTIMENTALISMO

EUSEBIO MACARIO

HISTORIA NATURAL E SOCIAL D'UMA FAMILIA

NO TEMPO DOS CABRAES

Nota Preambular

Pede-se á critica de escada abaixo o favor de não decidir já que o author plagiou Emilio Zola. *Eusebio Macario* não é *Rougon Macquart;* nem *uma familia no tempo dos Cabraes* é *une famille sous le second empire*. Sim, elles, os Cabraes, não são perfeitamente o segundo imperio.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

São duas phrases de entranhada gratidão a alguns criticos bons, delicados que inutilisaram os periodos percucientes, os punhaes das ironias com que tencionavam trespassar do peito ás costas o Eusebio Macario, tão sinistramente agourado. Esta reconsideração, já agora, é uma virtude que daria santos á legenda aurea dos litteratos, se elles coubessem no céo, onde ha tantos, beatificados por fomes de trufas e sêdes de lacryma-Christi — que importa o mesmo dizer fomes e sêdes de justiça. O tímido author esperava que os artistas não refugassem a obra tracejada, e affirmassem que eu, n'esta decrepidez em que faço ao estylo o que os meus coevos de juventude fazem ao bigode, não podia penetrar com olho moderno os processos do naturalismo no romance. Ora a cousa em si era tão facil que

até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do EUSEBIO MACARIO que o reputo o mais banal, mais ôco e mais insignificante romance que ainda alinhavei para as fancarias da litteratura de pacotilha. Se eu o não escrevesse d'um jacto, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-hia do tempo malbaratado.

Cumpre-me declarar que eu não intentei ridiculisar a escóla realista. Quando appareceram o CRIME DO PADRE AMARO, o PRIMO BAZILIO e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os, e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novella escripta d'outro feitio, não vinga. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar a uma pessoa de minha familia que me fez comprehender a escóla com duas palavras: «É a tua velha escóla com uma adjectivação de casta estrangeira, e uma profusão de sciencia comprehendida na «Introducção aos tres reinos». Além d'isso tens de pôr a physiologia onde os romanticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar á fatalidade o que, pelso velhos processos, se imputava á educação e á responsabilidade». Comprehendi, e achei que eu, ha vinte e cinco annos, já assim pensava, quando Balzac tinha em mim o mais inhabil e ordinario dos seus discipulos.

S. Miguel de Seide, setembro de 1879.

Camillo Castello Branco.

ADVERTENCIA

A HISTORIA NATURAL E SOCIAL DE UMA FAMILIA NO TEMPO DOS CABRAES dá fôlego para dezesete volumes compactos, bons, d'uma profunda comprehensão da sociedade decadente. Os capitulos inclusos n'este volume são preludios, uma symphonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas guelas concavas, metallicas. Os processos do author são, já se vê, os scientificos, o estudo dos meios, a orientação das idéas pela fatalidade geographica, as incoerciveis leis physiologicas e climatericas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tyrannia dos nervos, a questão das raças, a ethologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de familia, tudo, o diabo!

O author trabalha desde antes de hontem no encadeamento logico e ideologico dos dezesete tomos da sua obra de reconstrucção, e já tem promptos dez volumes para a publicidade. Mas é necessario a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ella quer ser desabada a pontapés de estylo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e adverbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pôl-a nua, escrutar-lhe as lepras, lavrar grandes actas das chagas encontradas, esvurmar as bostellas que cicatrizaram em falso, excorial-as, muito cauterio de phrases em braza. É o que se faz nas folhas preliminares d'esta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a sahir pelas merciarias fóra.

S. Miguel de Seide, junho de 1879.

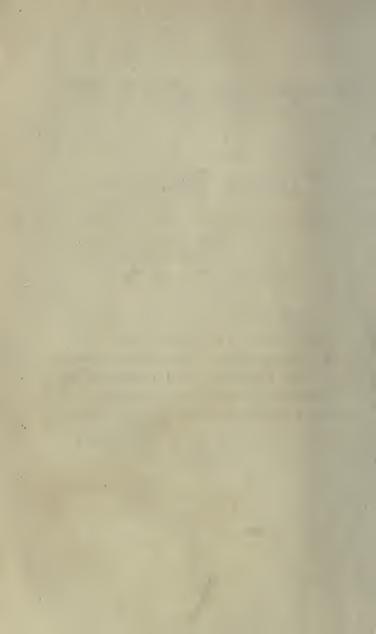
Dedicatoria

Minha querida amiga.

Perguntaste-me se um velho escriptor de antigas novellas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os «tics» do estylo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi.

O Author.

Eusebio Macario

I

Havia na botica um relogio de parede, nacional, datado em 1781, feito de grandes tóros de carvalho e muita ferraria. Os pesos, quando subiam, rangiam o estridor de um picar de amarras das velhas naus. Dava-se-lhe corda como quem tira um balde da cisterna. Por debaixo da triplicada cornija do mostrador havia uma medalha com uma dama côr de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira e uma pescoceira crassa e grossa de vacca barrozã, penteada á Pompadour, com uma restea de pedras brancas a ennastrar-lhe as tranças. Cada olho era maior que a bocca, d'um vermelho de ginja. Ella tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhados e aduncos como um pé de perúa morta; o braço

direito estava no ar, hirto, com um ramalho de flôres que parecia uma vassoura de hydrangeas. Este relogio badalára tres horas que soaram rispidas como as pancadas vibrantes, cavas, das caldeiras da Hecate de Shakespeare.

O pharmaceutico Eusebio Macario sentára-se espapado, com as carnes desfallecidas, á porta, n'um largo môcho de cerdeira com assento de junco roto, espipado, com uns esbeiçamentos de palhiça muito amarellada do attrito. Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras faiscantes, cruas. Moscas zumbiam com azas lampejantes em giros idiotas; gatos agachados como velhos sicarios pinchavam com muitas perfidias á caça dos passaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; carros chiavam nas terras baixas, barrentas, com grandes grêtas das calcinações do grande sol; os lentos bois nostalgicos vergastavam com as caudas asperas os moscardos que os atacavam d'entre os tapumes com grandes sêdes impetuosas de frescores de sangue. Havia mollezas e estonteamentos abafadiços no ar cheio de sensualidades mordentes. Levandiscas esvoaçavam nas ourellas humidas dos regatos muito garbosas, com pipilações joviaes; besouros azues de tons metallicos luzentes rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardaes abandados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas; cerejas bicaes vermelhavam as suas provocações sorridentes como beiços rubros de mulheres vitalisadas de lascivias aquecidas de bom sangue; pecegos abeberados de succos

dôces pennujavam; varas de porcos com grunhidos regalados esfoçavam nas esterqueiras, banhando-se com grandes espalhafatos como odaliscas epilepticas de volupias escandecidas; raparigas esguedelhadas, de narizes arrebitados, com as caras fuliginosas de suor e poeira, muito escanelladas, com olhos espantadiços, de secreções amarellas, saias de estopa suja, frangalhona, a trapejar nos canêllos esburgados, guardavam bácoros, e davam gritos d'um timbre muito agudo que punham echos nas collinas batidas do largo sol; gallinhas cacarejavam; gallos de cristas escarlates e recortadas arrastavam a aza com arremettidas parlapatonas de sultões. A natureza estava cheia de mysterios amorosos e d'uma grande espiritualisação sensual.

Eusebio Macario offegava, enxugava com o lenço de Alcobaça, pulverulento de meio-grosso em pastas esmoncadas, as roscas do pescoço que porejavam as exsudações da carne opilada d'um farto jantar. Elle tinha feito annos n'este dia e enchera-se de capão com arroz açafroado e de muito vinho d'Amarante, com muita aletria engrossada de ovos e letras de canella.

— Que não queria saber de historias — pensava; — que a vida eram dous dias; que quem cá ficasse que o ganhasse.

E dava arrotos muito cheios de gazes e estrondos.

A filha, a Custodia, era uma rapariga pimpona, de muito seio e braços grossos, roliços, com pregas de carnação molle nos cotovêlos e uma pennugem de frutas mimosas que lhe punha umas tonalidades cu-

pidineas, irritantes. Ella andava cheia de desejos animaes; queria feiras e romarias com bailados de saracoteios desnalgados, pelintras; pedia sócas de ponteira de verniz marchetadas de amarello, com palmilhas d'um escarlate de carne viva, e casibeques sarapantões de listras rubras e amarellas; lavava as pernas, brancas como pedaços de marfim polido das velhas imagens e maciezas setinosas, nos riachos, com grande desfaçatez e presumpção; boleava-se n'um quebrar de quadris reles de servilheta; tinha cheiros de mulher suspeita com grandes lampejos crus de oleo de amendoas dôces nos cabellos em bandós e muitos ardores.

— Que queria a bella pandega — dizia; — que estava na flôr da mocidade. Pudera! que a sua mãi não fazia outra. Pois não fizeste! que o gozar era agora; que depois de velha, contas e borracha. — E escancarava umas risadas vibrantes, sandias, sapateando com as mãos cheias de missangas, e fazendo tregeitos brejeiros, garotices, dando palmadas sonoras no ventre. Tal era ella.

O filho de Macario, o José Fistula, era caçador e fadista de tabernas sertanejas. Tinha andado para padre, e esbanjára a herança materna em Braga, em orgias de frigideiras e na bohemia das Travessas, onde mulheres de saias engomadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e fitas azues, e arrastam chinellos de ligas, com os calcanhares de fóra a esbeiçarem, com claviculas esqueleticas mordidas das herpes e dos vampiros das noites

vinolentas, cheias de delirios devassos e indigestões de iscas de cebolada. Elle tornára para o pai com grande humildade faminta, de lazaro maltrapilho, com a camisa roida de immundicie e a cara chupada de deboches e bebedeiras.

— Que se faria ladrão d'estrada — ameaçava — se o pai o não sustentasse; que estava prompto a labutar na botica, pisando drogas no almofariz, e iria ás hervas para os xaropes, que as conhecia muito bem. Pois não conhecia? Havia de lêr a PHARMACOPÊA do doutor Agostinho Albano, e até — resumia — tinha tinêta para boticario.

E o pai:

— P'ra burro, p'ra burro é que a tens! — resmungava apopletico de coleras, crescendo para elle, inflammado como um volcão explosivo, com a cara biliosa, e muitas palavras de abominação e tregeitos de pai turbulento de comedia palhaça.

Depois, o Fistula portou-se bem, laborioso, intelligente. Ia á colheita das hervas na estação propria, e fazia manipulações, aviava receitas com limpeza, assobiando fados cheios de saudades das Travessas e dos seus condiscipulos malandros. Conhecia as flôres do urgebão, em espigas filiformes, roxas, de sabor amargo, boas para cataplasmas com gemas d'ovos nas intumecencias do figado; as urtigas, sedosas, cheias de tuberculos que espirram á epiderme um liquido caustico, e que bem espremidas dão um succo muito medicinal na brotoeja; a alfavaca sudorifera; a arruda, muito oleosa, d'um odôr acre, muito usada em

infusão pelas mulheres opiladas, amarellas, congestionadas, hystericas, com grande peso nas virilhas e zumbidos nas orelhas: a parietaria vermelha, empubescida, acre, nitrosa, muito diuretica; a malva emolliente, estimavel em gargarejos e clysteres e nos semicupios refrigerantes; o verbasco que fructifica umas capsulas biloculares muito peitoraes; a bardana dos monturos, de raiz fusiforme, tonica, sudorifera, antidoto das herpes; a salva, de flôr violacea, aromatica, muito provada nas esquinencias, gargarejada com um golpe de mel; os grãos do funcho estriados, cylindricos, famosos nas colicas; a herva cidreira, de aroma citrino, excitante, digestiva e antispasmodica; a herva moura que é narcotica; a hortelã vermelha, efficaz contra o rheumatismo e nos narizes tapados por fluxões crassas; a mostarda, *sinapis nigra,* a do sinapismo, o divino sinapismo derivativo, revulsivo, que puxa ás pernas o morbus do cerebro, dos olhos, da garganta; as bagas dos murtinhos para lavagem de impigens, cozidas, e feitas em pó muito anti-putridas, contra chagas canceradas, chronicas; a tilia para os chás das velhas que impam e arrotam com grandes borborygmos de gazes, e dizem que teem flato. Conhecia todas as hervas e arbustos que seccava em taboleiros, na eira. E os porcos ás vezes foçavam nas hervas e raizes, misturando-as: mas elle, com o fino sentimento moderno eclectico em therapeutica, colhia do sequeiro as plantas ás manadas e atirava com ellas ás gavetas que tinham rotulos grudados, phoneticos em orthographia. Elle tambem mani-

pulava o unguento de basilicão, derretendo o pez no azeite e na cêra; e, quando o mexia no gral, zangava-se, dando ao diabo a pharmacia, ou cantava fados com um grande azedume mephistophelico. Fazia ceroto de espermaceti, com que se curam os causticos e as queimaduras; e o unguento de Genoveva e o da Madre Tecla, muito bom para amadurecer abscessos com o seu lithargyrio, e sebo de carneiro; não lhe punha a manteiga da formula, porque preferia comêl-a com pão trigo. Havia grande provisão em potes de unguento da Madre Tecla, receita que lhe ensinára o brazileiro da Casa Grande, muito atreito a furunculos nas costas e na região sob e sobre; tinha de sua lavra muitos frascos de pomada mercurial de que elle gastava um terço no seu consumo proprio, pessoal; em quanto o pai e o abbade, inveterados nas hemorrhoidas, lhe gastavam em breves prazos o unguento de populeão em unturas, de cocaras. José Macario, o Fistula, trabalhava, regenerava-se.

Eusebio descançava contente no rapaz; tinha-se amollecido, chamava-o ao quarto e bebiam ambos uma garrafa da Companhia, muito manos; e, ás vezes, o Fistula tocava-lhe um fado que punha tremuras involuntarias nas nádegas do pai; ao mesmo tempo a Custodia, lá dentro na cozinha, sacudida pelos bordões gementes da viola, fazia saracotes de quadris, batendo o pé á frente na attitute marafona de quem apára nos rijos fados batidos. Ella tinha no sangue um ardor de extravagancias, uma herança viciosa de sua mãi, a Canellas, que dançava fandangos deshonestos,

e conhecia o *choradinho* de convivencias suspeitas com o cirurgião, um romantico magro, da escóla moderna, que o boticario espancára por motivos honrados.

Eusebio tinha gamão e damas; sabia fazer ladroeiras com os dados; jogava a pataco a partida, e dizia muitos anexins obrigatorios. O parceiro era o abbade, um patusco, com chalaça, egresso dominico, o padre Justino de Padornellos. Tinha menos de quarenta annos, muito gasto e poído dos attritos sensuaes, comido de vicios, com os fluidos nervosos degenerados e as articulações pêrras de rheumatismo e outros ataques contingentes de sangue depauperado. Eusebio Macario teimava que o complexo das molestias era resultado de espinhella cahida complicada com flatulencias. Contava casos, curas, milagres e queria pôr-lhe o emplasto confortativo. — E vinho do Porto — dizia categorico — pingas do velho, e carne assada na braza p'ra esse bucho quanta lá couber, e sopas de vinho e canella, e de femeaço pouco — concluia, e piscava o olho esquerdo.

Ás vezes inflammavam-se-lhe os olhos, tinha purgações purulentas, sustentadas pelo uso da genebra e humores viciados de velhas contaminações; não sahia do quarto, e engulia muitas pilulas de familia. O boticario ia então para a residencia com o taboleiro debaixo do braço e as pedras n'uma saquita de chita amarella desbotada com os cordões gordurosos de surro suado.

— O rapaz? que tal? vai direito? — perguntava o abbade.

Que ia bem; que tinha pancada para a pharmacia — dizia — que já aviava receitas pelo systema moderno das grammas; que tinha talento.

— Conhece-se — dizia o abbade, em quanto encasava as pedras no taboleiro — conhece-se; tem morrido muita gente ha dous mezes. — E de subito arrugava o nariz, assaltado pela gotta que lhe mordia o dedo grande do pé; e, tirando de repente o chinello de ourêlo, descalçava a piuga de lã parda, mostrava o pé rubro, cheio de cascarias callosas, muito crespo de joanetes.

— Este diabo! — dizia arregaçando o beiço inferior com raiva; e estorcegava o dedo dorido — Raios! Que lhe déssem a papa de linhaça! — berrava. A Felicia acudia logo. Que lhe untasse com terebinthina o artelho; e socegava com dous gorgolões de genebra que bebia d'uma botija que tinha á cabeceira entre o Breviario e o rol da congrua, em quanto Felicia, de cocaras, o esfregava.

Depois, o accesso remittia; e elle consolado e cheio de bons sentimentos para com o céo e com Felicia, confessava que lhe devia a vida a ella abaixo de Deus, e pedia-lhe agua de malvas para os olhos, dava-lhe regueifa dôce, vinho maduro, e palmadas de gratidão infinita nas ancas roliças.

Era uma mulheraça frescalhona, de uma coloração sanguinea, anafada, ancas salientes, de trinta e cinco annos, muito lavada, a cheirar ás frescuras do linho perfumado de alfazema. Ella amoriscára-se do padre, quando elle, no viço dos annos, sahiu do convento, to-

mando para si todas as liberdades permittidas pela Carta. Tinha sido forte, grosso, feito na orelha suina e nos farinaceos da sua aldêa; sahia escandecido pelo muito bacalhau irritante do refeitorio, com muito phosphoro e iode no sangue que lhe puxava pelos instinctos. Elle era oriundo de Barrozo, onde as mulheres são cabelludas como cabras, e tem as pernas grossas, cepudas com borbulhas escarlates como rocas de cerejas, e mostram nos cotovêlos umas durezas como cascas de mariscos. Creára-se nas leiras que escorregam pelas espádoas dos montes, retouçava-se nos fenos como os lobos fartos, e aos dezoito annos uivava pelas femeas como os fulvos leões hyrcanos. Em estudante era forte no thema e na brejeirice com grandes brutalidades montezinhas. Não tinha ideal; era um estomago com algum latim e muitas feculas; lia as GEORGICAS de Virgilio á sombra dos castanhaes, de papo arriba, á perna solta, como um grande rafeiro aganado dos calores de julho que regala o ventre nos refrigerios da bafagem.

O arrebol da tarde franjava de purpura as agulhas da montanha; espinhaços dos ultimos horisontes de serra recortavam-se como sentinellas nocturnas d'um baluarte de cyclopes; espigões enormes pareciam braços hirtos dos legendarios titans a escalarem o olympo; filas cerradas de pinheiros lá em cima nas cumiadas lembravam esquadrões de gigantes, pasmados, a olharem para nós, burlescos pygmeus, que andamos cá em baixo a esfervilhar como bichinhos revoltos nas enormes podridões verdoengas do planeta. Elle olhava

para tudo aquillo com cara de asno, não percebia mythos nem ideaes, e pensava na cêa. Raparigas desciam das encostas hervecidas com rebanhos a dessedentarem-se nos ribeiros; cabritos alcandoravam-se em rochedos com balidos crebros e gymnasticas elegantes; bois escornavam-se com pancadas sonoras d'uma dureza cava. E o Justino, o estudante saltava dos vallados sombrios á laia de satyro, como tigre faminto do palmar, e enviava-se fremente ás pastoras, dando-lhes abraços bestiaes, herculeos, e ferradellas cupidineas, dissolventes, nos cachaços sensuaes pennujentos. Ellas casquinavam risadas innocentes, fugiam, deixavam-se agarrar, botavam-se a elle, ás tres e ás quatro, atiravam-no ao chão, cahiam de embrulho, e espojavam-se todos, qual por baixo qual por cima, escouceando-se, com uma candura bucolica digna de Rodrigues Lobo e de muito chicote.

Felicia não era bem d'essas; estava a servir; não sabia a idade; dizia que nascêra no tempo das castanhas, e que seu pai era miliciano de Chaves. Andaria nos dezeseis, e parecia de carne petrificada, rija, com uma frialdade de metal fundido, é nenhumas morbidezas feminis. O Justino nas mãos d'ella soffria amarfanhamentos rudes e boléos. Era possante; não se deixava abraçar, e um dia cascára com um engaço n'um official de diligencias de Montalegre que lhe apalpára a polpa d'um braço.

O noviço dominicano, ás vezes, lembrava-se d'ella no convento de Guimarães, e perguntava aos patricios por Felicia, e queria saber se ella dera em droga como

a do Côxo, e mais a do João Carrasqueira, duas perdidas que contavam a toda a gente que fôra o estudante que as deitára á má vida — e leve o diabo o frade, diziam, e contavam casos, miudezas, vergonhas.

— Que não: que ninguem dizia d'ella tanto como isto — informavam — que era a flôr das raparigas, a Felicia; e tão arisca para todos os homens que até se desconfiava que fosse do sexo masculino. E contavam anecdotas, temeridades de apalpadellas repellidas com bofetões, o caso do sargento do 15, um malandrim de Bóbeda, que lhe offerecera a mão de esposo; e o do morgado de Escalão, um idiota vesgo, que lhe dava casa e horta e cadeiras de palhinha afóra doze moedas e dous carros de milho por anno, um rôr de cousas, se ella quizesse ser como as outras. E citavam-se tres freguezias devassas como bordeis, raparigas que jejuavam, cortavam os cabellos, e ganhavam todos os jubileus com muitas rezas e um pataco de esmola.

O Joaquim Antonio de Aguiar e o progresso puzeram frei Justino do Rozario na rua, e elle enfiou para casa com umas exultações sedentas de peccado e dava vivas á Liberdade, e á Rainha e Carta como, se, em vez do convento, sahisse da Cova da Moura.

Quando elle entrou nos limites da sua freguezia, havia festa no ar; o sol levantava da uberdade da ter-

ra uma poeira de atomos luminosos que as boninas aljofaradas lhe enviavam com os seus aromas. Era julho, um dia irritante, cantado pelas ceifeiras nas grandes campinas de centeio, louras como lagos ondeados de ouro puro sahido a torrentes do seio da natureza. Os cantores da aurora — o melro de bico de ouro e lombo de azeviche; o tordo trigueiro, de peito amarello, que tem o cantar triste da viuvinha; as tutinegras de dorso azeitonado e peito argentino bicavam-se nos pavilhões dos espinheiros, das giestas e dos salgueiraes dos regatos. Estavam silenciosos nos seus caramancheis, a carriça, da familia dos *dentirostros,* muito pequena, muito irrequieta, aspera no cantar, e de plumagem bella; o cuco, das *trepadeiras,* raiado de branco no ventre, pintalgado de branco na cauda escura, ave sinistra que collabora innocentemente nos adulterios, e tem cornos cartilagineos, embryonarios, occultos nos tegumentos do craneo; o pintasilgo das melodias e das pennas iriadas, o emulo do canario e das mulheres desvanecidas de formosas pelo amor que tem ao espelho; a poupa, que vem da Suecia, ou desfere o vôo do alto das pyramides dos pharaós, coroada de plumas negras e louras; o estorninho, de pernas escarlates, bico de ferro, plumagem verde, azul e cobreada, com o dom de articular vozes como a pêga, e grandes instinctos para se domesticar e comer ovos de pomba; o gaio, a ave linda dos pinhaes, elegantissima, com o seu martinete de pennas alvissimas e negras, peito côr de canella, azas iriadas de branco e azul, e o seu grasnido alegre, com muitas sensuali-

dades petulantes, enforcando-se nos esgalhos das arvores quando se irrita, e cegando na congestão da cólera; e as codornizes, e os chascos, e os tanjardos, e os pardaes, e as arveloas, os piscos e os taralhões, todos estes musicos do paraiso que conservam puras as notas dos seus cantares edenicos primitivos.

Frei Justino tinha jornadeado toda a noite, encavalgado n'um macho do Gaitas, o legendario alquilador de Guimarães. Ao luzir do sol ia cabeceando sobre o macho, a pingar de somno, e para se não amodorrar assobiava o hymno de 20. O arrieiro ia cheio de aguardente que o frade liberalisava de um frasco empalhado que levava a tiracollo como o seu padre S. Domingos levaria os Psalmos de David, os Evangelhos, a hymnologia triumphal da Igreja, e os estatutos da Inquisição.

O somno estonteava-o, quando avistou Padornellos, a sua aldêa, as casinhas palhaças tisnadas das sólheiras, a torre da igreja colmada, coeva do santo arcebispo que alli ensinára que a Santissima Trindade não era irmã de Nossa Senhora, como lá cuidavam aquellas christandades barrozãs. Mas frei Justino já nem acreditava n'esse parentesco nem n'outro. A victoria final dos constitucionaes incutira-lhe suspeitas de que não havia Deus, porque o prior do convento lhe havia asseverado que os inimigos do throno e do altar eram atheus perdidos, e elle, com perversa e estupida logica de mau frade, concluira que a derrota dos realistas era a suprema evidencia de estar despejado, roto, o céo. E cheio d'estas idéas e de poeira

descavalgou, e lavou a cara n'um regato para espancar o somno.

A primeira pessoa que viu a descer pelo recôsto de um matto com um rebanho de ovelhas, que o fitavam pasmadas n'umas attitudes palermas, era Felicia, a impolluta Felicia, com a roca á cinta, rodopiando o fuso, saia de linho muito fresco apanhada na cintura em refêgos inquietadores da honestidade, e uns traços de pernas trigueiras, com redondezas de barrigas muito gordas, e um collete de chita amarella com atacadores vermelhos que pojavam para cima os seios muito intumecentes e mordidos dos beijos do sol, com alguns signaes de pulgas.

E o arrieiro lubrico:

— Oh que fatia! Um peixão! Hein? ó senhor frei Justino! Aquillo é que é obra acabada! Boa veronica! — E outras pachuchadas.

Ella conhecêra o frade; cahiu-lhe o braço do fuso, e ficou pasmada com a farripa da estriga nos beiços a dar-lhe cuspo; e elle jubiloso, hilariante:

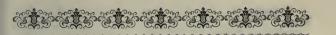
— Já te conheci, Felicia. — Que descesse á estrada; que estava uma moça perfeita; que tinha perguntado por ella ao almocreve Carôcho, todos os mezes, e sabia que ella era o modêlo das raparigas honradas. Se se lembrava d'elle alguma vez; e ella — que sim, pois não havia de lembrar? e mostrou-lhe o annel de coraes que elle lhe dera, na romaria do S. Bartholomeu, na ponte de Cavez; e que o achava mais chupadinho e muito rapado na cara; que já sabia que os governos o mandavam embora; e tregeitando gaifonas

de risos lapuzes dizia que fôra bom acabar-se o convento, e vir cá p'ra fóra espairecer; pudéra! e divertir-se; que isto de frades, já o pai d'ella o dizia, era uma vida assim a modo de não sabia como, uma asneira.

Aquelle encontro, na aba da serra, parecia uma passagem antiga, biblica. O rebanho das ovelhas brancas como o vello de Gedeão, a rapariga meiga com as branduras do olhar de Rebecca e Ruth, e mais o frade escanchado no macho do Gaitas, a fugir da biblia para o mytho, por dar uns longes de Sileno. E o arrieiro de olhos acirrados, vorazes, um subalterno grutesco do CANTICO DOS CANTICOS, achando aquella Sulamita barrozã mais dôce do que o vinho de Cabeceiras de Basto.

Disseram adeusinho até logo, com muitos acenos. E o arrieiro queimado de concupiscencias bestiaes:

— Sim, senhor, é um bocado cousa muito limpa! Póde-se vêr, o diabo da mulher! Terra que dá d'esta fruta é boa terra. Ficaram-me os olhos no berzabú da môça! Tem ventas! e que pernas! — e outros canalhismos de sensualidades tarimbeiras que faziam rir o frade ás escancaras, como quem estava sequioso de pilherias plebêas, reles.

II

Deu de si o temperamento sanguineo, estoura-vergas do egresso; era de esperar; a vocação golfou sórdida do homem como salta o sapo asqueroso do rochedo rachado. Arrifava a todas, era uma razzia no mulherio de Barrozo, um pachá, um gallo, um deboche.

A mãi de Justino não podia consolar-se da queda da religião e da libertinagem do filho. Pegou de seccar-se, um grande fastio, ventre muito desarranjado, e acabou-se-lhe o pavio da vida. O egresso cahiu em si, picaram-no escrupulos, remorsos, e andou algum tempo scismatico e muito mordido na consciencia. Incommodava-o a idéa de Deus; dava-lhe na alma umas navalhadas fundas o temor da outra vida. — Se ha-

vendo Deus, haveria inferno? — scismava. — Se havia Deus, como se mostraria elle á creatura a não ser pela sua justiça? E como se mostraria justo, a não ser castigando o crime e premiando a virtude? Ainda lhe restava esta prancha do naufragio — o raciocinio, uma cousa boa e unica que lhe ficára da logica e da metaphysica do Genuense. Elle tinha pai, um trôpego, que fôra valente jogador de pau, e matára, quando era rapaz, um puxador muito basofia de Cerva na sanguinaria romaria de S. Bartholomeu. Remorsos tardios encaneceram-no quando adiante do espectro da morte lhe sahiu a avantesma do assassinado, com o peito aberto até ás costas por um palmo de aço da choupa de um marmeleiro. Elle esperava remir-se do inferno pelos merecimentos do filho que fizera frade para ter santo na familia que o protegesse. — O frade é aquillo que vossês estão vendo, dizia com muito azedume, é um meliante peor que o diabo; até se embebeda; deu cabo da mãi, e eu não tardo.

E sujava os olhos com o canhão da jaqueta de saragoça de varas, limpando duas lagrimas gelatinosas. Via-se só. Casára um filho em Basto e uma filha na Terra-Quente. Andava aparvalhado pelos mattos com a sachola ao hombro. O seu unico allivio era petiscar lume com um fuzil n'um silex, e accender na isca cigarros uns atraz dos outros; a tossir sempre uma expectoração dos bofes requeimados.

O egresso definhava-se adoentado de imaginações, e dava-se á aguardente de medronho para diluir a bilis negra. Tinha dôres de colica, enxaquêcas, uma can-

ceira que até os vicios lhe entediava. Pegaram-lhe umas sezões de mystica, uns terrores das penas eternas. Visões de demonios, cataduras horrendas de alimarias atacavam-no em sonhos. Uma vez, era um javali cerdoso, assanhado, que o perseguia n'uma mina estreita, negra, com as paredes erriçadas de angulos de granito que lhe raspavam nas carnes; o javali dava bufos e roncos d'um pavor ferino, farejando-o e aquecendo-o com as lufadas das expirações offegantes. Ao cabo da mina tropeçou n'um esquife, abriu-o para se esconder ás iras da fera, e achou dentro um cadaver, uma massa fria, espapaçada, apodrecida. Deu um grande solavanco, acordou e rolou da cama ao chão, com os olhos esgazeados, a cuidar que o seu capote de camelão de quatro cabeções pendurado n'um gancho era o javali, de pé, cosido com a parede da mina. D'ahi a dias não se pôde levantar, estonteado, febril, com as guelas seccas, e um grande odio ao alcool e ao bacalhau assado com alhos. O cirurgião pôl-o a caldos e a laxantes heroicos, muita mamona, escamonea e jalapa. Não havia quem o tratasse. O pai com o seu egoismo de velho achacado e raiva senil ás sensuaes bréjeirices do filho, chegava-se pouco ao catre onde o febricitante esperneava, invocando alternadamente deuses e diabos com revezes de compungimentos christãos e de raivas muito pagãs. A criada que cozinhava era uma sôstra, não sabia fazer caldo de franga, deitava-lhe azeite, e comia metade, lavando pouco as tripas da ave. Elle atirou-lhe com a malga cheia d'aquella agua gordurosa, chamando-

lhe borrachona, porca e estupor maligno. Ninguem o queria servir. Felicia foi visital-o, e desatou a chorar quando o viu febril, com os olhos esbugalhados, encarniçados, a suar, praguejando, que o matavam, que morria para alli como um cão vadio, sem ter quem lhe chegasse uma tigela de sustancia de gallinha, uma miseria!

E Felicia compadecida:

— Se quer, eu venho fazer-lhe os caldos; que isso sei eu fazer a preceito.

— Pois tu deixavas os amos? — fez elle alvoroçado.

Que não deixava os amos; mas que vinha fazer-lhe os caldos duas vezes ao dia, ou mais, se fosse preciso; e, se em casa a não deixassem, que se despedia; que não lhe faltavam casas, e pouco tempo havia de servir, porque o seu irmão Bento, que estava no Brazil, tinha-lhe mandado escrever que, assim que estivesse com loja sua, a mandava ir para onde a elle, e já lhe mandára cinco moedas de ouro para um cordão, e ella comprára uns touros em que ganhára moeda e meia d'uma feira p'ra outra, e comprára então um cordão... — Uma maçada que o padre apreciou deliciado, e taes melhorias sentiu no estomago que appeteceu um pescoço de gallinha envolto na sua epiderme enxundiosa de gorduras amarellas, e beberricou do maduro.

Succedeu a segunda hypothese de Felicia. Os amos tinham birra ao padre, homem de má vida — murmuravam — um animal, sem religião, que mal se lhe enxergava a corôa, nem sabia dizer a missa perfeita,

não confessava ninguem, tinha amigas, e puzera a mãi na cova com desgostos.

E a moça insistente: — Quer não; se vossês me não deixam ir fazer-lhe as sustancias, vou-me embora.

Chamaram-lhe perdida, que estava arranjada, que era como a do Côxo, e a Carrasqueira, uma cadella sem vergonha; por isso ella não tinha querido casar com o sargento de Bóbeda — recordavam sarcasticos — que estava á espera do frade, a Inez de Carasto.

Esta ultima affronta decidiu-a; sahiu n'um impeto de honesta iracundia, e contou ao frade, lavada em lagrimas, retorcendo os braços e as mãos em attitudes muito deplorativas, que até Inez de Carasto lhe chamaram!

E ficou.

O enfermo foi melhorando envolto nos olhares cariciosos de Felicia e em papas de linhaça. Ella sentava-se á beira do leito de bancos, o catre primitivo, duas táboas sobre oito pés em bruto de castanho e quatro táboas longitudinaes com um enxergão de palha centeia. O fuso zumbia tangido rijamente pelos dedos callosos da rapariga, cruzava as pernas de um torneio esculptural que a chita barata, transparente, não disfarçava, acingindo-se ás curvas com o impudor moderno de hoje em dia. Conversavam baixinho. Elle tinha vistas, planos de vida regalada, longe da sua terra, que elle chamava um espigueiro de bebedos e de bebedas. O' pai entrava ás vezes, achava-os n'aquellas murmurosas confidencias, sahia corrido, e de si comsigo ia resmungando: — Ah! boa móca! Pouca vergo-

*

nha! pouca vergonha! — E, se lhe fallavam n'elles: — Que os leve o diabo a ambos. Assim que elle se puzer a pé, fóra d'aqui! Capaz de ir a Braga, fallar ao senhor arcebispo, sou eu. Maroteiras cá nas minhas barbas isso é que não. Vai a arrôcho e mais ella... Vão p'r'o inferno! Escavaco-os! Escavaco-os!

Felicia, assim que o padre se ergueu convalescente, sahiu da freguezia, e foi para a sua terra, d'alli obra de meia legua, onde tinha um casebre colmado com a sua horta. Padre Justino de Padornellos, denunciado pela cainçada dos lavradores, dizia-se, entrava e sahia de noite com resguardo exemplar, em uma grande concordancia com S. Paulo: «que se não era casto, fosse cauto». Acautelava-se em mais de um sentido; ia com grande fé no preceito do santo e n'um clavinaço de dous canos, por causa dos lobos que são os policias importunos aos vagabundos nocturnos d'aquelles sitios.

Uma noite de novembro cahia néve, e os aspectos do céo profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar álgido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida d'uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da

clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos sêrros. Uivos longinquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contrição; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos serios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horisonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço n'um aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Bóca! péga! cérca! Ahi vai lobo!» Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares ironicos, com

a cauda de rojo e o dorso erriçado, a ladeira da collina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o lugarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldêa, e para aquelle lado latiam cães d'um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rezes nos curraes. Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhára animo; bebera uns tragos de aguardente d'uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creação, segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emmaranhado de bravío espesso onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençoes; e, quando olhava para traz receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldêa. O padre agachou-se, coseu-se com o vallo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou parallelo com o lobo que o farejava de focinho anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapígo, o rei da creação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espádoa até ao coração, de-

cahiu sobre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado n'uma grande agonia, e morreu.

A Felicia não cahiu aos pés do matador de feras subjugada pelo assombro da intrepidez, com phrases soluçadas de ternura. Voltou-se para um registo do Senhor do Monte, encaixilhado, sem vidro e muito pintalado das moscas, e rezou com as mãos postas e um grande fervor de reconhecimento pela concomitancia que o Senhor do Monte tivera na morte do lobo.

Cães latiam em grasnada na chã onde jazia o lobo, quando o padre, ao pintar da aurora, regressava; conjecturou que fossem caçadores matinaes, e desviou-se do trilho para que o não conhecessem. Eram as matilhas de galgos e coelheiras dos morgados de Montalegre, homens muito fragueiros, d'uma bruteza selvagem antiga, que nas grandes neves sahiam para as serras a matar a mócadas a lebre e o coelho enregelados, famintos nas colheitas, e no concavo enxuto das urzes, quando o gêlo lhes fechava os buracos das luras. As matilhas assanhadas ladravam ao cadaver do lobo, e algum cão mais ousado puxava-lhe pelo rabo, sacudindo a cabeça com phrenesi. O lobo foi disputado aos caçadores pelos habitantes da aldêa visinha, que

tinham direito a 6$000 reis com que a camara gratificava o matador; mas os de Montalegre diziam que apparecesse o homem que o matára; e estavam a termos de o levar, porque o morgado do Corujão, dado a pompas venatorias, lhe queria a pelle para tapete da cama, e fallava em lhe embalsamar a cabeça. N'isto, Felicia para desatar as duvidas, disse em segredo a umas quatro visinhas que quem matára o lobo fôra o snr. padre Justino de Padornellos. Espalhou-se logo o caso, foi muito admirada a valentia do padre, e um lavrador abastado, o Chanca, mandou uma cabra e um cabrito de presente a Felicia, e que dissesse ao senhor padre que se precisasse d'alguma cousa, elle estava ás ordens para o servir, e que assim é que se queriam os homens. D'ahi por diante Felicia quando ia a um cêrco, romaria ou festa de igreja longe, o povo apontando para ella, dizia: «aquella é a femea [1] do padre que matou o lobo».

[1] Em Terras de Barrozo e nas limitrophes a mulher em mancebia é uma *femea;* reduzem-na ás condições mais physiologicamente animaes que podem. A casada não é femea, nem mulher; é a *patrôa.* «A minha patrôa», diz o marido.

III

PADRE Justino Gonçalves ganhára amigos com a morte do lobo. Admiravam-no até ao culto, uma idolatria medieval, a força bruta, o arrojo de palmilhar serras medonhas, cavadas de fojos razos de neve, por alta noite, e remetter para um lobo, matal-o, seguir seu caminho, o destino do seu coração valente, e não fazer alardo da façanha para não diffamar os creditos da moça. Dizia-se isto na serra, em palavras mais singelas, sem as condicionaes da moral, das conveniencias, com que nós, os cultos, costumamos virar do envez as acções extraordinarias, a fim de nos desculparmos da nossa incapacidade para matar lobos.

Era em 1840. Começava a grassar a facção cabralista. Havia eleições disputadas entre chamorros e ou-

tros que significavam idéas politicas muito diureticas — a diabetes de patriotismo que os outros curavam a fricções sêccas de cacête. Padre Justino entrou na politica, e arrebanhou comsigo todos os fetiches da sua façanha. O galopim fermentára-se evolutivamente da podridão do lobo. A authoridade superior do districto chamára-o, honrára-o com confidencias, abraços, promessas e alguns dinheiros do cofre para avinhar o suffragio. O governo, cuja alma era Costa Cabral, venceu; e o egresso logo depois foi collado abbade nas terras uberrimas de Basto, em uma freguezia muito rendosa, S. Thiago da Faya, rica de passaes, freguezes pouco trabalhosos, mulheres encharcadas no peccado, nem mysticas nem hypocritas, inimigas do confessionario e de maçadas ao domingo na igreja.

Felicia governava a casa, criava cevados, muito atarefada, videira, mourejava em têas, recolhida comsigo, não mexericava, não conhecia ninguem, e tinha ralações de ciumes. O abbade, na pujança da idade, muito sadío, dava trella aos instinctos frascarios; as freguezas eram um rebanho muito gafo de ovelhas tinhosas, desgarradas do redil da castidade, á semelhança da Canellas, mulher do Eusebio da botica. Que o abbade tambem collaborára nas ossificações notaveis do pharmaceutico, rosnava-se. O cirurgião, o tisico, pagára por todos, dizia-se.

Ella, a Felicia, habituou-se; mas a perfidia doia-lhe; o seu amor baixou ás temperaturas vulgares — o amor convencional das honestas esposas trahidas. O ingrato expiava amollentando a forte musculatura nas

diluições da concupiscencia, dando á carne amortecida cargas electricas de alcool, bebendo vinhos inflammatorios, incendiarios, com iguarias fibrinosas, pingues, muito saturadas de especies. Irritações de bexiga, congestões biliosas, enterites chronicas succederam. Cavou-se-lhe o rosto, veio a dyspepsia, o rheumatismo, muitas perturbações intestinaes e serosidades ophthalmicas.

Tal era elle, quando punha em ordem as pedras no gamão de Macario, em quanto Felicia lhe friccionava o artelho com essencias enjoativas, fétidas.

Fallaram de Custodia. O abbade gostava de fallar de Custodia — que era muito patusca — dizia sorridente — e admirava-se que ella não tivesse feito asneira com tantos exemplos e patifarias da freguezia; que era mais entroncada que a mãi, — grande mulher que tambem fôra a mãi! — Eusebio não dizia nada; saudades e raivas ao mesmo tempo opprimiam-no. Estava viuvo havia dez annos; não pensára mais em casar-se; amára, de vez, aquella douda, que fôra morrer á Tamanca, um recolhimento de Braga, onde se repurgam viciosidades, e as carnes se adelgaçam em asceses depurantes. Filhas de lavradores fartos, bem comportadinhas, boas caras, deitavam-lhe o rabo do olho, provocavam-no, atirando-lhe abraços de vides, suspiros e lagrimas de pingentes escarlates, quando elle, o viuvo, ao canto da botica, pisava drogas no almofariz. Tinha incendios temporarios na sua organisação sanguinea; assetteavam-no cupidos luxuriosos d'entre os seios de moças chorudas, desempenadas,

com derengues de cintura muito voluptuarios; e elle — que não, que não queria casar-se segunda vez, credo! que todas as mulheres eram fracas, escorregaveis. E vivia casto, comendo á tripa fôrra, cevando-se á larga, como desforra, e dormindo somnos apopleticos, muito roncados, á hora da sésta, com o lenço vermelho na cara cheio de moscas e residuos pulverulentos do meio grosso.

De Custodia dizia que era da casta da mãi quanto a luxos: exigia chitas caras, jaqués de velludilho, puxava p'ra grande, tinha muito palanfrorio, espivitava-se, e fallava em vender uns touros que lhe dera o padrinho, o Manoel da Bouça, para comprar um manicordio como o da filha do brazileiro da Casa Grande. Ah, bom arrôcho! — acrescentava; e voltado para Felicia, depois de fazer casa no gamão com 4 e 6, dizia:

— Vossemecê, que é mulher de juizo, tire-lhe do miôlo as aranhas; metta-a cá por casa; diga-lhe que se deixe de manicordios, e bote têas, que trabalhe, que castigue o corpo com a canceira da casa, que eu não a criei para senhora, percebe? Eu ainda posso comer o que tenho — ajuntava, explosindo arrôtos aziumados de salpicão.

Mas Felicia tinha ciumes de Custodia, ciumes das olhadellas faiscantes, mordentes do abbade. Bem sabia que a moça não se penteava para elle; mas não queria comparações, confrontos, hypotheses sensuaes no espirito do padre, uma ruina em que os ratos da lascivia roiam sempre nas medullas dos ossos cariados.

Ella calava-se ás recommendações de Eusebio, ou dizia que a Custodinha era amiga de chalacear, mas tinha proposito; que o melhor era arranjal-a com algum praticante de botica para ficar no officio, visto que o pai pensava em metter na cirurgia o filho, o Fistula.

Assim era; porém, não o queria formado em escólas modernas, como o outro, o Viegas, o contuso a fueiro, o da Rosa Canellas, e varios outros que sahiam dos estudos, dizia, cheios de basofia, com muitas farfalhices modernas, e doente que lhes cahisse nas unhas era defunto. Contava muitos casos de moribundos a que elle valêra, com as suas receitas; questões que tivera com doutores garraios, uns burros que receitavam moxinifadas de França, e o Lacroix, um purgante que relaxava a maquina interior, e punha o enfermo na espinha, desfazendo-lhe o fato. Elle chamava fato aos intestinos baixos, e tudo o que estava para cima era bofes.

Queria que o filho fosse praticar a cirurgia no hospital de S. Marcos com cirurgiões antigos, experientes, que conheciam as hervas medicinaes. Depois, tencionava dar-lhe as suas receitas, e ensinal-o a distinguir as variadas almorreimas, a natureza das impigens, os cursos diversos, a bicha solitaria, as obstrucções das mulheres, as quebraduras, as hernes, estellicidios, dôres de rins, acrimónias, e o mais que tinha escripto no livro que era uma mina, que não o dava por um conto e quinhentos, gababa-se.

Elle, quando bateu no cirurgião adultero, vingava a sua honra de marido e a sua sciencia medicinal, ul-

trajada pela galhofa do doutor. Elle tinha uma grande celebridade adquirida na cura das almorreimas, de lombrigas, curava figados no lado esquerdo, e cursos de toda a casta, diversas comichões, em alporcas era infallivel, e tinha receitas para molestias secretas que nunca falharam. Herdára o receituario de seu avô, que praticára na botica dos frades de Santo Thyrso, onde se faziam descobertas therapeuticas miudas e milagrosas na cura d'aquellas ultimas molestias. Tinha um codice manuscripto, brochado em pergaminho muito besuntado do surro de tres gerações de boticarios instruidos.

Curava asthma com pós de baratas fritas e torradas; e para escrofulas mandava cozer uma lagartixa viva, e pendural-a n'um saquinho ao pescoço do doente; e assim que a lagarta se pulverisava de sêcca, as alporcas fechavam-se. Não havia hemorrhoidas que resistissem ás folhas de S. Caetano e de *corona-christi,* umas folhas que o cirurgião, cheio das ignorancias da botanica moderna, desconhecia e desacreditava, dando gargalhadas imbecis, e dizendo á Rosa Canellas que o marido era um lorpa impagavel. Mas na cura das obstrucções, isso era um malho: curava-as com pós da ponta de corno de boi e do queixo esquerdo de certo quadrupede; e d'ahi veio dizer o clinico, espancado por mais d'um motivo justo, que o boticario não precisava de comprar as drogas com que desobstruia as suas clientes.

O Fistula resistia ao absurdo da formatura no hospital: achava isso pulha; — que já não havia cirur-

giões por esse feitio, queria formar-se na escóla do Porto; promettia ganhar os primeiros premios, dar brado no paiz. Elle exultava com a perspectiva do Porto. Conhecia de fama o botequim do Pepino em Cima do Muro, onde o fado batido deitava á madrugada, com entre-actos de facadas e muito banzé.

Eusebio fazia esgares reaccionarios: — que não queria doutores das escólas modernas; citava a ignorancia do Viegas, a grande mortandade que elle fizera no concelho em tres annos que tivera o partido; comparava-o com o Manêta, um cirurgião antigo, do tempo dos francezes, que andára nas ambulancias do exercito anglo-luso, e perdera o braço esquerdo no Bussaco. Mostrava o receituario do grande physico e queria que o filho o estudasse. O pai encarregava-se de lhe ensinar as molestias; e elle que applicasse as receitas. A cambada moderna — dizia — não conhecia os unguentos milagrosos do Manêta: o unguento *Apostolorum,* assim chamado por se compôr de doze simples; o unguento Camêlo, recommendado pelo immortal physico Duarte Madeira, muito entendido em antidotos mercuriaes; o unguento da Condessa, desopilativo do baço; o de azougue de Falopio; de cabaça; de cascas de castanhas; o egypciaco; o Forte *absolutè;* o Marciatão; o refrigerante de Galeno; e outros de virtudes mirificas que se lhe estragaram nos boiões amarellos, vidrados, desde que o Manêta fôra substituido por Viegas, o magro adultero. Este sucio — continuava Macario com iracundia — não sabia nada de xaropes; desconhecia o xarope bizantino *absolutè;* o de

Agostinho, medico famoso de Segovia; o de chicorea de Nicolau, outro doutor celeberrimo de Florença; o de lingua de vacca; o de polypodio; o de Rei; o persico de nove infusões; e o de Sabor, rei dos médos, que o inventou. E erguendo a voz, com gestos violentos e raivas de sabio ferido por modernices estolidas, invectivava Viegas, accusando-o de receitar pilulas estrangeiras, desprezando as nacionaes, experimentadas no espaço de dous seculos, como eram as pilulas artheticas; as de hermodactylos maiores e menores; as magistraes de aço; as pilulas *sine quibus*, muito purgativas, compostas de citrinos, chebulos, belericos, emblicos, agarico, escamonea — uma maravilha com que Eusebio — affirmava — era capaz de laxar as tripas resequidas d'um elephante; e as pilulas fétidas maiores, chamadas assim porque fedem. Ignorava igualmente o que fosse oleo de alacraus, de Apparicio, de rãs e de viboras; não sabia nada de oxymeis, do Electuarium Letitiæ, de trochiscos, de alcaparras e lupatorio; ria-se do bolo armenio, do emplasto capucho, do de D. João de Castello Branco, do diaphenicão, do de ninho de andorinhas, do *gratia Dei*. Que nunca receitava um cozimento dos infalliveis na therapeutica do Manêta, de chorada memoria; e mettia a ridiculo o cozimento para ajudas de ameijoada; o cozimento colerico, o fleugmatico, o melancolico, o carminativo: ignorava tudo isto, e não se lhe via nas receitas uma palavra em latim, o burro!

O filho ouvia-o com um sorriso moderno, indisciplinado, avêsso á authoridade. Tinha bebido incon-

sciente nas fontes novas, sentia-se repassado de intuições de *vita nuova,* teimava em dizer que os unguentos e os xaropes do Manêta não prestavam para um diabo. Eusebio Macario olhava, rutilando áscuas de colera, para o José Fistula, e com um sorriso de dentes ferozes e muito chumbados, e de gengivas cheias de abscessos, rosnava: — Grande cavalgadura!

Espreite-se o Fistula no seu temperamento, no sangue, segundo os processos, na hereditariedade, nos fluidos nervosos que tem do pai, talvez do avô, provavelmente da mãi, e não será abusar da physiologia indagar-se o que ha n'elle da avó.

A avó materna, a Pucarinha de Penaguião, andára com a tropa no tempo dos francezes, uma vivandeira suja, possante, de tamancos, com brotoeja na cara e uma chaga suspeita n'um joelho. Ficára em Chaves com taberna, cozinhava para os sargentos de dragões, e tinha filhos d'um furriel pelintra que sustentava e em quem batia. O Fistula tinha d'esta avó a brotoeja, a musculatura; e do avô o pendor para a tasca, a paixão furiosa das taberneiras de pernas rubras e espádoas roliças. A mãi, a Rosa Canellas, legára-lhe no sangue os quebrantos lascivos dos lunduns, malagueñas, boleros desnalgados, aprendidos em Verim, e os batuques e os fados do Viegas facultativo. De Eusebio Macario tinha a carne espessa, o cerebro caliginoso, fechado, impenetravel, a testa esquinada, estreita, e

a grande protuberancia occipital, crespa de exostoses, cheia de bossas, de predominancias canalhas. O avô escouceava-lhe o instincto quando elle pedia a Felicia dous pintos emprestados ou um pires de marmelada; a mãi palpitava-lhe nos ilhaes quando, de repente, largava a mão do almofariz e começava a sapatear fados, e a berrar desentoado palavras do conde de Vimioso a Severa:

> Zora lá na mansão celeste
> Com a viola na mão,
> Farás dos anjos fadistas,
> Porás tudo em confusão.

A Custodia, que estava em cima a engomar as saias e a scismar no manicordio, largava tudo, punha as mãos nas ancas, bamboava-se, e expedia da garganta muito afinada para canções garôtas a trova que ouvira ao Cosme, estudante de Coimbra, filho do brazileiro da Casa Grande:

> Ai! Olá, da parte da ronda,
> Faça alto! ninguem se bula!
> Que eu quero vêr miudamente
> Ai! quem é toda essa matula.

E *zaz-traz,* palmadas rijas, um rebater tremulo de calcanhares no sobrado, e uma casquinada explosiva, uma doudice. E o irmão, em baixo, com o cigarro ao canto da bocca, e o joelho no ar com o pé sobre o gamão, e a viola na côxa, cantava pungido, com in-

tercadentes ais soluçantes, a apotheose toda da Severa, e a da Escarniche, que

> Nascera n'um berço d'ouro
> E não teve uma mortalha.

Sabia o martyrologio todo do Bairro-Alto, tinha commiserações profundas por estas desherdadas, antecipára-se em condoimentos da corja das loureiras celebres ás plangencias de Hugo e de Dumas, filho. Era o sangue da avó e da mãi que lhe punha na voz o tom elegiaco das enormes tragedias. Um bandalho — dizia o abbade quando ouvia, noite alta, zangarrear na viola, e depois uma toada rouca de larynge rachada por nicotina e alcool:

> Ó saloia, dá-me um beijo,
> Que eu te darei um vintem...

*

IV

O BRAZILEIRO Bento José Pereira Montalegre tinha mandado ir a irmã, a Felicia, para Vassouras. Dizia-lhe que estava socio do commendador Borges, um visinho d'elles, que tinha fugido da terra por ter furtado um porco ao Barandas. Felicia lembrava-se, e dizia:

— Um grande ratoneiro, andava esquadrilhado, a pirangar pela freguezia, e chegou a isso!

O abbade lia a carta: «Fizemos sociedade de trezentos contos fracos, em engenhos de café moido a vapor, assucar e aguardente. Venha vossê para mim, que quero casar aqui bem ella. Mando ordem de dar dinheiro a vossê a meu correspondente do Porto, Araujo & Filhos, rua dos Inglezes. Vá mana em casa d'elle».

— Pois não fostes! — atalhou Felicia.

— Vê lá! — fez o abbade. — Que não queria tolher a sua felicidade; que era tão amigo d'ella que morreria de saudades, mas que, primeiro que a sua vida, estava a fortuna d'ella.

Felicia enxugava os olhos com o avental, dava soluços, afogavam-na, queria queixar-se, dizer-lhe que elle parecia não se importar que ella fosse.

Explicavam-se de parte a parte, commovidos, á competencia de protestos, ternuras, inclinações de cabeças reciprocas nos peitos em attitudes apaixonadas, e resolveram responder-lhe — que ella devia muitas obrigações ao senhor abbade de S. Thiago da Faya; que lhe estava governando a casa; que elle era doente, sem familia, e não o podia deixar assim.

Eusebio Macario escreveu a resposta dictada pelo abbade, e pediu licença para acrescentar á palavra *doente:* «e quem o trata é quem esta escreve, Eusebio Macario, pharmaceutico approvado por Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde».

— E me guarde a mim dos seus remedios — ajuntou, galhofeiro, o abbade.

Isto foi em 1844. Cartas de Vassouras vieram queixosas, mas com alguns dinheiros que Felicia punha em cordões, em touros e cevados que negociava. O Bento em 48 tambem sahiu commendador, dera quatro contos para os asylos, moeda forte, e mandára ao correspondente Araujo & Filhos, rua dos Inglezes, Porto, que lhe mandasse abrir as suas armas n'um annel d'ouro sobre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.

— Que á fava devia ir o Bento — dizia Araujo & Filhos.

Mandou ao Mollarinho que lhe abrisse as armas do commendador Bento José Pereira Montalegre; repetia a fava, mandava a medida do dedo annular, uma argola de papel que parecia a medida d'uma pulseira. O Mollarinho mandou saber como queria elle as armas. — Que o armasse como soubesse — respondeu Araujo & Filhos, muito velhaco, cheio de inveja da commenda, e dizia á mãi dos seus socios: — Este pulha, o Bento, com armas reaes em annel! Está tudo perdido!

O Mollarinho não achou no indice alphabetico dos appellidos nobres o *Montalegre*. Esteve para creal-o, invental-o, um *monte* batido do largo sol, matizado de boninas, com recamos de flôres amarellas de giesta e florescencias rôxas da urze, um monte risonho, *alegre* — «Montalegre». Mas receou exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como elle tambem era *Pereira,* gravou o baixo-relevo do brazão do condestavel, dos Braganças: em campo vermelho uma cruz de prata floreteada e vazia de campo; timbre, uma cruz vermelha tambem, floreteada e maciça entre azas d'ouro abertas. Eram as armas d'el-rei D. Affonso, o Casto, e de seu sobrinho Frojaz Vermuí, avoengo de D. Nuno Alvares Pereira, e do Bento José, talvez.

As gazetas tinham fallado no donativo e na mercê regia concedida ao nosso benemerito irmão d'além-mar. Um correspondente de Chaves, cheio de odios aos actos ministeriaes, mettia a riso a graça e o agra-

ciado, descosia-lhe a geração, contava que havia gente que lhe conheceu o pai soldado de milicias, e a mãi uma cabreira de Barrozo, e que elle tinha em Portugal uma irmã que de pastora de ovelhas passára a ser ovelha gafada de pastor.

Esta maledicencia d'uma chocarrice emporcalhada e typica das opposições politicas n'esta terra dos Affonsos e Joões, não chegou a Vassouras; mas foi dar á mão do abbade que a leu, e, n'um assomo de ira correspondente á injuria, resmungou:

— Quem seria o asno que escreveu isto?

E mais nada. Elle tinha as callosidades judiciosas dos estadistas experimentados, a linha recta dos galopins veteranos; archivava as gazetas que o insultavam n'uma estante da latrina, e dizia que as correspondencias da opposição n'aquelle sitio conseguiam o seu fim de utilidade publica. De resto, uma só vez escrevera n'um jornal em resposta a um adversario politico estes seraphicos dizeres: *Appareça o* «Amigo da verdade» *e traga tres focinhos, se quizer levar um direito para esfoçar no lamaçal da calumnia. Eu não costumo aparar a penna; mando estonar o fueiro de carvalho-cerquinho, e prefiro desancar-lhe o palaio a ensinar-lhe a grammatica, senhor* «Amigo da verdade», *senhor pedaço de besta.* Sahiu isto assim n'um periodico de Braga; parecia-se com um trecho das Epistolas de S. Cypriano devotado ao martyrio.

No principio de 49, o commendador escreveu do Lazareto de Lisboa á mana Felicia, ao mesmo tempo que a imprensa felicitava o paiz pela chegada do be-

nemerito nosso irmão d'além-mar ao seio da mãi-patria, a quem tantos desvelos de bom filho prodigalisára.

Felicia ficou assustada, estarrecida. Se elle desconfiaria do que havia; se lhe contariam a sua vida; com que cara havia de apparecer-lhe.

E o abbade:

— Com a cara que tens; faze como eu; ninguem cá o chamou; se não estiver bem, mude-se; estás na tua casa; recebel-o com agrado; se elle te cantar, canta-lhe; eu cá, de portas a dentro, prégadores de moral só admitto um: sou eu.

Havia frialdades lentas, antigas na sentimentalidade de Felicia. Quinze annos de convivencia passaram com intercadencias de ciumes, tedios, arrependimentos, escrupulos, abalos de consciencia envergonhada. Ella, ás vezes, pensava que era mana do commendador Montalegre, fallado nas folhas, um brazileiro rico; que podia estar com elle, ser senhora, ter dom como a mulher do da Casa Grande, uma prima d'elle que trabalhava no sacho, e chamavam a Ganilhas, uma escanellada, dizia toda a gente, que ainda a conhecera a dançar o regadinho e a trepar aos pinheiros, com côdea nas pernas, para varejar as pinhas. Lembrava-se que podia estar casada, ter os seus filhos, a sua casa, comprar terras, ter a sua egoa com andilhas, ir ás feiras e ás romarias com chapéo de ho-

mem e véo de filó azul, como as filhas do brazileiro da Casa Grande. Fizera uma asneira — cogitava convencida — em não ir para Vassouras, quando o mano Bento a chamava *para casar ella;* repetia a phrase amellaçada, como a ouvira lêr, e nunca lhe esquecera, a porcaria mellica, botocuda do mano Bento. Depois, o seu padre Justino, primeiro com a Canellas, depois com as outras, andára desencabrestado. Ia para Celorico para casa da fidalga do Castello, uma viuva gaiteira, muito madura, mas com durezas de verde, como as frutas de madureiro, sorvadas; tinha bigode e luneta d'ouro d'um vidro, usava *boucles* postiços e balão. O abbade ficava por lá dous dias e duas noites; voltava aborrecido para a residencia, achava a comida mal cozinhada, queria torradas finas e louras como as da viuva, e roncava logo que se estendia na cama, dizendo que o enxergão era duro como o grande diabo. Isto foi minando o coração da mulher, como um bicho roedor, lento, em uma viga dura, que a vai lurando, esponjando, enfarinhando até que se baqueia esfarellada. Estava cheia até alli — dizia, pondo o dedo nos gorgomillos, á Custodia que, ás vezes, pegava no cesto da meia e ia para debaixo da ramada da residencia, em quanto o pai e o abbade faziam pular os dados no taboleiro. Queixava-se: ninguem podia estar como eu, uma pimpona, muito ouro na caixa, dinheirama como milho. A culpada fui eu; enguiçou-me este homem; foi o demo que me appareceu, Deus me perdôe. — Que ainda estava a tempo — consolava a Custodia — que fosse para o irmão, em quanto tinha

que romper; que ainda estava muito fresca, e podia casar com algum brazileiro. Tomára eu tambem um — dizia com denguice e resolvida — um velho que fosse, que me tirasse d'esta vida. Ai! se eu me pilhava rica e aceada como a da Casa Grande, então é que eu estava na fresca ribeira. Credo! eu havia de metter n'um chinelo aquellas tisicas do fidalgo da Ramada; e mais a tinhosa do doutor das Courellas...

— Pois olhe, Custodinha — fazia a outra — a menina é bonitinha; e, se tiver juizinho mais do que eu, maridos não lhe ha de faltar. Anda por ahi tanto brazileiro... Este anno, em Vizella, eram tantos como a praga, a botarem os pés p'ra fóra, de calças brancas, com cadêas d'ouro cheias de cousas, muito gordos, uns figurões.

E Custodia: — que não gostava de homens gordos — cuspia para o lado — cativa! que podia ter casado com o Francisco da loja nova, se lhe não embirasse com a figura.

Estavam n'esta pratica. Chegou a carta do mano Bento; grande agitação, reboliço, os sustos de Felicia, os parabens de Eusebio, a noticia espalhada na freguezia, que vinha o commendador Montalegre, a quem faziam 1:200 contos fracos, outros diziam fortes, e que vinha para casa da irmã amigada com o abbade. O brazileiro da Casa Grande conjecturava que elle fosse um homem sem brios, um canalhão, desavergonhado, que aceitava hospedagem em tal casa. Esta opinião grassava uniforme na classe limpa. Que ninguem o visitasse, combinou-se. O alvitrista d'esta des-

affronta da classe brazileira, da *corporação respeitavel,* como elle dizia, foi o Gaspar, que estava de mancebia com uma irmã, e já tinha casado duas, a dous contos por cabeça, com lavradores empenhados até ás orelhas. Abundava na proposta o commendador Patricio, que casára com a tecedeira da Rechôsa depois de ter sido quatro annos amante da mãi; bateu palmas á idéa o Guimarães da Lage que era hospede do irmão e amante da cunhada. — Oh que patifes! — dizia o abbade, sabedor da combinação; e protestava rebental-os a pontapés quando o rheumatismo lhe deixasse livres as faculdades das pernas.

O commendador chegou ao Porto e sahiu logo para Basto. Felicia esperava-o no Arco de Baulhe e mais o Macario, de casaca e mitaines de torçal, chapéo alto com a sêda azulada e os esbeiçamentos da copa muito pellados. — Que o senhor abbade — explicava — estava adoentado na cama; sentia muito não poder vir ao encontro de sua senhoria.

— Como vossemecê está gordo! — dizia a irmã; e recordava-se do espicho que elle era quando embarcou.

— E eu esperava achar mais velha a mana. — Quê éstava muito moça, muito consérvada e que tinha muita feição do que era quando elle embarcou.

Perguntou se haveria neve ou carapinhada; e limpava os refêgos nacarados do pescoço em lenços caros, bufando, e escumando do peito camarinhas de suor que alastravam na fina bretanha da camisa nodoas de humidade gelatinosa e peganhenta. Tornou

a perguntar se havia neve; a irmã disse que só no inverno a havia, alguns annos, nas serras; e o boticario, corrigindo, explicou á Felicia que o illustrissimo senhor commendador referia-se na sua aos sorvetes que se usavam no Porto. Ella não percebeu nitidamente; olhava espantada para ambos, e dizia: — Se os ha no Porto, mandam-se buscar, sorvetes ou o que é. — O commendador Bento pensava lá para si, n'um silencio discreto: — Éste páiz éstá muito átrázádo — e comparava Paris e as suas neves deliciosas do café Tortoni com o Arco de Baulhe; e resfolegava, dizendo: — Isto ágora é á cánicula?

— Que era — obtemperava o boticario, e expunha as doenças proprias da canicula, as obstrucções, as flatulencias das frutas...

— E as *cambras* — ajuntou Felicia.

— *Camvras* — emendou o boticario. — Que os calores engrossavam muito as massas sanguinarias. Elle tinha lido estas *massas sanguinarias* na Ancora medicinal do Mirandella, e gostava de as citar a pessoas intelligentes.

O commendador, com discreta censura intima, repetia entre si: — Éste páiz éstá muito átrázádo.

Do Arco á abbadia era uma legua por entre varzeas entrecorridas de regatos, comoros de folhagem empoeirada, quinchosos escorridos das aguas vertentes das regas, por onde saltavam e coachavam rãs de dorso verde e ventre amarello a cardumes. Sapos corpulentos, barrigudos, com os olhos arquejantes, erguiam um pouco as cabeças rajadas, em aspe-

ctos pacificos d'uma melancolia ineffavel. Eusebio Macario contava as utilidades do sapo na agricultura, os bichos infestos que devastava, uma conversação scientifica, todo o caminho, a proposito de tudo que lhe suggeria referencias aos tres reinos. Elle tinha lido muitas noticias no PANORAMA e no RECREIO, *jornal das familias*, do snr. Achilles Monteverde. Tambem apanhára noções de Buffon e Cuvier em palestras com o cirurgião Viegas; tudo lhe ministrára argumentos bons para entreter uma pratica adequada com o commendador, que abria a bocca n'uns grandes bocejos somnolentos.

Elle antes queria fazer certas perguntas melindrosas á irmã a respeito da sua posição na companhia do abbade; verificar umas suspeitas que lhe insinuára Araujo & Filhos. O boticario difficultava os esclarecimentos; mas, em um incidente apropositado, quando expunha as virtudes medicinaes das urtigas na cura do rheumatismo, veio a talho a doença do abbade, e o elogio da snr.ª Felicia — dizia commovido — que era uma santa enfermeira do doente. Que elle — ajuntava — tambem a tratára sempre como parenta e não como criada; e por isso toda a freguezia a respeitava como se ella fosse irmã do senhor abbade.

— Tenho uma filha — dizia enthusiasta, aprumando-se na egoa, como quem contava uma raridade — tenho uma filha que se porta bem; e, se não é como as outras, deve-o aos conselhos da senhora sua irmã. Que isto de mulheres n'estas aldêas são todas umas

croias; de religião nem tanto como isto — e mostrava o bôrdo da unha do dedo polegar. — Tanto faz missionarios como nada; desmoralisação geral desde o palacio até á cabana, como muito bem diz o *Portugal velho.*

— No Brazil tambem não ha religião — observou circumspecto o commendador com arrastada melopêa — e mau é, porque a religião mi párece précisa para povo; quem tem conhecimentos lhi basta *sómentes* a religião natural, hein? mas quem não tem conhecimentos lhi faz préciso um freio.

Eusebio Macario: — Que sim, que o povo sem o cabresto do medo do inferno era peor que os animaes. — Entrou um pouco pela metaphysica; ventilou a questão da immortalidade da alma; citou umas palavras da *Nação* e combateu-as com outras de um collaborador atheu d'um jornal de caricaturas do Porto em que apparecia o abbade de Santo Ildefonso a bailar a gavota com a snr.ª Emilia das Neves. E concluia piscando o olho ao commendador e fazendo um gesto intelligente para Felicia, como quem diz que era preciso respeitar as crenças d'aquella santa mulher ignorante: — V. s.ª bem me percebe... Nem tudo se póde dizer... Eu sou philosopho; mas acho que é preciso haver um freio, como o senhor commendador muito bem disse.

— E o abbade é éxempélar? — perguntou o irmão de Felicia que ficára atraz puxando pelas rédeas da jumenta que retouçava n'um tojo de vallado. — É bom christão?

— Sim... elle... é philosopho tambem; mas não deixa de ser um bom christão...

E o outro conciso e apressado:

— Os creditos de mana Felicia não pádecem, hein?

— Nada. Como irmãos. Quem disser o contrario, mente.

— A peste do burro não anda! — exclamava a mana. — Toma aqui, diabo!

Eusebio foi atraz para tanger o jumento manhoso e acabar o interrogatorio incommodo do brazileiro.

Havia povo á entrada da aldêa na espectativa do brazileiro riço: mulheres com as mãos cruzadas sobre as barrigas n'uma immobilidade pascacia; rapazitos em fralda suja e esfarrapada de tomentos, coçando as pernas picadas pelas moscas, e repuxando as saias das mães, a pedirem pão com esgares lamuriantes, d'uma fealdade especifica da raça humana e dos pequenos garotos das aldêas; homens que vinham das malhadas sentavam-se no cruzeiro, com as calças brancas arregaçadas até á côxa, e esfregavam com delicias as pernas cabelludas mordidas pela pójeira do palhiço e dos eirados, pondo os joelhos escarpados ao pé da bocca. O criado do abbade, um torto que limpava a egoa e ia buscar a carne ao Arco, estava no adro, e, logo que avistou na revolta do caminho a ama, atirou ao ar seis bombas reaes, e enfiando pela escada da torre começou a repicar dous sinos a um tempo com a vehemencia febril de quem toca a fogo. O José Macario, que estava á porta da botica e mais um grupo de trolhas que trazia na casa, fizeram su-

bir duzias de foguetes de tres respostas, em quanto um dos trolhas disparava doze morteiros que retumbavam nos echos da corda de serras com fragor alegre. Povo corria de todos os quinchosos; rapazolas com os chapéos nas mãos e as caras no ar, dando pulos por sobre as sebes, aparavam as canas dos foguetes e espojavam-se a disputal-as com grandes gritos e sopapos. Havia o contagio da alegria, a exultação bruta que dá a electricidade do sino e do foguete. Malhadores atiravam os chapéos ao ar, e berravam *eh! eh!* uns monosyllabos selvagens com que saudam os forasteiros e afoutam os bois derreados nas ladeiras escorregadias. Cães d'uma magreza esqueletica uivavam quando o foguete rechinava subindo; outros, com as caudas retrahidas, afflictos, saltavam paredes, guinchando latidos de pavor. A egoa em que montava o brazileiro, abbacial, pacifica, resfolegava, curveteava, ladeava, fazia programmas de couces. Elle abria muito as pernas, e agarrava-se ás crinas, dizendo: *chó, chó,* não mi dêrrubes! — Felicia tinha medo que o irmão cahisse; pinchou da jumenta, e agarrou com destreza e força a egoa pelas cambas do freio. Macario, que levava as abas da casaca apanhadas e atadas sobre o estomago para se não mancharem no suor das ancas da besta, apeou sem as desatar. O povo, o grande animal expansivo, que ri ás vezes com o fino sentimento do burlesco, dava na barriga palmadas d'uma exultação hilar e bruta. — Olha o rabo da casaca voltado p'ra diante, ó Maria Ruiva! — O diabo do homem parece um entrudo! — É que traz a

barriga do envez! — E o Ferramenta: — Ó Zé das Poldras, olha o brazileiro como é gordo! Se eu pilhava assim um porco! — E o Matula, um veterano sem nariz: — A egoa anda ó p'ra traz. Que lhe passe o freio p'r'ó rabo, que ella anda p'ra diante. — E outras chulices corriqueiras, minhotas. Os malhadores batiam nos joelhos com as mãos encodeadas muito abertas, ás upas, n'um regosijo de vinho folião.

Ao aproximar-se o grupo, a gentalha acommodou-se. Os tres iam a pé. Felicia tinha dito de esconso ao boticario que desatasse as badanas. O Bento ia carregado, desplicente, aborrecido, sentia-se grotesco, elle, commmendador, seiscentos contos fortes, ao lado do boticario da aldêa, que atava as abas da casaca, escorridas, longas e agudas como dous bicos de passaro monstruoso, antediluviano.

Havia uma estrumeira de matto fôfo antes de chegar á porta da residencia. O commendador olhava para os espinhos do tojo com a estranheza aterrada do primeiro nauta que avistou o cabo tormentorio. O verniz das botas delira-lhe dos pés a memoria do bravio que calcára na infancia. Perguntava á mana se não havia outro caminho; exprimia em tregeitos de enfado um enôjo immenso da sua situação e da selvageria do paiz que ladrilhava as estradas de sarças espinhosas. Felicia e Eusebio deram-lhe o exemplo, trilhando, recalcando, como em uvas de lagar, as hastes

que erriçavam a tojeira. Elle seguia-os com as pontas dos pés grandes para fóra e para cima, pesando sobre os calcanhares gordos que cavavam abysmos no matto.

Ao cabo da estrumeira, coberta de latada espessa, d'onde pendiam cachos rôxos afestoados de uva garrafal, havia o portão vermelho, com frizos apainelados, do quinteiro da casa do abbade. As portadas estavam escancaradas; e na luz esverdeada do interior, coada pela folhagem das parreiras, recortava-se direita, elegante, sobre o limiar do portão, a filha de Eusebio.

O brazileiro, antes de saber que tinham chegado á residencia, vira Custodia, e disse ao boticario, estendendo o beiço, lubrico, na direcção da rapariga:

— Muito boa moça, hein?

E o boticario com um riso grave:

— É minha filha.

— Ah! — fez o commendador. — Muito cátita! É a primêra moça gálante que mi ápparece no Minho.

— É sãzinha, graças a Deus — voltou Eusebio, comedido, modesto.

Elle, o Bento, era justo na sua admiração sanguinea, plastica, modelada ao gosto das velhas sensualidades da arte grega. Custodia, no momento do reparo, tinha os braços arqueados na cintura, e o pé direito, calçado em tamanquinho de verniz com ponteira pospontada de escarlate, posto á facaia, para fóra, com a saia um pouco espipada no joelho desviado, por maneira que o tornozêlo se lhe via torneado na meia aberta de linha de Guimarães, com quadradinhos e

ramagens por onde vermelhavam tons de epiderme rosada. Vestia jaqué de pano azul claro, chanfrado na cintura, com dous renques de botões amarellos, rutilantes, em que espelhava lampejos alaranjados a ultima radiação do sol poente. A saia exterior, de crepe, um pouco apanhada de um lado, mostrava outra branca de tomadinhos têsos de goma, encanudados, e por baixo o debrum de velludilho preto do saiote de flanella carmezim. As mangas das roupinhas, amplas á proporção da musculatura do braço, estreitavam-se no pulso torneado, apresilhando n'um botão de linha sobre o punho bordado da camisa. Por debaixo do cós do jaqué sobresahiam realces, uns fôfos da camisa adherente aos refêgos da carne molle apertada pelas camadas de saias que levantavam saliencias boleadas dos quadris. Cruzavam-lhe a curva opulenta dos seios as pontas franjadas d'um chale de cachemira amarello com festões de flôres rubras, que atavam atraz na cintura, dando um destaque ás ancas muito reparado dos sensualistas das feiras e das romagens. No pescoço, redondo, com maciezas e tons alvos de leite, até á raiz dos peitos, tinha uma gargantilha de ouro e mais tres cordões, com um crucifixo de uma esculpturação antiga e rebelde ás devoções sinceras, espiritualistas, por estar posto n'um calvario de enormes glandulas hemisphericas mais tentadoras que as visões lubricas dos anachorêtas. Na cabeça, penteada em bandós de grossas madeixas alouradas, alvejava um lenço de cambraieta, bordado a torçal, de muitas côres, com corações traspassados de frechas. Ria-lhe no rosto uma

alegre saude que lhe carminava os beiços e punha nos olhos scintillações de mordente desenvoltura. Parecia uma cara feita de frescas folhas de camelias brancas e vermelhas. Sentia-se-lhe de longe os perfumes das lestras, do rosmaninho, das camoezas, das moitas floridas em que zumbem abelhas. Ella sahira fóra ao terreiro a comprimentar o commendador, sem acanhamento. Tinha pratica de tratar com a brazileirada fina dos arredores — uns sujeitos que babavam as palavras dôces; conhecia ditos das novellas, e andava a lêr a traducção dos MYSTERIOS DE PARIS que lhe emprestára a D. Libania da Casa Grande, uma douda que se apaixonára por Eugenio Sue, idealisára o romancista sob a lua cheia das noites castas e tepidas d'agosto; depois reclamára-o com suspiros ás estrellas, á Ursa Maior, á viração balsamica dos pinhaes murmurosos. Muito romantica, sempre espapada n'uma madracice lyrica. Por fim, como Eugenio Sue não viesse, casou com o João Feitosa, socio do pai em S. José da Cacaria, Feitosa & Roxo. Fôra ella quem iniciára a Custodia na litteratura dissolvente; mas não conseguira derrancar-lhe a alegria, o estomago e as noites regaladas, bem dormidas de papo acima. Ella tinha um interesse palpitante pelo principe Rodolpho; mas adormecia antes da peripecia com o gancho da candêa espetado n'um buraco da parede, e um braço de jaspe descahido para baixo, como a procurar no taboado a brochura cahida — um braço que seria o perdido d'alguma Venus de Praxiteles, se não fôsse o de Custodia — o que era muito melhor.

V

O commendador Bento achou-se bem, alegre, bom enxergão de lã de carneiro, a mesa farta, o leitão, o capão, o perú, o chouriço, o lombo de porco de vinho e alhos, o pato, leite puro de cabra, frutas ricas, o bello pecego d'Amarante, murcellas de Guimarães e pasteis da Joanninha, frigideiras de Braga, e o vinho verde de Basto que lhe refrigerava os ardores internos e desopilava o baço. A convivencia dos bons comedores era-lhe como uma forte mostarda. O abbade digeria no calor da cama grandes massas de alimento, que desobstruia com as pilulas de familia. Felicia era muito forte nas mucilagens, nas farinhas, e comia muito toucinho estreme ás talhadas com garfo de ferro. O Eusebio e mais o filho não sahiam da residencia senão á noite, e acudiam solícitos, obsequiadores a fazerem companhia ao hospede, com muita urbanidade e um appetite de fo-

mes inveteradas de petiscos. Custodia apparecia de vez em quando, rogada por Felicia.

— Que o mano Bento perguntava por ella — dizia despeitada — e fazia ruim cara quando a não via á mesa. Eusebio dera tento d'isso, e revelára á filha as suas desconfianças. — Olha lá! — recommendava-lhe ardiloso — vê se me tens lume n'esse olho, rapariga... Tem-se visto casos semelhantes e peor encarados. Rico como um porco; olha se me percebes, Custodia... Muita léria p'r'á léria, muito palavriado: mas aguenta-te, ouviste?

Custodia percebia-o; tencionava aguentar-se; fazer-se arisca, de manto de sêda — era a phrase. O Fistula espicaçava-lhe a ambição:

— Que pechincha! Seiscentos contos fortes, milhão e meio! Se casasses com este brazileiro eras a mulher mais rica d'esta comarca, e talvez da provincia. Podias ter carruagem e lacaios como o fidalgo de Viade e o da Gandarella. Oh, c'os diabos! se a gente se pilhava a bater um trem descoberto por aquella Braga dentro, os caixeiros da rua do Souto pasmados ás portas, as mulheres a abrirem as gaiolas, o povoléo e os padres de capote a tirar-nos os chapéos! Isso é que era, isso é que era reinação!

— Elle é muito gordo, embirro c'os gordos — desdenhava, e ia vêr-se n'um espelho de quatro e meio, que se armava no peitoril da janella, com um encosto de papelão coberto de papel vermelho; compunha os bandós, sacudia-se, espanejava-se, arregaçava as mangas do jaqué até ao cotovêlo, despeitora-

va-se um pouco, e branqueava o esmalte dos dentes com hortelã brava.

O commendador cravava-lhe os olhos quebrados, languidos, e espreguiçava-se. Comidas fortes, muito adubadas, recozidas no vinho palhête, punham-lhe no sangue irritações juvenis, impetos. Tinha engordado aos vinte e cinco annos, na pacatez das roças, embalado em rêdes, debaixo das mangueiras; fôra fleugmatico, frio, esquivo ás borrascas do amor. Nenhuma sinhá o extraviára da linha tortuosa da riqueza; vendera-se a uma viuva decrepita, rica e devassa, que lhe deixára moagens, fazendas, o casco da sua fortuna. Resolvêra não se casar; porque tres amigos seus tinham sido logrados pelas suas senhoras de parceria com os seus caixeiros. Pensava em empregar a sua grande fortuna em titulos fidalgos, e fazer-se immortal n'uma igreja que mandaria construir em Montalegre, dedicada a S. Bento, com tres naves, e um jazigo na capella-mór com as suas armas, como vira na sepultura de Estacio de Sá, no Rio de Janeiro, na igreja de S. Sebastião. Elle não acreditava em Deus, nem na immortalidade da alma; mas tinha grande devoção com S. Bento; incommodava o santo, quando picava a febre amarella, com rogos e promessas; entregava-lhe nas viagens o cuidado das suas malas como a um escudeiro, e o do seu figado e do seu hydrocele como ao facultativo de bordo. Trazia ao pescoço, pendente d'um trancelim d'ouro, a Regra do milagroso patriarcha; e, na viagem, quando um velho passageiro calvo e pobre se punha a discorrer a res-

peito da lua, nas noites mysteriosas, ineffaveis do oceano, e dizia que os astros narravam a gloria do Creador, elle ria-se e dizia que o velho era parvo e fanatico. Questões religiosas com o abbade e com o Eusebio Macario, no fim do jantar, agitavam-se. O egresso não tinha presente a sua theologia, estava descaçado n'estas materias, recuava atacado pelo brazileiro, e dizia com ignorancia velhaca que as suas idéas só as podia apresentar em latim, e muito sentia que o commendador não soubesse latim; o Bento replicava-lhe pelo claro que fizesse no latim o que o Paulino Cabral, tambem abbade, queria fazer no mundo. Havia grande liberdade de chalaças em que ás vezes José Macario, fechando a porta á curiosidade da irmã e da Felicia, se permittia recitar fados e glossas de quadras obscenas, se o pai tinha ido para casa digerir o seu vinho laborioso. O commendador, sacudido pelas explosões do riso, raspava o pavimento com os largos chinelos de marroquim; e o abbade, comico na sua seriedade, dizia ao Fistula:

— Foi isso o que vossê aprendeu em dez annos de estudos... Patifarias! — E pedia a repetição d'uma glossa, muito sordida da quadra:

> N'este campo solitario
> Onde a desgraça me tem,
> Chamo, ninguem me responde,
> Ólho, não vejo ninguem.

O Bento pedia-lhe que a cantasse na toada do fado do Vimioso; e então, no seu elemento, na gloria da

sua profissão dilecta, um pouco curvado para o braço da viola, com o cigarro apertado nos dentes queixaes, e o labio arregaçado, *mezzo voce,* em respeito ás mulheres, desfiava o episodio sujo, victoriado no bordel da Pepa, hespanhola das Travessas, onde José Macario deixára um nome legendario e um casaco empenhado. O brazileiro gostava muito d'elle, porque era irmão da Custodia e porque tinha pilherias, farçolices de estudante biltre e frescuras de lingua com phrases de Gil Vicente cheias de porcaria vernacula, como nenhum outro idioma da Europa as tem tão ricas de euphonia. Andavam juntos pelas aldêas de Basto, em bons cavallos que o commendador comprára na feira de S. Miguel, na Ponte-de-Pé. Elle queria comprar o mosteiro de Refojos, construir um palacio, e fazer o jazigo com o seu brazão aberto em uma capella de marmore. O Fistula chalaçava-lhe a idéa do jazigo:

— Não pense em jazigos! Coma e beba; a vida é um pagode, uma asneira alegre que se vai n'uma gargalhada. Quem cá ficar que nos enterre onde quizer. Que diabo!

E o commendador circumspecto, serio:

— É bom ter á gente seus ossos em sépultura décente; é uma mimoria que fica para sempre, hein?

O outro, no seu intimo, achava-o tolo, por causa do jazigo e do brazão, que elle tinha aberto em annel d'ouro, em sanguinea, em agatha, em amethysta, nos varios sinetes e berloques do relogio. Parecia — observava elle ao pai — que a letra não dizia com a

careta; porque o Bento, fidalgo, e a Felicia, femea do abbade, era um disparate. Eusebio conjurava-o a não dizer palavra ao commendador a respeito do brazão, nem da femea do abbade; antes, pelo contrario, se mostrasse respeitador da fidalguia, e se lembrasse que a Custodia, se o soubesse levar, ainda viria a ser mulher d'elle, e talvez baroneza, porque o commendador Bento, segundo dizia o *Periodico dos Pobres,* estava para sahir barão.

— Se eu ainda verei a Custodia baroneza! — exclamava o José; e agarrava Eusebio pela cintura, levantava-o em peso, queria polkar com elle.

E Macario:

— Larga-me, bruto!

Reinava grande alegria na casa do boticario; faziam sessões de cavaco os tres, conspiravam; ella relatava o que o commendador lhe dizia, a resposta que dera, a historia d'um beliscão no braço, umas festas na cara com expressões carinhosas: — Sinhásinha mi ama? Eu lhi amo ella muito. Etc. Depois pedira-lhe um beijo...

— E déste-lh'o? — irrompeu Eusebio com alvoroço.

— Que não; e fugira quando elle, ao canto da latada da horta, quizera agarral-a.

E o pai, batendo as palmas:

— Isso! isso! E depois elle... ficou amuado?

— Andou de trombas toda a tarde; não me fallava; e vai eu entrombei-me tambem, e disse á Felicia que ia estar oito dias a Mondim com a tia Luiza;

e elle então desamuou-se, veio onde a mim e pediu-me que não fosse.

— Está lamecha! — definiu summariamente o Fistula. — Cahido! cahido! senhor pai, e mana Custodia, mana baroneza, cahido! pela beiça!

— Não sejas asno — fez ella lisonjeada. — Baroneza! Pois não foste!

— D'essa massa se fazem — gesticulou Macario com a cabeça em balouços affirmativos de conformidade com o vaticinio do José.

Planos deshonestos, abrazileirados tinham manchado a candura do commendador a respeito de Custodia. Pensava em dar-lhe luxos de princeza, casa trastejada á grande, mobilias caras de *papier-maché,* crystaes, toilettes apparatosas, setins, diamantes, caleche; tudo, excepto a mão de esposo, aquelles cinco dedos grossos, vermelhaços, em que brilhava o annel do brazão com as armas dos Pereiras da casa brigantina. Gizára o argentino velhaco levar comsigo a mana Felicià para o Porto, onde mandaria edificar um palacete de azulejo côr de gema d'ovo, com terraço no tecto para quatro estatuas symbolicas das estações do anno, e dous cães de bronze, em baixo, sobre as umbreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliencias arrogantes, entre os dous molossos de dentaduras anavalhadas, minazes, como todos os bichos da heraldica. Depois que desistira da igreja em

Montalegre, trabalhava-o esta idéa que o abbade, o maganão achava arrojada, bonita; mas, em vez das figuras das quatro estações, lembrava-lhe que seria mais util aos bons costumes pôr no beiral do telhado os sete peccados mortaes. O Bento projectára que a irmã convidasse a Custodia para sua casa no Porto, honestando assim a passagem da botica para o palacete. Depois — cuidava — ella, o irmão, o pai, todos se acommodariam facilmente com jantares fortes, presentes, theatros, um passeio a Paris, um inverno em Lisboa, fazer figura na Foz, em Vizella, no jardim de S. Lazaro, nos cavallinhos, emfim, dinheiro, muito dinheiro. Mas, bom homem! — obrigára-se, de si comsigo, em consciencia, honradamente, prodigamente, dotal-a quando se fartasse d'ella, com uma duzia de contos, se ella pudesse disputar pureza com as estrellas.

Abrira-se com o abbade, consultava-o. — Que tal? que lhe parecia?

E o abbade risonho:

— Arranje a sua vida; mas, commendador, parece-me que vai barrado. A rapariga é patusca, estroinêta, gosta do derriço; mas, p'r'ó mais, não anda; quero dizer — não tem andado até ao presente. Canta, dança nas eiras e nas romarias, muita festa p'r'á festa, muita chalaça, pinta ahi a manta que tem diabo, e fica-se em vinte-sete para não passar. Andou-lhe ahi na piugada o estudante do Cosme dous annos: cartinhas, presentes, muita léria, até lhe mandou de Coimbra versalhada. Um dia quiz-lhe deitar o gatazio,

e ella, amigo e senhor meu, apontou-lhe p'r'á igreja como quem diz — «se me quer amar á unha, case commigo». Elle poz-se ao largo; e vai ella... — aquillo é o diabo, não é cachopa! mandou-lhe um pataco de banha do cabello com espirito de cravo embrulhada na poesia, que por signal era uma borracheira.

E, depois que o brazileiro lisonjeado, jubilando, riu muito escarvando no taboado:

— Emfim, commendador, estimo que seja feliz; mas bacoreja-me que não faz nada.

O Bento combinou esta informação desanimadora com o caso sabido da tentativa do beijo na sombra da ramada. Esmoreceu e modificou o plano traçado desde as quatro estatuas pomposas das estações até á dotação briosa da duzia de contos de reis fortes. E vehemente, com impeto, erguido, solemne, batendo na testa:

— Vossê sabe quê mais, abbade? Eu estou a amar a sinhá. É a primêra qui mi succede, dou-lhe minha palavra di cavalhêro. Esta só pelos diabos, hein? Quê mi diz? já viu?

Que não se admirava; que ella era muito boa fatia, a nata da freguezia; e além d'isso, a respeito de virgindade, não sabia de segunda. Mas — acrescentou grave — sabe o que eu lhe digo, commendador? Deixe a moça em paz. Ella p'ra esposa não lhe ser-

ve, que é pobre e plebêa; e lá para o que o amigo a quer, tire d'ahi o pensamento que não vá o irmão desconfiar, e haver historias, cousas desagradaveis, semsaborias. Elle é um troca-tintas; mas, aqui ha um anno, pregou tres mócadas no escrivão da camara, porque elle, á sahida da igreja de Refojos, no apertão, lhe beliscou um quadril da irmã. O Eusebio Macario foi casado com uma doudita que fez p'rá'hi tontices, adulterios, asneiras, uma desgraça! Ella acabou na Tamanca, e elle agora deu-lhe p'ra zelar a filha como não zelava a mãi; isto é, elle quebrou, salvo seja, tres costellas a um cirurgião que lhe gastava da botica e da mulher. Não são bons, digo-lh'o eu, estes Macarios não são bons; má raça. O commendador, se quer casar-se, póde escolher, á vontade, uma fidalga. E ir a Lisboa, á côrte, e pedir por bocca — filhas de condes, aposto! E no Porto? isso então, rapariga bonita, ás duas por tres, está no papo d'um brazileiro que tenha cincoenta contos, tanto faz que elle seja velho, como zarolho, como rachitico. O senhor casa com quem quizer, digo-lh'o eu. Está em boa idade, tem saude, está rijo, tem muito dinheiro, casa com quem quizer. É uma pechincha p'ra quem o apanhar. Se é!...

O commendador ouviu-o, ergueu-se com o havano ao canto dos beiços, metteu as mãos nas algibeiras revolvendo libras e chaves, e bastante escanchado, disse:

— Pois, abbade, sómentes lhi digo uma coisa. Si não casar com Custodia, não mi caso com outra, palavra de cavalhêro. Não quero fidalgas, nem vou em Lisboa á buscar ellas. Fidalgo sou eu da casa real, hein? Quero uma minina hónesta e pobre. Rico sou eu.

E, passados instantes:

— Mi ámará ella?

VI

A PALAVRA *baroneza* entrou na essencia de Custodia como um revulsivo forte; abalou-a, sacudiu-a como uma faisca da pilha; encheu-lhe a cabeça de visualidades e a vida exterior de aspectos novos. Vestidos de sêda verdes a farfalharem caudas enormes passavam por diante do seu espirito. Chapéos de plumas brancas, manteletes de velludo, *bornous* de cachemira escarlate, revoadas de laços de côres variadas esvoaçavam-lhe nos sonhos, e pareciam pendurar-se-lhe das vigas do tecto. Sonhava. Bento, o gordo, o barão em via de publicidade, apparecia-lhe descommunal, ajaezado de telas ricas de ouro e purpura como o elephante d'um velho sophi da Persia. Sonhava que elle, o elephante, recamado de pedrarias facetadas, faiscantes, lhe fazia meiguices molles com

a tromba, e a envolvia n'ella como braços cabelludos que se enroscam nos pescoços e apertam com pressões causticas, convulsas as espádoas brancas e velludosas. Depois, elle, o pachiderme, scintillante como uma myriade de estrellas nas profundezas do céo, trombejando-a com muita dulcidão cariciosa, sentava-a no seu dorso largo sobre um frouxel de flaccidezas asiaticas, cosido d'ouro, com perfumes de nardo e cardamomo; e da ponta da tromba golfava-lhe no regaço gorgolões de ouro liquido; pulseiras grossas cravejadas de esmeraldas da Siberia; manilhas com pingentes de granadas escarlates da Bohemia; perolas, gargantilhas, broches com gemmas do Vesuvio; camapheus com perfis de mulheres gregas de narizes aquilinos; anneis de brilhantes negros com facetas curvilineas de scintillações cruas; grilhões em diademas de saphiras orientaes de reflexos lacteos, sardonicas negras, e topasios amarellos do Brazil; roscas d'um ouro fosco com relogios esmaltados, orlados de rubis da Silesia; muitas libras, umas de cavallinho, outras com a effigie da rainha Victoria; peças de duas caras; dobrões de D. João v, muitos dinheiros desconhecidos. Ella via esta onda infinita de riquezas a rolar com espumas de ouro, d'um grande mar fulvo, para o seu regaço; não sabia dar áquellas cousas os nomes proprios; mas estendia os braços cobertos de serpentes escamosas, esmaltadas, e afagava a tromba, a cornucopia do seu elephante Bento, o gordo, o barão em via de publicidade. Depois, o pachiderme com grandes passos cadenciosos subia o escadoz do Bom

Jesus do Monte, á sombra dos carvalhos frondosos, com duas philarmonicas á frente, ambas de Braga, ricas de figles e pratos que davam sons estridentes. Foguetes e repiques ouviam-se; e nas verduras abastecidas das relvas cantavam-se fados d'uma garotice reprehensivel e inspirações malandras. O elephante parou no terraço dos Evangelistas, offegando, colleando a tromba vagarosamente. O Cosme, o bacharel que lhe fizera os versos parára entre a multidão cheia de pasmo, que dizia apontando — « a baroneza! a baroneza! » E o poeta, roído de ciumes, ria-se, fazia-lhe caretas de gaiato, punha o dedo polegar no nariz, e sacudia os outros com tregeitos de canalhice de *Gavroche,* um garoto que Victor Hugo inventou muitos annos depois; mas que já estava inventado em Portugal. Ella estorcia-se vexada, corrida das vaias do Cosme, quando o Bento, com a sua tròmba carnosa, cylindrica, que tinha um letreiro — *seiscentos contòs fortes* — vibrou uma vergastada de revez ao bacharel, e atirou com elle de encontro ao S. Longuinhos, o cavalleiro de granito, que o aparou na lança, e o sacudiu á estatua de Moysés que o agarrou com a mão que lá tem a geito de quem mostra um panaricio aos romeiros, e o mergulhou no tanque subjacente. Ella acordára então, espreguiçando-se toda, n'uma grande elasticidade de pensamentos alegres, com palpitações de jubilo, sacudindo o lençol com as pernas, e sentára-se na cama com os olhos fechados, a rever, a ruminar, deliciada, a tromba que escorria fluxos, cascatas de diamantes no seu regaço.

O sonho teve logo uma interpretação mais racional que a das vaccas magras do escravo de Putiphar. O commendador soubera que Custodia fazia annos no domingo, e andava muito atarefada com a Eufemia Troncha, uma costureira gorda — que levára do Porto a Basto a moda dos casibeques — a fazerem de afogadilho uma garibaldi vermelha para vestir no dia natalicio. Bento mandou á Lixa buscar uma carga de fogo preso e do ar, bombas reaes, foguetes de lagrimas, o par de velhos arreitados que giram com muitos gestos impetuosos na roda accesa e estouram; o barbeiro a amolar na mó que espirra faúlas, e rebenta em fumarada negra, deixando a arder o seu arcabouço de canas e gravatos. Contractára a musica do Arco, quinze figuras, afóra tres caixas e o zabumba, muito famosos da Ponte-de-Pé. Queria que se representasse o entremez do entrudo, a ABELHA-MESTRA; mas a dama, um mariola de muita barba, tinha sido preso para soldado, e não havia quem se atrevesse com o papel em cinco dias, sendo necessarios dous mezes de ensaio diligente, consciencioso. O Bento dera doze libras á irmã para um jantar de despique, d'uma fartura extraordinaria, que chegasse a todos os pobres da freguezia. Eusebio e o filho faziam arcos de buxo com festões de hortensias, de girasoes e dhalias, com laranjas de pavio, de papel pintado, penduradas; e no ápice do arco o nome CUSTODIA em letras maisculas tecidas de caninhas e frondes de trepadeiras finas pela mão habil do brazileiro. Ella via isto, e parecia-lhe estar a sonhar; tinha medo de tanta felici-

dade, e começava a sentir um reviramento no fundo da sua natureza pandilha; penetrára-lhe uma luz nova os arcanos reconditos da vida. Sentia-se nas prelibações de *senhora* rica; já não era a *Custodia:* era a massa d'uma baroneza a levedar.

O dia do vigesimo terceiro anno de Custodia tarde esquecerá n'aquellas terras de Basto economicas, pacatinhas. O ar era uma explosão de espheras estrelladas desde que apontou a aurora; em cima o estralejar dos foguetes e o estampido das bombas, em baixo os morteiros e o rufar das caixas. O abbade puzera os sinos á disposição dos garotos. A philarmonica do Arco, de meia em meia hora, tocava polkas, mazurcas, o hymno da Carta e o de Pio IX. Não tocava o da Maria da Fonte nem o do Antas porque era notorio o esturro cabralista do abbade.

Durante o jantar escorcharam peças conhecidas executadas em papeis de solfa que os garotos mostravam, suspensos nos braços erguidos, muito sujos, em attitudes de importancia. A festejada fallára pouco. Ella puzera nos seus gestos e ares frescos, movediços, de môça aldeã uns toques de sentimentalidades de reserva, toda cheia de conveniencias senhoris. A Eufemia Troncha, que lhe talhára a garibaldi, estranhou-lhe o tom espivitado, a farofia, a tesura, o ar enfedorentado, cheio de *não-presta,* dizia. No jantar tambem lhe notaram o laconismo; não tivera ditos, repentes com que embaçava os sainetes do abbade. Attribuiu-se aquella sisudeza a um discreto acanhamento em presença de convivas estranhos.

Estavam alguns vigarios, alguns lavradores abastados, o doutor d'Abbadim, um major antigo e todos os brazilèiros que tinham mordido na dignidade do commendador; sabiam que elle ia subir a barão e dispunha d'uma fortuna impenetravel á critica. — Que nos importa que a irmã seja amiga do abbade? historias... — disse o menos hypocrita aos mais devassos; e foram todos derreados de cortezias, muito faceiros, com grandes posses de estomago para os vinhos capitosos, escandecentes.

O Bento gostou muito do tino de Custodia e da concisão das suas phrases. Sem que elle o dissesse, todos os commensaes entenderam que a filha de Macario Eusebio apanhára a sorte grande cahindo em graça do millionario. O interprete d'esta opinião foi o doutor d'Abbadim, um fidalgo velho, que estava em contractos com o commendador sobre a venda do seu prazo do Rabaçal, uma quinta de casa solarenga do seculo XV, edificada sobre as ruinas de outra em que vivêra no seculo IX, ou X Santa Senhorinha e S. Gervasio de quem elle se dizia parente; mas vendia a quinta legendaria porque o commendador, com a pressa de comprar propriedade que investisse do baronato imminente, pagava o Rabaçal pelo duplo do valor. O fidalgo aceitára o convite do jantar, vindo por casualidade a tratar definitivamente o negocio no dia do anniversario de Custodia. Tinha deixado a magistratura, quando o seu amigo conde de Basto cahiu. Conservava os ademanes, a linha, o aprumo fidalgo que trouxera da côrte de D. Carlota Joaquina. Teria

setenta annos pouco avellados na vida serena e sadía da aldêa. Rodeava-o a mocidade nobre de Basto para aprender o donaire, o gesto palaciano, o bem-estar imperturbavel dos homens superiores, perfeitamente educados n'uma *assembléa de senhoras,* diziam.

Era epigrammatico; mas tão fino e amoravel nas ironias que não desgostava ninguem. Ha d'isso o que quer que seja no brinde que elle faz a Custodia e Bento:

—Bebo á saude do gentil fructo do intelligente e assás conhecido pharmaceutico, o snr. Eusebio Macario, meu amigo e senhor. Eu já sabia por experiencia de enfermo, que o benemerito filho de Hypocrates manipulava no seu laboratorio remedios efficazes para dôres; mas agora acabo de vêr e saber que tambem os sabe manipular para refrigerio de amores. O deus Esculapio abraça-se com Cupido. Eu faço votos por que o nosso illustre amigo, o snr. commendador Bento José Pereira Montalegre, não gaste da botica do snr. Eusebio Macario senão a linda filha, a droga mais dôce, mais balsamica que elle produziu, para a qual vejo que todos olham com inveja, excepto aquelle a quem tenho a honra de saudar, o illustrissimo commendador Montalegre, unindo-o no brinde áquella que já o está pelo coração, a esbelta Custodinha!

Foi muito apoiado pelos brazileiros, muito apoiado com gestos largos de braços e pesados de pés que arrastavam. Custodia e Felicia tinham-se erguido tambem logo que o fidalgo se levantára a solemnisar o brinde. O José Fistula acenava d'olhos á irmã que se

sentasse, e mais á outra. Elle tinha assistido em Braga a uns jantares de noivado das filhas da sua patrôa, as duas Filhozes da rua dos Sapateiros, uma com um procurador de causas, e a outra com um estudante minorista de Traz-os-Montes. Observára que as damas não se erguiam quando havia brindes cheios de commoções e de desprezo da grammatica. Elle tinha este solido conhecimento da fina sociedade, e repellava-se por vêr que a irmã e a outra lôrpa continuavam de pé com as mãos espalmadas sobre as barrigas, n'uma pasmaceira. O Guimarães, o brazileiro da Canhota, que estava á esquerda do brindado, quando as acclamações ao brinde do doutor d'Abbadim serenaram, acotovelou o visinho: — Commendador, vossê tem de agradecer o brinde, hein?

Do outro lado da mesa, o Pacheco da Quintan, major de milicias que fôra de Braga, segredava a Eusebio Macario: — A etiqueta manda-o agradecer ao fidalgo em nome de sua filha.

— Estou ao facto da etiqueta — respondeu o boticario com gesto de sufficiencia limpando os beiços avinhados á toalha, com uma grande resolução oratoria, já experimentada em lides eleitoraes cabralistas, nos jantares que o abbade liberalisava para alumiar de Rainha e Carta os entendimentos fuscos. Elle fez um tregeito ao commendador perguntando-lhe se deitava falla; mas não esperou resposta, porque o major dava-lhe com a unha do dedo grande na ilharga papuda, e dizia-lhe açodado: — Ande-me, ande-me!

Eusebio ergueu-se; e o abbade inclinando-se so-

bre o hombro do fidalgo, com muita sisudeza: — Temos asneira, doutor. — O Fistula dizia lá comsigo: — Meu pai está bebedo!

Não calumniava perfeitamente o progenitor dos seus dias. Macario tinha em si bastante vinho do Porto com que ajudar a natureza oratoria que lhe não era sovina; mas estava na temperatura conveniente dos oradores de *toasts* mais celebrados desde Lamartine, o maçador, nos banquetes communistas e revolucionarios de Autun, até Placido de Freitas Costa, o incomparavel, nos jantares pacatos, respeitadores da monarchia, no Hotel da Povoa de Varzim, jantares sem consequencias perniciosas á familia portugueza, excepto as da lagosta e do camarão.

O silencio fizera-se quando Eusebio Macario bateu as mãos sonoras como uma matraca. Fez um tregeito de zangado. A orchestra, que acabava de beber, tocava na eira com muita furia, um *pot-pourri*, a toada popular:

Vossê díz que arromba, arromba,
Não se arromba d'essa sorte,

musica prostituida do Elixir d'amor; e o

Toma o limão verde,
Ó da fresca limonada,

e

Agua leva o regadinho

com intermittencias de chula, em que assobiavam as requintas, ringiam as rebecas, e os clarinetes estridulos guinchavam roladas de notas d'uma alegria zulú,

brutal. Eusebio esperava impaciente que os metaes descahissem d'aquelle furor incompativel com o uso da voz humana. O José Macario, para salvar o pai, lembrou-se de descer á eira e pedir ao João Leituga, um d'oculos, mestre da banda marcial, que fizesse tocar tudo em que o bombo, os pratos e os trombões trovejassem; mas o major das extinctas milicias, o instigador velhaco, fôra á janella, e batendo as palmas sobre os musicos puzera um dedo no nariz. Depois, voltando para dentro com aspectos militares: — Póde fallar, snr. Macario.

Elle então metteu os dedos polegares na gola convexa, enchouriçada da casaca, e, fazendo com os outros dedos um arpejo cadencioso nos bicos coçados das lapellas, disse pausado e fluente:

«Não posso deixar de responder á saude do senhor doutor d'Abbadim, cuja foi feita a minha filha Custodia, n'este banquete em que vejo tudo quanto ha de mais respeitavel no partido da ordem, isto é, da Rainha e Carta, que felizmente nos rege, pelo sabio governo do senhor conde de Thomar, cujo é o segundo marquez de Pombal, como muito bem disse o dono d'esta casa, e meu honrado amigo o senhor abbade. Verdade é que o senhor doutor d'Abbadim pertence ao partido do Senhor D. Miguel Primeiro, e não se mette nas eleições; mas parece-me que elle sympathisa mais com os chamorros que com os mijados».

O fidalgo cabeceou um gesto de assentimento e abafou o frouxo de riso no seu lenço de sêda da In-

dia. Aquella alcunha, bastante ammoniacal, dos setembristas era uma palavra aceita, necessaria, corrente nos ureteres politicos do corpo social luso. Ninguem estranhou; excepto o commendador Bento que disse baixinho ao Guimarães: — Mi párece quê mijados não é civilisado para jantares, hein? — E o outro, mais identificado aos usos nacionaes e ao diccionario politico, respondeu: — Isto vai de pandega.

Eusebio, escorvando-se de rapé, como um velho lente de prima, authoritariamente, de uma caixa de buzio rajada com estrias e charneira de prata, continuou:

« — O meu amigo doutor que me honra com a sua amizade é um fidalgo que rescende já do tempo dos mouros e tem santos de que reza a folhinha na sua geração; sempre ouvi dizer isto desde que me entendo; e fidalgos d'esta casta não fazem parelha com o Manoel Passos, e José Estevão e outros republicanos da mesma pandilha do *pé fresco*. Eu, aqui onde me vêem, tambem fui realista; dei vivas em Guimarães ao Senhor D. Miguel rei absoluto, como todo o mundo sabe. A casaca que eu então levava, faz agora vinte e um annos, é esta, e inda a não virei; sou realista cá por dentro; mas em quanto não vier o rei legitimo entendo que devo votar com os excellentissimos senhores Cabraes, com o senhor conde de Thomar que é o segundo marquez de Pombal, na opinião dos que sabem historia, como o dono da casa, o nosso abbade. Portanto, as palavras do senhor doutor a respeito de minha filha são d'um peito sincero, e eu quize-

ra ter o talento de Camões e de Bocage para explicar-me, sim, para explicar-me. Idéas não me faltam; mas tenho lidado toda a santa vida com brutos d'aldêa; e falta-me isto que se chama a logica. Sei do meu officio, e tenho lido os melhores authores; não é por me gabar, mas ahi está o publico que me não deixa mentir. Tenho vencido doenças mortaes, e... (*com enthusiasmo, gesticulando como quem arranca*) e tenho arrancado á Parca muita gente, cuja ahi está viva e sã».

O filho olhava para o pai e franzia o nariz; mas o boticario ou não o via do fundo da sua gloria affirmada pelos gestos do fidalgo e pela contemplação fixa dos commensaes, ou o mandava á fava com a firmeza conhecida dos maçadores implacaveis do parlamento portuguez quando os interrompe o áparte, a inveja, a carêta hostil. Proseguiu com intemerata pachorra o elogio dos seus serviços á saude publica, injuriou a medicina moderna, chamando-lhe *patacuada,* esteve a pique de lagrimejar quando lembrou o cirurgião Manêta, e invocou o testemunho do fidalgo que se curára com o dito chorado Manêta d'uma molestia de pelle acompanhada de humores frios. O discurso ia derivando com uma discorrencia logica, engenhosa para o remate do brinde, quando a banda marcial rompeu de subito com o hymno da Carta, e uma girandola de bombas estralou com fragorosos estampidos. É que José Fistula raspára-se muito á surrelfa, e descera á eira a pedir o hymno e as bombas como Enêas pediria um burro para salvar seu pai Anchises

do incendio de Troia. Não se ouviram as ultimas palavras roucas, esganiçadas de Eusebio Macario. Todos em pé, com o braço erguido e o copo escorrido, o victoriavam a gritos. Felicia tapava os ouvidos com as mãos; e Custodia, esquecida um momento da sua seriedade contrafeita, ou talvez um pouco pingueira, dava risadas idiotas, e sentia impetos patuscos de atirar castanhas d'ovos ao commendador.

Ninguem mais fallou. Sahiram de roldão para a eira, fumando charutos caros do Bento, desabotoados sobre o estomago, todos cheios de arrôtos, pedindo café e cognac, parando com indecisões suspeitas, com as pernas muito abertas, lassos, mollanqueiros, olhando-se uns aos outros de lado com os olhos entortados de obliquidades chinezas, n'uma borracheira alegre.

O commendador ficára um pouco atraz com o abbade e o doutor. Custodia ia ajudar a pôr as chavenas no taboleiro para o café, quando Bento a chamou e lhe metteu no dedo mendinho um annel de alto preço, dizendo:

— Receba sinhá meu ánnel de noivado.

Custodia olhou para o annel, e disse que muito obrigada, sem que as faces ganhassem uma camada nova de pejo sobre o carmim dos vinhos fortes.

O annel — disse o commendador ao fidalgo — tinha tres brilhantes que lhe custaram duzentas e cincoenta libras esterlinas, hein? comprados na Jequitinhonha, *onde ha elles mais préciosos nos Brázis.*

VII

O noivo deliberára ir ao Porto arranjar casa, trastejal-a, comprar o rico enxoval da noiva. Quiz levar a irmã para o ajudar, e poz a Eufemia Troncha e as aprendizes a fazerem-lhe um vestido de merino, cousa que remediasse para a jornada. O chapéo de setim côr de rosa com plumas brancas e grinalda de rosas-chá, e mais o chale de toukim amarello com cercadura e franja de flôres escarlates foram comprados no João Pinto, dos Clerigos, por Araujo & Filhos. Do sapateiro Antonio Pequeno, de Bellomonte, foram os sapatos de duraque, d'um tamanho insolito, muito esparramados, sem tacão, com fitas de sêda para cruzarem na perna. Felicia, ás escondidas, calçou os sapatos, serpenteou as fitas nas pernas bojudas, e ficou a contemplar-se com satisfa-

ção, regamboleando a canella, remirando-lhe todos os aspectos, horisontalmente, transversalmente, verticalmente, de esguelha, de perfil. Tambem tinha mitaines de retroz e ligas verdes de fivela, elasticas, trazidas do Allemão de Guimarães, quando o commendador lá foi comprar um grilhão de vinte moedas para a noiva, outro para a irmã, uma caixa de prata para o meio-grosso de Eusebio Macario e uma cigarreira do mesmo metal para o abbade. Ao José Fistula levou-lhe umas botas á Frederica com espora de prateleira e uma capa á hespanhola, abandada de velludo encarnado, uma rica peça.

O abbade não podia decentemente estorvar que a Felicia acompanhasse o irmão. Ella, de contente, não cabia na pelle; e, assim que podia escapulir-se, ia ao quarto abrir a boceta do chapéo, desencaixava-o com muito mimo, bufava-lhe as plumas e as flôres, punha-o na cabeça, apertava as fitas verdes por debaixo do queixo, e agachava-se para se mirar no espelhinho redondo, encaixilhado em lamina de chumbo, tão diminuto que apenas lhe permittia vêr as varias peças da cara, cada uma por sua vez, e quasi sempre era o nariz que se espelhava com vantajoso egoismo. Este contentamento magoava secretamente o abbade; pungiam-no de antemão saudades e espinhos de ingratidão d'aquella Felicia que parecia outra casta de mulher com a cabeça a juros — dizia elle — e uns ares de importancia. — Mas não posso abrir o bico — pensava. — Se me queixo, ella póde dizer-me que vai com o seu irmão, que cumpre o seu dever, que não

póde confessar-lhe o seu erro, recusando-se a acompanhal-o. Até certo ponto obra com juizo; e, se eu lhe reguingar, póde passar-me a planta de todo em todo. — Concluiu que o melhor era contemporisar; e, quer sim quer não, á cautela, lançou olhares reservados, cheios de calculos, á Eufemia Troncha, a costureira que, em tempos remotos, antes de ir para casa de M.me Guichard, no Porto, lhe tinha concedido pequenas brincadeiras na romaria da Senhora do Pilar. Era uma gorda, na volta dos quarenta, com dous pennachos crespos de barba no queixo de baixo, e as sobrancelhas pretas, cerradas; esbamboando-se nas polpas flaccidas das espádoas e dos encontros, como uma peça colossal de gelatina que fluctua e badaleja. Tinha má nota quanto a costumes, muito boa tesoura para vestidos e garibaldis, e emprestava, com usura de ladra, dinheiro herdado d'um brazileiro gottoso que lhe morrera nos braços. Ella tambem se lembrava da romaria; e, ás vezes, quando estava costurando, sósinha, na salêta, se o abbade sahia da alcova a manquejar do tornozêlo, tirava um suspiro que lhe ondeava as conchas do seio, e cantarolava baixinho, com saudade infinita, o verso de Palmeirim:

Ai! amor, ai! amor, ai! amor.

Eram recordações dos seus vinte e cinco annos, gozados com o ardor impetuoso, gentilico das maximas da Roma dissoluta, que circulavam em Cabeceiras de Basto como os pardáos no tempo de Sá de Mi-

*

randa. O abbade, sorvendo e fumegando pelo nariz o fumo do cigarro, quebrava a cinza na sola do chinelo de tapete, cruzado sobre a côxa, e dizia de si comsigo, olhando-a de soslaio: «Ainda mostras o que fôste — uma boa praça...»

O commendador, quando sahia para o Porto, recebeu do seu correspondente na côrte a noticia de que estava assignado o decreto que o agraciava barão do Rabaçal em uma vida, e pedia ordem para pagar os direitos de mercê, etc. José Fistula, assim que soube isto, carregou doze morteiros, e *bumba,* tres descargas. O criado das cavalgaduras foi para a torre, repicou, cuidou-se que era Senhor fóra, acudiram velhas ao adro de aventaes de saragoça pela cabeça, e quando souberam o que era, disseram «diabo do homem dá que fazer ao sino!» Custodia foi felicitada pelo irmão com palmadas nos hombros; Eusebio, olhando para a filha de quem estava a rebentar uma baroneza, e para o espectaculo chinfrim do S. Miguel e dos garrafões desvidrados da botica, sentia-se deslocado, vexado. Os brazileiros, que estiveram no jantar, foram dar os parabens ao titular; não o encontraram; e, conversando a respeito da mercê, concordaram em que os titulos estavam de rastos, e que os Cabraes os vendiam a cavalgaduras como o Bento.

Entretanto, o barão do Rabaçal mobilava uma casaria provisoriamente no Poço das Patas em quanto

não fazia o palacete. Os estofos vinham de Lisboa, do Gardé, acompanhados d'um pratico, que havia de armar, dispôr, harmonisar. Elle queria muitos trastes de papier-maché, mahogno reluzente, tremós, espelhos nas portas dos guarda-vestidos, sophás, diwans, poltronas várias de marroquim, de reps azul, de velludo encarnado; queria chaise-longue, chaise-lit, consoles, étagères, tête-à-tête, jardineiras, jarras com flôres de pennas e passarinhos amarellos, relogios de grandes campas de vidro com Napoleão de braços cruzados e o Abd-el-Kader á rédea solta no deserto, com a cimitarra a relampejar e o bournous desfraldado nas azas do sirôco; gravuras grandes de casos romanos de Tito Livio em caixilhos dourados com cordões vermelhos, toilettes com portinholas de espelho e repartimentos estofádos de setim azul; tapetes, reposteiros, galerias douradas com requifes paspalhões, bambinellas e transparentes com passarôlos impossivelmente brazileiros, urubús e caracarás da America austral; aparadores, guarda-louças, plateaux. Elle pediu tudo, guiando-se pelos artigos que vira annunciados no leilão de um visconde que fallira no Porto, um homem de gosto muito fino e perfeito em côres ardentes, infernaes. Pediu mais a um seu amigo, tambem titular e minhoto, o barão da Corujeira, residente na capital, e casado com uma senhora elegante, d'olhos piscos e luneta, muito fallada na chronica dissoluta, que lhe mandasse os ingredientes que elle vira na toilette de sua esposa, e deu-lhe parte que se ia casar, e arrumar de todo com o negocio de Vassouras. O barão,

consultando a esposa, mandou-lhe *lait d'amandes douces* para dulcificar as loções, e varios *savons de thridace* e *de la reine des abeilles,* com algumas caixas de porcelana cheias de *la crème froide mousseuse* e *fleur du lys,* tudo para dar macias frescuras e odores asiaticos á epiderme de Custodia. Mandou-lhe um *hydrophoro* para pulverisar o banho, com uma explicação em francez. Para o cultivo dos cabellos, entre outras pomadas caras, enviou-lhe *baume des violettes d'Italie,* composto de oleos virgens de uma pureza virginal e varios tutanos; e, de igual efficacia, *la crème fondante,* e *la crème Sévigné,* e *la pommade régénératrice;* mas, sobre tudo, a baroneza da Corujeira recommendava á sua futura collega e amiga o uso diario de *l'eau rédivive de Nangasaki,* de origem japoneza. Aconselhava-a a não usar do *cold-cream* que era já rococo; mas sim de *l'eau de beauté* e do *crème Pompadour;* quanto ao *lait de concombre,* ás *eaux de la reine de Hungrie* e de *lavande,* que não usasse que já não era moda, e não se encontravam nos *talismans de la beauté* de Louis Claye. Esta baroneza da Corujeira lavava-se em leite, e cada vez estava mais suja, dizia-se no Marrare do Chiado, quando ella andava por alli farejando o Manoel Brown ou o Chico Bellas, os leões. Para esmero das unhas recommendava-lhe *la poudre orientale,* e para dar brilho aos olhos e ás sobrancelhas o *koheuil* e *l'eau de plantain et de roses.* Para os dentes *les larmes de l'aurore,* pulverisação do *mastic* que as sacerdotisas de Venus mastigavam. «Eu e minha mu-

lher gastamos d'estes *vons pozes*», escrevia o barão com a lingua menos limpa que os dentes. O do Rabaçal mandou perfilar os frascos e as bocetas na toilette, com muitas quinquilherias, segundo as indicações do pratico. A irmã perguntou-lhe se aquillo tudo era remedios para se purgar.

De quinze em quinze dias, o barão ia a S. Thiago da Faya vêr a noiva, e deixava a irmã a vigiar, toda esfandegada, os arranjos da casa que eram complicados de artistas varios; alguns punham nas paredes papeis dourados, ou panoramas de guerras orientaes, paizagens em que se viam borrêgos de côres fantasistas e pastores de cangalhas a tocarem flauta para consolação d'umas pastoras com caras rubras que os escutavam, de cordeiros no regaço e as pernas escarlates estendidas, nuas, sobre a relva. Felicia olhava para aquelles paineis, e sentia um vago de saudades da sua infancia em Padornellos. Do abbade — que anomalia! — não tinha saudades nem desejos sequer ideaes. Por um lado, a riqueza que a envolvia de resplendores, de deslumbramentos como uma scena de gloria, as *excellencias* que lhe davam os operarios e Araujo & Filhos, e mais outros brazileiros das relações do mano; por outro lado, a lembrança das velhas arrelias do abbade com as zoinas da freguezia, as doenças impertinentes d'uma vida cachetica, derrancada em bambochatas, a sobranceria com que a tratavam as senhoras de Cabeceiras e as lavradeiras casadas; tudo isto explicava naturalmente que Felicia de boa vontade ficasse no Porto quando o

mano ia vêr a noiva. De resto, as conveniencias impunham-se-lhe. Ella não podia nem devia dizer ao irmão que queria ir vêr o abbade, nem lastimal-o no desarranjo que elle, a fallar verdade, não sentia, porque a Eufemia Troncha ficára governando a casa; e Custodia, que já sabia os costumes do abbade, ia por lá, dirigia, mandava, punha tudo em ordem, despida dos preconceitos do seu futuro estado, dizendo ratices, como d'antes, que lhe repuxavam do fundo da sua physiologia patavina. O abbade doía-se; mas não se queixava. — Perguntava: Que fazia ella? em que se entretinha? Como se dava com os ares do Porto e com as aguas? Se comia bem, e gostava das iguarias de lá? — Que a mana Felicia — explicava o barão — não podia abandonar os operarios, e estava muito contente, e mais gorda, comendo bem, porque tinham o melhor cozinheiro do Porto, um preto que sahira de casa do conde de Farrôbo e aprendera no Matta. Expunha a sua diaria na mesa com enthusiasmo lambareiro e descredito internacional das duas linguas. Elle nunca se fartava de bacalhau recheado *à Richelieu,* e das empadas *au gratin.* Explicava a Custodia o que era um *vol-au-vent* de borrachos, e a perna de carneiro *à la Bordelaise.* Que Felicia gostava muito da dobrada com molho de alcaparras, e de feijão branco *à la maître de hotel.* Citava, contando pelos dedos, os pratos que vieram á mesa, quando lá foi jantar Araujo & Filhos, o commendador Aguiar e mais o seu collega barão de S. Torquato. Sentia não poder lembrar-se de todos os pratos; mas não

pudera esquecer o *coulbach* de frangos, o *blanquette* de gallinhas *à l'escarlate truffées,* o lombo de vacca *à la Macedoine,* os linguados recheados *au gratin,* o magnifico pirão de mandioca, e a bella sopa de *purée* de arroz *à la princesse;* e que Felicia dava o cavaco pelas doçuras; entrava fortemente nas compotas, nos *mirlitons,* no *gateau royale,* nas *omelettes soufflées à la vanille,* e nos pãesinhos de tapioca á brazileira. Custodia sentia subirem-lhe das profundezas do seu estomago uns vivos appetites mordentes d'aquellas cousas de «nomes pandegos», dizia; sentia curiosidades de paladar, titilações nas glandulas salivares que lhe cuspinhavam na bocca. Queria comer d'aquillo tudo. Era a evolução a fazer-se da futura baroneza do Rabaçal, gorda, pandorga, gulosa.

O abbade ouvia tudo com uma interior paixão do seu desengano; não podia supportar que Felicia estivesse contente, esquecida e mais gorda. O seu despeito dava-lhe visões deshonestas; punha-lhe no coração farpas de ciumes. Figuravam-se-lhe escandalos, abraços, fragilidades. Perguntava miudezas, particularidades dos homens que visitavam o barão no Porto. Que sujeito era o commendador Aguiar, a idade, os costumes. O barão dizia-lhe que era um velhote de pança, ex-capitão de tropas brazileiras, frascario bastante, amigo de fazer discursos e bom paladar para vinhos seccos. De resto, bom homem e muito zeloso da «corporação respeitavel dos brazileiros». Esta informação não socegou perfeitamente o abbade; mas amordaçava-se; rugia inaudivel como um leão

estropeado nos reconcavos ignorados da sua caverna. Ás vezes desabafava com a Eufemia na expansiva confidencia de grande desgraçado. «Dezeseis annos de casa e pucarinho! — queixava-se. — Não são dezeseis mezes, são dezeseis annos, Eufemia! Veja vossê! E prega-me um couce d'estes!» — E ella, consoladora, meiga: — Deixe lá; mulheres não lhe faltam, e com outros principios. Tenha o senhor abbade saude, que mulheres não lhe faltam. A fallar a verdade, ingrata, foi! Assim que se pilhou com irmão brazileiro, pôz-se na pirêza. Bem se vê que vossa senhoria a tirou de guardar cabras em Barrozo. Não se afflija; faça por comer e beber, que mulheres, como o outro que diz, o diabo as traz e o diabo as leva.

Isto consolava-o alguma cousa. Eufemia multiplicava cuidados, extremos, queria friccionar-lhe o rheumatismo, envolvia-o no fluido dos seus olhos cheios de ternuras e condonguices. Sabia segredos culinarios da estalagem do Rainha, na Praça-Nova, onde se afreguezára por amor ás tripas. A cozinha do abbade era agora mais selecta, menos gordurosa e muito substancial. Emfim, o desprezado amador de Felicia resignava-se a pouco e pouco, dobrando-se á vontade do Altissimo, com paciencia christã.

O barão, quando ia de S. Thiago da Faya para o Porto, contava á irmã que o abbade estava rijo e fero; que a costureira tratava d'elle como de cousa sua, e que a Custodinha dissera ao pai que a ella não lhe ficava bem ir á residencia, porque a Eufemia não

se portava bem, e era um pouco linguaruda, descaradinha, e não sahia da beira do abbade; de mais a mais, Eusebio Macario informou o barão de que o padre tinha sido, quando era o diabo em ameijoadas de femeas, um dos amanteticos da Troncha.

Felicia bem o sabia, e já suppunha o resto; mas assim mesmo encavacára com a noticia; doía-lhe a dissolução subita, inesperada dos habitos e costumeiras de uma vida de dezeseis annos, na intimidade, no amor d'aquelle homem, sua primeira e unica affeição; achava pouca-vergonha que o abbade, apenas ella voltou costas, se arranjasse commodamente com a Eufemia, uma franduna de balão e espartilhos, esmamaçada, que dava d'olho a todos os morhados de Basto, e os esfolava, pondo-lhes a pelle a juros por casa dos lavradores. Contou, cheia de ferro, estas cousas com grande colera, e quasi se desferrava na explosão do ciume. O barão não era tão parvo quanto se presume do titulo. Desconfiou que houvera maroteira, concubinagem; mas por honra propria urgia-lhe dissimular, fingir que não percebia; ainda assim, resolvêra quebrar sem estalo aquellas ligações, evitando que os dous se aproximassem; e até pensava em casar Felicia com bom dote, visto que ella, á volta dos trinta e seis annos, ainda era uma boa estampa de mulher, forte, dura e sadía como as montanhas. Uma vez, para a sondar, disse-lh'o, — que a queria fazer feliz, dar-lhe marido que a estimasse, proporcionar-lhe as alegrias da velhice, os filhos, os netos, a familia. Ella arregaçou os beiços n'um risi-

nho lôrpa, d'uma sinceridade sã, e disse: — Boa vai ella! O mano está a mangar! Eu já não chego a filhos quanto mais a netos. Quem dianho me quer? Só se fôr algum velho com'a mim. Mas eu não ando. Credo! Antes morrer solteira, que o boi solto lambe-se todo, diz lá o dictado.

— Que lhe daria marido ainda novo, porque em Portugal, quem tinha dinheiro, isso da idade era uma historia. Que quizesse ella, e os maridos seriam tantos como papagaios em bananeira — estylo figurado de Vassouras.

Ella ficou a scismar, a scismar n'aquillo do casamento. Horisontes, aspectos de vida nova rasgavam-se-lhe. Alisava os bandós muito oleosos, por dentro da vidraça, com os olhos errantes nas grimpas dos cyprestes do Repouso que ramalhavam, varejados pelo vento norte. Era janeiro. Havia grande frio. Á idéa de marido associou-se-lhe a da temperatura tepida do leito conjugal, as doçuras suaves, quentinhas e licitas do matrimonio. Desandou da janella para o espelho de vestir do toucador da futura baroneza. Diante do espelho, refastelada n'uma poltrona de reps azul, não se achou fóra de geito para as funcções nupciaes. Punha uma grande confiança no maciço dos seios, na largueza roliça, nedia, dos hombros esbagaxados, e na carnação boleada das pantorrilhas que bojavam premidas pelo elastico repuxado da liga. Acima d'estas considerações realistas, preoccupavam-na a Moral, a Religião, o Sacramento, as cousas nobres do matrimonio que se edificam sobre as colum-

nas sensitivas, materialissimas dos bons braços, dos peitos redondos e das pernas grossas: as grandes bestialidades do puro amor santificado na fórma do sagrado Concilio Tridentino e Constituições do arcebispado.

Quando o irmão tornou a fallar no casamento, ella tirou do peito, como um gaz que se expande, um grande suspiro e disse: — A vontade do mano é a minha.

VIII

CHEGÁRA a primavera,

dilecta aos bois de retorcidos cornos,

como diz Homero [1].

A casa dos noivos, no Poço das Patas, não deixava nada a desejar. Brazileiros de gosto com exclamações admirativas visitavam o quarto da noiva, diziam que estava uma capella, cousa muito papa-fina, uma riqueza; e, a respeito do leito nupcial, com pavilhão

[1] Este verso do pai dos poetas não o encontram os hellenistas na ILIADA, nem na ODYSSÊA, nem nos HYMNOS, nem ainda nos POEMETOS. É um fragmento de poema desconhecido. Vai esta nota como um acto de caridade com muita gente que sabe grego e está lendo EUSEBIO. A versão do fragmento lê-se na traducção franceza da ODYSSÊA por Montbel, 3.ª edição, pag. 412.

franjado, faziam observações chulas, d'um pitoresco obsceno, com gargalhadas e piparotes no ventre sonoro do barão. Havia quartos preparados para Eusebio Macario e José Fistula no segundo andar; no terceiro havia de ficar o abbade, separado de Felicia por 55 degraus. Ella tinha a sua alcova no primeiro andar, sob o olho briosamente honesto do mano barão. A vinda do abbade, que havia de ser o ministro do sacramento, resolvera-se, se o rheumatismo não recrudescesse ao rebentar das arvores. Era preciso contemporisar, disfarçar. Um rompimento declarado do barão com o padre poria manchas, evidencias de velha corrupção na pessoa da mana. Elle confiava na prudencia dos dous em publico, e esperava com a sua vigilancia obstar á reincidencia das fragilidades humanas. A sua honra e posição social exigiam-lh'o.

O noivo sahiu para Basto com dous amigos intimos e suas senhoras, para apadrinharem o casamento e condecorarem o prestito. Felicia ficou a dirigir o banquete das nupcias, muito atarefada, fazendo rir as criadas que lhe chamavam a *bajôja*. Uma dama da comitiva era a D. Paschoela, mulher do Trigueiros, douda garantida, de repica-ponto, com muito ar, mestra em cornudagens, andando ás cuadas, em solavancos, dando muita sorte, grande artista de todas as denguices que fazem saltar dos peitos dos velhos uns pensamentos verdes, como lagartos d'entre ruinas. Dava bailes e jantares muito ruidosos, com vinhos especiaes; bebia como um hussard, fazia partidas varonis, quebrava calices, gritava *hip! hip! hur-*

rah! e sacudia *shake-hands* como um marujo inglez. Ella tinha sido botiquineira na rua de Traz dos Quarteis, no Rio de Janeiro, e casára com o Trigueiros para descançar, arranjar-se. De resto muito sêcca de carnes com boa cara.

A outra era a esposa do commendador Motta Prego, a Nazareth, a triste Nazareth, filha do morgado de Agunchos, o jogador, que morreu a ensinar n'uma aldêa instrucção primaria, uma cousa que elle não sabía, — a mais falsa das posições a que póde levar a miseria. A filha, muito linda e sem parentes que a recolhessem, foi ser criada d'uma freira benedictina no Porto. Um dia procurou-a um homem lustroso de roupas e scintillante de cadêas e pedras finas. Era o Motta Prego que chegava do Brazil, e ia ao mosteiro offerecer a sua fortuna á filha do fidalgo que era seu padrinho, e o mandára ensinar a lêr e lhe pagára a passagem, e dera o enxoval. Maria de Nazareth achou bonita, sublime a gratidão do homem; mas não o queria para marido. Tinha um amor de infancia a um primo, filho segundo, pobre, que estudava no collegio militar, e havia de esposal-a quando sahisse alferes. Soube-se no mosteiro que ella se esquivava ás visitas do commendador. As madres deitaram-se á criada, tratando-a de douda, de besta porque engeitava um marido pôdre de rico; chegaram a chamar-lhe derriço de soldados, e ameaçaram-na de a não deixarem fallar ao tropa, quando elle viesse a férias. A madre porteira entendeu-se com o carteiro; recebia as cartas do sargento, e dava-lhe pasteis. O Motta foi

informado d'estas biltrarias monasticas praticadas em seu obsequio e da menina pela madre a quem elle tinha dado de presente um casal de periquitos. Reprovou-as honradamente, e rompeu no excesso de escrever á filha do seu bemfeitor, offerecendo-lhe alguns contos de reis para que ella pudesse casar já com o primo, se era a falta de dinheiro que os impedia de se unirem; que lhe pagava assim a divida que não pudera pagar ao pai. Um heroismo inaudito e inedito que, se não fosse verdadeiro, seria necessario invental-o para abrir no escudo branco da «corporação respeitavel» alguma peça heraldica, symbolica de façanha illustre em materia de moeda forte, metal sonante, estranha aos pregões das gazetilhas. A Nazareth, a bella alma, admirou-se. — Coitado do homem! — pensava commovida — Coitado do homem! Talvez casasse com elle se não amasse Alfredo, apesar de o achar mal feito, muito bajôjo. Quando conversava fazia-lhe lembrar o Simão, um preto que era criado da casa paterna e dava cambalhotas para a divertir; mas parecia-lhe que o Motta era bom; e, se lhe não désse a felicidade do coração, paciencia; resignar-se-hia passando da sujeição de criada ao descanço d'uma tristeza sem receio de que a obrigassem a estar contente, a trabalhar, a distrahir a velha ama, e a coçar-lhe as plantas dos pés para a adormecer. Ella, a filha d'um Antas d'Agunchos, neta de reis, a coçar os pés inchados d'uma freira benta, filha d'um cericiro da rua das Flôres!

Contos largos viriam aqui de molde, se os velhos

processos romanticos se admittissem. Houve choradeiras. O sargento ficou reprovado duas vezes e foi mandado servir na linha. Abandalhou-se; andava por Lisboa de cachimbo de barro, com os tacões cambados, cheio de caspa, mettido com toureiros de profissão e jantava iscas de figado na rua das Pretas. Depois, o pai, um brigadeiro reformado de Traz-os-Montes, foi buscal-o, e casou-o com uma viuva, couraça velha, que tinha muitas terras. O desgraçado perdera a memoria do seu amor d'infancia; a prima lembrava-lhe ás vezes na casa senhorial de Agunchos, quando lhe chamavam a morgadinha; porém, desde que a vida crapulosa lhe deliu a fibra do romantismo, começou a vêl-a na positiva pobreza de criada de convento, com um vestido de chita reles e uma touca branca vilipendiosa como distinctivo de servidão. Desenganou-a, quando o pai o vestiu e escarolou da crusta do deboche e da pelintragem. Disse-lhe que não tinha presente nem futuro; que estava perdido; que o esquecesse e lhe perdoasse o seu infortunio. As maravalhas do costume.

D'ahi a dias, um correspondente do *Echo Popular* relatava o casamento do ex-alumno do collegio militar Alfredo Pessoa com a rica viuva do proprietario Bogas de Vinhaes. Esperava-se que a Nazareth ensandecesse quando lhe chegasse á mão o *Echo* de que as freiras compraram tres exemplares que percorreram os dormitorios de cella em cella. Já inspirava compaixão a pobre menina. Não houve, porém, novidade extraordinaria. Disse á ama que ia casar com

o commendador Motta Prego, e sahiu do mosteiro n'uma carruagem do Carneiro do Bomjardim, com trintanario de chapéo embreado com roseta e casaco de gola encarnada. Esteve alguns dias hospeda d'um capitalista chefe de famila, e d'aqui foi para casa do esposo, que a estimava muito, e não lhe percebia a tristeza. Chamavam-lhe por isso «a triste», por antonomasia. Tinha uma grande bondade indulgente com os desvarios da D. Paschoela; uma christã fidalguia de clemencia com os vicios vestidos de *moire-antique,* elegantes, visto que a virtude austera, rota, frangalhona, não apparecia na sociedade das suas relações. Conhecera a mãi, uma fidalga magra, com um perfil de santa, um sorriso bom para a morte, e para o marido que se abysmára, até cahir no magisterio das primeiras letras. Fallava, como ella, muito baixinho, não fazia gestos, explicava-se de longe ás criadas com variados toques convencionaes de campainha, e todas as phrases numericas as exprimia com os dedos translucidos, muito finos, d'uma brancura de marfim rajado de veias azuladas. O marido adorava-a, chamava-lhe *D. Maria de Nazareth;* e, se a não respeitasse tanto, ousaria pedir-lhe licença para a trazer no collo, e adormecel-a no seu regaço como uma pomba que se aninha e fecha os olhos debaixo da mão avelludada de caricias.

Foi a madrinha do casamento e ajudára a vestir a noiva. A botiquineira da rua de Traz dos Quarteis, a Paschoela, dizia ao marido que a Custodia era uma labrêga, muito bruta, adiposa, cheia de carne, a

cheirar ao raposinho da aldêa e aos unguentos da botica. A Nazareth achava-a bonitinha; que havia de ser boa senhora de casa, e que lhe parecia uma rapariga singela, sem educação fina, mas susceptivel de se educar. O Prego affirmava que o barão era tão bruto ou mais que ella; que mau seria se lh'a educassem. Este homem tinha bastante espirito; fôra socio fundador d'um gabinete litterario de caixeiros em Pernambuco, não desconhecia inteiramente o TELEMACHO, os SUSPIROS POETICOS do Magalhães, admirava e sabia de cór a MARTINHEIDA e o SAQUE do doutor Ferro. Quem elle achava muito desfrutavel sandeu era o Eusebio Macario, e dizia que o filho era a quinta essencia do malandrim, e que o barão acanalhava-se casando com tal creatura. Elle tinha nas veias, por transfusão sudorifera da esposa, um pouco do sangue dos Antas d'Agunchos, descendentes por bastardia de Affonso II, *o Gordo.*

Maria de Nazareth ajudou a vestir a Custodia de noiva. Atacou-lhe o collete e acolchetou-lhe o vestido de setim branco, obra primorosa de M.me Andrillac, com rendas de Bruxellas; deitou-lhe o véo de blonde, cingiu-lhe a corôa de laranjeira, e lançou-lhe o adereço de brilhantes e perolas, a mais rica peça que sahiu da officina do Espirito Santo, na rua de Santo Antonio. Assim trajada, a filha de Macario tinha muito que invejar á camponeza de garibaldi vermelha, com a camisa tufada na cintura. Parecia uma rainha das velhas comedias, do ARTAXERXES, *rei da Persia,* a IGNEZ na scena da coroação, como ella se fa-

zia em Guimarães e em Amarante, nos seus dias de arte prospera, rival de Athenas e Florença. O Motta Prego achava-a muito pantafaçuda; e a plebe, quando a viu passar para a igreja, chamava-lhe um «porparo» como nunca se vira; que o diabo não tinha somno, que era um entrudo, que estava o mundo a acabar-se, que a vida era para as «moinantas» como a Custodia boticaira; que não sabiam por que carga d'agua o brazileiro se enrabichára com aquella trapalhona que mostrava as pernas nos lavadouros.

O casamento celebrou-se de manhãsinha. Da igreja sahiram em liteiras para o Arco, onde os esperava o almoço, encommendado pelo barão. Pernoitaram em Amarante, na estalagem da Capadeira, onde os esperava com cêa lauta o brazileiro de Fregim que levou uma chula com duas requintas; e as filhas da Capadeira, tres moças esbeltas de muita feição, dançaram com o José Fistula — grande pagode até ao romper da manhã. Os noivos tinham-se deitado, e disseram que os assobios agudos das requintas os não deixaram pregar olho. O abbade piscava ao Motta Prego, que dizia ao Trigueiros que as requintas é que pagavam as favas. N'esse dia á noite, com grande fadiga, chegaram ao Porto. A baroneza tosquenejava na liteira com somno; o marido tambem; e, como iam defronte um do outro, ás vezes davam marradas; acordavam estrouvinhados, riam-se, e beijavam-se, murmurando arrulhos de pombos.

IX

No dia seguinte houve o jantar nupcial.

A Felicia appareceu vestida á grande, de sêda verde, com saias rijas que faziam *fru-fru,* e botinhas de duraque que ringiam nos tapetes com pompa. O abbade apenas pudera comprimental-a á chegada, e levaram-no para o terceiro andar, onde tinha a cama, cincoenta e cinco degraus acima de Felicia. Não pudera dormir nem abrir o Breviario, como tentára, para exorcismar o diabo dos ataques, o numero tres dos inimigos da alma. Lembrou-lhe tudo. Aquelle caso do lobo que matára quando ia de noite á choupana de Felicia que o esperava de saia de tomentos, na lareira, ao pé da raiz do torgo em braza, a fiar; o caldo de leite que comiam com talhadas de

abobora; a cabaça do vinho da Ribeira por onde ambos bebiam; o leito de bancos com mantas grossas de listras pretas e lençoes de estôpa de uma frialdade humida e um cheiro de paredes reçumadas. Vinha derivando d'ahi no pendor de dezeseis annos; accusava-se um pouco do seu tedio, das suas perfidias, noitadas com a fidalga da luneta, com a Canellas, com a Troncha, uma infinidade de rapaziadas, asneiras; mas isto não desculpava Felicia, que o aturava, sempre carinhosa, a impostora, em quanto não teve irmão brazileiro. Era injusto. Ella podia, se o habito a não prendesse ao Justino, o travesso estudante, o seu unico amor na mocidade, estar ha muito nas regalias da fortuna, de um marido e da convivencia com gente fina.

Ao outro dia de manhã, quando descia para almoçar, encontrou-a na passagem do patamar do segundo andar.

—Anda lá que me sahiste boa pesêta!—disse-lhe.

E ella com arremesso:

—Então que queria? que eu deixasse o mano?

—Desalmada!—gosmou o abbade, engulindo alguns substantivos fortes, menos figurados.—Depois de dezeseis annos, fica-te p'ra ahi, desgraçado!

—O senhor passa bem sem mim; lá tem a Eufemia, lá se arranja.

—Pudera não! Mulheres ha tantas como a praga.

—Pois se ha, deixe-me. Olha que espiga!—E voltou-lhe as costas.

— Que rôlha! — murmurou o abbade, e safou-se; ouviam-se passos.

Ao jantar, muitos brindes. Eusebio Macario, quando ia para a mesa, foi chamado á guarda-roupa do genro que lhe vestiu uma casaca nova com o habito de Christo na lapella. Uma surpreza exultante que poderia bestifical-o, se elle não tivesse uma constituição bem formada. O barão iniciava a nobilitação do sogro com 76$000 reis que lhe custára o habito, cincoenta para o Estado e vinte e seis de luvas para o Lobato, o seu procurador. O Motta Prego brindou a Eusebio Macario:

— Que aquella insignia de cavallaria representava merecimentos de serviços feitos á humanidade e á patria, ambas doentes; que o distincto pharmaceutico era tambem um trunfo eleitoral, que ao mesmo tempo manipulava vesicatorios para os inchaços doentes do thesouro. Que sua magestade a rainha, galardoando Eusebio Macario, remediava a injustiça de seu avô que deixára morrer despremiado e pobre n'um hospital, Duarte Pacheco Pereira.

D. Maria de Nazareth ouvia as ironias do marido, receando que lh'as entendessem. Elle bem sabia que o seu unico auditorio intelligente era ella.

O cavalleiro de Christo ergueu-se:

— Não posso deixar de responder ao eximio discurso do illustrissimo senhor commendador, cujo aca-

bamos de ouvir. Eu queria ter a sabedoria d'um Camões, ou ser qual outro Bocage para exprimir as minhas idéas, sim, para explicar o que tenho no pensamento. Mas eu não sou Camões nem Bocage, esses grandes homens. A natureza não me deu talento; nem a eloquencia de Cicero, que foi o homem mais sabio da antiguidade, no tempo dos romanos, como diz o MANUAL ENCYCLOPEDICO. Mas não posso deixar de responder ao senhor commendador a respeito dos meus serviços á humanidade e á nação portugueza a que todos temos a honra de pertencer, a nação mais valente do mundo, que não tem segunda, acho eu, nas valentias; vencendo os mouros, os hespanhoes e os francezes, como se póde vêr no MANUAL ENCYCLOPEDICO. Devemos ter muita honra porque samos portuguezes, ou lusitanos que é a mesma cousa. Já fomos mais ricos do que samos, isso é verdade; mas se o excellentissimo senhor conde de Thomar se conservar no governo havemos de tornar ao que fomos, se entre os portuguezes houver paz e concordia; mas, se não houver, então, meus senhores, a nação portugueza está de cangalhas, os setembristas dão cabo da industria, das finanças, da marinha; e o general Concha, como aconteceu na Maria da Fonte, vem tomar conta d'esta desgraçada mãi que os maus filhos reduziram á expressão mais simples. O grande Affonso Henriques, que está enterrado em Coimbra, ha de então erguer-se de pé na sepultura, e dirá coberto de lagrimas: «Onde está o meu reino? onde está a tropa valente com que eu venci no campo de Ouri-

que sete reis mouros?» (*Sensação n'alguns brazileiros. O Prego dá d'olho á esposa que baixa os olhos compungidos como se assistisse ao sermão do encontro. José Macario estorce-se envergonhado, corrido, damnado. O barão do Rabaçal admira o sogro. A baroneza está a fazer no regaço torcidas com a franja do guardanapo. A D. Paschoela olha para os ademanes do orador com uma attenção ironica, de chacota, relançando olhares criticos, desfrutadores ás caras soezes dos convivas. O abbade, que tinha bebido como os amantes infaustos do romantismo, Musset, Keats, Percy Bisshe Shelley, e Espronceda, estava muito espapado, somnolento, bocejando, babando-se e fumando cigarros com a maior descortezia, como um canudo de fabrica*). Não me lembra onde foi que eu li que Portugal já estaria riscado do mappa da Europa, se não fosse o senhor conde de Thomar, que foi aos reinos estrangeiros buscar gente para conservar o throno de Affonso Henriques. É por isso, meus senhores, que eu sou cartista, e hei de sel-o até á morte, em quanto tiver nas vêas a ultima gota de sangue portuguez. Ha nove annos que ando mettido em eleições. Ahi está o senhor abbade que não me deixa mentir. Tenho arranjado votos para os senhores Cabraes; alguns me custaram o meu dinheiro, a minha pharmacia era *gratis* para os eleitores, e em 1845 fui ameaçado de levar cacetadas dos setembristas, que chegaram a ir pendurar-me chifres na padieira da porta da botica, os patifes! (*D. Paschoela espirrou uma risada irreprimivel, como o tes-*

to que salta de uma panella em cachão. José Fistula deu na mesa um murro e ringiu os doentes. O abbade, affirmando a vindicta affrontosa dos chifres, arquejava de riso. O marido de Paschoela, Trigueiros, o prudente, estava serio, concentrado. Motta Prego sentia uma alegria vertiginosa, um bem-estar que lhe dava guinas de espojar-se. O Macario, não descontente do trecho comico do brinde, esperou que a casquinada dos risos cedesse á attenção que elle pedia com o aprumo do busto e o braço estendido). Tenho sido uma victima, sempre leal ao partido da Carta, e nunca pedi nada; antes, pelo contrario, tenho dado muito bons pintos para comes e bebes eleitoraes, e onde era preciso fallar, ia eu; e, bem ou mal, explicava o pensamento, dizia aos lavradores o que é a republica, a pouca-vergonha dos communistas, uns ladrões que querem a repartição do que nos custou a ganhar em quanto que elles andavam a garotar pela Porta de Carros, e a pandilhar pelos botiquins — o Alves Martins, o Evaristo Basto, o Parada Leitão, o Camillo, uma corja de vadios que não teem onde cahir mortos. São estes os republicanos do Manoel Passos, que fazem gazetas a prégarem a igualdade e a fraternidade! querem limpar a carepa á nossa custa! uma canalha! raios os partam! (*Brazileiros apoiaram vehementes:—Muito bem! sim, senhor! Etc.*). Aqui está o que são os republicanos, os do *pé-fresco,* a pandega da Viella da Neta. Em quanto tiver nas vêas uma gota de sangue portuguez, elles hão de passar por cima do meu cadaver. (*E ba-*

tendo no peito): Eusebio Macario é cartista puro, e cartista ha de morrer. A respeito d'esta venera de cavalleiro da Ordem de Christo (*mostrando a cruz na lapella*) instituida por el-rei D. Diniz em 1318, segundo diz o MANUAL ENCYCLOPEDICO, grande author, disse o senhor commendador Motta que é uma justiça que me fez a nossa augusta soberana. Ha de haver oito annos que eu fallei ao nosso deputado para me darem estas honras em paga dos meus serviços á Rainha e Carta. Mandei os meus papeis para a secretaria, e escrevi pessoalmente ao senhor conselheiro Silva Cabral. Não me deram cavaco, e eu continuei fiel ao meu partido, sempre álerta, ao pé da urna, prompto a dar a ultima gota de sangue das minhas vêas; mas agora, o meu genro, o senhor barão do Rabaçal, querendo honrar-me, escreveu ao seu procurador em Lisboa; os meus papeis subiram á presença de sua real magestade, e foram despachados. Dizem-me que o deputado era miguelista, e andava a chamar-me asno, tendo-lhe eu arranjado quarenta e quatro votos, com o meu quarenta e cinco; por isso sua magestade a rainha não estava ao facto da minha justiça. (*Havia tregeitos de pessoas maçadas, boccas abriam-se; pernas por debaixo da mesa tocavam-se. A D. Paschoela coçava a aza direita do nariz com o leque. Sensação geral de estopada. E elle com enthusiasmo*): Um bom cidadão, quer lhe façam justiça quer não, deve ser um bom cidadão. Este habito de Christo, cujo estimo muito por vir de quem veio, não me faz mais cabralista do que era. A minha am-

bição é dar o meu contingente para o progresso bem ententido, não sei se me percebem? O progresso bem entendido é o bem-estar do physico e do moral, quero dizer, que se derramem as sciencias pelo povo e que se façam estradas, ou viação publica, que é o mesmo. (*Arrebatado*): Quem tem feito mais estradas que o excellentissimo conde de Thomar? Quem fez a estrada de Vallongo? quem fez a estrada de Braga até aos zigue-zagues? Eis-aqui está porque eu hei de ser cabralista em quanto puder ligar duas idéas e manejar uma clavina de dous canos. Rainha e Carta ou a morte! (*Cançado, com esfalfamento, solemne e de manso*): Meus senhores, eu bebo á saude do grande homem, do ministro patriota que nos livrou dos communistas da Maria da Fonte, do eximio conde de Thomar, Antonio Bernardo da Costa Cabral; espero que todos bebam a virar, e acreditem que Portugal em quanto fôr Portugal póde ser que tenha outro que se pareça com elle, mas duvido. Á saude da Carta e Rainha, e do senhor conde de Thomar e da sua illustre familia, e tambem da familia real!

O brinde foi correspondido com a gravidade muda, respeitosa que se devia á familia Costa Cabral e á dynastica. O proprio abbade, posto que esturrado e gritador nos brindes politicos, tinha cahido n'um marasmo somnolento, prenuncio temeroso de apoplexia alcoolica. Ás vezes volteava os olhos coruscantes a Felicia e sentia a turvação das lagrimas a subir-lhe do intimo, um nó que o entalava, como nas mulheres hystericas. Assim que Eusebio acabou de fallar,

pediu ao barão licença para se recolher, e encostar-se; queixou-se da enxaqueca; e, quando Felicia lhe perguntou se queria tomar chá, curvou a cabeça com profunda reverencia, e respondeu: «Obrigado, excellentissima senhora, não tomo nada».

Ella ficou a scismar, entrou no seu quarto, poz-se a olhar através das vidraças para os candieiros que bamboavam projectando sombras oscillantes nas lages do passeio, e aguaram-se-lhe os olhos. O barão procurava-a, receoso de que ella seguisse o abbade.

Passaram todos para a sala de visitas, onde estava um piano de cauda de Erard. O barão levantou-lhe a tampa e disse com ufania: — Cento e cincoenta libras, hein? — Maria de Nazareth tocou uma aria da Semiramis. Acharam aquillo triste. A Paschoela pediu-lhe um tango. Disse que não sabia. — E um fadinho? — Que tambem não.

— Lá p'ra fadinhos, aquelle! — disse o barão apontando para o cunhado.

Todos a pedirem-lhe que cantasse, que tocasse. O Fistula disse que só tocava banza e guitarra. D. Felicia lembrou que na cocheira havia quem tocasse guitarra: era o trintanario, um mulato que tinha alegrado de cantares torpes a cocheira do Lopes alquilador. Que viesse a guitarra.

O José Macario, feito um grande silencio, afinava, premia as cordas, correndo-as d'alto a baixo, distendendo-as, tirava accordes, transportes segundo a arte, subia diatonicamente, feriu sustenidos, pelas re-

gras da oitava; depois tocou uma contradança, o hymno de Pio IX.

— O fado, o corrido! — pedia D. Paschoela.

— Sim, sim, um fadinho! — muitas vozes a pedirem fadinhos.

— Mas que seja decente — observou Eusebio Macario circumspectamente.

— Isso nem é preciso dizel-o — emendou Trigueiros.

— O José sabe muitos decentes — disse a baroneza — olha, dize aquelle:

Passarinhos que cantaes
N'esse raminho de flôres,
Cantai vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

E o Fistula:

— Vá lá.

E sentou-se ao centro, ao pé da jardineira, estendeu uma perna, cruzou outra, n'uma attitude gingada, atirou as melenas frisadas para traz das orelhas, arregaçou os punhos, poz o charuto no marmore, inclinou o tronco sobre o braço da guitarra, e dedilhou em arpejos gementes o preludio do fado de Coimbra. Começou-se então a sentir um tremelicar de cadeiras e um vibratil sapatear de tacões de sapatinhos ao compasso das notas plangentes. Eram a baroneza do Rabaçal e D. Paschoela Trigueiros que se remexiam involuntariamente, obedecendo a uma fatalidade nervosa de saracote, que lhe punha nas nal-

gas e na cintura uns derengues lascivos de uma bréjeirice encantadora. Houve gargalhada. A Paschoela baixou o rosto para arranjar um pudor á sombra do leque; a baroneza confessou ingenuamente que não podia resistir áquillo.

Depois o Fistula cantou a glossa da quadra, que a irmã lhe dissera, com umas tonalidades roucas, de sentimentalidade canalha, com intermissão d'uns *oras* e d'uns *ais* mui langorosos, o *zing* fadista de cervejarias e botiquins de lacaios. Havia versos que elle cantava com morbidezas gaiatas, pondo os olhos nos florões coloridos do estuque. Dirigia-se ao passarinho:

> Vós sois o mimo do Fado,
> Eu da Fortuna o desprezo;
> Vós em liberdade, eu preso,
> Vós feliz, eu desgraçado.
> Oh! que differente estado
> O Fado a cada um nos deu!
> A mim, passarinho meu,
> Com affecto differente,
> Eu em penas, vós contente...
> Cantai vós, chorarei eu.
>
> Ai torradas com manteiga,
> Torradas não quero mais,
> Etc.

Que muito bem; que continuasse. O Motta Prego promettia-lhe umas decimas que os fadistas portuguezes cantavam no Rio:

> *Uma cousa cá que eu sei.*

O Fistula sabia-as. — Isso sabe elle tudo quanto ha, o pandego! — disse Eusebio Macario com secreto jubilo de vêr o filho bem collocado n'uma sala, mercê do fado, entre titulares, commendadores, alegres, em intimidades expansivas. O José preludiou, e cantou:

Custa ao nautico a tormenta,
Ao soldado a dura guerra;
Custa ao pastor que na serra
Zora, o lobo o gado afugenta...

Foi dizendo as cousas que custavam: a miseria do pobre, a rectidão ao rei, a separação do bem amado,

O rigor do injusto fado,
Andar triste e amofinado
Por se haver sujeito á lei,
Deus d'amor!....

Não se lembrava, e repetia:

Deus d'amor!...

Emperrou; ia a desistir; quando a Paschoela, n'um impeto de artista, indomavel, cantou na mesma toada:

Deus d'amor! Confessarei
Que é martyrio o mais agreste,
Porém inda excede a este
Uma cousa cá que eu sei.

Muitos applausos. A do Rabaçal, tambem artista, arrebatada, muito chula, abraçou-se n'ella; mas o Trigueiros, o marido, com as costas voltadas para ella, disfarçando, a bolir n'umas quinquilherias do fogão, resmungou: «Forte bebeda!» E o Motta Prego ao ouvido da esposa: «Olha a botiquineira, olha a botiquineira! é a voz da natureza».

*

X

Eusebio Macario passou a botica. O genro exigira-lh'o e elle condescendera sem hesitação. Sentia-se outro homem. O baronato da filha dera-lhe a vaidade legitima de a ter fecundado, via em si um productor com predestinação; não podia ser mera casualidade aquella briza forte da fortuna que lhe ventára um rôr de prosperidades, coroando-lhe a Custodia que parecia destinada a dar em droga, e armando-o a elle cavalleiro de Christo. Achava-se na roda dos titulares e dos capitalistas. Polia-se sem saber como. A fortuna insensivelmente dava-lhe um verniz que lhe occultava os laívos da ignorancia e da bruteza aldeã. Lia a politica do dia, interessava-se, discutia na Assembléa Portuense de que o fizeram socio, e jogava o gamão com o presidente da camara,

o conde de Alpendurada, seu correligionario ardente, ou com o visconde de Villa-Verde que o admirava nos alvitres politicos. Ás vezes, os tres discordavam, pegavam-se e tinham questões azedas no Palheiro, a discutirem qual dos dous Cabraes era o marquez de Pombal. Desconchavavam-se tambem sobre posturas municipaes, tendentes á sanidade publica. Eusebio Macario vencia-os sempre com os seus conhecimentos de pharmacia, citava authores, e explicava o effeito dos gazes nocivos á respiração. Incommodava-o, porém, a propria inercia: queria ser prestadio aos seus concidadãos, provar a sua capacidade, pôr a mão na cousa publica; achava-se com dotes para camarista, e confiava a sua sorte á fortuna nem sempre discreta com as grandes capacidades. O Motta Prego dizia-lhe que se fizesse ouvir a miude, que grangeasse a pouco e pouco a aura publica, e contasse com o Porto que era o clima por excellencia dos homens da sua tempera. Consultava o genro. O barão dizia-lhe que comesse e bebesse, e que se deixasse de asneiras.

Quanto a José Macario, compoz-se muito, prodigiosamente. A irmã vestiu-o ao bizarro, no Augusto de Moraes: a bella casaca azul com botões de metal amarello, judia com capuz e alamares, a calça muito apertada, á ingleza, a cahir direita sobre a bota de polimento; relogio de ouro com chatelaine; chapéo de castor branco; badine e luneta d'um vidro sem aro. Vestia-se a imitar o Eduardo Chamiço, o Ricardo Brown e o Diogo Maria de Murça, os elegantes

primazes de Portugal n'aquelles dias em que os alfaiates formavam o corpo e alma dos freguezes. Estava muito relacionado no theatro lyrico e no café Guichard. Quem o apresentava dizia sempre: « O snr. José Macario, mano da senhora baroneza do Rabaçal ». Não encontrava no circulo das suas finas relações algum fadista curioso. Ainda os não havia fóra das tabernas da Porta de Carros e das alfurjas da Porta-Nobre, ramificações do Pepino de Cima do Muro. O faia começava então a surdir na capital das cavalhariças dos fidalgos pela cohesão do filho segundo com o lacaio. No Porto era desconhecido ainda o fidalgo toureiro, guitarrista, espancador e bebedo. N'este meio, a sua paixão do fado ia esmorecendo, á mingoa de auditario. Elle mesmo não ousava alardear a prenda com receio que lhe farejassem uma origem biltre, de ralé. A compostura dos atavios corporaes parece que lhe formalisava as idéas; sahiam-lhe as palavras penteadas, correctas, e ás vezes rendilhadas de locuções de Virgilio com que elle lidára cinco annos em Braga, quando fingia ordenar-se de clerigo. No café Guichard havia quem o julgasse intelligente; pedia-se-lhe a sua opinião a respeito dos folhetins do Evaristo Basto e das poesias de Alexandre Braga. Elle, ás vezes, achava os folhetins chistosos e as poesias bastante sentimentaes. No theatro de canto era igualmente consultado, e dizia cousas menos más. Encostava-se nos entre-actos á grade da musica e ouvia a opinião do Ribas, seu conhecido de casa da irmã, porque uma Ribas era mestra de pia-

no da baroneza do Rabaçal. Depois, ás vezes, deturpando a critica do chefe da orchestra, dizia destampatorios; mas isso era o mesmo; os seus ouvintes eram dignos do oraculo, e exprimiam uma grande força no estalo das palmas ou no estrupido bestial das pateadas, ora á Belloni, ora á Dabedeille.

Tinha namoros de quarentonas casadas, gordas, reliquias da raça forte turdetana já agora extincta no Porto, baluarte esboroado da liberdade, dos bancos e das grandes mulheres sanguineas. Lembrava-lhe um casamento rico; mas as herdeiras opulentas pareciam esquecidas d'elle. Os amigos, quando o barão estava com a familia na sua frisa 19 de assignatura, diziam-lhe que a irmã do cunhado ainda era fazenda muito limpa, e perguntavam-lhe se era certo o barão dotal-a com quarenta contos, dizia-se. Alguns punham-lhe os binoculos com insistencia petulante; e ella, baixando os olhos, dizia á cunhada: «os demos dos asnos!» José Macario reparava nos olhares, nas attitudes romanescas d'uns sujeitos especialmente resolvidos a casarem ricos, uns que visitavam a frisa 19, outros que assestavam os binoculos disfarçadamente por entre as carecas dos burguezes da inferior. Não sabia, ao certo, se olhavam para a irmã, se para Felicia; parecia-lhe, porém, que daria alguns pontapés no janota que se enfeitasse para qualquer das duas. Tinha um grande amor de familia, cheio de decoro e resoluções de pancada. Torcia então os bigodes com phrenesi, e atirava a guedêlha com arremesso para a nuca, chibatando a perna com a badine. Uma noite

não se pôde dominar, e perguntou a um bacharel, um louro de pera, se era retratista. O interrogado com a maior sinceridade respondeu que não, que era formado em direito. E o outro: «Cuidei que era retratista pelo muito que o senhor olha para as caras da frisa dezenove; mas, se está formado em direito, tenha cuidado comsigo que eu posso formal-o torto». O dicto foi celebrado como pilheria de fina valentia, e o bacharel absteve-se de chamar a attenção de Felicia aos lampejos do seu binoculo.

Era uma vida gloriosa, triumphada a de José Macario. Cavalgava os alasões da parelha, guiava o *break* com temeraria felicidade, ia adestrar-se ao circo dos cavallinhos, fazia curvetas na rua de Santo Antonio, lia os praxistas da gineta, e aprendia a fallar francez com um militar que viera ao serviço do imperador, com o Pierre luveiro, e com uma bandoleira parisiense que morava em Miragaya em concubinagem com um italiano de realejo. Mas este céo azul de vida bonançosa, toda regalos, ás vezes tinha nuvens que lhe punham negruras, tristezas intermittentes. Elle estava uma vez no *trottoir* da Praça Nova defronte da modista Guichard. Havia procissão. Senhoras de muito espavento com grandes pavezes de chapéos emplumados e fitas ondulantes enchiam as sacadas. Estava lá a D. Paschoela Trigueiros. Elle, n'uma roda de notaveis, punha nas janellas olhares vagos, dissimulados, discretos; mas os da sucia sabiam todos que a Trigueiros se encontrava com José Macario na Cruz da Regateira, n'um casebre, ao fundo de uma quinta.

Contavam-se partidas rijas d'ella, atrevimentos, scenas patuscas, invejaveis, d'uma corrupção do baixo imperio. O caseiro da quinta contára ao padre Margarida, um devasso, que uma vez os ouvira, os dous, a cantar o fado á compita, e que deixavam garrafas de licôr vazias e bocados de pasteis com mariscos. O padre nem sempre calumniava. Era verdade.

N'essa occasião, ao lado do grupo dos janotas estavam tres carreiros, d'uns que carrejam ferro para a provincia, com as aguilhadas cingidas ao corpo, á espera da procissão, com as boccas muito abertas, a olharem para as mulheres das janellas, e a calcularem os «centos de mél reis» que ellas tinham sobre o corpo. Um dos tres fitou acaso Macario, arregalou os olhos, e disse: — Ó Francisco da Quiteria, aquelle casaca que tem um vidro no olho não é o José Fistula? — Ou o diabo por elle — fez o outro. E o terceiro: — Diabos me levem se não é o Fistula. Pede-lhe os tres pintos, anda, mexe-te, Ferramenta!

O Ferramenta chegou-se muito de manso, timorato, coçando a orelha, com o chapéo na ponta da vara, e disse-lhe: — Faz-me favor de me dar aqui uma palavrinha, com licença d'estes senhores?

José Macario encarou-o de catadura tôrva; não se lembrava nitidamente do homem: — Que quer?

— Ainda que eu seja confiado, o sôr não é de S. Thiago da Faya, o sôr Zé... *Fistula,* ha de perdoar?

Elle sahiu do grupo, desceu do passeio, e, a distancia dos outros, repetiu: — Que quer vossê?

— Eu sou o José Ferramenta.

— Sim... que mais?

— Vossemecê escorda-se d'aquelles tres pintos que lhe emprestei no S. Torquato, ha de fazer cinco annos em julho, por signal que estava vossemecê a comer vitella na barraca do Cambado com a Margarida de Mondim, a mais a Tripa Furada da Raposeira? Escorda-se?

— Não me lembro — atalhou, cheio de nojo e ira, o Macario — mas tome lá os tres pintos, e adeus.

— Passe muito bem. — Que désse visitas ao pai que lh'as mandava o amigo velho, o Ferramenta, e que lhe dissesse que fazia lá muita falta com a botica; que o boticario novo andára a despejar na estrumeira os remedios quasi todos que achára, e a dizer que o Macario, com licença d'elle, era um jumento.

O irmão da baroneza ouvira-o pelas costas. No grupo de janotas espirravam frouxos de risos maus; um d'elles dizia: *é o sôr Zé Fistula... ha de perdoar*. No grupo dos carroceiros havia alegrias de mais innocente jubilo. O da Quiteria dizia que ia pedir ao *Zé boticario* uma de doze p'ra beber uma canada do Douro no Rainha.

N'este comenos appareceu no largo da Feira a vanguarda da procissão, o estandarte tremulante, inflado pela ventania. Os lavradores correram para lá com grande estridor de tamancos; e José Macario, obedecendo a um aceno de D. Paschoela, subiu á sala da modista, e viu desfilar a tragedia ambulante das

cousas sagradas da Paixão de Jesus por entre as espádoas de tres Magdalenas incorregiveis.

O Trigueiros, na vespera, terça-feira de entrudo, estava na mascarada do theatro de S. João. Andava contente, n'uma sucia que seguia um dominó de muita chalaça, o Faustino Xavier de Novaes, que disputava o auditorio a outro dominó de elegantissimo chiste, o Evaristo Basto, o creador do folhetim no Porto. O Trigueiros fugira do Evaristo que dissera, mostrando-o aos que lhe faziam cauda: «Este sujeito tem a côr do mouro de Veneza; mas cumpre não o confundir com Othello». Elle entendeu; tinha visto no Rio de Janeiro o João Caetano dos Santos representar um miseravel Othello deturpado de Ducis pelo poeta Gonçalves de Magalhães.

Safou-se incommodado, e foi distrahir-se nas pilherias do Faustino de Novaes que perseguia os sapateiros vestidos de principes e as collarejas de pastoras e tirolezas. Andava no salão um mascara desconhecido, trajado de vestes roçagantes de propheta, com grandes barbas e capuz. Dizia chamar-se Ananias, e dava vaticinios e rebuçudos ás senhoras. Tinha mãos finas de marqueza, enluvadas *gris-perle;* não lhe viam os pés uns sujeitos que acham facil no Porto *matar* o mascara que os não tem agigantados. O Ananias tambem escrevia a lapis umas quadras que distribuia, com rara delicadeza em mascarados, quando

não queria vexar as victimas. Elle parára diante do Trigueiros que se sentára por baixo da frisa da esposa. Contemplava-o silencioso, de braços cruzados. O povo fez meia lua. Esperava-se chalaça grossa. O Faustino, de passagem, dissera:

> Ó prophetico Ananias,
> Não me bulas co'o Trigueiros.
> Tem respeito ás garantias
> Que lhe dão os seus dinheiros;
> Essas phrases que tu chias
> São perdidas com negreiros.
> Não me bulas co'o Trigueiros,
> Ó prophetico Ananias.

E desappareceu.

— Pedaço de besta! — resmungou o marido de Paschoela.

— Não abuses dos teus dinheiros, argentario! — disse-lhe em tom cavernoso Ananias.

— Bolas, meu amigo! — tornou o Trigueiros com um gesto de enfado ameaçador, cerrando os punhos grandes como peras de sete cotovêlos. — E o mascara, solemne:

— Não batas no propheta que o Senhor te envia como fizeram os de Jerusalém. «Jerusalém! Jerusalém! que matas os meus prophetas!...», disse o Senhor. Depois tirou do interior da tunica a sua carteirinha, escreveu, de modo que os circumstantes não lessem o que quer que fosse, deixou cahir o papel dobrado no chapéo que o Trigueiros tinha de copa para baixo sobre os joelhos, e afastou-se, muito a

passo, na cadencia tragica, rhythmica do Santo Antonio do Braz Martins.

Trigueiros foi á frisa, disse que estava aborrecido, fatigado, que lhe doíam os callos, que se queria deitar. A esposa não o contrariou; tambem estava aborrecida; tinha ouvido os versos do Novaes; receava escandalo, barulho; e, de mais a mais, o José Macario estava no baile das senhoras Regras, na rua de Santo Antonio, e ella ralada de despeitos, ciumes, com grande ferro. Em casa, observou que o marido soprava, arrastava as chinelas d'ourêlos, e dava ais. Estava afeita áquillo; pegou a dormir, do lado da parede, com as costas envoltas nas rendas da camisa, que faziam crespos sobre as espádoas escabrosas de ossos e refegos pilharengos. Elle deitou-se tambem; e, pelo habito d'aquellas tribulações, adormeceu, feito o seu plano.

No dia seguinte procurou na Praça o barão do Rabaçal; chamou-o ao pateo do banco Alliança, e contou-lhe o caso do theatro, a sua vergonha, o descredito da sua senhora, as suas suspeitas realisadas. Tirou da carteira um papelinho: — Aqui tem vossê o que me deitaram dentro do chapéo. Veja vossê isto...

O barão leu:

> Se tu tens sêde, ó nefario,
> De quebrar uma costella,
> Vai quebrar as do Macario,
> E não poupes Paschoela;
> E, á falta de vet'rinario,
> Póde endireitar-lh'as ella.

— Que diz vossê a isto?

— Si é verdade, acho feia acção de meu cunhado, e ponho na rua elle. Socegue; esta quéstão é cómmigo, hein? Mas vossê, Trigueiros, não faz bem lhe dar credito a máscárados. Si fosse cómmigo a passagem, escavacava elle, ou elle mi escavacava.

O Trigueiros não era teimoso, opiniatico nas suas idéas; achou razoavel o barão; era tolice aceitar uma denuncia anonyma das mãos de um pulha mascarado, d'algum inimigo invejoso, intriguista e cobarde.

Mas o barão, cheio de gestos, bufando as palavras, altercava com a esposa, e lia-lhe a sextilha, que o outro quizera rasgar, e elle guardára para documentar a accusação. A baroneza, muito intima da Paschoela, sabia tudo; a douda era ardente, expansiva, fallava-lhe da sua paixão como de um facto licito, d'um direito conquistado com lagrimas, d'uma compensação aos dissabores do seu viver com um marido estupido, parrana, com mau cheiro na bocca e flatulento. Ella sabia tudo, mas negou que seu irmão tivesse negocios, particularidades com Paschoela, promettendo avisal-o que não désse motivo a suspeitas. O barão replicou que era amigo de Trigueiros, que não queria que os seus familiares deshonrassem os seus amigos; e, se José não tomasse juizo, que o punha no olho da rua. A filha de Eusebio Macario não tinha resistencias, caprichos com o marido. Elle era rude, aspero, esquivo a caricias. Já lhe tinha dito que não queria que o cunhado tivesse demasiadas palestras a sós com a irmã; tinham-lhe contado estroinices, comezanas no Reimão, nos kiosques do Maneta

com alguns sucios, actrizes pelintras e mulheres dos cavallinhos. Fallára ao sogro a esse respeito; e Eusebio Macario observou que o rapaz era telhudo; muito asno com o mulherio; mas estaria talvez na mão de seu genro corrigil-o, dando-lhe na sociedade uma posição séria, definida. O barão entendeu que se tratava d'um emprego na alfandega ou no governo civil; prometteu cuidar d'isso.

Mas a idéa de Eusebio Macario ia mais longe por vias tortuosas, guiado por um conductor que pareceria infame n'um paiz menos civilisado. Elle meditava no casamento do filho com Felicia. Sabia que o dote, se ella casasse á vontade do irmão, seriam cem mil cruzados. N'esta boa comedia da sua phantasia risonha, o personagem do abbade pertencia ás *figuras que não fallam.* O amante de Felicia não pesava nada na consideração de Macario; ao mesmo tempo o barão, prudente e delicado, pensando alguma vez em casar Felicia com o cunhado, não aventára a idéa por entender que as suspeitas relações da irmã com o abbade impediriam o consentimento de José Macario, se elle tivesse algum brio. O homem não sabia com que gente se mettera, posto que, uma vez ou outra, lhe lembrasse a phrase do abbade: «Estes Macarios são de má raça».

O pai communicou á filha as suas idéas; — que morreria feliz deixando o José rico pelo casamento com Felicia; que a historia do abbade eram aguas passadas, esquecidas, cousas ignoradas no Porto, e que o dinheiro era um sabão que lavava todas as no-

doas. A baroneza abundava no conceito que o pai fazia do sabão. Não lhe occorreu contrariedade alguma, a não ser a vontade de Felicia. Promettia palpal-a; que daria resposta.

O abbade apparecia de mez a mez; tivera uns leicenços, suppurára e melhorára do rheumatismo. Revia-lhe sangue renovado, facilitavam-se-lhe as digestões, nutrição rapida a olhos vista. Eufemia tinha uma justificada basofia da gordura do padre: era um triumpho sobre Felicia, que o trazia magro, emplasmado, todo carunchoso, na espinha. Na freguezia dizia-se que elle era outro desde que a Felicia se fôra. Mulheres beatas attribuiam as melhoras á separação da femea, que andára fóra da graça de Deus, empeccadada dezeseis annos. A Troncha regalava-se de o vêr dentro da graça divina que o engordava com o auxilio de bifes de lombo, de gallinhas recheadas e patos assados. N'esta alimentação gelatinosa, o abbade provocava tentações, aguilhoadas do inimigo das pessoas fartas. O demonio foge dos anemicos e chloroticos; despreza-os quando os reduz a isso; d'ahi, os santos e as santas, as magras Therezas de Jesus e Margaridas de Cortona, os esburgados Antões e Pacomios anachoretas. A Felicia, vendo-o tão mudado, tão fresco e bom, dava-se interiormente a pêrros, sentia-se affrontada, envergonhada da Eufemia que havia de dizer: «Fui eu que o puz assim». Elle contava á baroneza e á Felicia com intenção velhaca as qualidades impagaveis da Eufemia, o seu bom governo, a limpeza da casa, os petiscos que cozinhava, muita creação de patos e

perús, ricos cevados, sabia fazer creme, dôces de calda, e trazia a seccar muitas travessas de marmelada.

— Estou muito bem — dizia — estou muito bem, graças ao Altissimo; e trato de comer e beber e passear; a abbadia dá p'ra tudo; tenho coadjutor a quem empurro as maçadas; e ando com idéas de me propôr deputado; quero ir até Lisboa; vêr mundo, divertirme; isto da vida são dous dias. Leve o diabo paixões e mais quem com ellas medrou.

A Felicia ganhou-lhe odio, sem intervallo lucido de amor nem saudade, odio estreme. Quando elle apparecia, sumia-se, detestava-o, pedia a Nossa Senhora que lh'o tirasse da vista dos olhos.

O José Macario tratava-o com muita frieza, com seccura, modos enfastiados, e dizia á irmã que era preciso acabar com aquellas relações. O barão dissimulava discretamente: tratava-o bem, poucas familiaridades — amigo abbade, meu caro senhor abbade, venha quando quizer, sempre ás suas ordens — e morto pelo vêr pelas costas. O Eusebio Macario, muito á puridade, confidenciou-lhe que fizesse elle da sua parte por não dar a entender que houve cousas com a irmã do seu genro que não desconfiava nada por em quanto.

— Então o seu genro é uma cavalgadura maior da marca! — disse o abbade. — Não tinha dito em toda a sua vida nada melhor, o padre.

Uma vez, a baroneza disse ao irmão:

— Vamos conversar a respeito d'uma cousa muito séria. Olha que o barão já sabe da tua doudice com a Paschoela.

— Sabe? ó diabo! quem lh'o disse? E deu cavaco?

— Mas muito; ficou levadinho da trúpia; que se não mudasses de rumo te punha no olho da rua.

— Ora essa!... por causa d'aquella catraia!

— Pois sim; mas tu bem sabes que elle é amigo do Trigueiros; e mais já me prohibiu de receber a Paschoela; diz que a vão metter no convento. Contaram-lhe na Praça a vida d'ella. Diz que é uma marafona.

— Muito grande — concordou o cynico — mas ainda as ha maiores e ninguem diz nada d'ellas.

— Não sei; ella não te larga, tem paixão por ti; e, se o marido se torna a queixar, como isto ha de ser é que eu não sei. O que elle quer é o que se faz; e já me disse que quem governa é elle; que ninho atraz da orelha ninguem lh'o fazia.

— Palavra! deixo a pêga, palavra d'honra! Já estou aborrecido; sustento isto por honra da firma. Acho-a muito ordinaria. Aquillo endossa-se.

— O quê? — A baroneza não conhecia o termo commercial. — O que é *endossa-se?*

— Empurra-se — explicou. — Passo-a ao Thomé, o da Presiguêda, aquelle que tem um cavallo pigarço. Conheces?

— Eu sei lá quem é!... Olha, porque não casas tu?

Fallou em riquezas, n'um bom dote, cem mil cruzados. Se elle achasse uma mulher com quarenta contos como a sua cunhada! Que pechincha! Que a

*

Felicia, qualquer dia, era pedida pelo commendador Penetra que a não largava; já lhe tinha escripto pelo mulato da cavalhariça; mas ella não gostava d'elle. E um fidalgo de Lamego que mandára fallar ao barão; mas andava-se a tirar informações. Depois, pintou a felicidade de viverem juntos, toda a vida, elle com a sua fortuna, senhor de gastar do que era seu, ter uma mulher de bom genio, muito caseira, uma pobre pachola. E de repente, com um alegre arremesso: — Porque não casas com a minha cunhada, ó Zé?

Ella receava má resposta quando lhe viu esbugalhar os olhos; mas o José, n'uma attitude cordata, natural, e umas pausas circumspectas:

— Olha que já tenho pensado n'isso algumas vezes, Custodia!... Tenho pensado n'isso...

E ella muito jovial: — Ainda bem! Ainda bem! Mal sabes que alegria me dás!

— Mas o barão dará os quarenta, ou isso será palanfrorio, estardalhaço?

— Tu és tolo! casa tu, que o dinheiro está aqui, está-te nas unhas. Agora, hei de fallar-lhe; que ella faz o que nós quizermos.

O Fistula, desde então, sahia pouco de casa, dizia palavras meigas, n'um tom de doçura contrafeita, á irmã do barão. Não respondia ás cartas da Paschoela, que promettia suicidar-se, e dava com a janella na cara ao Thomé da Presiguêda, o do cavallo pigarço. Macario tinha dialogos com Felicia, resolvia escrupulos, ria-se das duvidas pudibundas da

amiga do abbade, garantia-lhe a indifferença do Zé, com juramentos, como quem attestava a probidade de seu filho. O barão andava satisfeito, muito risonho com o cunhado, dava-lhe libras, dizia o diabo de Paschoela, e queria que a sua casa fosse um modêlo de honra. Uma vez, o José para se exprimir sensivelmente, apanhou de surpreza a Felicia, e deu-lhe alguns beijos famintos, mordentes, sorvidos, causticos como ventosas, na cara, no pescoço, com a paixão quente e descomposta de um noivo moderno, como os de Teixeira de Queiroz. Ella safou-se muito admirada, muito escarlate, n'um incendio de pudor que faria a alegria dos anjos.

XI

N'UM dia de junho de 1850, o abbade de S. Thiago da Faya, muito inflammado, entrou no hotel da Aguia, na Batalha, e comeu, atabalhoado, muito alvoroçado, com gestos de doudo, uma costelleta que empurrava com tragos de vinho. Desceu ao botiquim, e pediu café e cana. Havia pouca gente. Homens de grandes cabellos, sem bigodes, com fraques coçados no fio e cadêas vistosas de latão a tremeluzir nas calças brancas espipadas nos joelhos e avincadas de surro, bebiam cerveja da pipa com os queixos espumosos. Eram actores da companhia do João Manoel, vocações de tripeça falsificadas na rampa. Em outra mesa havia homens de aspecto bilioso, grisalhos, com oculos, que liam o *Periodico dos Pobres* em voz alta, e chamavam ladrão ao conde de Thomar, e malandro ao Joaquim Torquato. Eram pes-

soas desasadas, desencadernadas, que tinham tido patentes militares na Junta suprema, e viviam do jogo com baralhos marcados e muita habilidade no uso do pêgo. A um canto estava um velho de semblante livido, muito desgraçado, com um chapéo enorme de sêda d'um azulado decrepito, com um grande cigarro no canto da bocca. Ao lado, sobre um mocho, via-se uma guitarra com manchas gordurosas de suor que punham brilhos, e aos pés um cão d'agua com o felpo encarvoado, cheio de torcidas, encaroçado, dormia, e acordava de salto, apanhando com muita furia, no ar, as moscas que lhe picavam as orelhas. Era o José das Desgraças, o legendario mendigo, que morreu de saudades do seu cão, aggravadas pela fome.

Entrou no café um sujeito gordo, bem vestido de preto, cara rapada, com oculos azues e bengala de castão de prata.

— Um café!

— Prompto, senhor doutor Viegas — disse um rapazola em mangas, vestindo a blusa para servir o café. — Cognac?

— Sim, e charutos de pataco.

O abbade, ouvindo proferir *Viegas,* lembrou-se do facultativo que estivera em S. Thiago da Faya, e levára a sova de Eusebio por causa da Canellas. Reparou; mas não podia ser. O outro, que elle ainda conhecera, era magro, escanifrado, côr de terra secca, não tinha oculos, e usava bigode e pera. Não podia ser.

Chamou o rapaz, e mais por curiosidade que por verificar, perguntou-lhe:

— Aquelle senhor doutor Viegas é cá do Porto?

— É, sim, senhor; é o medico do hospital do Terço.

— Sim? é medico? Então póde ser; mas está muito mudado — pensava. — Vou-me desenganar.

Levantou-se, foi direito ao Viegas que o encarava por cima dos oculos, dobrado sobre a chavena, e disse:

— Vossa senhoria ha de perdoar a minha confiança. Ouvi chamar-lhe doutor Viegas. Dar-se-ha caso que vossa senhoria seja um que estava aqui ha treze annos em Cabeceiras de Basto?

— Sim, senhor, sou eu mesmo — respondeu, olhando-o a fito, e exclamando com o impeto da surpreza: Ó abbade! vossê é o abbade de S. Thiago da Faya!

E erguendo-se, abraçaram-se n'uma grande cordialidade de barrigadas; que nunca mais se tinham visto; que se lembravam um do outro a miude; que felizes tempos! as illusões da mocidade; as forças desperdiçadas em asneiras aliás agradaveis; que o dinheiro dava regalias; mas não dava a felicidade. E então o Viegas contou que fôra para o Marco de Canavezes fazer clinica depois que sahiu de S. Thiago; que casára bem com uma viuva que salvára d'um typho; e, como estivesse aborrecido da aldêa, liquidára em boas libras a fortuna da mulher, e mudára a residencia para o Porto, com tenção de estu-

dar, e ir a concurso de alguma cadeira vaga na escóla medico-cirurgica. Que para se entreter se annunciára nos jornaes como especialista de molestias de figado em que tinha feito profundas analyses e experiencias. Começou a ser consultado com tanta felicidade que em poucos annos adquirira grande reputação, principalmente com os brazileiros.

Que tinha enviuvado, e passára a segundas nupcias com uma senhora fina de quem tinha tres rapazes e uma menina; que era medico de varios hospitaes; e abandonára a idéa do magisterio por não querer luctar com a corrupção do jury da escóla. Disse os nomes dos que vendiam o voto por dinheiro, por influencias de mulheres devassas, por politica; de resto, eram todos umas descompassadas bestas, a vergonha da sciencia e do paiz. Disse que o doutor Assis tinha sido barbeiro antes de emigrar, e que o Braga dos Lavadouros, o quinhentista, de camelia na mão e barbas de Hypocrates, era uma lamina que n'um paiz onde houvesse critica e protomedicato seria um simples enfermeiro de hospital. O Viegas tinha sido excluido em tres concursos, como ignorante e desmoralisado; sobejavam-lhe razões de queixume.

Saltaram para outro assumpto:

— Que me diz vossê, abbade, á baroneza do Rabaçal?

— Pois já sabe?

Pois não havia de saber! Elle era medico do commendador Aguiar. Sabia tudo. Que a tinha visto de

calecha, com o marido, e com o pai, o boticario, o Eusebio—e batia-lhe no hombro—o marido da Rosa Canellas.—E aquelle garoto, o Zé, que me diz vossê áquelle Zé? Anda por ahi bem montado, a quebrar as calçadas, de luneta, com historias escandalosas, mettido com uma Trigueiros, muito safada. É verdade! e a Felicia? Tambem a tinha visto no theatro; parecia uma velha dama de copas, com muitos caracoes, e muitos ouros, com ares palermas, a olhar para o tecto, e a apontar para as figuras. Como se despegára o abbade d'aquella boa praça?

O abbade, suspirando, com ares cynicos:

—Como me despeguei? O irmão tinha chelpa, e ella raspou-se. Adeus, minha vida! Entrou outra. Estupores que me comam a abbadia são ás duzias: é a mim, a mim! Mas vossê não sabe tudo pelo que vejo. Não sabe que a Felicia casou.

—Que me diz, abbade? Lá que ella vinha a casar sabia eu, porque o Aguiar me disse que o irmão lhe dava um grande dote, quarenta contos. Casava com quem quizesse.

—Pois casou com o José Macario, casaram hontem, alli em Santo Ildefonso, ás seis horas da manhã, e partiram no vapor esta manhã para Lisboa, os canalhões.

Viegas gargalhava, e dizia: Oh! que pulhas! que pulhas! que pandilhas! que malandros!

—Deixe-me contar-lhe, Viegas; ouça, que isto tem graça... Dê cá o lume—e accendia o cigarro, impando as bochechas com muito fumo, que engulia

e resfolegava, soprando a cinza. — Eu lhe conto. Aqui ha tempos a esta parte, o barão e mais a porca da mulher, e o corno do sogro, olhavam-me de esguelha. Eu comprehendi a cousa; mas fiz que não entendia, porque — veja vossê o diabo! — eu gostava da Felicia; era uma mulher de appetite, muito bem conservada, carnes rijas como isto — e batia no marmore da mesa com a mão espalmada — uma grande mulher, uma perfeição. Depois, a costumeira de dezeseis annos; estava afeito; por mais asneiras que fizesse por fóra, aquella era preferida cá n'este diabo d'esta cousa que se chama coração. Gostava de a vêr, vinha ahi de mez a mez; não lhe podia fallar; a bebeda fugia de mim; mas eu, por mais que fizesse, não podia esquecêl-a. Cheguei a chorar, doutor, cheguei a chorar como uma criança, escondido...

— Mas vossê está bom e gordo, abbade! — observou o clinico.

— Isto foi depois que o tempo me foi curando, meu amigo; mas, ao primeiro, estive como um arenque. Não faz idéa, doutor!... Aqui ha tres dias, mandei ao barão dous presuntos e tres duzias de salpicões, e escrevi-lhe que chegava hoje ao meio dia, e lá ia bater ao ferrolho para jantar. Chego á porta, e diz-me o guarda-portão: «Os senhores foram hoje p'ra Lisboa». — Todos? — Todos; foi o snr. Eusebio, e mais o snr. Josésinho e a senhora d'elle... — O snr. José Macario casou? — Casou hontem com a mana do senhor barão; casaram de ma-

drugada e foram estar dous mezes na capital. Diz que iam p'ra Cintra.

Fiquei estarrecido, imagine vossê! E o guarda-portão a olhar p'ra mim: — Pois é verdade. Aquelle pechinchou. O senhor barão dotou-a com cem mil cruzados em dinheiro; fez-se a escriptura antes de hontem; e de mais a mais, ella é verdade que não é nova, mas ainda tem muito que romper. Quando foi p'r'á igreja, ia ahi arreada que parecia uma princeza! fazia muita vista! um bom bocado!

— Que corja! — não pude deixar de lhe dizer — que corja! — Metti esporas á egoa, fui guardal-a na estalagem do Cantinho, e andei por ahi como uma alma penada, capaz de lhe escrever uma carta ao Fistula, áquelle pelintrão, descarado, e dizer-lhe que tivesse vergonha, que se enforcasse; que eu ia atirar ás folhas a vida da Felicia, da safardana, que eu tirei de guardar cabras em Barrozo.

— Não faça isso — aconselhou o Viegas — não faça isso, que lhe fica mal, e nada remedeia. Coração ao largo, abbade. Receita de medico: o pêllo do mesmo cão. Vingue-se conservando essas boas apparencias de saude; e para não estar a malucar, venha d'ahi commigo, vamos dar um passeio.

Estava, pois, constituida e bifurcada a *familia-Macario,* no tempo dos Cabraes, cujo reinado expirou no anno seguinte. Horisontes novos vão rasgar-

se. Adubos tão crassos devem rebentar em vegetações feracissimas.

—

O abbade, dias depois, reconciliado com a desgraça, entrava na residencia, e perguntava a Eufemia:

— Ó rapariga, tu tens irmão no Brazil?

— Porque perguntas isso, ó idolatrado?

— É que, se tivesses, qualquer dia elle entrava por ahi dentro barão; e eu, n'esse caso, precisava ir desde já deitando o olho a quem me viesse governar a casa.

E ella, explosiva de riso e ternura:

— Isso é o que tu querias, idolatrado!

E punha-se a catal-o.

Eufemia, quando era costureira de M.me Guichard, teve um segundo-sargento a quem chamava o seu idolatrado. Depois d'esse teve nove, uma sucia, incluso o abbade, todos idolatrados. Ella ardêra muito sem se gastar, como a sarça de Moysés. Cada vez mais gorda e frescal. O abbade, em momentos de rapto religioso, dizia cheio de unção: Os céos indemnisaram-me da ingratidão da outra bebeda.

FIM

HISTORIA

A

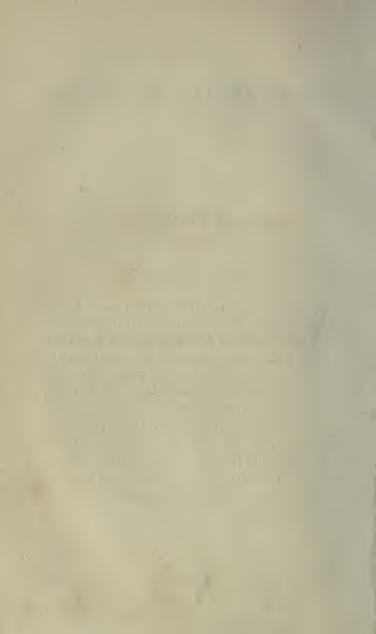
FERNANDES COSTA

TENENTE D'ARTILHERIA E ESCRIPTOR PUBLICO

Conheço apenas de nome o escriptor exemplar a quem offereço este livro. Elle que m'o aceite como um aperto de mão dado por homem que não sabe lisonjear. E' já agora raridade nas letras portuguezas um entendimento lucido que esplende em linguagem cheia das antigas energias portuguezas rendilhadas com buril moderno. Quando assim encontro um companheiro n'este areal esteril, paro e curvo a cabeça coberta dos cabellos brancos que precocemente alvejaram na lida de escrever, não direi acerba, porque o trabalho é uma consolação — a consolação dos deveres cumpridos.

S. Miguel de Seide, Maio de 1879.

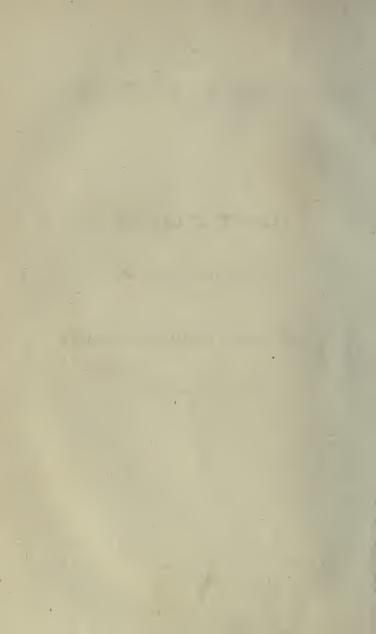
PREFAÇÃO

A PARTE historica d'este livro, relativa a personagens da parcialidade de D. Antonio, prior do Crato, não deve considerar-se fragmento do livro que intento escrever ácerca do filho do infante D. Luiz e seus descendentes. É apenas um bosquejo de biographias estudadas com o fim de me ir familiarisando com os individuos mais notaveis do partido do pretensor, a quem faltava legitimidade e dignidade para rei em época tão perigosa e mingoada de amor patrio, de força e de virtudes. Como estudos, estas biographias poderão tolerar-se; como processo historico seriam imperfeitissimos quadros da monographia delineada.

ESTUDOS

PARA A FORMAÇÃO DO LIVRO

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO

E SEUS DESCENDENTES

I

DUARTE DE CASTRO

Desde o reinado de D. Manoel ha memorias de se haver chamado *Fangas da Farinha* o espaço hoje occupado, em Lisboa, pelo tribunal da Boa Hora, parte da rua do Almada e travessa de S. Nicolau. Ahi se inaugurou no começo do reinado de D. João III o primeiro *Pateo de Comedias* que teve Portugal por concessão d'um opulento christão-novo, senhor do terreno contiguo á sua vasta casaria, de cujos balcões manoelinos elle gozava talvez as representações dos Autos de Gil Vicente e Antonio Prestes. Desde 1550, aquella casa, convisinha do *Pateo,* chamou-se o «palacio dos senhores de Barbacena» por motivo que logo direi aos poucos que o desconhecerem; mas n'aquelle anno era Antão de Castro o rico possuidor da casa e do *Pateo*. Este homem, des-

cendente de hebreus, transigira com as prescripções de D. Manoel e convertera-se mais ou menos sinceramente; ao passo que os seus parentes se exilaram em Amsterdam, onde ainda no seculo passado havia os Castros, ramificações d'esta poderosa familia de Lisboa, que ainda hoje as tem no Porto e em Traz-os-Montes [1]. Antão de Castro teve dous filhos: Diogo e Luiz. Sem embargo da nodoa israelita, casou Diogo com Brites Vaz, de familia illustre, prima do tristemente celebre Tristão Vaz da Veiga, que se vendeu com a fortaleza de S. Julião ao duque d'Alva. D. João III, que, em crises do erario, recebera donativos valiosos do hebreu converso, fizera-lhe os dous filhos cavalleiros da Ordem de Christo e fidalgos da casa real. Depois, a rainha D. Catharina, regente, quando foi do cerco de Mazagão, pedira-lhes emprestados 150:000 cruzados. Os Castros deram a enorme quantia e dispensaram a

[1] Antão de Castro e Manoel Caldeirão eram, no começo do seculo XVII, os negociantes mais ricos de Lisboa depois de Heitor Mendes de Brito, que alliou seus filhos ás familias de primeira classe. N'aquelle tempo, era vulgar o dito proverbial: «ha de mister a renda de Heitor Mendes». Um d'estes Mendes, de alcunha o *Benveniste,* quando a feitoria de Anvers não pôde pagar 300:000 cruzados, divida de D. João III, pagou-a elle, o hebreu, em reconhecimento ao pai do devedor que o deixaria arder, se elle não preferisse a fuga para judaisar livremente. Os Mendes e os Caldeirões que ficaram na patria judaisavam a occultas, como provou a Inquisição, condemnando um a carcere e outros á fogueira.

rainha de os embolsar. D. Sebastião, para galardoar tão rara liberalidade, amerceou-os com honras de fidalgos solarengos na quinta do Rio de Sacavem, permittindo-lhes que se assignassem *Castros do Rio*, por CARTA de 15 de julho de 1569 [1].

Diogo de Castro do Rio comprou por esse tempo a D. Jorge Henriques, senhor das Alcaçovas, o senhorio da villa de Barbacena por 25:000 cruzados, vinculou-o e formou um vastissimo morgadio. Desde então a casa do mercador das *Fangas da Farinha* nobilitou-se em «palacio dos Barbacenas», assim conhe-

[1] Fr. Manoel de Santo Antonio, author do THESOURO DA NOBREZA DE PORTUGAL, ms. existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, traslado do original, que possuo, com 836 brazões illuminados, erra a data da carta, datando-a de 1561, e o snr. visconde de Sanches de Baena igualmente no seu ARCHIVO HERALDICO, pag. 138, n.º 545. D. Sebastião em 1561 tinha sete annos, e começou a reinar em 1568. Nenhum d'estes genealogicos ou copistas de genealogias menciona uma resalva estipulada na carta de fidalguia solarenga concedida aos dous Castros do Rio. Joaquim José Ferreira Gordo, visitando em 1790 a Bibliotheca Real de Madrid, encontrou na *Est. H* n.º 51, fol. 174, em papeis de D. Sebastião a *Carta por que faz fidalgos de solar conhecido a Diogo e Luiz de Castro e descendentes de um e outro* SEM EMBARGO DO DEFEITO DE NASCIMENTO. (MEMORIAS DE LITTERATURA PORTUGUEZA, tom. III, pag. 49).

Por causa d'esta procedencia de *defeito de sangue* diz o TIÇÃO DO INFERNO (*Notas* ás arvores dos costados de D. Tivisco, ou Manoel de Carvalho de Athaide, ms.) que os senhores da casa de Barbacena *nunca puderam habilitar-se no Santo Officio.*

cido até 1755. Diz fr. Bernardo da Cruz na CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, pag. 296, que Diogo de Castro *por mercancia chegou a ajuntar e deixar em a morte novecentos e tantos mil cruzados.*

Teve Diogo de sua mulher Brites Vaz os seguintes filhos:

1.º Martim de Castro do Rio, segundo senhor de Barbacena, que casou com D. Margarida Henriques, filha de Jorge Furtado de Mendonça. D'esta alliança procede a casa de Barbacenas, cujo setimo visconde e segundo conde, famoso general do senhor D. Miguel de Bragança, morreu em 25 d'agosto de 1854. Este Martim de Castro esteve na batalha de Alcaçar, foi chamado para conhecer o corpo de D. Sebastião acutilado, e não pôde decidir-se: tal era a deformidade do semblante contuso e roxo das excoriações. (CHRONICA DE D. SEBASTIÃO citada, pag. 296). Demorou-se em Marrocos alguns mezes, e foi dos primeiros resgatados [1].

---

[1] Martim de Castro do Rio era poeta. No CATALOGO DOS MANUSCRIPTOS DE EVORA, tom. II, pag. 97, archiva-se um soneto d'este segundo senhor de Barbacena que principia:

Pede-me de si mesmo o tempo conta;

mas de certo não foi com o soneto que elle se fez amar de D. Margarida [1]. Estes Furtados de Mendonça eram pouco

---

[1] Miguel Leitão de Andrade na sua MISCELLANEA imprime um soneto que principia:

O tempo já de si me pede conta.

Como imprime versos alheios sem os authorisar, póde ser que este soneto seja o de Martim de Castro.

briosos de sua prosapia ou estavam muito de quebra com o dinheiro. D'esta mesma casa e pelo mesmo tempo, D. Catharina da Silva casou com André Caldeirão, filho de Manoel Caldeirão, christão-novo muito rico. Uma irmã d'este André casou com Jeronymo da Veiga Cabral, filho de Tristão Vaz da Veiga, o infamado governador do castello. D'esta alliança procedem os Veigas Cabraes de Traz-os-Montes. Outro irmão d'aquelle André foi lente em Coimbra e desembargador dos aggravos. A Inquisição teve denuncia de que elle judaisava, e metteu-o no carcere do Rocio. Em 21 de abril de 1632 sahiu o velho desembargador no auto da fé que se fez na Ribeira, onde lhe metteram na mão uma vela em quanto lhe liam a seguinte sentença: *Accordam os inquisidores, ordinario e deputados da santa Inquisição, que, vistos estes autos e os urgentes indicios que d'elles e da justiça resultam contra Francisco Caldeirão, christão-novo, doutor em leis, lente jubilado na Universidade de Coimbra, desembargador dos aggravos da casa da supplicação, natural e morador d'esta cidade, réo preso que presente está, de elle, depois do ultimo perdão geral, viver apartado da nossa santa fé catholica e de ter crença na lei de Moysés, esperando salvar-se n'ella, e de a communicar com pessoas da sua nação, apartadas da fé, declarando-se com ellas por judeu, e de fazer seus ritos e ceremonias, e de se achar em ajuntamentos judaicos solemnes. O que tudo visto e o mais que dos autos consta, havendo respeito á qualidade da prova da justiça não ser bastante para maior condemnação, mandam que o réo em pena e penitencia das suas culpas vá no auto da fé na fórma costumada, com uma vela na mão accesa, n'elle ouça a sua sentença e faça abjuração de vehemente suspeito na fé e por tal o declaram, e terá carcere a arbitrio dos inquisidores, e será instruido nas cousas da fé necessarias á salvação da sua alma, e cumprirá as mais penas e penitencias que lhe forem impostas, e pague as custas.* — DIONYSIO OSORIO DE CASTRO.

Este christão-novo tinha succedido nos vinculos insti-

tuidos por seu avô, em consequencia da morte de André sem geração. Era muito rico e tinha cinco filhos e duas filhas. Manoel, o mais velho, envergonhado da deshonra do pai, renunciou os morgadios e fez-se cruzio; passou a casa a um irmão que morreu sem descendencia, e depois a um Rodrigo, que casou com sua prima, neta de Tristão Vaz da Veiga. Este casal produziu o maior dissipador que viu Lisboa n'aquelle seculo, Francisco Caldeirão da Veiga Cabral que esbanjou centenares de mil cruzados e deixou tres filhas, as chamadas *Caldeironas,* que de miseraveis passaram a ridiculas, e viviam em 1720 enxovalhadas pelos poetas. Tinham um grande vinculo que o pai não pudera alienar, o morgadio dos Caldeirões que seu primo João da Veiga Cabral, mestre de campo dos auxiliares de Villa-Real, lhes tirou com revoltante injustiça. Um irmão d'este sujeito escreveu a genealogia da sua familia; mas d'aquelle desembargador seu avô, que sahiu no auto da fé, apenas lhe lembra os postos honrados que elle teve na magistratura. Foi este empavezado genealogico governador da praça da Nova Colonia do Sacramento. Roubou em barda. Veio rico, e fez-se governador de Abrantes. Em 1726 voltou ao Brazil, onde ainda tinha que explorar. Prenderam-o lá, e remetteram-o a Lisboa, em cujo castello morreu por 1730. Foi pena que elle não se inscrevesse na sua arvore heraldica adornado com as qualidades que o levaram ao castello de S. Jorge. Da descendencia de seu irmão João da Veiga Cabral sahiu um bispo de Bragança que, no principio do seculo actual, fazia milagres, e tambem sahiu o brigadeiro barão de Paulos, do tempo do senhor D. Miguel, muito notavel não por estrategia, mas pela força herculea com que partia uma ferradura entre os dedos. Conheci em Villa-Real as ultimas representantes de Caldeirões Veigas Cabraes. Eram duas velhinhas que viviam em extrema pobreza, e pareciam estar pagando a miseria a que seu quinto avô reduzira as celebradas Caldeironas de Lisboa, de quem eu dei copiosa noticia no tom. I da CAVEIRA DA MARTYR.

2.º Duarte de Castro, de quem fallarei largamente.

3.º D. Beatriz, mulher de D. Jorge de Menezes, filho do setimo senhor de Cantanhede [1].

4.º D. Maria do Rio, mulher de D. Francisco de Moura, estribeiro-mór do infante D. Duarte. D. Francisco morreu em Alcaçar; e ella casou em segundas nupcias com Antão de Oliveira d'Azevedo, estribeiro-mór do cardeal-rei. Acabou a descendencia do primeiro marido em 1649 na pessoa de D. João Telles de Menezes.

---

[1] Este D. Jorge era já casado quando ficou captivo em Alcaçar. É do numero dos primeiros oitenta fidalgos resgatados. Sua sogra Brites Vaz emprestou-lhe 2:000 cruzados para ajuda do resgate, e deu-lhe mais, além do dote da filha já esbanjado, 4:600 cruzados para compra de terras e vassallos em S. Silvestre do Campo, no termo de Coimbra, onde elle com a mulher e sogra vivia em 1580. Tinha D. Jorge um irmão, D. Antonio de Menezes, que rejeitára D. Maria, irmã da cunhada, apesar do grande patrimonio; e porque era quasi pobre ficou nas sejanas de Fez até mais tarde. Regressando á patria, procurou em Paris D. Antonio, prior do Crato, foi do seu conselho d'estado, e morreu exilado, deixando dous filhos illegitimos, um dos quaes andou ao serviço de Hespanha; mas mudou de nome e chamava-se Joseph Furtado. (Vej. JORNADA DE AFRICA, por H. de Mendoça; HIST. GENEAL. DA CASA REAL, tom. V, pag. 273; GENEAL. ms. *de Montarroyo,* art. MENEZES). D. Jorge foi perseguido e temporariamente desterrado por Philippe II como suspeito de intelligencias com o irmão residente em França. Em louvor de ambos escrevia D. Antonio ao Papa Gregorio XIII na carta latina que está vertida

5.º D. Isabel de Castro, primeira mulher de Ayres Telles de Menezes, alcaide-mór da Covilhã, que ficou captivo em Marrocos e morreu logo depois do resgate.

Sabe-se pois com quem fidalgamente casaram os netos de Antão de Castro, opulento mercador das *Fangas da Farinha;* não pude, porém, apesar de muito lidar com genealogias, descobrir com quem casou Duarte de Castro do Rio, o immediato ao segundo senhor de Barbacena. Veremos depois que fortes razões se deram para que os linhagistas, quasi sempre abjectos e servis, expungissem o nome da mulher infamada pelo marido.

---

para francez em o livro intitulado EXCELLENT ET LIVRE DISCOURS, etc., impresso em 1607: ...*Ce mesme Prince* (Philippe II de Castella) *a traicté tellement* liberalement *Dom George et Dom Anthoine de Meneses, fils de Dom Jean Seigneur de Cãtanhede et nepveus du fils du Comte de cette mesme ville, de m̃aniere qu'il apprehenda celui-là, et contraignit l'autre, apres l'avoir fait chercher par les champs, forets et bois de se refugir finalement en France. Au reste Dom Anthoine de Meneses, outre que tous scavent qu'il est procreé de tres-noble sang (car cela est commum à la tres-ancienne famille de Meneses) perdit les tres-amples et tres-riches jurisdictions et dignitez de Zofala et Mozambique desquelles il avoit esté honore du Roy Dom Henrique, et non sans grande louange et gloire les laissa au Roy tres-avaricieux.*

Os haveres de D. Jorge e Beatriz, cuja descendencia acabou, estavam no seculo XVIII, quando o padre Carvalho escreveu a CHOROGRAPHIA, na casa de Cantanhedes e Marialvas.

Nasceu Duarte de Castro cerca do anno 1552. Esteve na batalha de Alcaçar, como seu irmão Martim e seus cunhados D. Jorge de Menezes, D. Fernando de Moura e Ayres Telles. O seu nome devia lêr-se no rol dos mais poderosos que primeiro se resgataram ou com o de seu irmão Martim que se remiu por 15:000 cruzados, e está na lista que Mendoça fez dos captivos em Marrocos. Como não se lê em algum dos róes é de presumir, se não certo, que fosse um dos cavalleiros que bateram de noite ás portas de Arzilla, e deram a perceber que ia alli o rei para que lh'as abrissem. Como quer que seja, frei Bernardo da Cruz escreve na Chronica, pag. 292: «... Sem escaparem d'aquella batalha mais que cincoenta homens pouco mais ou menos, entre os quaes foram estes fidalgos: D. Rodrigo, pagem do arremessão d'el-rei, D. Diogo de Mello, um filho de Lopo Vaz de Mello, Duarte de Castro do Rio, Thomé da Silva e Gaspar de Sousa Lobo». Aquella minha conjectura tem bom fundamento, se não me engano; porquanto o segundo do grupo que frei Bernardo da Cruz nomeia é *Diogo de Mello;* e foi este, refere a historia, quem fingiu D. Sebastião em Arzilla, dando-se ares do monarcha, no ar mysterioso e cabisbaixo com que entrou na fortaleza. Parece que o frade de proposito quiz apontar os cinco fugitivos, citando-os entre os poucos que escaparam; e eu não duvidarei escrever hoje em uma monographia da batalha de Alcaçar, e no vergonhoso episodio, aquelles nomes ignorados. O corregedor da frota Diogo da Fonseca deu-lhes es-

capúla mettendo-os a bordo do galeão *S. Martinho,* que os transportou sãos e salvos a Lisboa. Diogo de Mello supplicára ao corregedor que o salvasse e aos seus innocentes companheiros das iras do povo, já sabedor do engano. Depois do heroismo da fuga aos sarracenos seria desmerecida desgraça que morressem apedrejados em Arzilla tão primorosos cavalleiros! Quanto ao algarismo pouco mais de cincoenta a que restringe a chronica os vivos — erro repetido por Manoel de Faria e Sousa — veja-se *Hieronymo de Mendoça,* na Jornada de Africa. Só os primeiros que se cortaram em 400:000 cruzados eram oitenta; e pouco menos seriam os captivos em Marrocos [1].

[1] Os nomes dos fugitivos que ardilosamente se metteram em Arzilla parece que foram desconhecidos a Miguel Leitão de Andrade que teve parte na desastrosa batalha. Expondo a causa das duvidas sobre a morte de D. Sebastião, escreve: «... o que fez duvidar a muitos ser este o corpo de D. Sebastião, e que elle se salvára da batalha foram uns embuçados que na mesma noite da batalha entraram em Arzilla e se embarcaram embuçados em um navio da armada... Onde eu quizera que (Hieronymo de Mendoça) pois d'isso deveu ter informações verdadeiras (do que eu nada sei) e teve razão de saber quem fossem estes embuçados, os houvera de nomear para se fazer com elles diligencia por não dar materia de mais duvida, pois n'isso se arriscava tanto menos, principalmente porque nenhuma ignominia foi salvar-se de uma batalha tão perigosa... Porém, pois este embuçamento deu causa ainda a tantas desventuras, mais fôra muito bom que Pero de Mesquita que era ca-

Apparece depois este Duarte de Castro entre os mais estrenuos amigos de D. Antonio. Não o encontro, é certo, na acclamação tumultuosa do prior em Santarem, com D. Francisco de Portugal, com Antonio Baracho e seu irmão Gabriel, fidalgos de Villa Franca de Xira que soltaram intrepidamente o *Real, Real por D. Antonio* [1]. Nas primeiras agitações do filho do infante D. Luiz, os livros e codices que consultei não nomeiam Duarte de Castro; mas, no re-

pitão em Arzilla publicára ao mundo todo quem foram estes embuçados, e que Hieronymo de Mendoça os desembuçára de todo, e ainda que n'isso se lhes seguira aos mesmos grande menoscabo de suas pessoas, os houvera de nomear pela maior obrigação que temos ao bem commum do reino e á nossa republica». MISCELLANEA DO SITIO DE NOSSA SENHORA DA LUZ DO PEDREGÃO GRANDE, pag. 198, 1.ª edição.

[1] Rebello da Silva, no sequito dos historiadores hespanhoes e italianos, escreve que Antonio Baracho, primeiro acclamador de D. Antonio, era um official mechanico. (HIST. DE PORT. NOS SEC. XVII E XVIII). Não é verdade. Os Barachos eram das familias principaes de Villa Franca de Xira, e tem o seu brazão no LIVRO DOS REIS D'ARMAS, e copiado por frei Manoel de Santo Antonio, reformador do cartorio da nobreza, no seu THESOURO DA NOBREZA DE PORTUGAL. Antonio Baracho era do conselho d'estado de D. Antonio, quando o pretensor foi á ilha Terceira. Philippe II de Hespanha o excluiu do perdão com outros importantes fidalgos. Na lista dos fidalgos da côrte de D. Manoel e D. João III apparecem *Barachos*. Vej. HIST. GENEALOGICA DA CASA REAL.

gresso do prior, já acclamado rei, para Lisboa, distingue-se o irmão do segundo senhor de Barbacena entre os mais ardentes faccionarios do monarcha portuguez. É elle quem vai a Belem com o proposito de prender João Tello e Diogo Lopes de Sequeira com outros partidarios de Castella: não vinga o intento; mas consegue apossar-se de Vasco de Sequeira e d'um irmão de Diogo Lopes que já iam mar dentro quando os forçados da galé remaram para terra e entregaram os fugitivos ao partidario de D. Antonio. É elle quem os conduz ao paço da Ribeira, e o prior, por um insolito rasgo de generosidade ou indulgencia politica, despediu-os perdoados, e com isso os arrebanhou no seu partido [1]. Depois, quando D. Antonio, á frente de oito mil enthusiastas, vai a Setubal, com inutil apparato e esteril jactancia, já quando Elvas, Extremoz e outras praças se entregavam ao duque d'Alva, Duarte de Castro segue-o com cem aventureiros, a quem dá mesa franca [2].

Póde ser que fosse elle quem agenciasse a adhesão de seu parente Tristão Vaz a transgredir a fé jurada aos governadores do reino, promettendo entregar a fortaleza de S. Julião por quatro mil escudos ao filho de Violante Gomes. Sabe-se, por Herre-

---

[1] Collecção de documentos manuscriptos do seculo XVI, na maior parte tocantes ao tempo d'el-rei D. Sebastião. Codice da Bibliotheca Publica do Porto, herdado do conde d'Azevedo. Possuo traslado.

[2] Idem.

ra, que os validos de D. Antonio eram alternadamente o bispo da Guarda, D. Francisco de Portugal, D. Manoel de Portugal, Diogo Botelho e Duarte de Castro [1]. Achamol-o depois na batalha de Alcantara promovido a general de cavallaria. Não admira tão alta patente em sujeito que vira um campo de batalha para fugir, quando os capitães dos terços eram frades de S. Francisco. Do lado dos portuguezes o general de cavallaria era um curioso cobarde; do lado de Castella era o experimentado e aguerrido D. Fernando de Toledo. Por isso mesmo encontramos depois Duarte de Castro, D. Francisco de Portugal e D. Manoel de Portugal fugindo de Alcantara com D. Antonio. Não é facil saber se o improvisado general seguiu o derrotado prior para o Minho, se se occultou em Lisboa: a segunda hypothese se me figura a mais aceitavel, porque não encontro o seu nome entre os que acompanharam o pretensor a Coimbra, Aveiro, Porto e d'ahi até aos arrabaldes de Vianna.

Desde 25 de agosto de 1580, dia da batalha de Alcantara, até 27 de maio do anno seguinte, não acho noticias de Duarte de Castro. N'esta ultima data era elle preso em Medina del Campo, com mais dous cavalleiros portuguezes, por soldados de Valladolid em casa de Christovão de Evan, portuguez que alli residia. Duarte de Castro tratava de fugir para França e le-

[1] Cinco libros de la Historia de Portugal, liv. iii.

*

vava comsigo 10:000 cruzados (escudos) em ouro que os hespanhoes lhe tiraram [1].

Duarte de Castro para salvar a vida e os haveres obteve dos ministros de Philippe II a liberdade promettendo entregar ou matar D. Antonio. Esta abrupta transição não deve espantar-nos; mais espantoso seria a Duarte de Castro o espectaculo do patibulo de Diogo de Menezes, de Henrique Pereira de Lacerda e de Pedro d'Alpoim. Se acreditarmos Faria e Sousa, o general de D. Antonio farejava, regressando a Lisboa, o escondrijo de seu amo; porém, por fim de maio ou principio de junho sahira o espionado prior do Crato para Calais, embarcando em Setubal [2].

---

[1] Documento da Bibl. Real de Paris, Negociações de M. de Saint-Goard, Codice 228-6, docum. 32, em hespanhol, citado pelo visconde de Santarem na 1.ª parte do tom. IV do QUADRO ELEMENTAR, pag. CXI.

[2] Rebello da Silva, seguindo Mad. de Saintonge, erradamente diz que D. Antonio sahira para França em 6 de janeiro de 1581. Não me insinuam grande credito as affirmativas de Manoel de Faria e Sousa; mas, em concordancia com os officios de Saint-Goard, embaixador de França em Madrid, são aceitaveis. Faria (EUROPA PORT., tom. III, pag. 87) diz que *estando ya Felipe en Portugal, y corriendo en duda el lugar adonde estaria D. Antonio, imaginandose que en Francia, se vino a descobrir que escondido en el reyno, tratava de salir... Anduvo escondidamente por todo el reyno desde outubre hasta junio.* Devêra dizer desde agosto, que foi o mez da batalha de Alcantara. Saint-Goard participa á sua côrte em 3 de juuho de 1581 que

Mallograram-se por tanto as pesquizas de Duarte de Castro em Lisboa. Foi procural-o em França, e alli o esperou de volta de Inglaterra. O embaixador Saint-Goard não cessava de lhe espreitar os passos, informando-se com os seus espiões na côrte de Philippe II. Em 4 de dezembro avisava o seu governo que de Lisboa sahiram emissarios para matar D. Antonio e D. Francisco de Portugal (indevidamente chamado conde de Vimioso, como demonstrarei no terceiro *Estudo*); e em 29 do mesmo mez, em officio enviado ao rei de França, participava que D. Antonio, segundo avisos que recebera, se encaminhava para Tours e levava comsigo Duarte de Castro, o qual «recobrá-«ra a lberdade por intelligencias que tinha com el-«rei catholico provavelmente para tentar alguma cou-«sa contra D. Antonio... [1]».

Henrique III provavelmente communicaria a D. Antonio as revelações secretas do seu embaixador. Não se manifesta, ainda assim, o menor procedimento de castigo ao perfido, ou porque o prior não acreditou, ou porque aceitou o conselho de Saint-Goard que, na mesma participação ao rei, ajunta «como

D. Antonio partira de Lisboa. Esteve, pois, o prior dez mezes escondido em Portugal, e a maior parte d'esse tempo passou-o nos arrabaldes de Vianna, em Darque, no Paço de Anha, pertencente a um Antonio Ferreira, de quem procede a familia *Agorretas* de Vianna.

[1] QUADRO ELEMENTAR, tom. IV, part. 1.ª, pag. CXXII a CXXV.

«opinião sua, que D. Antonio faria bem dissimular «com o referido Castro a fim de descobrir suas ten- «ções, bem como a de alguns castelhanos». No entanto, os ministros de Philippe, para colorirem a missão do traidor, envolvem-no em o numero dos fidalgos não amnistiados e conservam em sequestro os seus grandes haveres. Era uma esperteza estolida. Se Philippe não perdoára ao general de D. Antonio, para que lhe abriu as portas do carcere de Valladolid?

No decurso d'esse tempo houve tentativas contra o principe exilado; mas não apparece ao alcance da menor suspeita o nome de Duarte de Castro.

Sabe-se que elle sahiu de Belle-Isle na armada que foi vencida na batalha naval da ilha de S. Miguel em 25 de julho de 1582, pelo marquez de Santa Cruz. D. Francisco de Portugal perecera com desesperada bravura. Duarte de Castro, que não tinha obrigação de ser mais valoroso que D. Antonio, afastára-se com elle na vespera da batalha, e entrou na Terceira em 26 de julho.

Á volta do prior achavam-se dous traidores: Antonio de Carvalho e Duarte de Castro. O primeiro, que se dizia portuguez e fallava castelhano, foi reconhecido como hespanhol, e logo enforcado. Vivia faustuosamente, e emparelhava com o fidalgo portuguez nas pompas do trajar. Este exemplo não esfriou os projectos de Castro que, em meio d'um viver alegre e devasso, estudava planos complicados e sanguinarios que deviam d'um golpe acabar com D. Antonio e rasgar para sempre a bandeira dos seus se-

quazes. Na vida libertina que passava na Terceira seguia de perto o exemplo do seu rei, se Faria e Sousa não inventa de camaradagem com Herrera. Antonio Baracho, um dos seus conselheiros, não era mais moralisado que o principe, e que Manoel da Silva — o menos honesto de todos, a quem D. Antonio agraciára com o condado de Torres-Vedras e com a casa do legitimo conde que lhe fôra hostil.

Manoel da Silva, regedor das Ilhas, o mais dilecto confidente do prior do Crato, devia saber que Duarte de Castro era suspeito a seu amo, desde os avisos de Saint-Goard. D. Antonio acautelava-se, rodeando-se de noite com sentinellas escolhidas. Levado d'esta desconfiança, e talvez encarregado de averiguações, descobriu o conde de Torres-Vedras que Duarte de Castro se correspondia de França com Fernão Garcia Jacques, hespanhol rico, residente em Angra. Fez-se o conde encontrado com o castelhano, e perguntou-lhe d'onde conhecia o sujeito de quem recebera uma carta pedindo-lhe que reservasse a casa d'elle Fernão Garcia porque, vindo com D. Antonio, queria ir habital-a. Respondeu o hespanhol que não o conhecia; mas talvez lhe escolhesse a casa por ter noticia de que ella era boa. A resposta devia robustecer as suspeitas do conde [1].

---

[1] Estas noticias são condensadas da indigesta e mal feita compilação de antigos codices por Francisco Ferreira Drummond, e publicada pela camara municipal de Angra do Horismo em 1850 e annos seguintes, com o titulo Annaes

Desembarcou Duarte de Castro e foi hospedar-se em casa de Fernão Garcia.

No mez seguinte o dadivoso fidalgo deu um jantar aos capitães francezes que estacionavam em Angra, com o fim de lhes insinuar que se receassem de alguma aggressão dos portuguezes, intentados a matal-os. O capitão Mr. de Carle que alli estava desde novembro do anno passado, commandando quatro companhias com tanta lealdade como valor, achava negra de mais a perfidia para ser verosimil; mas acautelou-se. Para confirmar e córar o aviso, mandou Duarte de Castro por criados seus espancar os francezes que encontrassem de noite. Cumpriram elles tão pontualmente as ordens que mataram um dos que encontraram. O governador não pôde farejar os homicidas; mas rastreou o promotor das desordens e esperou a prova.

Duarte de Castro frequentava os amores venaes da manceba d'um official inglez. Antonio Baracho, o acclamador e conselheiro de D. Antonio, era tambem aceito á mesma dama. Encontraram-se lá os dous fidalgos rebuçados e injuriaram-se reciprocamente. Duarte não ousaria rosto a rosto pedir satisfações ao intrepido Baracho a quem Faria e Sousa conceitua de homem atrevidissimo. Encarregou os criados de o

---

DA ILHA TERCEIRA, 4 tom. in-8.º A *Relação* de que Drummond se serviu foi escripta em 1611, vinte e nove annos depois dos successos relatados.

desaffrontarem; e elles levaram a affronta e a desaffronta ao excesso de o matarem a estocadas. O valente amigo do prior do Crato morreu inerme e sem vingança, cahindo á porta d'um sapateiro a um recanto da rua Direita [1]. Acudiu povo que quiz matar os assassinos; mas Duarte de Castro a cavallo, com criados armados, atravessou-se contra a multidão, brandindo uma alabarda. Houve toques de alarma. Os francezes fecharam as sahidas da rua, e o conde sahiu tambem gritando-lhe: «Que é isto?» Duarte de Castro poz-lhe a alabarda aos peitos, e intimou-o a recolher-se. Mas os francezes, que se preparavam para a lucta, vendo que as tropas portuguezas não se moviam, comprehenderam a perfidia, e coadjuvaram a prisão de Castro que d'alli foi conduzido ao castello de S. Sebastião.

Depozeram contra o preso os seus proprios criados e os capitães francezes. Os primeiros testemunharam, quer espontaneamente quer obrigados pela tortura, que seu amo estivera mais de uma vez com a adaga na mão para matar D. Antonio. Papel que o

[1] O compilador uma vez diz que o assassinado era Antonio *Borralho;* outra vez diz que era Antonio *Baracha.* Herrera chamava-lhe *Borralho;* mas Faria e Sousa esclarece o verdadeiro appellido, com o qual o compilador parece concordar em a nota de pag. 292. Andaria mais esclarecido, se desde logo corrigisse o erro do historiador hespanhol.

expuzesse á prova de traição não lhe acharam algum. O seu espolio consistia em varias andainas de vestidos á franceza, muitas e variadas gualdrapas de velludo, muitos cavallos e mulas, e cartas da esposa cheias de bons conselhos «persuadindo-o a que dei«xasse as pretensões dos reis, porque a elle nada «faltava, e bem escusado lhe era andar pelos reinos «estrangeiros com a sua vida em risco e a fazenda «sequestrada». Claro é que esta sensata senhora ignorava as intenções homicidas do marido.

Foi Duarte de Castro culpado em crime de traição contra a vida de D. Antonio, rei de Portugal, e tambem o criminaram de haver subornado alguns capitães da armada para desampararem o combate naval defronte da ilha de S. Miguel. Parece que o não calumniaram, visto que não quiz contestar alguma das arguições; antes confessou tudo, e mais do que as testemunhas haviam deposto. É de crêr que interviessem n'estas confissões os tormentos de que Manoel da Silva usava para réos de menor transcendencia. A final, como elle não quiz que por sua parte se arrazoasse, o processo foi summario, e o réo, convicto como traidor e amotinador, sentenciado á morte, e seus bens incorporados nos proprios da corôa.

Concederam-lhe os tres dias pedidos para confessar-se e dispôr suas cousas.

Durante este tempo, assistiram-lhe os frades, que o entregaram contrito e muito arrependido á justiça e aos irmãos da Misericordia que o conduziram ao

patibulo. Elle mesmo, quando avistou a cruz, pediu que o descalçassem, porque Jesus Christo, padecente immaculado, ia descalço para o supplicio. Deixaram-no morrer como fidalgo. Se seu avô não recebesse o alvará de D. João III, Duarte seria enforcado; assim, filho do 1.º senhor de Barbacena, teve a honra de morrer decapitado pelo mesmo algoz e pelo mesmo cutelo que mezes antes degolára o fidalgo João de Bittancour.

Um escriptor coevo, de quem Drummond traslada, conta que Duarte de Castro se prezava da sua bella cabelleira á franceza; que era de figura gentil, muito avisado no discorrer, e *muito prudente.* Acredite-se na sua gentileza e formosura da caforina; quanto á «muita prudencia» não me parece que se deva inferir tal qualidade dos actos da sua vida.

Os genealogistas impressos esnocaram da arvore de Castros do Rio, senhores de Barbacena, esta vergontea. O academico Antonio Caetano de Sousa nem palavra. Moreri, elucidado pelo conde da Ericeira (na versão hespanhola), diz que Duarte de Castro morrera «desquartisado por haver seguido el partido de D. «Antonio, prior do Crato». Não sei se aqui a ignorancia do informador cede á circumspecção do parente dos Barbacenas. *D. Tivisco* (Manoel de Carvalho de Athaide) chega até ao pai de Duarte, e nada escreve do filho. Damião de Goes, no seu NOBILIARIO manuscripto, nem sequer menciona os *Castros do Rio* entre os diversos *Castros* continuados do NOBILIARIO DO CONDE DE BARCELLOS. O conde de Villa Nova nas

suas ARVORES, impressas em 1625 (primeira genealogia impressa, de que ha memoria, de familias portuguezas), apenas menciona os *Castros* dos condes de Monsanto e de Basto.

Os diversos commentadores do referido NOBILIARIO DE D. PEDRO (Lavanha, Vera, marquez de Montebello e Faria e Sousa) omittem os *Castros do Rio,* que eram recentes de mais para investigações gothicas. Este silencio, quer obsequioso, quer por desdem de origem relativamente moderna, authorisou o beneficiado e distincto prégador Malhão a dizer do pulpito, nas exequias do ultimo conde de Barbacena, as seguintes inexactidões demonstrativas de que a cadeira da verdade nos templos nem sempre o é em assumptos de linhagem [1]:

«Se quizesse embrenhar-me no intrincado laby-
«rintho das genealogias, não me faltava com que sa-
«tisfazer a ambição dos amadores d'estas glorias.
«Diria que no seculo XVII já havia Barbacenas, e que
«do tronco d'esta arvore frondosa rebentaram hastes
«vicejantes que honraram a arvore e a mão que a
«plantou, e a terra que lhe subministrou abundante
«e rica seiva. Diria que o illustre finado, por algumas

---

[1] SERMÃO prégado pelo beneficiado Francisco Raphael da Silva Malhão nas exequias do conde de Barbacena em 25 d'agosto de 1854.

«de suas avós descendia da rainha D. Ignez de Cas-
«tro e seu marido Pedro I». É pois de vêr que uma d'estas avós do sangue de Ignez era a filha do christão-novo Diogo de Castro do Rio a quem D. Sebastião dava solar *sem embargo do defeito de nascimento.* N'esta familia não entravam outros *Castros.* O meu amigo Pinho Leal labora no mesmo erro, dando ao conde de Barbacena procedencia de D. Pedro I e Ignez de Castro [1].

Convém saber que na familia Barbacena luziram virtudes que os dispensam de descenderem de Lain Calvo e Nuno Rasuro, troncos dos *bons* Castros, de Portugal. A origem hebraica explica o trabalho, a industria que enthesourou as riquezas d'aquelle opulentissimo Antão das *Fangas da Farinha.* E a proposito, lembrarei entre as virtudes christãs d'esta familia a cedencia que um dos senhores de Barbacena, Luiz de Castro do Rio, fez em 1633 do antigo *Pateo das Comedias* aos perseguidos religiosos dominicos de Irlanda para n'elle fundarem o seu convento. De modo que esta familia, no começo do seculo XVI, era tão civilisadora que fazia o primeiro theatro portuguez; e no seculo XVII era tão christã que desfazia o theatro e erigia o convento. E do pai d'aquelle Luiz de Castro do Rio escreveu com insufficiente grammatica o padre Sousa: «Foi esmoler, e despendia com mão «larga, mas tão escondida, que as pessoas que as

[1] PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, tom. II, pag. 319.

«recebiam não souberam d'onde lhe vinham, senão «pela falta que experimentaram por sua morte [1]». E eu podia acrescentar que foi elle quem resgatou em Marrocos por alto preço um calix com que celebravam missa em casa de D. Francisco de Portugal. Isto é melhor do que ser parente de Ignez.

Desconfio que os Castros, descendentes da bella comadre incestuosa da rainha D. Constança, eram os *Castros* que estiveram sempre com os Philippes; e nos 105 conjurados de 1640, entre fidalgos e nobres, apenas ha um *Mello e Castro* (Galvêas) que nada tem que vêr com os descendentes de Lain Calvo.

Se o sangue judeu é peçonha, o da familia Barbacena estava todo em Duarte de Castro, e ficou gelado no cutelo do mouro convertido que lhe destroncou a cabeça.

---

1 HISTORIA GENEALOG., tom. XII, part. II, pag. 924.

II

MANOEL DA SILVA COUTINHO

Não é dos captivos nem dos transfugas de Alcaçar-Quebir. Perfizera no anno da batalha trinta e sete annos porque nascera em Santarem por 1541. Estava na idade da força, da pujança de sangue illustre, do melhor das Hespanhas. Descendia dos senhores da Chamusca e Ulma — os Silvas que deram principes para Castella e reis para Portugal. Seu avô materno era Ruy Dias de Sousa, por antonomasia o *Cid*, o valente alcaide que morreu nas fronteiras de Africa. Seu pai, Braz da Silva, commendador de Castelejo, é o bravo de quem falla Damião de Goes na CHRONICA DE D. MANOEL [1]. Tra-

---

[1] Part. IV, cap. XLIV.

dições heroicas, sangue tão saturado de glorias herdadas urgiam-lhe o dever de o derramar onde era já morto seu irmão mais velho Ayres da Silva. Não foi. Era esposo e pai. Com quanto herdeiro da commenda, não era rico; tinha dividas; não poderia por escassez de recursos competir com Vimiosos e Tavoras e outros fidalgos seus affins que luxuosamente se narcisavam nas galas das armarias para a expedição d'Africa, com primores de sêdas e jaezes recamados de ouro. Ficou em Portugal.

Nas alterações subsequentes por causa da successão é dos primeiros e mais eloquentes partidarios do filho de Violante Gomes. Está com elle em Santarem na qualidade de fronteiro-mór quando o acclamam rei; e nas côrtes de Lisboa em 1579, e em 1580 nas de Almeirim, convocadas pelo cardeal, advoga estrenuamente os direitos de D. Antonio. É perseguido pelos governadores do reino. Santarem vacilla em sustentar o grito que victoriára. Manoel da Silva fórça os seus conterraneos com a espada na mão a manterem a sua adhesão ao filho de D. Luiz [1]. Assiste á ba-

[1] Miguel Leitão de Andrade considera milagre de Nossa Senhora da Luz ter-se salvado das mãos de Manoel da Silva, n'um aperto que elle refere assim na MISCELLANEA: «No tempo que o senhor Dom Antonio se levantou rei, me achei com elle em Lisboa, por não poder escusar servil-o, sendo fidalgo de sua casa. Porém, vendo entregar-se a fortaleza de S. Gião a Sua Magestade, me pareceu ir-me para

talha de Alcantara com patente de general, é do grupo dos fugitivos que seguem o prior ferido e derrotado; e, já feito conde de Torres-Vedras, acompanha o pretensor ao seu desterro quinhoando dos perigos de seu rei e amigo [1].

o dito senhor, e indo já na Gollegã, a meu parecer fóra já de perigo da pena de morte a todos os que se fossem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manoel da Silva fronteiro-mór de Santarem. Alli me prenderam as justiças d'aquella villa, pela dita ida e dar nova ser entregue S. Gião. Os quaes mandaram logo recado ao dito Manoel da Silva, para me mandarem assim preso a elle para fazer justiça de mim, e eu com a inquietação que podeis cuidar, e tendo tanto recado em mim, que de noite dormia o alcaide carcereiro ferrado em mim. Porém fingindo eu accidente de camaras, uma tarde me entrava e sahia dentro n'uma casa escura onde ao longo do chão fui com um prego escarnando a parede, pondo diante um cesto velho, a qual parede estava muito humida ao longo do chão, e indo e vindo muitas vezes, fui tirando as pedras até ao outro dia á noite que pude escapar-me, deixando todos os que alli estavam jogando com o alcaide. E de tudo ha autos dos quaes por força me deram depois o treslado para meus requerimentos».

[1] D. Antonio dera-lhe o titulo quando o legitimo conde de Torres-Vedras, D. Martim Soares de Alarcão, se lhe mostrou hostil acastellando-se contra elle; e juntamente com o titulo deu-lhe a casa do conde rebelde — posse que nunca Manoel da Silva fruiu. Nas Relaciones genealogicas de la casa dos marqueses de Trocifal, condes de Torres-Vedras, escriptas por D. Antonio Soares de Alarcão, e impressas em 1656, conta-se que D. Antonio confiscára a casa e a dera com o titulo a D. Manoel da Silva quando, na sua

O duque d'Alva, logo que entrou em Lisboa, mandou prender as senhoras da familia de D. Francisco de Portugal, de Diogo Botelho e de Manoel da Silva. O encarregado foi um official de guerra portuguez chamado Jeronymo de Mendonça, com cincoenta arcabuzeiros, seis cavallos e tres carroças. A chamada condessa de Vimioso, que estava em Aldêa-Gavinha no termo de Alemquer, foi presa com sete filhas, tres filhos e dezeseis criadas. Em Alemquer o mesmo esbirro prendeu D. Anna da Silveira, mulher de Diogo Botelho e duas irmãs do inquebrantavel amigo e depois testamenteiro do prior; e, na Azinhaga, prendeu D. Maria de Vilhena, esposa de Manoel da Silva, com tres filhos menores. Não lhe consentiu que se preparasse. A Vimioso recebeu-a na carroça enviada para o transporte. Passaram todos a Arronches, e d'aqui a Ciudad-Real, onde deixaram D. Maria de Vilhena e filhos em uma prisão apertada; a mulher de Diogo Botelho e

---

vinda com os inglezes em 1589, desembarcando em Peniche, os Alarcões lhe resistiram.

Isto não póde ser, porque Manoel da Silva estava morto desde 1583.

O chronista Herrera refere mais lucidamente os factos que tambem Manoel Agostinho Madeira Torres explana na DESCRIPÇÃO HISTORICA E ECONOMICA DA VILLA E TERMO DE TORRES-VEDRAS. Lisboa, 1819. D. Antonio, quando segunda vez encontrou resistencia no castello de Torres-Vedras, chamou-lhe *Torres traidoras*. Esta vingança incruenta não passou de um desafogo rhetorico.

suas cunhadas em mosteiros differentes, e a de Vimioso e filhas incommunicaveis no castello de S. Torquato [1]. Simultaneamente era preso em Lisboa um frade cruzio, frei Simpliciano da Silva, irmão do *conde de Torres-Vedras* [2]. Foi encarcerado em Hespanha, e d'ahi fugiu para França onde morreu.

O rancor a Castella e aos portuguezes parciaes de Philippe flammejou na indole bravia de Manoel da Silva, ferido na inculpabilidade da esposa e na innocencia das crianças. As tristes novas que lhe iam de Hespanha, todavia, não lhe quebraram o gosto das ostentações nem o impediram de ir amollentando as durezas do exilio e da saudade com variados prazeres e regalias. Á volta de D. Antonio em Londres e em França achavam-se alguns homens na flôr dos annos e no gozo de riquezas que lhes facilitavam no desterro lenitivos e commodidades com que iam descontando a falta da patria e das familias.

O conde de Torres-Vedras, o de Vimioso e Diogo Botelho eram os intimos validos do prior do Crato. O primeiro pareceu-lhe digno das honras de seu tenente-rei nos Açores, quando a desordem lavrava alli por invejas ao famoso corregedor Cypriano de Figuei-

[1] Hist. genealogica da casa real, tom. x, pag. 705 e 706.

[2] Com quanto este titulo e o de Vimioso não tenha legalidade nem se ache registrado, usar-se-ha promiscuamente n'este estudo em harmonia com os historiadores da época.

*

redo, e contendas entre os dous governadores das ilhas de S. Miguel e Terceira. Não obstante o desbarate de D. Pedro de Valdez e as energicas ferocidades de Cypriano na carnificina dos hespanhoes, D. Antonio enviou áquellas ilhas amotinadas, na qualidade de regedor das armas e das justiças, Manoel da Silva, conservou o velho corregedor na presidencia da casa da supplicação creada pelo conde, e, quando veio á ilha, o levou comsigo para França [1].

---

[1] Rebello da Silva, no tom. III da Hist. de Port. nos seculos XVII e XVIII, cap. I, diz que Cypriano de Figueiredo e Vasconcellos fôra nomeado corregedor em 1579. É lapso. Nomeou-o D. Sebastião em 1576. Cumpre corrigir n'este cap. de Rebello da Silva, outros descuidos. Ao conde de Vimioso que não era conde chama D. Francisco de *Faro,* appellido de Vimieiros, e não de Vimiosos que são *Portugaes.* Manoel da Silva algumas vezes é *Miguel.* D. Antonio não desconfiou da fidelidade do corregedor como inculca o illustre academico. Quando o chamou a Paris, agraciou-o com o condado de S. Sebastião. Mad. de Saintonge escreve no seu livro uma pouco menos de phantastica genealogia de seu tio-avô Cypriano de Vasconcellos. A verdade é que elle era de Alcochete, filho de Sebastião Gomes de Figueiredo e de D. Antonia de Vasconcellos, filha do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. Por este lado descendia dos Menezes da rainha Leonor Telles. Diz ella que Philippe dera os bens de Cypriano e de seu irmão aos seus partidarios. Isto é inexacto. O irmão possuia o praso de Velloso que lhe dera o sogro sendo bispo de Lamego. Não havia vinculo na casa. Esse praso foi augmentado, porque Duarte de Figueiredo, irmão do corregedor da ilha Terceira ser-

Em fevereiro de 1582 desembarcou em Angra o conde de Torres-Vedras. Em quanto se lhe preparava o palacio de D. Christovão de Moura, residiu no mosteiro de S. Francisco. Tinha grande equipagem: vinte a vinte e cinco cavallos, um apparato real, com escolta de inglezes e francezes. Estava no vigor da vida; teria quarenta annos; muito caroavel de mulheres e folguedos, *muito namorado,* diz a Relação de 1611 trasladada por Drummond [1].

O ser muito namorado não implicava com as demasias de severidade logo que tomou o pulso dos homens e das cousas. Começou por impedir que sahissem pessoas e mercadorias da Terceira, por serem estas e aquellas necessarias á defeza. Depois, fez sentenciar os presos que o seu antecessor culpára. Um d'elles, o velho João de Bittancour, que tinha dado vivas a Philippe I, insinuado pelos jesuitas, com quem já encanecido andára estudando, quiz provar que estava

viu Philippe II de Castella. D. João IV não tirou tambem aos Figueiredos os seus direitos em favor de outros que o acclamaram; um filho d'aquelle Duarte serviu D. João IV como seu pai servira Philippe I. No seculo passado, o representante d'esta familia era Nicolau de Tovar de Vasconcellos, sargento-mór de batalha em 1716. O *Gomes de Vasconcellos,* que Mad. de Saintonge diz ser seu avô, nem sequer se acha mencionado nos genealogicos mais prolixos em miudezas. Este livro, tão a miude citado pelos historiadores, como authoridade, não passa de um romance.

[1] Annaes da ilha Terceira, tom. I, pag. 252, nota.

mentecapto quando acclamou o rei castelhano [1]. Não lhe aceitaram os embargos, nem a grande quantia que a esposa offerecia pelo perdão. Foi degolado em março de 1582. O filho ganhou com isso copiosas mercês de Philippe I.

Foi tambem sentenciado á morte Gaspar Homem, porque viera com embaixada de Castella, quando lhe era defeza a entrada na ilha, por interdicção ecclesiastica, visto haver-se negado a casar com Anna Gaspar, filha de Gonçalo Feio, homem nobre. Ergueu-se a forca, e o padecente ia já no caminho, e ouvia as exhortações dos frades, quando a senhora repudiada foi pedir ao conde que lhe entregasse Gaspar Homem que já queria casar com ella. Anna, com instantes lagrimas, obteve o perdão do esposo, correu ao local do patibulo, e colheu nos braços o noivo quando o algoz lhe ia lançar a corda. Casaram, viveram muitos annos e propagaram-se. Gaspar Homem, em testemunho da sua gratidão ao lugar-tenente de D. Antonio, assim que o marquez de Santa Cruz tomou a ilha, passou-se para os hespanhoes, e, allegando que esteve preso, obteve habito de Christo e tença [2]. N'este episodio, Manoel da Silva portára-se gentilmente. Se sobrevivesse a Gaspar Homem, teria de se arrepender do gene-

---

[1] D. Antonio só teve dous padres da companhia de Jesus a seu favor em Portugal e nas colonias: o mestre Ignacio e o padre Luiz Alvares.

[2] Relação de 1611. Representa este casal romanticamente celebre a familia *Canto*, da ilha Terceira.

roso acto, assim como se arrependeu de confiar-se cordialmente em João Dias do Carvalhal, fidalgo abastado, que, pedindo-lhe licença para ir vêr el-rei D. Antonio — quando a ninguem era concedido sahir da ilha — obteve-a, foi a Lisboa prestar obediencia a Philippe e pedir-lhe o habito de Christo. N'um impeto de ira, o conde mandou prender a mulher do traidor, e obrigou-a a resgatar-se como captiva. Desde este lance, o regedor tornou-se violento, vigilantissimo e por vezes cruel.

Tratou de cunhar moeda com a prata e ouro que andou pessoalmente pedindo ás portas dos amigos e dos adversarios. Obteve rica baixella e muitas cadêas de ouro. O padre Cordeiro, apoiado em tradições coevas, diz que Manoel da Silva se apropriou das cadêas que ninguem viu na casa da moeda para se fundirem. A Relação que Drummond consulta favorece esta deshonrosa affirmativa que nenhuns documentos permittem que eu impugne, e até certo ponto o valioso espolio do conde confirma.

Tornou-se muito popular o fidalgo: dava postos militares a officiaes mecanicos, habitos de S. Thiago e Aviz a artifices e pilotos, relaxou á gentalha umas liberdades que redundaram em aviltamento dos nobres. A arraia miuda vingava-se das passadas oppressões. Surdiu d'ahi desfalcar-se o partido de D. Antonio de alguns fidalgos que preferiam o despotismo de rei hespanhol á soberania da canalha portugueza. Além d'isso, o conde seduzia com afagos ou forçava com violencias as mulheres. Se merece fé a Relação

de 1611, o pai de uma moça violentada morreu de dôr.

Os presos eram muitos; mas o representante do filho de D. Luiz não condemnou á morte senão João de Bittancour como amostra do seu systema de governar. Os padres andavam abandados. Uns prégavam por D. Philippe, outros por D. Antonio. O conde deixava-os prégar á vontade, exceptuados os jesuitas, que estavam enclausurados e incommunicaveis, desde que Cypriano de Figueiredo os entaipára a pedra e cal. Esta excepção accusa o medo que o conde tinha da eloquencia dos jesuitas; ao passo que os franciscanos, trinitarios e gracianos, letrados de nome, tinham plena faculdade de provar á face da Biblia que D. Antonio ou D. Philippe eram reis legitimos de Portugal — o que uns e outros satisfaziam a preceito, demonstrando que a visão de Esdras se entendia com os monarchas lusitanos.

O mais esturrado antonista, um devasso frei Simão, indigitou como philippista certo Martim Simão de Faria. Este fidalgo correu de espada nua sobre o frade, que se salvou no convento. O conde de Torres-Vedras, em vez de punir o aggressor, parece que se riu do caso por conhecer a libertinagem do prégador. Desde este episodio burlesco, os oradores sagrados, responsaveis a pagar com as costas o desbocamento das linguas, fecharam as boccas e as Biblias.

No anterior estudo, referente a Duarte de Castro, se disseram os actos essenciaes de Manoel da Silva, depois que D. Antonio chegou á ilha, deixando a sua

armada feita pedaços nas unhas da onça do Escurial. D. Antonio encerrou-se por oito dias, e sahiu depois com o conde de Torres-Vedras e os do seu conselho a visitar uma grande dama, — sua partidaria muito serviçal de dinheiros, — a visitar ermidas onde ouvia missas, e religiosas franciscanas fieis á sua causa. Depois encerrou-se por mais doze dias, com grande tristeza e desalento. Findo o qual praso de luto, foi á villa de S. Sebastião vêr o campo da Salga ainda empapado das carnes podres e alvejado das ossadas dos hespanhoes vencidos pelas celebres vaccas; passou d'aqui á villa da Praia, hospedou-se no convento de S. Francisco, visitou as freiras do mesmo santo, as das Chagas e as da Luz; mas repelliu a presença de oito religiosas affectas a Castella. Distrahia-se com isto o prior do Crato — e queria que o considerassem um segundo Mestre d'Aviz! A opinião de Herrera é que n'aquelles conventos *huvo demasiada conversacion, y los franceses, y los suyos seguian su exemplo*. Aqui ha talvez calumnia.

D. Antonio tinha cincoenta e dous annos feitos, um grande peso de desgraças sobre a alma, e a saudade do amigo recentemente morto, o seu condestavel conde de Vimioso, e com elle tambem morta a esperança de recuperar a protecção do rei francez. Diz-se que o conde de Torres-Vedras, talvez para o distrahir, lhe aconselhára que mandasse enforcar sessenta hespanhoes e alguns portuguezes processados. É inverosimil. Manoel da Silva, se quizesse, tinha-os feito enforcar sem beneplacito regio.

Fez então uma boa acção D. Antonio: mandou desentaipar os jesuitas, e convidou os fugitivos a recolherem da vida fragueira que levavam pelos mattos, com a certeza de que os seus haveres lhes seriam poupados ao confisco.

Depois, como diversão a esta monotona apathia, occorreram os supplicios de Antonio de Carvalho e Duarte de Castro do Rio. Manoel da Silva deu expediente a estes episodios, como lhe cumpria; e, com quanto previsse nos sustos do prior o desastre final da sua causa, manteve-se fiel á desgraça com heroismo raro e apenas imitado de poucos fautores do neto d'el-rei D. Manoel. Por esse tempo, quando já D. Antonio se fizera de vela para França, o principe de Eboli e duque de Pastrana, Ruy Gomes da Silva, primo-co-irmão de Manoel da Silva, offereceu-lhe em nome de Philippe II o titulo de marquez, trinta mil cruzados em dinheiro e o governo da ilha, se elle a entregasse. O amigo de D. Antonio leu a carta em presença de testemunhas, rasgou-a e enviou ao principe uma resposta spartana. Á altura da sua lealdade estava tambem o excesso de crueza, recrudescente a par e passo que as esperanças se esvaíam. Escondia, ainda assim, os minimos vislumbres de desanimação. Estadeava-se como principe com prestitos bizarros de inglezes e francezes; arvorára general um sobrinho imberbe, que morreu depois valorosamente no seu posto; e, como destro cavalleiro que era, desbaratava em exercicios equestres o tempo distrahido de trabalhos mais proveitosos. Chegou por esse tempo um

emissario de Castella com carta do rei para D. Antonio. Deviam ser propostas conciliadoras que o prior aceitaria na conjunctura penosa em que o deixou a derrota naval de Villa Franca. Algumas vezes, o pretensor, em dias mais alumiados de illusorias esperanças, havia querido vender por alto preço a submissão e a patria a Castella. Christovão de Moura rejeitára a proposta por muito cara [1]. Talvez que na situação de quasi mendigo em França, o filho de D. Luiz aceitasse mediania e socego nos annos já tão cançados de desenganos. O conde, porém, abriu a carta, viu o conteúdo, receou talvez a fragilidade do amo, e inutilisou a mensagem. O portador da missiva, Amador de Vera, que Drummond e Rebello da Silva escrevem incorrectamente *Vieira,* vendeu-se ao regedor, compromettendo-se a denunciar-lhe pessoas da ilha dedicadas a Philippe.

Em quanto o agente Vera cumpria os deveres estipulados no contracto, espiando as victimas, ordenou Manoel da Silva que se organisasse uma pequena armada, deu o commando a Manoel Serradas, mandou-o a corso, á conquista das ilhas de Cabo-Verde,

[1] Se vier a lume o livro a que pertencem estes estudos, responderei ás arguições que se me possam agora fazer n'este desacato á memoria d'um homem que reunia a infelicidade á inepcia; e, nem ainda que a legalidade estivesse da sua parte, seria digno dos louvores da historia.

que estavam por Castella, e ao saque da fortaleza de Arguim. Eram dez as naus: despojaram facilmente Arguim; e, depois de breve conflicto, saquearam Cabo-Verde, espancaram o bispo e pejaram de escravos e captivos as naus. Barbaridade inutil. Assaltavam colonias do mesmo sangue e da mesma lingua como cabildas de caboclos. D'est'arte acirrava o conde de Torres-Vedras as hostilidades dos portuguezes á piratagem do prior do Crato. Entretanto, Amador de Vera denunciava homens que haviam servido dedicadamente D. Antonio. O conde reconheceu a infamia da delação, chamou á sua presença dous dos denunciados já presos, e lançou-lhes o habito de Christo com cem mil reis de tença [1]. Tinha estas intercadencias lucidas que com um pouco mais de prudencia e menos espirito faccioso deixariam d'este campeador d'um proscripto sem futuro a lembrança d'um forte caracter antigo e cavalleiroso. Ao mesmo tempo assistia aos tratos dados a um velho, e mandava-o depois arrastar e esquartejar por crime de rebellião. Dizem Relações coevas que depois de muito instado pelos parentes de Melchior Affonso para retirar d'um poste a cabeça do suppliciado, o conde respondera com enfado que a cabeça de Melchior Affonso desceria do poste

[1] Refere por menor este caso a Relação que Drummond traslada em pag. 304 e 305 dos Annaes da ilha Terceira.

quando a d'elle subisse lá. É fabula a meu vêr, que visa a realçar pelo maravilhoso o posterior e inventado destino da cabeça de Manoel da Silva. A historia está cheia d'estas crendices, tendentes a inculcar que uma alta Providencia collabora nos effeitos dos crimes, sendo mais util e providencial que ella lhes dirimisse as causas. Questões eternas.

N'um analogo lance de severidade, mostrou o conde regedor que, de feito, as mulheres podiam muito com elle. Estava preso um Pereira de Lacerda, ancião rico e parcial de Castella, não só suspeito, mas convicto de conspirador. Manoel da Silva mandou-o submetter á tortura. Soube-se no convento da Esperança, cuja irmã era abbadessa, que o velho ia já caminho do supplicio. Sahiram as freiras á rua a abraçar o padecente; e, no entanto, escrevia-se no mosteiro uma carta ao conde a supplicar-lhe o perdão de Alvaro Pereira. Deviam de ser as freiras mais formosas, á mistura com as mais santas, as signatarias da carta. Mas a difficuldade grande era fazel-a chegar ás mãos de Manoel da Silva, que se fechára no palacio para esquivar-se a rogos. A portadora da carta era certa mulata cujo nome a senhoril historia desprezou com a costumada ingratidão quando os heroismos tem o fosco brilho da côr baça dos heroes. A mulata, achando as portas trancadas, saltou á cerca dos franciscanos e pôde insinuar-se nos aposentos do lugar-tenente de D. Antonio. O espantado conde leu a supplica, e disse: «Ide dizer ás senhoras madres que lhes concedo quanto me pedem, e muito mais farei

por amor d'ellas [1]». A indole de Manoel da Silva de certo se regenerava, se, assim como era hospede dos franciscanos, elle se tivesse hospedado entre as franciscanas!

Exclamava o conde — quando sabía que os terceirenses tramavam fugas — que servissem el-rei como elle, que era amantissimo de sua virtuosa esposa, e a deixára e mais os filhos para arriscar sua vida, podendo estar seguro e descançado em sua casa [2]. E, apesar da sua até certo ponto justa e desculpavel cólera contra os fugitivos, como lhe levassem preso um octogenario dono d'um barco fretado para passar dez ou doze philippistas á ilha de S. Miguel, interrogou o ancião que já se considerava nas escadas da forca. Salvador Francisco, o tremulo velhinho, respondeu que o levar passageiros era o seu modo de vida, e que nunca lhe fôra prohibido alugar o barco. O conde, vencido pela simplicidade commovente da resposta, não só perdoou ao barqueiro, mas tambem aos rebeldes que o tinham contractado. D'esta vez não se deve ás freiras o generoso feito. Salvador e os outros é que procederam com villeza que desconta muito nas crueldades do conde. Os perdoados fugiram assim que puderam, e o barqueiro continuou no *seu modo de vida,* apesar de lh'o prohibirem, até que Manoel da Silva o metteu a bordo d'uma embarcação

1 Annaes da ilha Terceira, tom. i, pag. 310.
2 Idem.

a trabalhar de marujo, para lhe não tirar a vida, nem o modo de a ir vivendo [1].

É o conde accusado pelos historiadores de ter desprezado a sciencia militar e os alvitres do commendador de Chastes, enviado á frente de mil e seiscentos homens para defender a Terceira, ameaçada novamente pela poderosa armada do marquez de Santa

[1] Quem é mais severo e menos desculpavel na apreciação do conde de Torres-Vedras é Rebello da Silva na HISTORIA DE PORT., tom. III, pag. 51 e segg. Rebello trasladou quasi litteralmente a RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM NA CIDADE DE ANGRA E NA ILHA TERCEIRA, cap. XLII e XLIII, sem attender a que essa RELAÇÃO de author desconhecido era escripta em 1611, sob a influencia de Castella, e com muita parcialidade. Ainda assim, os actos louvaveis do governador refere-os a RELAÇÃO; mas Rebello da Silva inexplicavelmente refugou-os como elementos historicos. Acato a memoria do grande escriptor; mas respeito superiormente a verdade. E é para admirar que os escriptores castelhanos sejam mais benignos e indulgentes com a memoria d'este desgraçado fidalgo portuguez. Salazar y Castro avalia-o assim no seu governo da ilha: «... y empezó á exercer su cargo con tanta rectitud, que los autores que escriven del tuvieron por crueles muchas de suas acciones. Pero menos lo fueran, si se considerasse la facilidad con que los hombres se ponen de parte del vencedor, y que muchas vezes necessita el vencido del credito de riguroso, para que el medio obre, con los que le siguen, lo que yá no puede el interés, que es la causa principal por que se mantienen las confederaciones». HISTORIA GENEALOGICA DE LA CASA DE SILVA, tom. II, pag. 756.

Cruz. Em defeza do primo do principe de Eboli póde allegar-se que elle desconfiava da lealdade dos francezes, desde que, no anno interior, vira que algumas galeras fugiram do mar de Villa Franca sem pelejarem. Entrou-se da suspeita de que o rei de França, tendo como perdida a causa do filho illegitimo de D. Luiz, tratava de apossar-se insidiosamente dos Açores para mais tarde tentar a conquista do Brazil. Estes receios eram communs de todos os portuguezes residentes na ilha, e os castelhanos não perdiam lanço de os incutir, associando a dissidencia religiosa do calvinismo á perfida alliança dos francezes, que talvez não fossem herejes, nem catholicos. Além d'isso, os soldados do commendador de Chastes saltaram na Terceira como quadrilhas de piratas da ralé mais faminta. Atacavam nos arrabaldes as residencias dos fazendeiros, matavam e morriam com a mais desfaçada indisciplina, e no seio mesmo de Angra, á face dos seus chefes, batiam-se com os portuguezes, não tirando d'isso boas vantagens. Fabricavam moeda falsa, implantavam como em terra sua todas as industrias. Bem ou mal aconselhado por aquella suspeita, Manoel da Silva não consentiu que o caudilho francez fizesse castello que lhe servisse á retirada, se os hespanhoes desembarcassem. Impugnou-lhe o conde «que os soldados, se tinham esperança de evasiva, não pelejavam bem [1]». O que elle queria, e conse-

[1] Herrera, e Annaes da ilha Terceira.

guiu, era dividir os francezes, para que não se pudessem fortalecer unidos e invenciveis n'um castello, e não cessava de os vigiar de noite, á testa das rondas, armado como quem se crê rodeado de inimigos. Quem o accusa de cobarde ao neto do senhor da Chamusca deve ter esvaziado o cabaz das censuras justas.

A 3 de junho de 1583 estava D. Alvaro de Basam á vista dos Açores com uma grande armada. O conde desenvolveu a maior energia na distribuição das forças em os pontos mais accessiveis. Nem sombra de desanimo lhe anuviou o aspeito, quando os cabos francezes dissimulavam pretextos de convenções preteridas para se esquivarem á morte dos seus cincoenta patricios e fidalgos enforcados, no anno anterior, nas vergas da armada do mesmo almirante. N'estes transes de medo a que não podia ser estranho Manoel da Silva, soldado leal de amo tão infeliz, a sua fidelidade foi segunda vez tentada por cartas do marquez de Santa Cruz e de seu primo Tavora. Offereciam-lhe o titulo de marquez de juro e herdade, duas commendas, um lugar no paço para a filha e vinte mil cruzados para pagamento das suas dividas. Contam historiadores coevos que Manoel da Silva, sem fazer alardo do offerecimento dissera aos emissarios: «Affirmai ao marquez que eu antes d'um anno hei de pôr a minha lança em Madrid [1]».

[1] Rebello da Silva, Historia de Portugal, com a au-

Na defeza de Angra, o regedor á frente da cavallaria, occupou o ponto mais accessivel. Infamam-no de ter feito construir no porto das Pipas uma caravella ligeira para fugir em ultimo recurso. Concedida a providencia da caravella como prevenção, está longe de authorisar a injuria. O conde queria defenderse, e não evitava cobardemente a morte no campo; mas entre cahir prisioneiro ou salvar-se pela fuga com certeza, sem desaire da honra militar, optaria pela evasiva. Desembarcaram os hespanhoes no porto das Mós, apesar da bravura dos defensores entre os quaes se provou a lealdade dos francezes. Manoel da Silva correu áquelle ponto com a maior força do exercito, mas extemporaneamente. Tinha já que combater dezeseis mil homens disciplinados que duplicavam o numero dos ilhéos. O general quiz ainda assim com oito mil homens atacar o marquez, dispondo as forças de modo que o inimigo só pudesse salvarse retrocedendo sobre o mar. Não lhe surtiu o plano. A resistencia tinha por si o numero, a disciplina e o furor do esperançoso saque das ilhas com que o marquez inflammava o brio da tropa. Refere-se falsamente que o conde lembrado da victoria que Cypriano de Figueiredo obtivera sobre D. Pedro de Valdez ajudado pelo ardil das vaccas, tentára debalde o mes-

---

thoridade de Herrera e das Lettres contenant la relation de tout ce qui s'est passé aux iles Tercères. Confio pouquissimo em qualquer das authoridades.

mo estratagema. É o que dizem a Relação citada dos Annaes, Rebello da Silva e outros copistas insufficientemente informados.

Póde ser que Manoel da Silva alvitrasse o expediente; mas não o executou. O marquez de Santa Cruz prevenira-se, mandando lançar pregão para que os esquadrões se abrissem e deixassem passagem livre ás manadas do gado. Este pregão foi ouvido nos arraiaes portuguezes; e o intento, se o houve, não foi praticado [1]. N'este combate morreu o melhor cabo de guerra portuguez, Antonio da Silva, sobrinho do conde, rapaz que vivêra mal, dizem os genealogicos; mas acabára valorosamente.

Manoel da Silva, considerando-se perdido, combinou com os capitães francezes a fuga. Conhecia as propostas vantajosas do marquez aos chefes estrangeiros. O hespanhol dava-lhes perdão, armas e navios que os transportassem a França. Luctar desesperadamente seria um heroico suicidio; porém o conde não era tão romano que se deixasse seduzir das glorias posthumas que provavelmente a historia lhe desluziria. Preparava-se para fugir na caravella; mas já a não encontrou. Os francezes, em numero de mil e duzentos, entregaram-se a partido. Achou-se sósinho, miseravel, errando por matagaes por espaço de treze dias, encavernando-se de noite e subindo de dia as escarpas das serras

[1] Veja Historia pontifical, 3.ª parte, por Luiz de Bavia, 1609, pag. 222.

*

para se evadir á perseguição. Depois, vestiu-se de castelhano e misturou-se com as escoltas que o procuravam, a fim de poder embarcar-se na armada — refere a Relação seguida por L. A. Rebello da Silva. São pormenores romanescos, em que entra uma mulata que o denunciou, é um dialogo assás inepto da mulata com o preso. O que é certo é que um official hespanhol chamado Espinola o aprisionou no dia dez de agosto, rejeitando dez mil cruzados que elle lhe offerecia para que o deixasse fugir. A populaça insultava-o quando o viu entrar em Angra no meio da escolta. Foi encarcerado no porão d'uma galera e interrogado sobre as intelligencias de D. Antonio com a França. Conta-se que revelou o que ao marquez convinha saber mediante a tortura. Eu por mim propendo a crêr que nem o marquez carecia de revelações, nem o torturado as faria. É mais natural que se houvesse heroicamente nas respostas, porque tres dias depois, ao cahir da tarde, sahiu do navio para o cadafalso, onde um tudesco o degolou com a sua propria espada.

Nas relações d'esta catastrophe não podiam deixar de intervir as piedosas exclamações do padecente, confessando as suas culpas, pedindo perdão aos espectadores e arrancando lagrimas até aos inimigos compadecidos. São lugares communs em todas as tragedias d'esta natureza, scenas finaes que trazem sempre a Divindade a collaborar no entrecho para que o remate se não confunda com os successos vulgares da especie humana. Conestagio escreve que a dôr dos

circumstantes foi geral, porque Manoel da Silva nos ultimos momentos fallára animosamente, aceitando a morte como justo castigo de suas culpas. Antonio de Herrera e Luiz de Bavia não se lembram de taes discursos, e eu os considero apocryphos.

Manoel da Silva era de estatura mediana, reforçado, barbado, principiava a encanecer aos quarenta e dous annos, e era eloquente, de que dera testemunho nas juntas de Lisboa e côrtes de Almeirim.

Parece que o seu espolio na ilha era precioso. O seu secretario italiano Marco Antonio entregára o thesouro a um capitão que lh'o extorquira depois de findo o terceiro dia de saque. O marquez de Santa Cruz, sabedor do caso, obrigou o capitão a repôr o thesouro de que o marquez se assenhoreou. As Relações e os chronistas não dizem as especies, nem o valor aproximado. Se lá estavam as pulseiras e as correntes das mulheres da ilha Terceira, o marquez não as restituiu.

Não é exacto ser engradada a cabeça de Manoel da Silva na gaiola d'onde se tirou a de Melchior Affonso. O cadaver do decapitado foi enterrado com grande apparato e com todas as honras militares pelo exercito hespanhol [1].

Para o prior do Crato o desastre do seu conde de Torres-Vedras foi grande perda e profunda saudade. Escrevia D. Antonio ao papa Gregorio XIII: «... Elle

[1] Antonio de Herrera, e Luiz de Bavia, loc. cit.

(Philippe II) fez degolar o conde de Torres-Vedras, o constantissimo e fidelissimo Manoel da Silva, que me havia confirmado a fé jurada, e que constantemente a recusára ao castelhano. Era parente dos primeiros principes de Castella, e comtudo nem amplas recompensas propostas pelo tyranno, nem cartas reiteradas e admoestações dos principes seus parentes, nem ainda afinal o supplicio da degolação puderam demover aquelle fidelissimo conde a abandonar-me [1]».

D. Antonio devia ter a certeza de que o seu amigo poderia ter salvado a vida, se na vespera do supplicio offerecesse a sua espada ao almirante hespanhol. Menor heroismo seria o do seu trespasse no campo da batalha. Maravilhado por tão rija inflexibilidade de animo e convicções, bem póde ser que o marquez lhe mandasse fazer o honroso enterro.

Eis-aqui o homem, cuja memoria todos os historiadores portuguezes tem coberto de injurias, excedendo desmesuradamente as que lhe cuspiram os hespanhoes e os italianos.

*

Direi agora da descendencia de Manoel da Silva Coutinho.

O seu herdeiro, se Philippe lhe não sequestrasse

---

[1] Excellent et libre discours du droict de la succession royale au royaume de Portugal, etc. A Paris, 1607.

os haveres, devia ser o primogenito Braz da Silva. Este mancebo entrou no serviço de Castella, e morreu sem descendentes na Sicilia. Salazar y Castro, o mais miudo averiguador da genealogia dos *Silvas,* não sabe nada d'este Braz; outros, como o conde da Ericeira que enviou ao traductor hespanhol de Moreri as suas arvores genealogicas, dizem simplesmente que elle morrera em Sicilia.

Tinha Manoel da Silva duas filhas: D. Leonor Manrique, e D. Guiomar de Vilhena. Ambas ellas rejeitaram, como opprobrio, os appellidos paternos.

D. Guiomar casou com Luiz Lobo da Veiga, grande morgado de Monte-mór-o-Novo. Um filho d'estes, Manoel Lobo da Silva, restabeleceu o appellido de seu infeliz avô. Foi capitão-general da ilha da Madeira, e casou com D. Margarida de Noronha, dama da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya. A sua descendencia está hoje em Noronhas e Menezes.

A outra filha, D. Leonor Manrique, mulher de Ayres de Sousa, commendador de Rio Mayor, foi avó d'outra Leonor Manrique, primeira condessa da Ponte e primeira marqueza de Sande, por ter casado com seu tio Francisco de Mello de Torres, que teve aquelles titulos, e morreu *assassinado por engano,* diz o padre Sousa na HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL, em 7 de janeiro de 1667 [1].

---

[1] Eu não creio que na côrte de Affonso VI e do infante D. Pedro houvesse homicidios *por engano,* apesar da affir-

Algum sangue dos Silvas, senhores da Chamusca, está na casa actualmente reinante em Portugal; porque Ruy Gomes da Silva, principe de Eboli e primeiro duque de Pastrana, era primo-co-irmão do degolado

---

mativa do padre Sousa, e de todos os authores impressos que relatam o assassinio do marquez de Sande. Suspeitei que este silencio significava a alta prosapia dos homicidas, e tratei de averiguar em manuscriptos coevos o mysterioso desastre. Soccorri-me do mais noticioso codice que se conhece, e que está inedito justamente em castigo do desempeno com que relata os acontecimentos occorridos no seu tempo. É frei *Alexandre da Paixão* author do manuscripto intitulado MONSTRUOSIDADES DO TEMPO E DA FORTUNA, *vistas em o reino de Portugal, tanto para argumento da admiração como para exemplo do desengano, succedidas em uma idade que servirá de espelho em todas a principes e validos, etc. Escriptas para que os futuros tirem do maior espanto o melhor documento, pelos annos de 1662 até 1680.* O meu codice abrange proximamente 400 pag. in-folio. Além d'este, ha dous exemplares conhecidos, um na Bibliotheca do Porto, e outro incompleto na de Braga. Frei Alexandre da Paixão refere assim o caso do assassinio do marido da bisneta de Manoel da Silva:

«Em 7 (de janeiro de 1667), vespera de Nossa Senhora da Conceição, succedeu um desastrado caso com circumstancias de mysterio. Cantaram-se na capella real as matinas da Senhora, como as do Natal, pelas 7 horas da noite. Assistiu sua alteza na tribuna e o melhor da côrte; para a tribuna da mão esquerda, ficaram os condes da Torre e de Villar-Maior, o marquez de Sande, D. Francisco de Lima e outros fidalgos. Veio a tratar-se da entrega de Tan-

da ilha Terceira. Tinha aquelle Ruy Gomes casado com D. Anna de Mendonça, amante de Philippe II, e tambem amante do secrerario d'estado Antonio Perez. D'esta princeza e de seu marido nasceu a duqueza

---

ger em Africa, e Bombaim na India aos inglezes. Disseram alguns d'estes senhores que fôra cousa muito mal feita, tanto porque a rainha-mãi o não podia fazer, que era tutora e não senhora do reino, quanto porque se deram a herejes com grande offensa de Deus [1]. Defendeu o marquez de Sande com razões de conveniencia do casamento. Refutaram-nas os de contrario parecer, com a evidencia de que todos quantos entraram n'esta entrega tinham sido castigados ou com mortes ou com desgraças. Ao que impugnou o marquez dizendo que, sendo elle dos principaes que andaram n'este contracto, havia sido sua casa muito venturosa, e elle estava vivo. Acabou-se a pratica com as matinas, metteu-se o marquez na liteira de D. Francisco de Lima e foram para suas casas.

«Chegando á cruz do adro de S. Domingos, investiram a liteira quatro homens de cavallo e quatro de pé, e perguntaram aos lacaios, cuja era a liteira. Responderam que de D. Francisco de Lima; com que avançaram ao melhor lugar d'ella, onde ia o marquez de Sande, e de nove estocadas o mataram sem confissão, ficando D. Francisco de Lima no lugar dianteiro sem lhe tocarem. Conheceram-se entre os matadores criados de D. João de Castro. Voou a nova a palacio. Sentiu sua alteza e toda a côrte a morte do marquez grandemente, e com razão porque não tinha Por-

---

[1] O leitor sabe perfeitamente que no dote de D. Catharina, mulher de Carlos II, entraram aquellas praças.

D. Anna da Silva que casou com o setimo duque de Medina Sidonia, de quem nasceu o oitavo duque, pai da rainha de Portugal, D. Luiza Francisca de Gusmão, mulher de D. João IV. De modo que João da Silva,

---

tugal, nem homem mais ajustado, nem mais bemquisto, nem mais noticioso, nem melhor afortunado em os negocios, nem mais conhecido dos principes da Europa. Mandou sua alteza prender D. João, que se mettera debaixo do guarda-infante de sua mulher, e foram presos com algemas todos os seus criados para a enxovia. Pela confissão d'elles se soube que o matador fôra o conde de Mesquitella, para o que pedira a D. João de Castro os seus criados, porquanto tratava o marquez de casamento com a mãi do conde. Verificou-se com o conde se homisiar e D. João de Carcome para a fronteira do Minho, e, não se dando lá por seguros, se voltaram outra vez para Lisboa. Fizeram-se grandes diligencias para os prender; houve noticias que se tinham retirado ao mosteiro de Belem; mandou sua alteza cercar o mosteiro com tropa de cavallaria e companhias de infanteria, para que não se embarcassem na armada franceza que sahia d'aquelle porto, e partiu no mez de novembro. Depois, embarcaram-se para Italia; e, passando pelo estreito, encontraram duas naus de turcos; pelejaram, defenderam-se, e retiraram-se para Cadix já em tempo que este reino tinha celebrado pazes com Castella. A D. João de Castro buscaram tambem, porque tambem se entendia que foi culpado na morte».

Assim se esclarece o mysterio da morte do marquez de Sande, de quem se lê na ANTI-CATASTROPHE: *cavalleiro de capa e espada, de patrimonio parco, e de nobreza que dependia do uso das virtudes para se acreditar, pois se não podia desvanecer com o nascimento* (pag. 232). Matou-o D. Noutel

segundo senhor da Chamusca, avô do conde de Torres-Vedras, é decimo-terceiro avô do senhor D. Luiz I que Deus guarde.

Isto é um modo de fallar burguez; porque, segundo disse Isabel a catholica, *los reyes no tienen parientes.*

---

de Castro, 2.º conde de Mesquitella, para que o casamento da mãi lhe não desfalcasse os bens. Que tempos e que fidalgos!

Ácerca de frei Alexandre da Paixão, veja BIBLIOT. LUSIT., tom. I, pag. 97, e ELOGIOS DOS REV. PADRES DD. ABBADES GERAES DA CONGREGAÇÃO BENEDICTINA, etc., pag. 412, n.º 41. Preparo a publicação d'este codice importantissimo para a historia dos reinados de Affonso VI e Pedro II.

III

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

O ACADEMICO Sousa assevera com provas documentaes que D. Francisco de Portugal, condestavel de D. Antonio, não chegou a ser conde de Vimioso, porque seu pai, captivo em Marrocos, lhe sobrevivera [1]. Corrigindo assim todos os historiadores da batalha de Alcaçar-Quebir, esteia-se em argumentos que me parecem contradictaveis. Diz elle possuir uma sentença do desembargo do paço em que o successor do 2.º conde de Vimioso provára que seu pai não morrera na batalha de Alcaçar, e pelo tanto a sua casa não caducára. Esta justifica-

[1] HIST. GENEAL. DA CASA REAL, tom. x, pag. 702, 703 e 711.

ção poderia levar em vista salvar os bens dos Vimiosos sequestrados pelo rei intruso, pondo fóra da successão na casa e no titulo o condestavel de D. Antonio.

Diz tambem existir uma carta d'el-rei D. Henrique ao seu embaixador de Marrocos D. Francisco da Costa, recommendando-lhe particularmente o conde de Vimioso D. Affonso, que estava captivo e desconhecido. Offerecem-se-me tres repugnancias em aceitar a authenticidade da recommendação: primeira, nem um só dos historiadores, nem ainda o minudencioso Hieronymo de Mendoça, deixaram indecisa a morte do conde; segunda, o velho odio do ex-inquisidor geral á casa Vimioso, episodio estranho d'esta narrativa; terceira, a presumivel abundancia de recursos proprios para o resgate, pois que seu filho D. Francisco se remiu por 20:000 cruzados; resgatou seu irmão D. Luiz, e gastou mais de 100:000 cruzados no captiveiro, sustentando fidalgos menos abastados. É inaceitavel que o senhor da casa se deixasse morrer captivo e desconhecido, e ainda mais que o filho, vivendo opulentamente em Marrocos até se resgatar, ignorasse que seu velho pai sobrevivera ao desastre ou consentisse que se escondesse em miseravel obscuridade. O argumento menos flexivel que o genealogico da casa real portugueza produz é colhido de um livro composto pelo 9.º conde de Vimioso, INSTRUCÇÃO QUE DÁ A SEU FILHO, etc., onde a pag. 24 se lê que D. Affonso ainda vivia em setembro de 1584, sobrevivendo d'esta sorte a seu

filho D. Francisco de Portugal, que não chegou a ser conde. Merece algum credito este livro, publicado em 1744, porque não precisava de repetir o subterfugio politico com que o irmão do condestavel do prior do Crato quiz salvar os bens, sendo aliás deshonroso para o seu quarto avô o desamparo em que deixára acabar o pai na escravidão; mas esse credito soffre grande quebra; quando o mesmo author em outro dos seus livros, VIDA DO INFANTE D. LUIZ, denomina 3.º conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal. Não se entende. Como quer que seja, á mingoa de prova concludente, e porque não encontro registado o titulo de D. Francisco de Portugal na chancellaria de D. Sebastião, do cardeal-rei, nem ainda dos governadores do reino, parece-me mais seguro desviar-me dos historiadores, que, sem curarem da legalidade dos titulos, trataram de *conde de Torres-Vedras* Manoel da Silva e de *bispo de Angra* frei Manoel de Mello, sem attenderem á incompetencia de quem os nomeou.

D. Francisco nasceu em 1553. Tradições de familia conservadas na HIST. GENEAL., dizem que teve esmeradissima educação em letras, provada em composições metricas, onde se revela saber de linguas grega, latina, franceza, italiana e hespanhola. Nada se imprimiu que assevere a tradição; mas eu não duvído que D. Francisco, neto do primeiro conde, collaborador do CANCIONEIRO, compilado por Garcia de Rezende, herdasse o condão das boas letras muito distinctamente cultivadas na geração dos Vimiosos.

Na Bibliotheca publica de Evora ha poemetos manuscriptos d'um conde de Vimioso que o erudito Rivara catalogou na duvida se seriam do 1.º conde. Com certeza eram, porque são tambem d'elle os PROVERBIOS catalogados, que seu neto D. Henrique de Portugal publicou em 1605, sob o titulo de SENTENÇAS. O padre Sousa falla d'um soneto de D. Francisco, urdido de seis idiomas, e trasladado a portuguez pelo author da LUSITANIA TRANSFORMADA. Não sei se é algum dos inclusos na pastoral de Fernão Alvares do Oriente. Desconheço as convivencias litterarias d'aquelle fidalgo com os escriptores notaveis do seu tempo. O snr. visconde de Juromenha, no prefacio da sua edição das obras de Luiz de Camões, escreve que D. Francisco de Portugal havia sido um dos intimos do poeta. O snr. visconde equivoca-se confundindo o 1.º ou 2.º conde de Vimioso com o que elle considera 3.º Quando Camões se embarcou para a India, D. Francisco ainda não era nascido; e, no regresso á patria, o Vimioso contava então quinze annos. Camões ainda viveu dez; poderia cultivar essas amizades intimas litterarias; mas é notorio que o cantor do Gama vivia pobre, esquecido, odiado do clero e dos fidalgos, com excepção de raros. D. Francisco de Portugal, muito por armas e nada por letras, insinuára-se na côrte, desde os seus vinte annos em que passou á Africa com o rei, na sua primeira jornada. D. Sebastião estimava-o como a rapaz valente e talvez inflado das fatuidades que depois o caracterisaram fortemente. Não houve ninguem na côrte que expli-

casse ao monarcha a inspiração quasi mendicante d'estes versos de Camões enviados ao neto de D. João III:

> Estes humildes versos, que pregão
> São d'estes vossos reinos com verdade,
> Tenham, se não merecem galardão,
> Favor sequer da regia magestade.

A não lhe darem um premio egregio, esporas de ouro a tão enaltecida fidalguia de talento, pedia *favor sequer* — uma esmola. Se D. Francisco de Portugal houvesse sido amigo intimo ou sequer admirador de Camões, a não ser o portador das lastimas do poeta ao rei, repartiria com elle das sobras do seu luxo, da sua vida pompeada em demasias que até no captiveiro o celebraram. Concedido de barato que o joven fidalgo privasse na estima de Camões, a pobreza de um e a opulencia do outro demonstra que se algum dos dous se houve ingrata e deshonrosamente n'esta amizade esteril foi D. Francisco de Portugal. Sabe-se, porém, que da casa dos Vimiosos se mandou a mortalha para o cadaver de Camões, com quem D. Manoel de Portugal privára na sua mocidade.

Eu já disse que D. Sebastião levou comsigo á Africa em 1574 o corajoso moço; e quando, volvidos quatro annos da incubação do fanatico e cavalleiroso desatino, lá voltou, D. Francisco estava ao lado do rei, no posto da maxima honra e do maior perigo.

Referem chronistas que elle praticára inuteis proezas na batalha; é de presumir que sim; mas o relatal-as como de vista é pura invenção. Acho judiciosas as palavras d'um que assistiu á batalha, contra os miudos encarecimentos das façanhas de alguns cavalleiros: «N'esta hora negra, era a calma tamanha, o pó, fumo, grita, a pouca defeza e confusão de maneira que o discreto leitor ha de cerrar os olhos meia hora, que não durou mais, e em os abrindo, achará todos tisnados, roubados e perdidos, seu rei morto e despido, e os mais todos captivos de ruim modo. ... *Toda a pessoa que disser que viu alguma cousa n'este accidente, e quizer contar historias, e dar relação de pessoas particulares, não vos fieis d'elles; e deviam ser levados a S. Lazaro, apartados da gente; porque o caso foi um raio e ira de Deus que a todos cegou* [1]».

Quaesquer que fossem as suas proezas, não referem as monographias da batalha que D. Francisco de Portugal, á imitação de D. Christovão de Tavora, sustentasse a posição ao lado do rei no derradeiro transe; e, posto que o genealogico Sousa tente commover com o estado de D. Francisco *mais morto com a des-*

[1] Collecção de documentos manuscriptos do seculo xvi, na maior parte tocantes ao tempo d'el-rei D. Sebastião. Codice da Bibliot. publica do Porto, herdado com os mss. do conde d'Azevedo.

graçada morte de el-rei do que vivo para as esperanças da liberdade, outro escriptor coevo e testemunha dos actos do juvenil fidalgo nos dá margem a crêr que a impressão do desastre não o quebrantou a ponto de esquivar-se ás blandicias amorosas de uma irmã do xerife Muley-Hamet [1]. Os fidalgos captivos em Marrocos, viviam jovialmente. Eram no desastre tão pouco sentimentaes como bravos na peleja. O chronista frei Bernardo da Cruz descreve-os sem lisonja: «... Viviam com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavam senhores da terra; e além de cada um ter sua pousada em casas muito formosas de judeus, com ricas camas e tapeçarias, gastavam mui esplendidamente em vestir mui ricas sêdas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim uns se mandavam prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavam de judeus com assignados de lhes pagarem, o que os judeus faziam com maior confiança do que o fizeram os mercadores de Lisboa antes de haverem partido para a Africa. Com esta liberdade e magnificencia se tratavam os fidalgos, e os que tinham posse com jogos e banquetes, uns christãos aos outros e alguns alcaides aos fidalgos. ... E em Fez onde os fidalgos quasi todos se ajuntaram, resplandeceu um primor e ufania n'elles, no trata-

[1] Jornada de Africa, composta por H. de Mendoça, cap. xvi.

mento acima dito, que parece que foi o mais novo genero de captiveiro, que houve no mundo, não digo entre barbaros, mas ainda entre christãos mui polidos [1]».

---

[1] Chronica d'el-rei D. Sebastião, pag. 371-373. Outro escriptor coevo afina pela mal disfarçada indignação do frade chronista: «No captiveiro houveram-se tão vãos, tão deshonestos, tão insensiveis da sua honra e fidalguia que muitos d'elles aceitaram resgate dos embaixadores de Philippe, com vergonhosos partidos sobre os successos do reino que já começavam a vender». Quanto á cobardia dos fidalgos na batalha de Alcaçar expõe umas sinceras afoutezas que não andam perpetuadas nas chronicas: «... Como estes senhores não sabiam mais que rasgar sêdas, lograr perfumes da India, aguas estiladas, passear as damas, inquietar donas virtuosas e honestas, andar com a barba no ar, soberbos mais do que Lucifer, cuidando que n'isso estava o ponto e ser da fidalguia, indo armados d'esta côr e tenção mais para bodas que para brigas, em vendo o campo de Moluco, arraiaes calmosos e armas pesadas e desacostumadas, logo esmoreceram cahindo-lhes o coração aos pés. Pelo que, ao primeiro *S. Thiago* que se deu, elles foram os primeiros que mostraram as costas aos mouros, voltando á redea solta com tanta desordem e cobardia que o esquadrão dos Aventureiros ou desaventurados de pé, á custa da vida, lhes deu lugar, e elles deram principio a todo o mal e destruição que logo se seguiu. Esta é a verdade pura, e clara; o contrario, é quererem cobrir o céo com uma joeira...» Carta do dr. Pedro d'Alpoim, contador, para o duque de Bragança. Está impressa em parte nas Noites de insomnia. Barbosa, na Bibliot. lusitana, art. *Pedro d'Alpoim,* mostra ignorar o intento d'este ms. preciosissimo

Não será, visto isto, temeridade suppôr que D. Francisco de Portugal estava *mais vivo do que morto,* ás avessas do que presumia a boa fé ou a cortezia lisonjeira do seu biographo. Hieronymo de Mendoça tambem o exalça nos amores com Lela, irmã do xerife. Era senhora já dura de annos, santa á moda mourisca, dava por alto preço passaportes para o céo, e tinha cultivado com esmero raro a flôr da virgindade. Apaixonou-se a princeza sarracena por D. Francisco de Portugal, que não foi de todo insensivel, comquanto no dizer de Mendoça, tratasse os fogos serodios de Lela *a modo de zombaria.* Divertia-se o mancebo; mas ella deu-lhe a perceber que se faria christã para o haver como esposo; e, para o convencer, em domingo de Paschoa banqueteou os fidalgos, commemorando a festa d'aquelle solemne dia. N'este em meio, quando o fidalgo amado começava a temer-se das ameaças indirectas da matrona mal refrigerada em seus ardores, o xerife mandou-o chamar á sua presença. D. Francisco preparou-se para a morte, cuidando que Muley-Hamet o ia sacrificar á lasciva irmã; porém o rei de Fez acolheu-o benignamente e convencionou em 20:000 cruzados o seu resgate. Voltou para a judiaria o galhardo moço, que era

para a historia da desmoralisação a que tinha baixado Portugal em 1580. Veja-se o SERMÃO admiravel que prégou frei Miguel dos Santos, nas exequias de D. Sebastião. VIRTUDES ANTIGAS, pag. 111-144.

anciosamente esperado; e, de contente que vinha, diz Mendoça, *arremessou o cavallo, enchendo os olhos a todos de estranha alegria.* A moura procedeu com honesto desprendimento, favorecendo o ingrato e os seus conterraneos em quanto se detiveram em Africa.

D. Francisco houve de mercadores judeus o emprestimo dos 20:000 cruzados, e abonou quantias menores com que outros se resgataram. Devia ser enorme a sua casa ou a somma das suas dividas, se as calcularmos pelas liberalidades que fez em Africa e, mais tarde, em França.

Regressando á patria, embarcou nas galés do marquez de Santa Cruz, e aportou a S. Lucar, onde se hospedou em casa do duque de Medina Sidonia. Ahi foi tentado a concordar no direito de Philippe, como successor legitimo do cardeal-rei. Resistiu aos argumentos do duque e ás promessas de prerogativas e vantagens á sua casa. Dizem que Philippe directamente o solicitára. Não me conformo com o encarecimento que faz da recusa um genealogista da casa brigantina. Até me quer parecer que D. Francisco de Portugal tergiversaria na resposta ao duque para que o não retivessem em disfarçada prisão em S. Lucar como succedeu ao duque de Barcellos D. Theodosio. Á audacia das respostas negativas opporia Philippe II cavillosos embaraços no regresso a Portugal. O certo é que D. Francisco vacillava ainda entre D. Catharina de Bragança e o bastardo do infante D. Luiz, quando este já tinha sido acclamado em Santarem. *Eu es-*

tou indifferente, escrevia elle a Pedro Docem, quando já o duque d'Alva pisava territorio portuguez; e explicava a parcialidade dos seus parentes em prol do prior porque havia necessidade de salvar a independencia. O seu enthusiasmo não era tamanho que o dispensasse de consultar pessoalmente o celebre jurisconsulto Pedro Barbosa ácerca da legitimidade de D. Antonio, antes de arrancar da espada. Assim o refere o principe exilado na sua Carta a Gregorio xiii.

D. Francisco tinha vinte e seis annos, espirito cavalleiroso, ardentes enthusiasmos e ambições de ser o condestavel de um novo Mestre d'Aviz. Havia bastantes analogias na situação. O inimigo castelhano, o principe bastardo, e elle, D. Francisco, descendente de Nuno Alvares Pereira. O mais que faltava — a bravura rude e o pundonor inflexivel até á morte jurada sob o estandarte de Aljubarrota — isso, que era tudo, suppria-o a colorida phantasia do moço poeta. É pouco mais ou menos o que se deprehende de uma carta sua escripta de Setubal, onde assistia com a mão nos copos da espada ás deliberações de côrtes, em que elle e Antonio Moniz Barreto eram sósinhos contra dezoito parciaes de Castella.

Esta carta appareceu vertida em hespanhol a paginas 505 do 1.º tomo das Obras de Luiz de Camões, editadas pelo snr. visconde de Juromenha. Trasladei-a a portuguez, apesar do receio de não acertar cabalmente com a fórma das locuções originaes; porém, como o assumpto olha mais á historia que á philologia, dou pequena importancia á fidelidade do

texto já agora de impossivel verificação. Orthographei e pontuei de modo a facilitar-lhe a comprehensão. Era dirigida a Pedro Docem, que acompanhou D. Sebastião. Por sua mãi, D. Catharina de Menezes, era este captivo muito nobre, e tambem notabilissimo por seu pai, que representava o celebre Martim Docem do seculo XV. Não era castelhano como escreveu um historiador portuguez. Esta carta provavelmente não chegou ao seu destino, e divulgou-se interceptada e traduzida em Hespanha. Pedro Docem morreu no captiveiro em Fez.

Diz assim :

« D'este reino não se póde bem fallar sem lagrimas ; não pareceu bem aos governadores defendel-o, e assim deixaram Almeirim, e vieram aqui a Setubal a fazer côrtes com pessoas que tinham parcialidade de Castella. Estavam as mesmas côrtes para entregar-se ; atalhar isto custou-me arriscar a vida muitas vezes, e algumas pôr a mão na espada. Quizeram defender-me a entrada com companhias de arcabuzeiros, levantou-se o povo por mim, e depois quizeram prender-me porque fui com gente armada ao paço, e tambem não puderam. Em fim, fecharam-se as côrtes que eram de todo castelhanas. El-rei de Castella está em Badajoz com pequenito exercito que não passará de 17:000 infantes, e os mais d'elles bisonhos e rotos, e 2:100 cavallos em que não ha 300 uteis ; e ainda que a peleja não começou, alguns lugares do Alemtejo tomaram a sua voz. O povo impaciente levantou por seu rei ao senhor D. Antonio, haverá oito dias, com grande applauso. Está em Lisboa e espera-se ámanhã aqui, e (*espera-se*) que os governadores se ponham a salvo esta noite. O duque de Bragança foi-se esta manhã, diz elle, que a morrer honradamente em defensa do reino, o qual

sem duvida parece que se defenderá honradamente. Lisboa está fortissima; e por constar que se esperam por horas grandes soccorros dos principes christãos, dizem que o senhor D. Antonio está já obedecido Tejo acima em todos os lugares, e todo povo o deseja. Aqui é muito temido dos que não temem Deus. Eu estou indifferente, e sómente no que houver de defender hei de estar e seguir o que fôr direito e christandade e honra, que me cumpre conservar, porque todos os grandes d'este reino, seguindo parcialidades, o deixaram passar, Villa Real, Castello Branco (?) [1], Tentugal e Bragança e outras assim. Eu só hei ficado n'estas côrtes em que affirmo a V. M. que Portugal me deve estar hoje livre; eu o defendi mais com a minha pessoa que com as armas, como fez aquelle santo condestavel de quem venho; e o bispo da Guarda, meu tio, e o snr. D. João Tello e o snr. D. Manoel [2] levantaram e sustentaram o senhor D. Antonio, não por... [3], mas porque não houve outro modo de defender-nos. Confio que com effeito se fará, e que V. M. achará tudo quieto. Não posso agora dizer mais nada. A esses senhores todos beijo as mãos. De Setubal 27 de junho de 1580 [4] ».

---

[1] A versão hespanhola diz *Castillo*.

[2] Allude a D. Manoel de Portugal, seu tio.

[3] No hespanhol está *no por parecer-le*. O sentido algum tanto confuso é talvez que aceitavam D. Antonio visto que o duque de Bragança, a quem por sua mulher cabia a corôa de direito, não sahia em defeza do reino; ou talvez a versão não adulterada em hespanhol fosse *aplacer-le,* « agradar-lhe ».

[4] O snr. visconde de Juromenha publicou em hespanhol esta carta, annotando o lanço em que diz que o conde de Vimioso, o condestavel de D. Antonio, fôra um dos intimos amigos de Camões.

Revela esta carta a myopia politica do indeciso adversario de Castella. D. Fernando Alvares de Toledo, o implacavel verdugo de Flandres está ás portas de Extremoz, e o tribuno denodado das côrtes de Almeirim espera para se decidir illuminar-se com os deveres de verdadeiro christão, e espera ainda mais que as mãos de Isabel Tudor e Henrique III segurem a corôa de D. Antonio. Ou D. Francisco de Portugal, arrancando da espada com bizarro espalhafato na sala das côrtes, e ufanando-se de neto de Nuno Alvares, — ou o seu inclito avô mandando mansamente «correger» a sua espada e recusando o prenome de *senhor* que lhe deu o alfageme de Santarem. Os dous condestaveis e os dous bastardos eram os symbolos das duas épocas: o de Alcantara fiava a victoria das forças estranhas que se esperavam; o de Aljubarrota reviase na lamina açacalada do seu montante.

Eu só com meus vassallos e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada [1].

Póde ser que D. Francisco, ao *pôr a mão na espada,* se lembrasse do santo condestavel, segundo Camões. Os heroismos do seculo XVII eram d'um postiço romano e imitativo que não se sustentava nos lances apertados. As duras e asperas originalidades da idade média só tinham de arte e polidez a que os alfagemes davam ao aço das boas laminas de Toledo.

[1] Lus., cant. IV, est. XIX.

Convencido de que o duque de Bragança *se não fôra a morrer honradamente em defeza do reino,* e tendo consultado o lente de Coimbra Pedro Barbosa sobre os direitos de D. Antonio [1], D. Francisco decidiu-se pelo prior do Crato e pelo seu odio aos governadores fugitivos de Setubal. No conflicto da fuga, procedeu com irreflectida generosidade, impedindo que a tropa e a populaça se apossassem dos partidarios de Philippe, e rondando pessoalmente de noite para entreter a soldadesca, em quanto os governadores do reino e os embaixadores de Castella corriam perigo na fuga. Deu passaportes a Rodrigo Vasques e a Christovão de Moura *que sentiu mais dever-lhe a vida que perdel-a,* escrevia elle a Philippe. Aos que o arguiam de inopportuna magnanimidade, respondia o fidalgo: «mais faz ao nosso caso fugirem elles que não matal-os em terra, o que soaria mal a quem apaixonadamente visse este negocio [2]». Esta bizarria fôra plausivel e boa para uma collecção de apophthegmas e ditos sentenciosos; mas o duque d'Alva fazendo decapitar pouco depois em Cascaes D. Diogo de Menezes, e pendurar em ameias o alcaide Henrique Pereira, dava ao generoso portuguez uma lição de politica sanccionada nos preceitos que ainda hoje vogam nos dous hemispherios.

---

[1] Excellent et libre discours du droict, etc. A Paris, 1607, pag. 168.

[2] Carta do dr. Pedro d'Alpoim, contador, para o duque de Bragança.

Aquella phrase de D. Francisco *não matal-os em terra,* deixa presumir que elle preferisse matal-os no mar, e é bem fundada a presumpção; mas não se explica o motivo politico da preferencia. O certo é que elle assim que viu ao longe trapejar o pano da caravella que levava oito dos mais rijos impugnadores de D. Antonio, metteu-se com soldados em um navio; e, se não vingou a medida politica de os matar na agua, é porque o vento lhe soprou contrario. Por outro lado, não se comprehende a justiça de Vimioso que a uns dava passaporte para Castella e a outros projectava dar-lh'o para a vida eterna. D. Francisco de Portugal, bem definido, era um rapaz cheio de chimeras, leviandades, altos conceitos da sua pessoa, e valentia, umas vezes prudente como em Alcaçar e Alcantara, e a final cega e decisiva, como na batalha naval dos Açores.

Dizia na carta ao seu amigo captivo D. Francisco de Portugal que se esperava no dia seguinte el-rei D. Antonio. De feito, o filho de Violante Gomes, á frente de 8:000 infantes e 1:000 cavallos entrou em Setubal. Escreve uma testemunha presencial: « Entrou em um campo formado, com tantas trombetas bastardas e atabales, tão formoso e tão lustroso que ponho duvida se passou com melhor gente a Africa el-rei D. Sebastião. O vestido e o cavallo era o proprio com que entrou em Lisboa [1]. Appellidava diante da bandeira o

[1] A respeito d'este cavallo e d'este vestido diz o ms. da Collecção do conde d'Azevedo que nos ministra estas

nome de *Real* toda a gente, e debaixo d'esta bandeira com 300 escopeteiros de Santarem como guarda sua e fieis seus, além da guarda de sua pessoa de alabardas».

Este inane e ruidoso espectaculo devia impressionar D. Francisco de Portugal, e attrahil-o definitivamente e arrebatadamente á causa do pretensor que entrára em Lisboa com 200 homens e sahira com 8:000 de pé e mil cavalleiros. Elle não indagou que cavallos e cavalleiros eram aquelles: os primeiros haviam sido embargados á força, os segundos eram na maior parte jornaleiros do Riba-Tejo e a arraia miuda da capital. Quanto á infanteria, porção era de negros

miudezas, o seguinte: «... E por vir cançado (refere-se á entrada em Lisboa, depois de acclamado em Santarem) se assentou na sacristia (da Sé) e mandou chamar os mesteres e juiz dos vinte e quatro, que todos abraçou, e o receberam com muito contentamento. D'aqui, ás 6 horas da tarde, abalou para o paço, em um cavallo branco muito formoso, com um chapéo de tafetá grande, e um pellote de chamalote e ferragoulo do mesmo, e meias calças brancas sobre as imperiaes [1], como quem vem de caminho. Do povo foi muito bem recebido como muito havia desejado, e das mulheres formosas muito mais, que não só com os olhos folgavam de o vêr por particular affeição, mas com as mãos o festejavam com aguas rosadas, mostrando n'isto uma especie de alegria que assim como ás vezes faz verter agua pelos olhos assim fazia ella pelas mãos, borrifando-o como noivo que casára com Lisboa quasi desesperada de o ter».

[1] *Calças imperiaes* eram golpeadas com muitos feitios.

escravos, de mulatos, de estrangeiros, e muitos frades franciscanos—um irrisorio exercito com que D. Francisco facilmente iria ao encontro dos 17:000 infantes e 2:100 cavallos de Castella, que elle, zombando, numerava na carta escripta a Pedro Docem. D'aquelles 9:000 homens 5:000 desappareceram na vespera da batalha d'Alcantara.

D. Antonio mandou-o entender-se com D. Diogo de Menezes a Cascaes; deu-lhe provisão para distribuir commendas e mercês; e ao mesmo tempo enviou frei Manoel de Mello e Antonio de Sousa, de Lamego, pedir á duqueza de Bragança sua filha para esposa, concedendo ao duque o titulo de infante e a reversão da corôa aos seus filhos, se não houvesse descendencia.

Parece que o prior do Crato resolvera desatar os laços canonicos que o prendiam á Igreja como freire de S. João de Malta logo que estivesse seguro na posse da corôa. A mesma idéa, em annos mais adiantados, passára no espirito embotado do cardeal D. Henrique seu tio, com a mesma noiva ou com Catharina de Medicis. De D. Antonio, que orçava então pelos cincoenta annos, seria exageração dizer-se o que Manoel de Faria e Sousa, antes de assalariar-se espião de D. João IV em Madrid, escreveu do cardeal-rei: «Propunham que o cardeal se casasse. Nomearam-lhe como noivas a filha de Bragança e a rainha-mãi de França, cujo retrato mandou vir e trazia comsigo; e o certo é que, segundo sua disposição e idade, tendo-a pintada, tinha-a como a podia ter, e, posto que já tivesse sido mãi, quanto a elle estava como a so-

brinha; e comtudo os que o desejavam casado, conhecendo que nem com mulher casada teriam fructo do casamento, ousavam dizer... que lhe trouxessem mulher ainda que já fosse pejada [1]».

Os enviados do prior ao duque de Bragança foram despedidos com delicada recusa. D. Antonio era tão malquisto aos Braganças como aos Philippes. A proposta feita pelo filho da Pellicana, inquinada de judaismo e mancebia, devia irritar a neta de el-rei D. Manoel que tambem lá tinha para castigo do seu orgulho João Gonçalves Barbadão, pai de Iria. D. Antonio, repellido, voltou-se para D. Philippa de Vilhena, irmã do seu amigo D. Francisco de Portugal. Haviam concertado o casamento, quando o rei acclamado se assentasse no throno de D. João I. D. Philippa, sobre ser formosa e muito na flôr dos annos, era doutissima em Escripturas e latinidade. Esperou até á morte do noivo promettido com heroica, senão amorosa, constancia. Depois, fechado o sepulchro do alquebrado velho, tambem ella se inclaustrou no mosteiro do Sacramento onde foi prioreza, e ahi falleceu em 1614, sobrevivendo vinte e cinco annos áquelle que se finára com a sua esperança de ser rainha de Portugal [2].

---

[1] Epitome de las historias portuguesas, edição de 1628. A quem parecer aspera a arguição de espionagem feita a Manoel de Faria e Sousa, leia o Curso de litteratura portugueza, por C. C. Branco, pag. 71-83.

[2] Hist. genealogica, tom. X, pag. 711.

Supponho que D. Francisco de Portugal, distribuidas as mercês que D. Antonio liberalisava por intermedio do seu condestavel, recolheu a Lisboa onde o chamava a patente de general do exercito. Todos os fidalgos que sahiram ao encontro do duque d'Alva em Alcantara, á frente de uns quatro a cinco mil homens collecticios, eram generaes; mas, não obstante o engodo da patente, muitos na vespera da batalha adoeceram de terror ou comprehenderam a inutilidade da resistencia. Não cabem n'este estudo delongas a respeito da batalha que pertencem á monographia do prior. Os historiographos encarecem as proezas de D. Francisco de Portugal que vibrava um montante no local mais perigoso da ponte; parece, porém, que o fugir elle invulnerado do recontro significa mediano risco, prudente desvio do ferro, pontaria muito errada do inimigo, ou, emfim, grande felicidade do lidador. A verdade é que o estado-maior, como hoje diriamos, de D. Antonio fugiu incolume, e a ferida que o pretensor curou em Santo Antonio do Tojal diz a maioria dos narradores da miseravel derrota que a recebera de um dardo remessado por um dos seus ao acaso.

D. Francisco, Diogo Botelho, o bispo da Guarda, Antonio de Brito Pimentel, alguns criados particulares seguiram D. Antonio. Santarem recebeu-os com tanta frieza quanto havia sido o ardor em o acclamar. Coimbra sorria de presente ás esperanças banaes do fugitivo que premeditava ainda a resistencia emquanto de França não aportavam soccorros. A historia não

nos deixa acreditar que á volta do neto de D. Manoel estivesse um homem sensato; mas, em compensação, corações devotados teve-os deveras, se é que a necessidade não explica as adhesões constantes.

O prior tinha grangeado em 1579 grande partido em Coimbra, pela influencia de D. Lourenço Leite, prior de Santa Cruz, que vingára incutir o seu ardente patriotismo no senado, no povo, no corpo cathedratico e nos academicos facilmente inflammaveis. Mas esse partido em 1580 estava reduzido á fidelidade do dom prior geral, d'alguns conegos regrantes que ainda o estimavam por ter sido seu condiscipulo no mosteiro, e em alguns lentes como Pedro d'Alpoim, degolado pouco depois. Quem contraminára a influencia do poderoso cruzio fôra um conego prebendado, fidalgo da casa de el-rei, Ambrosio de Sá, sobrinho do poeta Francisco de Sá de Miranda. Este conego que primeiramente havia sido acerrimo antonista, sob a influencia do seu parente Simão de Sá, bispo portuense, mudou do envés, quando o mesmo bispo se deixou converter por seu primo Pantaleão de Sá, alcaide-mór do Porto. Ambrosio recebeu cedula de Christovão de Moura, e como tal se acha alistado no rol publicado por Faria e Sousa [1], com o numero 34, e estendeu a sua influencia á parentela de Sás, que era importantissima. Os numeros immediatos, 35 e 36, dos comprados por Philippe, são Luiz Pessoa, que

[1] Europa Port., tom. III, pag. 120.

reagira á influencia do prior em Monte-Mór, e Gaspar Juzarte de Andrade. O primeiro casára com Isabel de Mello, filha do conego, e vendera-se pelo fôro de fidalgo e 40$000 reis annuaes de tença; o segundo era sobrinho de Pessoa e não se vendeu mais caro que o tio [1].

Sem embargo, D. Antonio achou francas as portas de Coimbra e as de Santa Cruz onde o recebeu nos braços o seu velho aio e mestre D. Lourenço Leite. Tratou de refazer um exercito de 5:000 homens, em que avultavam alguns academicos enthusiastas, mas tão disciplinados como a plebe rural, que elle armou com lanças e alabardas da sala d'armas do mosteiro. Cem annos antes, o prior geral D. João de Noronha, travado em guerra com o bispo á conta de jurisdicções, mandára construir no mosteiro uma sala de armas para peões e cavalleiros. Havia panoplias de armas brancas, couraças com clavaduras douradas sobre velludo, piques, montantes, espadas, escudos, rodellas e bons arnezes de finas laminas [2]. Grande parte d'este arsenal monastico e indigno dos filhos de S. Theotonio perdera-se em 1566 quando os de Coim-

---

[1] Quanto á consideração que Christovão de Moura dava á conquista d'este conego, vejam-se os despachos de Moura trasladados de um ms. da Acad. real das sciencias na Hist. de Port. de R. da Silva, tom. II, pag. 219-222.

[2] D. Nicolau de Santa Maria, Chronica da Ordem dos conegos regrantes, tom. II, pag. 269.

bra foram armar-se ao mosteiro para irem de arrancada repellir a Buarcos uma forte armada de lutheranos. Os herejes usaram a prudencia de se fazerem ao mar, e os bons catholicos de Coimbra poucas armas restituiram. Algumas que restavam em 1580 apossou-se d'ellas o prior do Crato, a beneplacito dos frades [1].

---

[1] Remontando á época em que o dom prior de Santa Cruz, da raça dos soberbos *Noronhas,* contendeu com os não menos arrogantes *Almeidas* do bispo D. Jorge, direi o que pude averiguar mais plausivel. Alexandre Herculano incidentalmente lembra este caso na polemica ácerca da apparição do Crucificado em Ourique n'estes termos, referindo-se á época da invenção documentada da lenda: «... N'aquella conjunctura, o mosteiro estava gasto e desbaratado das guerras que pouco antes o prior D. João de Noronha tivera com o bispo de Coimbra, em razão de uma pouca de carne furtada da cozinha do bispo pelos criados do prior; guerras em que se deram cruas batalhas nas praças de Coimbra, sendo necessario que o poder publico mandasse marchar tropas para pacificar á força os dous reverendos campeões». Herculano authorisa-se com a CHRONICA DOS CONEGOS REGRANTES de dom frei Nicolau de Santa Maria; mas o chronista está muito longe de justificar estas amplificações. É certo que os criados do mosteiro entraram na cozinha episcopal e levaram a carne que o magarefe, parcial do bispo, não quizera vender aos frades; porém, o que d'essa grotesca vindicta se seguiu foi travarem-se os criados dos dous inimigos quando se topavam, e com tal furia que alguns morreram nos conflictos. Preparavam-se

Logo que chegou aviso a Coimbra de estar em marcha na piugada dos fugitivos D. Sancho d'Avila com 400 cavallos e 1:500 infantes, D. Antonio, posto que tivesse arregimentado 5:000 homens, deu as costas ao inimigo, abandonou Coimbra, e foi atacar Aveiro que lhe fechára as portas. A viuva do duque D. Jorge, morto em Alcaçar, era irmã do duque de Os-

os parentes do prior para darem batalha campal aos parentes do bispo, quando D. João II mandou a João Homem Pessoa, poderoso fidalgo da Beira, que descesse a Coimbra com os seus vassallos e aplacasse os dous belligeros ministros do pacifico Jesus. João Homem conseguiu com artes socegar as duas raças assanhadas de Almeidas e Noronhas, desterrou de Coimbra os mais volteiros e processou os implicados em mortes. D. Nicolau não conta o resto que é o melhor. João Homem, conquistada a paz, deixou-se estar por Coimbra a conquistar senhoras. Os desgostosos das suas providencias pacificadoras enviaram a D. João II uns capitulos de accusação a *fazerem-lhe queixumes* de que João Homem *dormira com mulheres.* O *Principe perfeito* examinou os *grandes capitulos, e quando achou que não era com casadas nem com freiras nem forçára nenhuma, mandou logo perante si queimar os capitulos, e disse que touro capado não era bom para corro.* Assim o refere o seu panegyrista Garcia de Rezende no cap. CLI da CHRONICA. D. Nicolau cita Rezende exagerando-o; Herculano a fim de descrever o mosteiro desmantelado pelas «cruas batalhas» exagera D. Nicolau. O mosteiro n'esse tempo prescindia tanto de rehabilitar-se pela falsificação de documentos milagreiros, que construiu esplendida sala de armas, e parecia crêr mais nos montantes do que na cruz sobrenatural com que se intentava explicar a victoria de Affonso em Ourique.

suna, e senhora donataria de Aveiro. Foi ella por ventura quem influiu na hostil desaffeição dos aveirenses ao prior do Crato. Esta inesperada contrariedade irritou-o em coleras que pedem indulgencia. Mandou buscar artilheria ao castello da Feira e bombardeou a villa. Os sitiados resistiram esperançados em soccorros do Porto, pedidos ao alcaide-mór Pantaleão de Sá; mas, descoraçoados e vencidos pelas admoestações pacificas dos Alpoins, partidarios do prior, abriram as portas. Houve saque, prisões e homicidios. Comprehende-se este rancor do infeliz pretendente contra os seus naturaes que o repelliram, defendendo a villa para a entregarem aos castelhanos. Philippe II apreciou grandemente a dedicação da terra em que D. Antonio dessedentára a sua sêde de vingança. Em 13 de maio de 1581 concedeu a Aveiro titulo de nobre e notavel; no dia anterior lhe concedera os privilegios que D. Manoel dera a Coimbra em 1510, pelos quaes era facultado ao morador da villa usar armas a qualquer hora, e praticar qualquer crime sem receio de tormentos.

Nos Annaes da ilha Terceira por Drummond lê-se que uns enviados de Angra vieram encontrar em Aveiro no *principio d'agosto,* o prior na cama a curar-se dos ferimentos de Alcantara. Não póde ser. A batalha de Alcantara travou-se em 25 d'agosto, e D. Antonio chegou a Aveiro no meado de setembro. Tanto credito me merecem os ferimentos do prior como a chronologia dos velhos documentos que o compilador Drummond não quiz corrigir.

Parece que D. Antonio projectou sahir d'Aveiro directamente para França; mas a opinião de D. Francisco de Portugal e do bispo da Guarda, seu tio, fez-lhe entreluzir esperanças no partido que tinha no Porto e nas forças que lhe offereciam as provincias do norte. Illudiam-se com os bandos amotinados dos portuenses sem um caudilho da fidalguia. Pantaleão de Sá, alcaide-mór e o bispo D. Simão com outros homens ricos e considerados, assim que viram em frente da cidade os saqueadores d'Aveiro, no dia 28 de setembro, sahiram para Braga, onde o arcebispo, tambem parcial de D. Philippe, corria iguaes dissabores com alguns nobres e muita plebe amotinada a favor de D. Antonio [1].

---

[1] Ao snr. José Caldas, que está escrevendo a biographia do arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, enviei alguns talvez inuteis esclarecimentos, que traslado do n.º 6 da Bibliographia portugueza e estrangeira:

«... É pois natural que um dos seus mais interessantes capitulos se preencha com a politica de D. frei Bartholomeu dos Martyres em 1580 por occasião das alterações promovidas pelos pretensores á corôa, mórmente D. Antonio e Philippe II de Castella.

Ahi veremos a parcialidade, nem censuravel, nem singular, do prelado pelo rei estrangeiro. Elle que era virtuoso não transigiria de certo com a libertinagem do seu discipulo prior do Crato que a esse tempo tinha dez filhos de diversas mulheres; mas por outro lado os vicios de Philippe, adultero e filhicida, tambem não explicam a sympathia

Entrou o sobrinho de D. João III no Porto, após curta resistencia. Carecia de dinheiro: a cidade burgueza já era então um valhacouto de capitaes amuados nos cofres dos mercadores. Os mais ricos foram fintados e executados summariamente. Contra a opi-

do austero campeador do Concilio Tridentino. Como quer que fosse, deve o snr. Caldas, para bem nos dar o relevo da facciosidade um tanto amarga do prelado, pedir ao seu actual successor bracharense que lhe mande dar traslado dos seguintes documentos do archivo da mitra:

1.º *Provisão por que D. frei Bartholomeu mandou despejar para fóra da cidade algumas pessoas em 1580.*

2.º *Provisão por que o mesmo arcebispo mandou ao doutor ouvidor que fizesse ir perante si todos os tabelliães e escrivães que tivessem culpas do doutor Francisco de Caldas Pereira em que fosse culpado nas revoltas de D. Antonio. 1580* [1].

3.º *Provisão por que o mesmo bispo mandou supprimir e tirar as armas aos christãos-novos que havia n'esta cidade por lhes constar que tinham levantado motins em algumas partes do reino. 1580.*

4.º *Cópia de uma carta do arcebispo pedindo artilheria para defender a cidade. Remessa d'ella e recibo em 1580.*

5.º *Provisão do arcebispo D. frei Bartholomeu para um escrever nos autos de querelas, devassas, e cousas tocantes aos amotinados: em 1580.*

Póde o snr. Caldas allegar requerendo que os tres pri-

[1] Francisco de Caldas Pereira era pai do epico celebre Gabriel Pereira de Castro que morreu chanceller-mór do reino em 1632.

nião verosimil e até bem accentuada de diversos historiadores hespanhoes e portuguezes, encontra-se a inválida opinião de Faria e Sousa acostada á de D. Rodrigo da Cunha no CATALOGO DOS BISPOS DO PORTO, part. 2.ª, cap. XXXVIII. Mas o arcebispo historiador, honrando a memoria de seu pai D. Pedro da

---

meiros documentos, segundo se lê no MOSTRADOR GERAL DO ARCHIVO DA MITRA PRIMAZ, *dirigido pelo desembargador provisor geral Ignacio José Peixoto, no anno de 1787*, estão na *gaveta* 1.ª, *masso* 5.º, n.ºs 1, 2 e 3.

E que o documento 4.º está na mesma *gaveta, masso* 9.º, n.º 2; e o documento 5.º está no *masso* 12, n.º 10.

Note, porém, o illustre escriptor que, ha quatorze annos, para esclarecimentos historicos se pediram á mitra cópias d'estes documentos, e o *archivista* cheio de pia discrição respondeu que não existiam. A imprensa religiosa duvidou que eu possuisse o MOSTRADOR irrefutavel. Mandei-o expôr em Braga á contemplação dos que duvidavam por má fé ou por ignorancia. Viram o MOSTRADOR de 320 paginas, e não sei se disseram que fui eu que o forjei fraudulosamente para menoscabar o patriotismo do santo prelado.

Duvido que se possa escrever cabalmente historia patria em quanto os codices estiverem em poder d'um clero imperfeitamente illustrado. Que importava á divina religião de Jesus que frei Bartholomeu seguisse o partido do filho de Violante Gomes ou o do amante da mulher de Ruy Gomes da Silva?

No entanto, inste o meu amigo José Caldas pelo subsidio dos documentos citados, e praza aos céos que seja mais feliz do que eu ».

Cunha, morto em uma masmorra á ordem de Philippe II, linimentava dôcemente as acções do rei que o seu honrado progenitor reconhecera. Por amor d'esse preito á causa que D. Pedro servira, diz que D. Antonio *se houve com tanta moderação na victoria, e foram-lhe tão obedientes n'este particular os soldados que se não sabe injuria ou affronta que fizessem aos vencidos.* A mansidão do prior no Porto, que lhe resistira, não condiz com o saque e o morticinio de Aveiro. D. Rodrigo da Cunha respeitaria mais fidalgamente a memoria de seu pai não aceitando as prelasias dos Philippes para depois, em 1640, inventar que o braço do Senhor Crucificado se despregára, á sahida da Sé, afim de abençoar o povo revolto contra o jugo hespanhol.

D. Antonio influenciado pelo terror da sua estrella funesta fugiu, quando o general hespanhol vadeava o Douro em Avintes. Antes de tentar a derradeira invocação aos fidalgos do Minho, enviou do Porto Antonio de Brito Pimentel a França. D. Francisco de Portugal, que alguns historiadores dão como apartado d'elle nas margens do Douro, seguiu-o até ao alto Minho.

A primeira manga de soldados hespanhoes enviada no rasto do prior, dirigiu-se ao mosteiro de religiosas de Vairão. Alli suppunham elles que encontrariam o filho do infante D. Luiz. N'aquella casa existiriam ainda algumas freiras que tinham conhecido Violante Gomes, lá recolhida antes de professar em Almoster, e lhe veriam no rosto de esmaecida

belleza judaica lagrimas saudosas dos dias festivos que vivera em Lisboa, quando o infante, ainda não devoto, se estadeava na peregrina formosura da amante em vaidades de galan de tal mulher [1].

Por essa occasião, os officiaes da tropa castelhana não exercitaram o maior acatamento ao pudor das freiras. Iam vesados de Monchique, no Porto, e d'outros conventos suburbanos de Lisboa, onde ficou duradoura memoria de estragos nas casas e na castidade [2]. E é para recear que a devastação das honras não fosse menos devassa nas povoações do Minho, como se collige d'um soneto inedito e escripto n'esses dias:

---

[1] «Violante Gomes, mãi do senhor. D. Antonio, era judia, e lhe chamaram d'alcunha a *Pelicana*. Pretendeu persuadir que estava occultamente casada com o infante... sendo a maior prova com que queria persuadir a publica estimação que o infante fazia d'ella e o modo com que andava na côrte, e a tratavam grandes senhores. Foi o que lhe aconteceu indo ella ao convento de Odivellas em um dia em que alli se achava D. Joanna d'Eça, camareira-mór da rainha D. Catharina, a qual logo que entrára na igreja, lhe chegára uma almofada, para sentar-se, o que não faria a não ser casada com o infante; porém esta camareira-mór, por tola, era capaz de praticar estes despropositos». Mss. *ineditos* de Diogo de Paiva de Andrade (*sobrinho*), existentes na minha livraria.

[2] Carta de Pedro d'Alpoim. Vej. Noites de insomnia.

AOS EXCESSOS DOS SOLDADOS ENTRE DOURO E MINHO

Não corre o Lima como de primeiro
Alegre e claro, antes turvo chora,
Em vez da branda frauta, ouvindo agora
Do concavo latão o som guerreiro.

Temendo a solta mão do estrangeiro,
Não ousam as Napeas sahir fóra;
Suspira o que mais d'elle junto mora;
Desmaia o lavrador, geme o vaqueiro.

De fruitos que com o seu trabalho puro
Colheram para si da terra dura
Lhes fazem sustentar quem os abraza.

E, não contentes d'isso, com soltura,
O soldado cruel, livre e seguro,
Da honra quer usar como da casa [1].

Em quanto buscavam o prior em Vairão, pernoitava elle não longe de Barcellos na casa acastellada dos Azevedos. O senhor d'ella, Martim Lopes, amigo pessoal ou politico de D. Antonio, foi preso, espoliado e encarcerado em Castella [2].

---

[1] Collecção de Mss. do conde d'Azevedo, na Bibliotheca do Porto.

[2] «Martim Lopes d'Azevedo, 19.º senhor da casa e couto d'Azevedo, moço fidalgo da casa real, senhor da villa de Souto de Riba-Homem e de outros senhorios e padroados de igrejas, nasceu pelos meados do seculo xvi, reinando em Portugal D. João iii, e foi filho de Pedro Lopes d'Azevedo, senhor da dita casa e senhorios, e de sua mu-

Quando chegou ás margens do Lima, D. Antonio apenas tinha á volta de si como reliquias d'uma soberania que seria grotesca se não fosse inutilmente sanguinaria, Diogo Botelho, Manoel da Silva, o dego-

---

lher D. Brites Pereira, filha mais velha de Jorge Pereira, senhor de Mazarefes e Paradella. Foi Martim Lopes d'Azevedo casado com D. Leonor da Silva, filha de Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcellos, senhor da honra e morgado de Pouve, e de sua mulher D. Francisca da Silva, filha de João Rodrigues de Sousa de Vasconcellos, irmão legitimo de Simão de Sousa Vasconcellos, commendador e alcaide-mór de Pombal, progenitor dos marquezes de Castello-Melhor. Era Martim Lopes d'Azevedo homem de espiritos alentados e de coração eminentemente portuguez, e por isso quando por morte do cardeal-rei se levantaram as dissenções sobre quem devia succeder na corôa portugueza, como não houvesse outro principe portuguez que se puzesse á testa do partido nacional senão o prior do Crato D. Antonio, Martim Lopes o seguiu com admiravel fidelidade, e por isso unindo-se a seus primos o almirante do reino e o senhor da villa e casa da Trofa, e ao conde de Vimioso e a outros fidalgos, oppuzeram a resistencia possivel á invasão castelhana, mas sendo a fortuna adversa á causa da nacionalidade portugueza, teve Martim Lopes de soffrer os trabalhos da prisão e do exilio da patria, e sómente passados alguns annos conseguiu do governo do rei Philippe II perdão por intervenção de sua tia D. Leonor de Mascarenhas, que fôra dama da imperatriz D. Isabel, mãi do dito rei Philippe. Em consequencia d'estes desgraçados acontecimentos perdeu Martim Lopes d'Azevedo a

lado em Angra, mais sete individuos de inferior importancia historica, e dous criados seus particulares, Diogo Rodrigues, e Thomaz Cacheiro, ou Qacheiro, como o prior escreveu no seu testamento [1].

---

commenda de Cervães, e os senhorios da corôa, que possuia, ficando reduzido apenas á casa e senhorio d'Azevedo, que eram hereditarios, e aos padroados de Gallegos e Quiraz, annexos á mencionada casa. Morreu Martim Lopes d'Azevedo pelos fins do seculo XVI ou principios do XVII.

«Póde vêr-se a respeito de Martim Lopes o que se lê no tom. II das PROVAS DA HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL, a pag. 556; no tom. II da HISPANIA ILLUSTRATA, a pag. 1175; no EXEMPLAR DA CARTA LATINA DO PRIOR DO CRATO D. ANTONIO, escripta no anno de 1583 ao papa Gregorio XIII, a pag. 53». (Nota do conde d'Azevedo, representante de Martim Lopes).

[1] Li em historiadores modernos que Thomaz Cacheiro (chamam-lhe erradamente *Thomé*), que salvára D. Antonio, a nado, através do Lima, quando o perseguiam, era um homem do povo. Não é isto exacto. Cacheiro era moço da camara de D. Antonio antes de receber em Paris brazão d'armas, assignado pelo rei e pelo condestavel. Quando D. Christovão, filho do prior, foi para Marrocos como refem d'um emprestimo, Thomaz Cacheiro acompanhou-o na categoria fidalga de veador do principe. Nas INSTRUCÇÕES que o pai lhe deu lê-se: «A estes dous (Manoel de Brito e Mathias Bicudo) e a *Thomaz Cacheiro*, Gregorio de Souto-Mayor e Antonio Fernandes tirareis o chapéo quando entrarem onde estiverdes, ou de novo vos fallarem, e os mandareis cobrir». (PROVAS DA HISTORIA GEN., tom. II, pag. 565). O snr. A. M. Seabra de Albuquerque, bastante-

D. Francisco de Portugal já de Vianna tinha partido, sob disfarce de italiano com seis criados, para França, através de Hespanha. Deu-se nome de *Trivulcio*. Entrou em Madrid, esteve na Catalunha, e correu o perigo de ser denunciado por um hespanhol que lhe chamou *conde*. Quizeram os criados matar o castelhano; mas D. Francisco preferiu leval-o comsigo amordaçado pelo interesse. Um dia, o hespanhol jogou, perdeu, pediu de emprestimo; e, como não inspirasse confiança, abonou-se com o *conde de Vimioso*. Divulgou-se na terra a noticia, alvoroçou-se a justiça para o prender, e D. Francisco pôde evadir-se n'uma setia. Velejava mar dentro, quando uma galeota de corsario mouro lhe deu caça. Acudiram-lhe as galeras castelhanas que não conheciam o fugitivo; travou-se a lu-

---

mente versado em genealogia, reimprimiu ha pouco o Brazão de appellido de Cacheiro, artigo já publicado no Panorama photographico, Coimbra, 1871, tom. i. O snr. Seabra conhecia Thomaz Cacheiro da Historia de Manoel de Faria e Sousa, e d'ahi procede chamar-lhe *Thomé*. Presume o estudioso linhagista que não se sabe mais nada, senão o que refere Faria e Sousa, do salvador do filho do duque de Beja; e attribue este menospreço, com azedume democratico, a ter Cacheiro sahido provavelmente da *canalha*. Não são bem exactas as notas criticas e historicas do snr. Seabra e Albuquerque. N'este mesmo opusculo se dá o commando das forças castelhanas a D. Sancho d'Avila. Este general era subalterno do duque d'Alva, D. Fernando de Toledo. Tambem não é certo passar do rio Minho D. Antonio para França. O prior do Crato embarcou em Setubal.

cta; e elle, escapulindo-se mais prudente que ousado, aportou a Marselha. Ha, como quer que seja, uma urdidura romanesca n'este episodio contado por D. Antonio Caetano de Sousa na HISTORIA GENEALOGICA. Seria tradição conservada na familia Vimioso? Não é inverosimil, e tambem pouco faz que seja historica; mas é preciso acautelar-se a critica com as anecdotas do academico Sousa, muito dado a essas futilidades colhidas nas assembléas dos fidalgos que o recebiam para o informarem das proezas dos avoengos.

Em Paris e Londres, com Henrique III e Isabel Tudor, principiou D. Francisco de Portugal as negociações politicas. O demonio do Meio-dia espiava-lhe os passos em ambas as côrtes, e arguia de perfidia, mediante os seus embaixadores, os monarchas que o attendiam. A filha de Henrique VIII tergiversava; e Catharina de Medicis, que não reinava mas conspirava a medo contra o filho de Carlos V, acalentava as esperanças do Vimioso sorrindo ás suas de conquistar o Brazil, mediante a cedencia do prior do Crato, se elle cingisse a corôa de D. Manoel.

O condestavel de D. Antonio tratára com Walsingham e Burghley na Grã-Bretanha; aferventava o enthusiasmo de Haukins e do famigerado corsario Drake, acenando-lhes com a prêsa opulenta dos galeões da India que regressavam a Lisboa carregados de ouro; mas Philippe ameaçou Isabel, que se confrangeu indecisa, e gelou de pavor o animo genialmente timorato de Henrique de Valois que se retrahia como a rainha de Inglaterra. Esfriaram, pois, as instantes solicitações

de D. Francisco. D. Antonio estava ainda em Portugal. Esperavam os seus amigos exilados que elle presencialmente movesse a generosidade ou as ambições das duas côrtes inimigas rancorosas, mas acauteladas, da casa d'Austria.

Um demorado estudo da politica europêa, ao terminar o seculo de quinhentos, agitando-se em intrigas, em ciumes e barbaridades á volta do poderoso herdeiro de Carlos v, seria incompetente n'esta ligeira biographia. Se eu conseguir organisar o livro desenvolvido d'estes esbocetos embryonarios, escassamente repetirei o que o estudioso tem lido em Hume, em Cabrera de Cordova, em Lingard e Rebello da Silva, seguido e ampliado pelo snr. Pinheiro Chagas. Nas historias geraes não ha que indagar nem aprender. Onde o silencio, ácerca do Portugal conquistado, não é absoluto, a ignorancia torna-se mais nociva, se discreteia.

Na correnteza d'estas cousas, o cavalleiroso campeão da causa já radicalmente perdida, para não se quedar ocioso na côrte, alistou-se nas tropas flamengas do duque de Alençon, e foi parte na jornada de Cambray. Dizem historiadores nossos que elle n'essa jornada fizera proezas; mas, se o affirmal-o é patriotismo, a controversia é racional; porque não houve proezas que os coevos chronistas relatassem. Travou-se uma insignificante escaramuça, em que a retaguarda do exercito do principe de Parma sentiu as arremettidas da cavallaria franceza e dos arcabuzeiros gascões. Não seria D. Francisco de Portugal quinhoeiro

das façanhas do duque, na degolação executada em oito companhias de soldados não contentes na defeza de Cambresis.

Assim que D. Antonio pisou territorio de França, D. Francisco de Portugal assoldadou uma guarda real de cem alabardeiros, fardou-os á tudesca, e com este apparato realengo lhe sahiu ao encontro. Esmerava-se o fidalgo em ostentações que, se por um lado avultavam a riqueza de um particular principesco, pelo outro contrastavam a mediania de particular em que vivia apoucadamente o rei. Em quanto D. Antonio empenhava as joias de sua casa e algumas da corôa para subsistir decentemente, o seu condestavel dava que fallar com o presente de um cavallo ao estribeiro do duque de Nevers. «Ajustou-se a venda em mil escudos (400$000 reis), conta o academico Sousa. Mandou o duque o ginête montado pelo seu estribeiro, e disse aos hospedes com quem estava á mesa: o cavallo logo voltará, porque quem o quer comprar, não tem com que satisfazer o preço. Soube logo D. Francisco a suspeita do duque; viu o cavallo; mandou apear o estribeiro, que se lhe contassem os mil escudos, e lhe disse que montasse o cavallo, porque lhe fazia mercê d'elle. Espalhou-se o successo e foi celebrada a generosidade de D. Francisco [1]».

Entretanto, armava-se a expedição nos portos da

[1] Historia geneal., tom. x, pag. 275.

Bretanha, activada pela diligencia do condestavel, que incitava os armadores e os capitães do mar com as riquezas da India e da America, confiando menos em allegações de legitimidade. D. Francisco devia ter artes para grangear amigos florentes de annos enthusiastas e cubiçosos de gloria e ouro: taes eram o conde de Brissac, Jean de Baumont, marechal-general, o senhor de Bourdas d'Aix, Escalin, Saint-Solenne, Leon Fumée, e mais trinta fidalgos — estouvada mocidade, cega e votada á perdição, como historía o presidente de Thou. O almirante nomeado para a expedição aos Açores era um valente homem, espirito extraordinario, notavel por singularidades de rapaz e bravuras de guerreiro. Tinha quarenta e um annos Philippe Strozzi, doze annos mais velho que D. Francisco, mas tão juvenil como elle nas illusões. Sua prima, a rainha Catharina de Medicis, escolhera-o para general na esquadra, como honra benemerita do valente de Jarnac e Saint-Denis.

A historia portugueza tem sido laconica em demasia com o que se deve á memoria de Philippe Strozzi. Talvez se não censure de impertinente uma pagina dedicada a explicar como para o desastre da expedição contribuiram os preconceitos do almirante.

Era coronel-general de infanteria franceza, alta patente que adquirira aos trinta annos com provas de denodo no campo e de severidade na disciplina. Citava-se, na segunda especie, este exemplo original: como visse que 800 meretrizes seguiam as bagagens da sua divisão nas margens do Loire, mandou-as prender e

afogar no rio, conta Varillas na HISTOIRE DE HENRI III [1]. Quando, porém, não fizesse mergulhar *huit cens filles de joye qui suivoient son camp,* oito só que fossem bastariam a celebrar-lhe a originalidade. Frei Amador Arraes conta que Scipião Æmiliano, para conquistar Numancia, *repurgou* primeiro o exercito de 2:000 mulheres mundanas. *Repurgou,* mas não consta que as afogasse.

Philippe nascera em Veneza em 1541. Era filho de Pedro Strozzi, marechal de França. Aos sete annos era pagem de Francisco II, e aos quinze estreava-se na guerra do Piemonte ás ordens do marechal de Brissac, para onde fugira com dous cavallos do pai e uma pouca de baixella de prata furtada á mãi. O pai achou perdoavel e até louvavel o feito. Aos dezoito annos distinguiu-se no assalto de Calais e Guines. Aos dezenove fazia proezas na Escocia. Na entrepresa de Blois era capitão de infanteria, e foi varado por uma bala. Depois, de mestre de campo, passou a coronel, e fez o cerco de Ruão. Em Saint-Denis e Jarnac mereceu o bastão de coronel-general de infanteria e o collar da Ordem do Espirito-Santo. Tinha trinta e oito annos cheios de gloria, e escassos

---

[1] Com este historiador francez faz-se mister a desconfiança que nós temos cá de Bernardo de Brito, de Raphael de Jesus e do conde da Ericeira. A escóla do padre Higera ramificou-se por toda a Europa.

*

bens de fortuna. Quanto a estudos, bem que seu pai, o marechal, lhe désse bons mestres, e lhe aconselhasse a leitura matinal como pão do espirito, Philippe lia apenas livros de astrologia judiciaria, em que acreditava tanto quanto descria das historias evangelicas. Brantome, porém, defendendo-o de irreligioso, diz que elle não era *mangeur d'images, ny grand auditeur de messes et sermons*. Parece que o valente e estouvado primo da rainha acreditava no inferno; mas, quanto ao diabo, não o imaginava um grande dragão, conforme o figuravam os pintores. Dizia outras cousas assim sacudidas do velho pó da sacristia; mas Brantome assevera que elle dizia estas e outras fanfarrices *par jasserie et gaudisserie*. O certo é que não temia o diabo e respeitava o juizo dos astros. Havia d'estes absurdos nos maiores espiritos do seculo XVI. Sua prima Catharina de Medicis trouxera comsigo de Italia uma academia de astrologos. Um d'elles, tirando-lhe o horoscopo, quando ella foi morar nas *Tuilleries* que mandára edificar, obrigou-a, em nome dos aspectos hostis dos astros, a sahir do palacio. A rainha mandou então construir o *hôtel de Soissons* com a columna-observatorio d'onde os astrologos consultavam as influencias de Saturno, de Venus, etc. Henrique IV mandou tirar o horoscopo do filho por Larivière, seu medico. Richelieu, Mazarin e Wallenstein consultavam Seni e Morin, que se faziam pagar muito caros. Que admira a credulidade de Strozzi?

Em França grassava a doença do protestantismo;

e os homens catholicos de raiz como D. Antonio, que escrevia psalmos, e D. Francisco de Portugal, que tinha em Marrocos missa diaria, privavam de boas avenças com os huguenotes a ponto de o condestavel, na hoste do duque d'Anjou, terçar as armas a favor dos protestantes das provincias unidas contra os catholicos de Hespanha. E era assim que o prior e os seus perdiam a confiança dos portuguezes que antepunham a quebra da independencia á da orthodoxia. É de crêr que a convivencia de D. Antonio e dos seus conselheiros com homens da tempera religiosa de Strozzi, de Burghley e de Leicester ponderasse muito na indiscreta politica do seu processo de arrancar o sceptro ás mãos do rei catholico, duas vezes ungidas pelos oleos sagrados da fé romana e pelo sangue das nações votadas ao seu rancor fanatico.

Tornando a Philippe Strozzi: a rainha, dando-lhe o commando da esquadra expedicionaria, convidou-o delicadamente a desligar-se da patente de coronel-general em França, achando incompativeis os dous empregos. Strozzi ouviu amargamente a proposta, sem comprehender que a côrte do Louvre, exonerando-o da alta posição no reino, preparava desculpar-se de interventora nos negocios do pretendente. Allegaria que Strozzi era um particular, senhor das suas acções, e não sujeito ás allianças dos reis. Este alvitre devia ser da sua velhaca prima; revê n'esta fraude um dos traços physionomicos dos ardilosos Medicis. E, como Henrique III desejava dar a

patente de Philippe a Mr. d'Espernon, o general expedicionario foi forçado a desistir; e então disse a Brantome, com azedume, que a não morrer na lucta dos Açores, subiria tão alto que ninguem ousaria disputar-lhe o posto [1]. Deu-lhe o rei como indemnisação cincoenta mil cruzados que elle, antes de partir, empregou nos dominios ruraes de Bressiure, no Poitou. Outro historiador, Varillas, diz que elle, ao sahir de França para a Terceira, nada tinha que perder, porque consumira os ultimos escudos de *trois millions que son ayeul avoit laissez* [2]. Inculca este suspeito contemporaneo que os fidalgos embarcados com Strozzi não deviam ter pelo seu general grande estima, visto que a rainha-mãi o desconsiderára esbulhando-o, sem o indemnisar, do importante cargo na milicia. Brantome desmente Varillas. Em que todos harmonisam é nas crendices astrologicas do amigo de D. Francisco de Portugal, e logo veremos quanto a superstição influiu no desastre da esquadra franceza. Devia impressional-o, quando as naus picaram ancora em Belle-Isle, atear-se o incendio em um dos principaes galeões, de que sahiu muito queimado D. Antonio de Menezes, e alguns morreram [3].

[1] Brantome, Memoires des capitaines françois. Tom. iv, pag. 311.

[2] Histoire de Henri iii, liv. vi.

[3] O prior do Crato no seu testamento (triste fantasia de quem não tinha um ceitil que testar) lembra-se de um que ficou cego no incendio da nau.

A expedição orçava por cinco mil homens, em cinco naus, trinta caravellas, e poucos menos patachos, vasos de carregação, desprovidos, urcas ronceiras que ousavam temerariamente defrontar-se com os alterosos galeões de Portugal e Castella. Conta-se que Strozzi, enganado na sua esperança de seis mil homens promettidos pelo duque d'Anjou, dera como perdida a empresa, e jurára de mãos dadas com o condestavel morrer n'ella. D'Aubigné, na HISTOIRE UNIVERSELLE, conta que recebera em Nantes uma carta do «conde de Vimioso» confirmando esta versão. Dá Rebello da Silva, na HISTORIA DE PORTUGAL, tom. III, pag. 64, em nota, o depoimento de d'Aubigné; mas não traslada a carta, que produz um grande e commovente interesse, escripta no solemne momento de se partirem os dous conjuramentados em se deixarem matar heroicamente. Eu, de mim, teria grande pezar se não pudesse vêr, e aqui reproduzir essa carta. Satisfiz a minha curiosidade illudida. Vi a carta, e maravilhei-me de que Rebello da Silva a não rejeitasse como suppositicia. Agrippa d'Aubigné para bordar uma pagina de historia fantasista, e dar-se vislumbres propheticos da catastrophe dos Açores, poz-lhe o matiz da carta de um homem celebre cujo nome baptismal elle ignorava. Eis-aqui a carta com as palavras que a precedem: *Quelque faibles que fussent les forces de Dom Antoine, Strosse ayant eu nouvelle de France qu'un second embarquement de 6,000 homens promis par Monsieur estait du tout rompu, toucha la main du comte* de Vimiose, *et eux deux ne voulans par sur-*

vivre aux malheurs qu'ils prévoyoient, firent résoudre le rest au combat; et, ce soir même, le comte, qui envoyoit un Portugais à Nantes, m'escrivit dans un billet (que je garde précieusement) ces mots: «Monsieur, vous avez esté trop fidèle prophète de nos maladies, et aviez bien tasté le poux de l'infidelle; tous vos remords par notre deffaut nous ont été inutiles; mais je vous promets de prendre celui d'une brave mort: vous me plaindrez et n'aurez point honte de l'amitié que vous avoit jurée Antoine *comte* de Vimiose [1]».

É visivelmente apocrypha esta carta. *Francisco* não se assignaria *Antoine*. O intuito da carta forjada, quarenta annos depois, pelo avô de M.me de Maintenon, é ainda ferir a memoria da sua implacavel inimiga, *l'infidelle,* Catharina de Medicis, a cuja quebra de palavra o author das AVENTURES DU BARON DE FŒNESTE attribuiu a perda da armada. Nem Philippe Strozzi nem Vimioso se condemnavam á morte dos desesperados. Na corrupção franceza d'aquelle seculo

[1] Philarète Chasles dá um rapido perfil d'este supposto confidente de D. Francisco de Portugal: *Fidalgo gascão valente como os seus conterraneos, caustico como elles, fanfarrão, sacrificando tudo a uma pilheria, ousado em guerra e amores, bom huguenote, com tão ardente alma quanto seu espirito e valor eram temerarios; pintava os seus desvarios sem grande pezar e pretendia acautelar os filhos contra os desatinos do mesmo jaez.* (ETUDES SUR LE XVI SIÈCLE EN FRANCE).

não cabiam Codros e Curcios. As superstições do veneziano traziam-no assás acautelado contra os dictames aziagos dos astros. Queria viver rico e exalçado nas suas terras do Poitou. A D. Francisco de Portugal, segundo o seu prisma por onde via os soldados de D. Fernando de Toledo, não avultava muito mais a armada hespanhola, capitaneada pelo marquez de Santa Cruz, o primeiro almirante do seu tempo.

Depois de um mez de navegação, entre Belle-Isle e os Açores, a armada do prior avistou a ilha de S. Miguel. Os habitantes de Villa Franca fugiram, em quanto os francezes saqueavam e incendiavam a villa da Lagoa. O terror em S. Miguel desarmára os mais intrepidos. A guarnição de mil e quinhentos homens recuou acossada por tres mil francezes sequiosos de roubo. O commandante hespanhol D. Lourenço Noguera e vinte e dous dos seus morreram. O commandante portuguez, Pedro Peixoto da Silva, fugiu para Lisboa. João de Castilho, que assumira o commando dos dous, metteu-se á fortaleza, e rejeitou as propostas indulgentes de D. Antonio. Decorreram seis dias n'estas idas e voltas de parlamentarios entre a villa e a fortaleza. Este tempo desbaratado foi a perdição da armada. Se tomassem a ilha e se fortificassem, com S. Miguel e a Terceira ficariam senhoreando o mar, e teriam guardado a mais expeditiva escala do reino. D'alli poderiam fazer excursões e apresar as naus de ambas as Indias; e cada dia ir engrossando o poder que, á mingoa de recursos, começára desfallecido e promettia acabar de inanição.

Philippe Strozzi sacrificou aos aspectos planetarios a honra militar da França, o rei desthronado que servia, e a vida propria e de tantos seus conterraneos de illustre prosapia. Um historiador francez confirma esta deploravel preoccupação do almirante: « Os francezes roubaram e queimaram a povoação de *l'Aguna* (Alagôa) e tamanha consternação espalharam em toda a ilha de S. Miguel, que a tomariam no mesmo dia, se proseguissem na victoria. Mas Strozzi, de commum com a rainha-mãi sua parenta proxima, tinha o defeito de acreditar grandemente na astrologia judiciaria. Persuadira-se que tinha dias nefastos e dias felizes, e formára uma especie de calendario que observava com a maxima pontualidade. O dia em que pelejára era dos assignalados negramente, e isto só maior impressão lhe fez no animo que a victoria alcançada. Imaginou que, se continuasse, resvalaria ao precipicio que a sua estrella funesta lhe abrira; e que, se ella principiára favorecendo-o, era para mais de salto o precipitar. Foi o que bastou para o reter, posto que a conjunctura fosse propicia, porque os burguezes das duas principaes cidades da ilha de S. Miguel as desampararam, e se refugiaram nos montes como asylos de segurança [1] ».

Emquanto Strozzi consultava no seu calendario os dias prosperos, a armada de D. Alvaro de Basam sur-

[1] Varillas, Histoire de Henri iii, liv. vi.

gia em frente da ilha, e da gavea do galeão S. Matheus se avistou a esquadra de D. Antonio ancorada em Ponta Delgada, tendo ás cavalleiras a fortaleza. O marquez, ouvido o conselho dos capitães, resolveu pelejar, dispensando-se das naus que tinham sahido de Andaluzia a soccorrel-o. Strozzi, por sua parte, consultado o voto dos officiaes, deliberou atacar a esquadra castelhana. Parece que o dia destinado era um dos marcados com lapis branco, como o dia das batalhas de Saint-Denis e Jarnac. Não o intimidaram as naus altas e pesadas e solidas como castellos roqueiros da armada inimiga. Confiou nos seus sessenta patachos e urcas, vasos de grande velocidade, quasi desartilhados, e frageis no combate com a robusta amurada dos galeões da peninsula. Além d'isso, o bom senso d'esta vez collaborára com a astrologia; porquanto, tendo sido apanhada pelos francezes uma pinaça em que o marquez de Santa Cruz enviava carta ao governador fallecido Ambrosio d'Aguiar, d'essa correspondencia soube D. Antonio que de Sevilha sahira D. Juan de Recalde com forças importantes. Urgia pois não deferir a peleja com maiores probabilidades da derrota.

Na armada hespanhola composta de vinte e oito vasos de guerra orçavam por seis mil os soldados aguerridos, feitos nas asperas batalhas de Flandres, habituados á disciplina do duque d'Alva, e a inimigos duros como os soldados do principe d'Orange. Acresciam demais a mais duzentos e cincoenta aventureiros, gente fidalga, quasi toda portugueza, reliquias

da batalha de Alcaçar, e moços mais politicos que façanhosos que tratavam de vender bem cara a sua fidelidade a D. Philippe para restaurarem as casas assoladas pelo paes no resgate do captiveiro.

D. Antonio tinha cincoenta e quatro navios capazes de combate; vinte e oito eram grandes; porém só as cinco naus do conde de Brissac podiam medir-se com as de Castella no tamanho; os outros vasos eram de somenos porte. Guarneciam-os ao todo pouco mais de seis mil homens, gente de curto folego, muito impaciente de lucta e de facil desanimação. Entre esses havia um capitão francez, Saint-Solenne, que já estava vendido por oitenta mil ducados, e no conflicto decisivo devia afastar-se para o Faial com dezoito embarcações, e saquear a terra. Sahiu do ancoradouro a armada franceza com favoravel monção. Trocaram-se os primeiros tiros de peça prenuncios da batalha. Strozzi e D. Francisco de Portugal occupavam uma urca zorreira que não podia ganhar a vanguarda da linha. D. Antonio estadeava-se em um galeão veleiro, com estandarte real á pôpa, de boa vela, bem azado para a fuga. Os conselheiros moveram-o a retirar-se para a Terceira, antes de travar-se a batalha. O prior accedeu ás razões d'estado e ás dos pusillanimes que o seguiram, da têmpera de Duarte de Castro. Que secreta mágoa e funda vergonha não seria a do «condestavel» quando viu sumir-se a vela d'aquelle rei, simulacro theatral, parodia deploravel do Mestre d'Aviz! Ao darem-se o derradeiro aperto de mão, um d'elles talvez presentisse

que nunca mais se veriam, e bem póde ser que esse doloroso vaticinio palpitasse amargurado pelo arrependimento de tão desmerecido sacrificio de mocidade, fortuna e vida.

Eram corridos 25 dias de junho de 1582.

Por espaço de quatro dias tinham as duas armadas manobrado com igual pericia. O almirante francez procurava cercar o inimigo; o hespanhol esquivava-se, alargando a linha, e recusando abalroar, afastava-se para lhe ganhar o vento, fazia apagar o farol da nau-almiranta, e servia-se do farol da capitania inimiga, mettendo todo o pano a um signal dado, por maneira que, ao repontar a manhã do dia 26, a armada hespanhola occupava vantajosamente a barlavento a linha primitiva da franceza.

D. Francisco e Philippe Strozzi, assim que a peleja se travou cerrada e definitiva, passaram para o navio do senhor de Beaumont, mais veleiro e melhor artilhado. Os dous bravos adiantaram-se na vanguarda da linha. O conde de Brissac seguia-os de perto com cinco fortes galeões. Alastrava-se depois o restante da armada, sem ordem, ou desordenadas as cinco esquadras com que, ao principio, o almirante francez planejára atacar os cinco principaes galeões inimigos. A este tempo Saint-Solenne havia já fugido com dezoito urcas; e outras retardadas seguiam a esteira da nau-almiranta onde fluctuavam as armas de Portugal e França.

Os pormenores da peleja, n'esta concisa biographia, poderiam enfastiar. Encontra-os á mão em mui-

tos historiadores quem os quizer recordar. O muito sabido é desperdicio de tempo e de não aprazivel trabalho repetil-o [1].

Ao cabo de cinco horas de peleja, em que, a revezes, a bandeira franceza, espadanada de sangue, parecia fluctuar victoriosa, a sinistra fatalidade do prior do Crato venceu. A nau-almiranta em que Strozzi e D. Francisco se debatiam entre tantos cadaveres, era a derradeira nos paroxismos da resistencia, inutil como o estrebuchar desesperádo do moribundo. Philippe cahira retalhado de golpes com uma perna quebrada por bala; D. Francisco ferido de tiro e traspassado de uma estocada, debatia-se nas prêsas de Affonso Perez, soldado que a historia hespanhola illustrou, disputando ao coronel Mondinaro Cremones a jactancia de haver captivado o conde de Vimioso.

Transferidos para a nau do marquez de Santa Cruz, Philippe Strozzi pouco tempo sobreviveu ao maior dos golpes, que era o viver n'aquella agonia, em presença do vencedor. Diz Brantome que o almirante o mandára acabar ás cutiladas e que o atirassem ao mar [2]. Varillas affirma que o marquez guardára o

---

[1] Veja Conestagio, União de Portugal; Herrera, Cinco libros de la historia de Portugal; Luiz de Bavia, Tercera parte de la historia pontifical; D. Luiz de Torres e Lima, Successos de Portugal; Rebello da Silva, Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII; Pinheiro Chagas, Historia de Portugal.

[2] Memoires, tom. IV.

cadaver para o enforcar como fez depois aos outros prisioneiros [1]. De Thou concorda com o citado historiador menos veridico: e d'Aubigné dissente de todos os outros contemporaneos.

D. Francisco de Portugal viveu tres dias. N'esse infinito espaço entre a catastrophe e o descanço redemptor, sustentou a honra da sua dedicação a D. Antonio, *defendiendo constantissimamente su opinion hasta este punto,* escreve Luiz de Bavia. *Que nenhum arrependimento tinha de se vêr n'aquelle estado em que estava, pois o não movera cubiça nem interesse nem respeito, senão o zelo da patria e a honra da nação portugueza* — escreve Torres de Lima. É opinativo que elle nada dissesse, nada defendesse, e que esperasse entre indiziveis angustias de alma e corpo, a morte pedida a Deus, se porventura esse pensamento tão alto podia subir do tombadilho de uma nau encharcada de sangue ao altissimo observador impassivel d'aquellas tragedias. Dizem alguns chronistas que o marquez se compadecera. Um historiador ajunta que se lhe fez enterro com grande pompa e apparato, acompanhado de todos os senhores da armada [2]. Isto não é verdadeiro. A tradição communicada pela familia Vimioso ao academico Antonio Caetano de Sousa é que o cadaver de D. Francisco foi salgado, envolto e cosido em uma esteira nova para

[1] Histoire de Henri III, liv. VI.

[2] Torres de Lima, Successos de Portugal.

ser sepultado em S. Miguel; porém, como o desembarque se demorasse, contrariado pelas tormentas, o corpo corrompido foi lançado ao mar [1]. Assim acabou D. Francisco de Portugal aos vinte e nove annos de idade.

As unicas palavras que a saudade ou a compaixão de um portuguez dictou commemorando esta generosa defensa de uma causa de facto e de direito perdida, escreveu-as D. Antonio a Gregorio XIII quando no seu desespero dos homens da espada, recorria ás armas espirituaes do vigario de Christo. São estas as expressões trasladadas da Carta latina. Vem enumerando os seus amigos perseguidos, mortos, e continúa:

Primeiro que todos está D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, condestavel do reino, e sobrinho dos filhos dos reis de Portugal, o qual possuiu o mais amplo e rico dos condados de Portugal, com villas e castellos. E os bens d'este illustrissimo e nunca assás louvado conde que fez prodigios na defeza da liberdade do paiz e a batalhar gloriosamente na defeza d'elle trocou a morte pela vida, os bens d'este, repito, foram esbulhados e vendidos pelo rei Philippe; e a condessa sua mãi, matrona muito illustre e honradissima, cercada de sete filhas donzellas e formosissimas, foi entre-

[1] Hist. genealogica, tom. x, pag. 726.

gue a uma escolta de soldados e levada ao castello de S. Torquato, e lá está estreitamente vigiada.

Quanto á mãi e irmãs de D. Francisco de Portugal, D. Luiz, o 3.º conde, transigindo com Philippe II, melhorou a sua sorte e a d'ellas. Deus sabe se a estouvada dedicação do morto ao filho de Violante Gomes foi censurada no seio da familia. Nos tribunaes de certo foi, quando os Vimiosos o excluiam da successão da casa por não o poderem eliminar da successão da familia.

A LENDA DO MACHIN

REFLEXÕES

Á

VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE

POR

MR. RICHARD HENRY MAJOR

VERTIDA DO INGLEZ

PELO SNR.

JOSÉ ANTONIO FERREIRA BRANDÃO

A LENDA DO MACHIN

Quando sahiu do prélo, com estrondoso cortejo de applausos, a versão do livro The Life of Prince Henry of Portugal, fui dos primeiros a alvoroçar-me em busca do livro, sentindo ao mesmo tempo o desgosto de que um estrangeiro nos viesse contar casos ignorados de um principe portuguez que é uma das nossas immorredouras glorias. Lida a monographia, o desgosto foi substituido pela patriotica satisfação de não ser o historiador algum dos nomes distinctos entre os que professam em Portugal as sciencias historicas.

No começo da minha leitura, escrevi a um amigo intelligente a seguinte carta:

Meu prezado Alberto Pimentel,

Principiei hoje a leitura da versão da monographia The Life of Prince Henry of Portugal, etc. Cheguei até pag. 127, e fechei o livro com tristeza.

Penalisa-me que o traductor aceitasse, sem as corrigir, as hypotheses escassamente esclarecidas do snr. Major, e este pezar já tambem Pinheiro Chagas m'o motivou, quando por um lapso desculpavel a quem trabalha muito, escrevendo a Historia de Portugal, deixou em pé as conjecturas erradas do escriptor inglez, aceitando-as como base de argumentação. Quer o snr. Major que a lenda do Machin, romantisada na Epanaphora amorosa de D. Francisco Manoel de Mello, seja um facto historico alterado mais ou menos pela tradição; e, procurando a narrativa original de Francisco Alcoforado sobre a qual D. Francisco Manoel fundamentou a Epanaphora, escreve a pag. 124 o seguinte: «A primeira relação d'este successo deu-a á luz com toda a minuciosidade o elegante escriptor portuguez D. Francisco Manoel de Mello, nas suas Epanaphoras de varia historia portugueza, publicadas em Lisboa no anno de 1660. Declara ter-lh'a subministrado uma narrativa original do escudeiro do infante D. Henrique, Francisco Alcoforado, que acompanhou Gonçalves Zarco n'esta famosa viagem; e a narrativa guardava-a D. Francisco Manoel, segundo elle diz, como joia preciosa, e que lhe viera ás mãos por conducto extraordinario. Havendo grandes suspeitas da veracidade d'esta relação, dei-me a infatigavel trabalho para investigar a sua historia. Apesar da livraria de D. Francisco Manoel de Mello se conservar na Bibliotheca nacional de Lisboa, o manuscripto de Alcoforado, cuidadosamente buscado a pedido meu, mediante instancias de um distincto fidalgo portuguez, o conde de Rilvas, nunca se encontrou».

Paremos aqui. Onde encontrou Major a noticia de que a livraria de D. Francisco Manoel de Mello se conserva na

Bibliotheca nacional de Lisboa? Em parte nenhuma. Póde ser que lá exista algum livro que houvesse pertencido ao author das EPANAPHORAS; mas com certeza não ha n'aquelle estabelecimento secção alguma de livros de tal procedencia. Major confundiu a livraria de D. Francisco de Mello Manoel, com a livraria de D. Francisco Manoel de Mello — duas pessoas distinctas.

A livraria do primeiro é uma acquisição comparativamente moderna que fez o Estado; a do segundo, não ha noticia que existisse em mão de algum parente, depois do seu fallecimento em Alcantara, em outubro de 1666. O que a mim me espanta é que, na Bibliotheca publica de Lisboa, quando o conde de Rilvas, a pedido de Major, andava procurando o codice de Alcoforado na livraria de D. Francisco Manoel de Mello, lhe não dissesse logo o somenos empregado d'aquella casa que s. exc.ª andava procurando uma livraria que corria parelhas com o Machin em authenticidade. N'este descuido tambem incorreu o distincto historiador Pinheiro Chagas, obtemperando á hypothese do inglez que duvída da existencia do manuscripto porque o não encontrou na livraria do supposto author da EPANAPHORA AMOROSA. «Devemos confessar, diz Pinheiro Chagas, que esta asserção tira toda e qualquer importancia ao supposto manuscripto. Um documento tão importante, que é visto por um só escriptor, e que depois desapparece completamente sem que ninguem mais o veja, quando a bibliotheca do escriptor que o menciona atravessa intacta o oceano dos tempos, perde completamente o seu valor». (HISTORIA DE PORTUGAL, tom. II, pag. 238).

Portanto, meu caro Pimentel, se lhe parecer, póde cancellar como inutil e improcedente a clausula que o monographo inglez infere de não achar um certo codice, entre uma livraria que não existe.

A pag. 126 refere Major que «o proprio D. Francisco Manoel de Mello nos diz que por matrimonio viera a ser representante da familia Zarco». Não podia o author da

Carta de guia de casados dizer tal inepcia. O que elle escreve é o seguinte: « ... é razão que eu me conte em a propria lista dos seus successores, não com menor obrigação que alguns que tenho referido; pois tirando os que possuem os morgados de suas baronias, sou eu quem gózo o maior morgado da baronia dos Camaras, instituido por Antão Rodrigues da Camara que foi materno avô do meu avô paterno, e neto de João Gonçalves». (Epanaphora amorosa, pag. 347 e 348). O que D. Francisco Manoel ahi não confessa é que o seu avoengo Antão Rodrigues da Camara era filho bastardo de Ruy Gonçalves, e que o morgadio da Ribeirinha, que elle gozava, nada tinha que vêr com os vinculos dos legitimos successores, pois que fôra instituido por aquelle bastardo. Como quer que seja, D. Francisco nem era representante da familia Zarco, no rigor da expressão genealogica, nem descendia de Camaras *por matrimonio* como diz o inglez. Quer-me parecer que o traductor, se reparasse na substancia do livro quanto se aprimorou em brunir lusitanamente a phrase, não teria deixado passar a insufficiente intelligencia com que Major passou a inglez as phrases de D. Francisco Manoel de Mello.

Major, para esclarecer a veracidade de um *Machin* que deu o seu nome a uma parte da ilha, escreve: « A etymologia da palavra Funchal é exclusivamente portugueza. Designa um sitio onde cresce o funcho, e vê-se claramente que tal nome lhe foi dado por alli se encontrar aquella planta em grande cópia. A construcção inteiramente differente da palavra hespanhola *hinojo,* e da italiana *finocchio,* prova que o nome não podia provir de nenhum descobrimento anterior feito por hespanhoes ou italianos. E desde que na ilha não ficou nenhum inglez que conservasse o nome de Machin, parece inevitavel a conclusão de que na occasião em que foi repartida a mesma ilha, os portuguezes mostraram reconhecer que Machin os precedera no descobrimento», etc.

Isto não prova nada, meu amigo. A comparação das ex-

pressões que significam a palavra *funchal,* são argumentos contraproducentes, ou pelo menos estereis. Pois olhe, eu estou convencido que a palavra *Machin* não é senão um termo de origem italiana. Se tem ainda um resto de paciencia, note que o escriptor mais antigo e por isso mesmo mais authorisado que escreveu a palavra tão diversamente escripta por diversos authores não escreveu nem *Machin,* nem *Machico,* nem *Monchrico.* Disse *Machito,* na CHRONICA DO DESCOBRIMENTO DE GUINÉ, pag. 387. Dê o meu amigo a *Machito* a pronuncia de *Maquito* e ahi tem a corrupção de *Macchia,* que em italiano se traduz, em uma das suas acepções, por *mata, charneca, brenha, espinhal, sarça,* etc., e *macchione* (com pronuncia de *maxione*) *matagal, bosque fechado,* etc. Acha V. demasiada simplicidade n'este processo de investigar origens? Talvez; mas creia o meu amigo que ha muita cousa que não é mais complicada nos seus exordios, e se nos figura, a distancia de seculos, embrulhada na farrapagem das lendas.

Eu, na alta posição intellectual de Pinheiro Chagas, não teria escripto isto: «O argumento mais forte que os defensores da historia de Roberto Machin podem apresentar é o nome de Machico, dado logo desde o descobrimento a uma porção da ilha, e cuja etymologia nos é completamente desconhecida, a não lhe queremos dar a de Machin. Não pretendemos negar a força do argumento, nem queremos resolver o problema que esse nome ha-de sempre apresentar». O problema não me parece cousa que resista sempre, como quer o insigne escriptor.

Não lhe imponho a minha authoridade: mas peço-lhe licença para me não convencer: 1.º de que na Bibliotheca publica esteja a livraria de D. Francisco Manoel de Mello; 2.º que D. Francisco Manoel de Mello seja representante de Camaras por matrimonio; 3.º que o *Machito* de Azurara seja uma cousa diversa do *Macchia* dos italianos. E finalmente, que assim como a uma moita de funchos os portuguezes chamaram *Funchal,* a outro ponto da ilha coberto

de matagal espesso algum navegador, anterior a Cadamosto, chamou *Macchia*. Não discuto primazias em descobrimentos, já V. vê. Eu estava escrevendo de vontade em cousas assim massudas; mas sou chamado pelo meu editor para as tiras da segunda parte da *Viuva do enforcado* [1].

*

O insigne escriptor Manoel Pinheiro Chagas respondeu no *Diario da Manhã* ás observações attinentes á sua HISTORIA DE PORTUGAL, e parecia querer indulgenciar a hypothese da procedencia errada da livraria em que se esperava achar o inventado codice

[1] Em 1878 li com aproveitamento as annotações eruditas do snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo ás SAUDADES DA TERRA do doutor Gaspar Fructuoso publicadas por aquelle distincto escriptor no Funchal em 1873. Pejo-me de confessar que só volvidos cinco annos tive noticia d'este precioso livro. A respeito da etymologia de *Machico*, offerece o snr. Rodrigues de Azevedo uma hypothese que me parece avantajar-se a todas: «Qual, pois, a origem d'esse nome *Machico?...* Vejamos. Ha, de ignotos tempos, no continente do reino dous lugares denominados *Monchique*. Um é no valle do Douro entre a cidade do Porto e Miragaya: adiante, para a beira-mar, fica o sitio de Mathosinhos, d'onde eram oriundos, como em outra nota mostraremos, Zargo e sua mulher Constança Rodrigues de Almeida, ou, melhor, de Sá. O outro *Monchique* é no Algarve, onde esta denominação designa não só as serranias, mas tambem um concelho, uma freguezia, uma villa e um amenissimo valle por este nome conhecidos; valle que, quando mais não seja, por vasto, formoso e abundante em aguas e arvores tem semelhança com o de *Machico...*» Traslada o snr. Rodrigues de Azevedo duas cartas de pessoas conhecedoras de Monchique no Algarve, e acrescenta: «Quem conhece o valle de *Machico*, e o compara com estas miudas noticias do de *Monchique* no Algarve, acha não poucos pontos de semelhança entre estes dous valles. Acresce que o cabo de S. Vicente e a Ponta de Sagres, de cuja proximidade sahiu o navio em que Zargo e Tris-

de Francisco Alcoforado. A resposta, com quanto bem urdida, deixa vêr por entre os fios de sêda as adulterações dos fios de algodão, que vem a ser, no nosso caso, as incongruencias cuja prova real nem o talento poderoso de Pinheiro Chagas pôde tirar. Para não alterar a escripta do eminente escriptor deixei de eliminar os adjectivos com que me favorece:

N'uma carta dirigida pelo nosso grande escriptor Camillo Castello Branco ao snr. Alberto Pimentel, e publicada hontem no *Diario Illustrado,* observa-se com pena que o traductor recente da obra de Major não emendasse um erro d'este escriptor, e lamenta-se que Pinheiro Chagas na sua Historia de Portugal tambem já tivesse deixado passar sem correctivo a falsa opinião de Major, mostrando até que a suppunha exacta.

Essa observação vem envolta em phrases por tal fórma lisonjeiras para o author da Historia de Portugal a que se allude, que, apesar de muito costumados á benevola generosidade de Camillo Castello Branco, assiste-nos antes

tão Vaz aportaram a esta ilha da Madeira, são extremos da serra de Monchique a qual ahi vem contestar com o Atlantico. — É notorio que entre os tripolantes d'esse navio eram muitos algarvios... Este complexo de factos e de circumstancias convergentes não só mostra possivel, mas quasi assegura que Zargo e seus companheiros, saudosos da mãi-patria, namorados da semelhança de lugares, e até embaidos de crença deram ao sitio em que pela primeira vez aportaram n'esta ilha, o nome *Monsico, Monchin,* ou *Monchique,* com aquella requebrada intonação algarvia que breve o deixou corromper na tambem viciosa pronuncia ilhôa, para *Manchico, Machito, Machiquo* ou *Machico* (de todos estes modos se acha escripto) e talvez para *Machim* tambem, ainda como nome de lugar... Estas são quanto a nós, as origens historica e lexicologica mais provaveis do nome *Machico* ».

O snr. R. de Azevedo corrobora a sua conjectura com amplificações philologicas que se podem consultar a pag. 428 do seu livro.

de tudo o dever de lhe agradecermos esta nova prova da sua indulgente amizade.

E agora responderemos ás observações de Camillo.

O erro a que elle se refere consiste em ter dito Major que a Bibliotheca publica de Lisboa comprára a livraria de D. Francisco Manoel de Mello, o author das EPANAPHORAS, quando a livraria, que foi comprada pela Bibliotheca, era a de D. Francisco de Mello Manoel, fidalgo do nosso tempo. Attribue Camillo a desculpavel lapso o termos accitado sem reparo a affirmação do escriptor inglez. Nada mais facil effectivamente do que ter-nos succedido isso, até em assumptos mais importantes, e não teriamos duvida em confessal-o. Comtudo parece-nos que d'esta vez o reparo de Camillo Castello Branco é que não é completamente exacto.

Major não suppõe, como nós nunca suppuzemos, que o governo portuguez tivesse comprado em 1666 a bibliotheca de D. Francisco Manoel, o que suppõe, e essa é a verdade, é que o governo portuguez comprou aos descendentes do grande escriptor a antiga livraria da sua casa, onde estavam incorporados os livros que tinham pertencido a D. Francisco Manoel. Consultando, logo que vimos o *Diario Illustrado,* o nosso erudito amigo o snr. Silva Tullio, bibliothecario-mór interino da Bibliotheca nacional, para obtermos da sua authorisada voz a confirmação do que sempre tinhamos julgado ser a verdade, tivemos a seguinte resposta: « A livraria foi comprada ao filho de D. Francisco de Mello Manoel da Camara por 10 contos de reis, e o titulo de conde da Silvã para o vendedor, em 9 de março de 1852. Suppunha-se que tinha manuscriptos do author das EPANAPHORAS, mas não se encontrou nenhum original dos muitos que deixou ».

Como se vê, se se deu tão avultada somma, afóra o titulo, ao descendente de D. Francisco Manoel, foi porque se contava que na livraria do celebre e fidalgo escriptor estivessem manuscriptos seus. Nem era natural que, se a li-

vraria não tivesse sido comprada como pertencente em grande parte ao author das Epanaphoras, não fosse o conde de Rilvas esclarecido a esse respeito na Bibliotheca nacional, quando fazia a pedido de Major as investigações a que se este refere.

Ainda Camillo Castello Branco lamenta que dissessemos que o nome de *Machico*, dado a uma das povoações da ilha da Madeira, é o unico argumento de tal ou qual força para que podem appellar os authores do romance da descoberta da Madeira por dous namorados, Roberto Machin e Anna d'Arfet, e que acrescentassemos que achavamos insoluvel o problema da origem do nome de Machico, já se vê com os documentos que hoje temos, porque não podiamos nunca deixar de resalvar a hypothese da apparição de um facto ignorado.

N'este ponto Camillo Castello Branco propõe-se resolver o problema que declaráramos insoluvel, e falla nas duas denominações diversas que *Machico* recebe de authores do seculo xv, e falla de modo que involuntariamente faz crêr aos leitores que esses factos eram desconhecidos. Para mostrarmos o contrario basta continuarmos, para diante do ponto em que Camillo Castello Branco a interrompeu, a citação da nossa Historia. Diziamos logo em seguida:

«Assim como é possivel que do nome de Machin se derivasse effectivamente o de Machico, tambem é possivel que esse nome e a ignorancia em que se ficou ácerca da sua etymologia fosse exactamente o que désse origem ao romance. É notavel a parecença que tem a historia de Machin com todas as fabulas que se contam para justificar o nome de uma cidade ou o seu brazão, quando a origem do brazão ou do nome não é geralmente conhecida.

«Devemos asseverar que os antigos escriptores não são uniformes no modo de escrever o nome. Cadamosto escreve *Monchrico*, o que já está longe de Machin, e Azurara, o mais antigo de todos, o que merece mais confiança, aquelle cujo testemunho é mais sério, escreve *Machito*».

D'esta citação se vê que, apesar de reconhecermos que o argumento tirado da etymologia de Machico era o mais forte, julgavamol-o muito pouco importante em absoluto, e vê-se além d'isso que não nos eram desconhecidas as duas fórmas diversas do nome da povoação, dadas por Azurara e por Cadamosto.

Vejamos porém agora a solução apresentada por Camillo Castello Branco. Das tres fórmas do nome adopta a de Azurara e até ahi vamos bem. Quer depois que *Machito* se pronuncie *Maquito,* e essa é a primeira duvida, porque a orthographia do seculo xv tem antes a tendencia de escrever com *q* as palavras que hoje escrevemos com *ch* apesar de as pronunciarmos como se tivessem *q,* do que a tendencia contraria. Depois suppõe que *Maquito* viesse do italiano *Macchia* que significa *matta,* e que iria portanto de molde a um sitio de ilha tão arborisada, que lhe deram os descobridores o nome de ilha da *Madeira.*

A conjectura é engenhosa, e tem o seu quê de plausivel, tanto mais que, antes de Zarco, encontraram genovezes a ilha da Madeira, mas sempre é conjectura desacompanhada de provas, e isso não basta para resolver um problema historico. O mesmo importava deduzir da palavra portugueza *Machito* com a sua significação conhecida *macho pequeno,* ou de qualquer palavra portugueza semelhante, uma etymologia mais ou menos verosimil. Note-se porém uma cousa: é que, suppondo Camillo o nome de *Machito* derivado do italiano, seja exactamente um viajante italiano, Cadamosto, o que mais se afasta da fórma original do nome, porque lhe chama *Monchrico.*

Pedimos pois licença para divergir da opinião de Camillo, e para aceitar a sua etymologia apenas como mais uma das mil conjecturas, que, á falta de dados positivos e convenientes, se podem imaginar para resolver um problema, que, no estado actual da questão, persistimos em considerar insoluvel. Não negamos que é uma conjectura engenhosa, mas que não tem um só facto em que se baseie.

Terminando, agradecemos de novo ao nosso illustre escriptor a sua benevolencia para comnosco, e esta nova prova da sua consideração que altamente apreciamos.

CARTA A PINHEIRO CHAGAS

Meu amigo,

De certo não lhe sobeja tempo que desperdice n'esta esteril conversação que v. exc.ª denominou grandiosamente: «Questões historicas». Eu, por mim, não questiono, meu caro Pinheiro Chagas: converso com a sua bella intelligencia, e não me preoccupo com o triumpho nem com a derrota.

Saibamos, pois, se na Bibliotheca publica de Lisboa está ou não está a livraria de D. Francisco Manoel de Mello. V. exc.ª e Major dizem que sim; eu digo que não; e o snr. Silva Tullio, bibliothecario-mór, não diz que não nem que sim.

Perguntou v. exc.ª a este erudito funccionario se «o governo comprou aos descendentes do grande escriptor a antiga livraria de sua casa, onde estavam incorporados os livros que tinham pertencido a D. Francisco Manoel». O snr. Tullio responde:

«A livraria foi comprada ao filho de D. Francisco de Mello Manoel da Camara por dez contos de reis, e o titulo de conde da Silvã para o vendedor, em 8 de março de 1852». E acrescenta: *Suppunha-se que tinha manuscriptos do author das* EPANAPHORAS, *mas não se encontrou nenhum original dos muitos que deixou*». E o meu amigo infere que o governo enganou-se na compra, aliás não daria dez contos e uma corôa de conde por livros, entre os quaes não estavam manuscriptos de D. Francisco Manoel de Mello.

Em obsequio á intelligencia das pessoas que agenciaram a compra, defendo-as da ignorancia do que compravam *aos descendentes,* como v. exc.ª escreve, do author das EPA-

NAPHORAS. D. Francisco de Mello, pai do vendedor da livraria, representava por bastardia outro D. Francisco de Mello, alcaide-mór de Lamego, primo de D. Francisco Manoel. Não era seu descendente no rigor da palavra.

O author da CARTA DE GUIA DE CASADOS guiava quem quizesse casar; mas não casou. Teve um filho natural chamado D. Jorge Manoel de Mello, que herdou de seu pai os poucos bens desvinculados; porque o morgado da Ribeirinha, na ilha de S. Miguel, reverteu á linha legitima. Este D. Jorge casou vergonhosamente em Lisboa, d'onde sahiu affrontado, e pereceu capitão de cavallos na batalha de Senef em 1674, não deixando filhos. E assim acabou a posteridade de D. Francisco Manoel de Mello.

Se na quinta de Alcantara, onde o grande escriptor morreu, havia livros, é natural que lh'os herdasse o filho; eu presumo, porém, que D. Francisco Manoel, tantos annos preso e desterrado, vendesse os livros, quando da Torre Velha escrevia aos amigos dizendo-lhes que não tinha dinheiro para comprar lenha; quanto aos seus manuscriptos, que parece, segundo confessa Silva Tullio e Pinheiro Chagas confirma, foram o engôdo da compra, esses não estariam em Lisboa, mas sim em Roma, onde D. Francisco Manoel residira, com o proposito de os publicar; e vindo a Lisboa, por meado de 1666, tencionando tálvez regressar a Roma, alli morreu em outubro do mesmo anno.

Ora, como eu não posso admittir que o governo ignorasse que D. Francisco de Mello Manoel não era descendente directo de D. Francisco Manoel de Mello, tambem não admitto que elle, simplesmente pela analogia dos cognomes e probabilidades de parentesco entendesse que os manuscriptos do segundo deviam estar entre os livros do primeiro.

E, além d'isso, Diogo Barbosa Machado, quando na BIBLIOTHECA LUSITANA fez rol dos mss. do author das EPANAPHORAS, diria onde os viu e quem os possuia. Barbosa o que fez foi trasladar um indice que o proprio author escreveu dos seus ineditos no 1.º tomo das OBRAS MORALES a cuja impres-

são assistia por 1664, em Roma. Em resumo, o governo soube o que comprou, e o meu excellente amigo Silva Tullio sabe perfeitamente que a livraria que pertenceu ao snr. conde da Silvã, foi organisada no principio do seculo xviii por outro D. Francisco Manoel de Mello, poeta de bom nome que morreu em 1719. (Hist. genealog., tom. ix, pag. 222).

Basta de livraria, meu prezado amigo. Vamos agora cavar um pouco na etymologia de *Machico*.

Quanto ao meu processo deductivo de *Macchia* para *Machito,* diz Pinheiro Chagas gracejando, que « o mesmo importava deduzir da palavra portugueza *Machito,* com a sua significação conhecida, *Macho pequeno* ». Perdão : o diminutivo de *macho* não é bem *machito ;* seria melhor *machinho*. Vá isto tambem como graça, e de graça podemos enviar a Major o nosso *machinho* para confrontações com o seu *Machin* de Bristol.

Pelo que respeita á pronuncia *Maquito,* que eu attribuo a Azurara, diz Pinheiro Chagas : « a orthographia do seculo xv tem antes a tendencia de escrever com *q* as palavras que hoje escrevemos com *ch,* apesar de as pronunciarmos como se tivessem *q,* do que a tendencia contraria ».

Não encontro essa predilecção nos escriptores dos seculos xv e xvi. Escreviam *chimera, machina, machinação, alchimia, Ezechias, Achilles,* etc. João de Barros até se mostrava avêsso ao *q,* a ponto de a julgar letra desnecessaria. (Grammatica Port. impressa em 1540). Diz elle: « *Q,* pelo nome que tem, e assim pela pouca necessidade que ha d'ella, a nós convinha mais que a outra nação, desterral-a da nossa orthographia, e em seu lugar empossar esta letra *c,* etc. » E, depois, no tempo a que Pinheiro Chagas allude, a pronuncia genuina italiana era pouco menos desconhecida na Hespanha; e, ainda no seculo seguinte, Christoval de las Casas, em umas regras de pronuncia que precedem o seu Vocabulario impresso em 1570, ajuda a indecisão da pronuncia do *chi* em *qui* com este *aviso :* « La *h* (que algunos no llamã letra sino aspiracion) puesta entra la *c* y al-

gunas d'estas vocales *e, i,* ablanda la asperesa de la pronunciacion, como *che, cheto, chino* que se pronunciam como entre nosotros, *que, quédo, quinto* ».

Que estopada lhe estou dando, meu amigo! Está v. exc.ª a lêr-me e a lembrar-se do

Teimoso grammaticão,
Que em longo chambre embrulhado,
Co'a douta penna na mão,
Dá á luz grosso tratado
Sobre as leis da conjuncção.

Não, senhor. A minha postura é menos conspicua; é a posição horisontal dos doentes, e afflige-me em dobro ter de dictar estas aridas farfalhices a um amanuense espavorido da minha erudição.

Vamos ao argumento mais solido com que v. exc.ª impugna a minha hypothese. « Suppondo Camillo o nome de *Machito* derivado do italiano, Cadamosto é o que mais se afasta da fórma original do nome, porque lhe chama *Monchrico* ».

Não afasta, pelo contrario, confirma o *Machito* de Azurara.

Isto agora de certo lhe sôa como um paradoxo; mas eu me explico, se puder.

Cadamosto veio offerecer os seus serviços ao infante D. Henrique em 1455 e viveu com portuguezes até 1463.

Ouviu muita vez proferir a palavra *Machito* (com a pronuncia de *q* em *ch*) e entendeu-a como diminutivo de *manco* ou *Mãco* como alguns então e depois escreveram. A palavra italiana correspondente a *manco* é *monco,* e *moncherino,* é synonymo, a julgar pela terminação, diminutivo tambem de *monco,* como *ochiolino* de *ocho, casino* de *casa* e *donnicina* de *donna,* etc. Porém Cadamosto, italianisando a palavra portugueza, alterou-lhe a desinencia em *ico,* conformando-a com a terminologia mais adequada á sua linguagem, e escreveu *Monchrico,* feita a ellipse de uma letra que

em nada prejudica a etymologia. Portanto, a meu vêr, a distancia que se inculca entre Azurara e Cadamosto desapparece pela homogenea significação do vocabulo, e quem fica muito longe de ambos é o Roberto *Machin* de Major e mais a sua Anna.

Meu amigo, se leu tudo isto, gabo-lhe a paciencia e adeus.

CARTA A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Meu amigo,

Uma impertinente bronchite, que me inclausura em casa ha tres dias, impede-me de tirar a limpo o caso da livraria, indo consultar pessoalmente o nosso excellente collega Silva Tullio. Elle acudirá, se quizer, em defeza da sua bibliotheca, se assim o entender, porque o caso interessa mais a ella do que a nós.

Effectivamente o que é indubitavel é que o conde de Rilvas, a pedido de Major, foi á Bibliotheca de Lisboa, e que lá lhe disseram que possuiam a livraria do author das EPANAPHORAS. Foi de certo algum empregado superior quem assim o informou, porque não supponho crivel que o conde de Rilvas se dirigisse, para cumprimento da sua missão, a um continuo ou a um servente.

Se o governo suppoz, em 1852, que na livraria do conde da Silvã existiriam alguns manuscriptos ignorados de D. Francisco Manoel de Mello, é porque de certo imaginou que em casa dos parentes do grande escriptor se tinham conservado as reliquias da sua livraria. E realmente permitta-me V. que não considere improvavel que D. Francisco Manoel de Mello, o poeta que morreu em 1719, herdeiro do morgado da Ribeirinha que pertencera ao author do FIDALGO APRENDIZ, herdasse tambem os livros, desde que D. Jorge Manoel, filho natural do escriptor, morrera longe da patria. Pois é crivel que este segundo D. Francisco Manoel,

amador das boas letras e litterato tambem, desprezasse completamente a livraria, e só quizesse o morgado? Permitta-me V., meu prezado amigo, que ache categorica a sua affirmativa de que na organisação da livraria do segundo D. Francisco Manoel não entrariam os livros do primeiro.

Agora vamos a Machico. Ainda me não rendo, meu caro contradictor. Está V., permitta-me que lh'o diga, muito enganado quando affirma que no seculo XV se escrevia habitualmeute *ch* por *q*, para dar o som de *k*. Primeiro que tudo não confundamos o seculo XV com o seculo XVI. Ainda que um travesso demonio me não permittiu encontrar uma só citação no Fernão Lopes que folheei á pressa para lhe demonstrar a verdade da minha affirmação, posso afiançar-lhe que é com *q* habitualmente (porque não ha regras definidas) que Azurara e Fernão Lopes reproduzem o som da letra *k*. Chamo em meu auxilio o ELUCIDARIO, que diz o seguinte: «*K* — Parece-me que se escrevia sempre que se seguia *a*, mas, seguindo-se *u* se escrevia *q*». Ahi tem V. o motivo por que não escrevia *alchimia*, mas sim *alquimia*.

Lembro-lhe tambem o modo como Fernão Lopes adultera o nome do condestavel Duguesclin, chama-lhe *Du Claquim*. Segundo a regra estabelecida por V., devia escrever *Du Clachim*, já que o nome lhe soava como se fosse *kim* em vez de ser *chim* [1].

E V., meu caro Camillo, na explicação que dá do *Monchrico* de Cadamosto navega, deve confessal-o, no mar das conjecturas com tanta facilidade como o proprio Cadamosto navegava nos mares nunca d'antes navegados. As conjecturas são engenhosas, mas duvido que sejam fundadas. Veja que subtilezas lhe foram necessarias para explicar a divergencia entre Cadamosto e Azurara! Foi necessa-

[1] Recordo-me de ter lido uma *errata* do snr. P. Chagas a este confuso argumento, mas não a tenho presente.

rio imaginar um verdadeiro *qui pro quo,* excellente para as comedias de enredo complicado, onde os personagens nunca se explicam senão no fim do ultimo acto, mas inaceitavel na vida real, onde esses *qui pro quos* facilmente se desfazem.

Não me fatigou lêl-o, meu caro Camillo, pelo contrario, delicia-me sempre a sua prosa, e não ha assumptos aridos para a sua magica penna. O que eu lamento é que a sua enfermidade o continue a perseguir, e ponha obstaculos á sua prodigiosa, inexhaurivel, e sempre brilhante fecundidade [1].

A minha primeira carta chegou á noticia do snr. H. Major enviada pelo fallecido marquez de Sousa Holstein com a noticia de que a Academia encarregára o distincto academico Pinheiro Chagas de traduzir de novo a biographia do infante D. Henrique *com algumas correcções necessarias á obra original.* O esclarecido biographo, controvertendo a necessidade das correcções, refuta os meus reparos em o n.° 2592 do *Athenæum,* com os seguintes argumentos que traduzo:

. . . .

«A necessidade das emendas infere-se d'uma es-

[1] Esta carta do snr. Pinheiro Chagas, tão liberal de generosas expressões, é um modêlo de polemista cortez; mas não me pareceu por igual modêlo de logica. Como quer que seja, o replicar-lhe pareceu-me superfluo pleonasmo. Além d'isso, o tempo do eminente publicista é precio-

pecie de «correcção» reclamada do meu traductor pelo snr. Camillo Castello Branco em carta impressa no *Diario Illustrado* de 2 de maio a qual obsequiosamente me foi remettida. Trata-se do descobrimento da Madeira pelo nosso conterraneo Macham ou Machin, anteriormente ao effectivo descobrimento e colonisação pelo portuguez em 1419-20. Cuidava eu que a authenticidade d'esta descoberta ingleza longo tempo controvertida, a final a restabelecera eu definitivamente com argumentos indiscutiveis a pag. 67-73 da minha VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE.

«Como quer que seja, succede que um escriptor portuguez, Francisco Manoel de Mello, adduzido como prova evidencial, foi quem primeiro deu integralmente a narrativa, posto que aformoseada, nas suas EPANAPHORAS DE VARIA HISTORIA, publicadas em 1660 em Lisboa. Declara elle fundamentar-se em uma narrativa original de Francisco Alcoforado, companheiro do descobridor portuguez em 1419, e que esta narrativa «viera á sua mão por extraordinario caminho». Mais adiante desvela-se em investigações do seu parentesco por allianças matrimoniaes com os Camaras, (titulo da familia Zarco). Sendo razoavel crêr que a livraria de Mello se conservasse na livraria nacional

---

sissimo para a collaboração das cousas grandes da patria; e eu tambem, dado que simples artifice de futilidades, não podia desbaratar o meu tempo n'estas esgrimas de palavras a que o publico tem mais medo que ás dos floretes.

de Lisboa, s. exc.ª o conde de Rilvas, a rogos meus, procurou alli diligente, mas sem resultado, o MS. de Alcoforado. Agora vejamos com que «correcções» o snr. Castello Branco desfaz a authenticidade do descobrimento de Machin. Primeiramente, diz que a livraria de Mello não foi incorporada na livraria nacional de Lisboa. *Per contra,* porém, o proprio bibliothecario affirma que a compra se fez em maio de 1852 ao filho de D. Francisco de Mello Manoel *da Camara,* descendente de Mello; mas, não se tendo encontrado o MS., é evidentemente de nenhuma importancia se a livraria foi ou não foi sua. A segunda «correcção» é que Mello não representava Camaras por alliança matrimonial. A isto redarguo que á palavra «representante» póde dar-se a accepção determinativa de descendente por femea, e assim é obvio que um documento póde vir á mão d'um parente *remoto* d'uma familia, e até mesmo sem parentesco algum: a representação *directa* não faz nada ao caso. Mas o que é certo é que Mello não é um mytho, e que elle claramente escreveu que teve o MS.; e não é natural, se isto não fosse exacto, que um portuguez detrahisse gratuitamente não só o seu paiz, mas tambem a familia com quem se diz aparentado, *inventando* uma historia em que o seu antepassado é precedido no grande descobrimento por um inglez, e de mais a mais guiado por um hespanhol. Além d'isso, sabemos de Barros que os descendentes de Zarco possuiram a minudenciosa narrativa da sua viagem. No entanto, dado que estes factos sejam in-

disputaveis, dou de barato ao snr. Castello Branco o Mello e a livraria, e o seu manuscripto e parentesco para que os remetta ao limbo que mais adequado lhe parecer, e a historia de Machin subsistirá em bases solidas.

«Cem annos antes de Mello, o illustre Antonio Galvão, no seu TRATADO DOS DESCOBRIMENTOS, escreveu o seguinte [1]: «N'este meio tempo (1336 a 1387) foi descoberta a ilha da Madeira por um inglez chamado Macham, que alli foi lançado por uma tormenta, e ancorou n'um porto que chamou *Machico,* do nome d'elle [2]»; e, quando eu escrevia a VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE obtive de Munich o traslado d'um MS. inedito portuguez de Valentim Fernandes cincoenta annos anterior a Galvão, referindo a mesma historia. Este MS., pouco depois de compilado em 1508, passou á posse do famigerado Conrad Peutinger, e ficou na Allemanha e por isso inaccessivel tanto a Galvão como a Mello; e assim é que a historia nos é relatada por differentes e de todo independentes authoridades portuguezas. É quanto basta á evidencia intrin-

[1] A versão ingleza d'esta obra é inexacta: TREATISE ON THE DISCOVERIES OF THE WORLD.

[2] Não é exacta a versão. Antonio Galvão, diz: « *Tambem querem* que n'este meio tempo fosse a ilha da Madeira descoberta... por um Ingres que se chamava Machim... » O *tambem querem* denota bastantemente a simples repetição d'uma legenda que Antonio Galvão reproduz acostando-se a, para elle mesmo, duvidosas authoridades.

seca, que eu robusteci com a seguinte evidencia extrinseca. Lêmos em Azurara, contemporaneo do infante D. Henrique, que o infante dividiu a ilha em duas partes: Funchal que deu a João Gonçalves Zarco; e Machito (que se me figura erro de escripta) a Tristão Vaz. Se preciso fosse, eu confirmaria o asserto de Galvão, quanto a ser Machico derivação do inglez Machin; adduziria eu o seguinte argumento: que não houve colonisação na ilha anterior ao descobrimento de Zarco em 1419-20; e que os nomes de Machico e Funchal postos pelos portuguezes ao repartirem a ilha devem considerar-se como ajustados aos terrenos. *Funchal* é palavra puramente portugueza; designa sitio onde cresce *funcho*. Em hespanhol diz-se «hinojo», e em italiano «finocchio»; isto mostra que «Funchal» não procede de descobrimento hespanhol ou italiano. Zarco fôra guiado por um piloto hespanhol, Juan Morales, que havia sido companheiro de captiveiro em Marrocos dos expedicionarios sobreviventes a Machin, dos quaes elle ouvira a historia. Póde acaso haver duvida da affirmativa de Galvão quanto a ser Machico a derivação de Machin [1]? Todavia, nem a authoridade

[1] Esta insistencia em pôr Galvão a asseverar uma cousa que elle reproduz das tradições correntes e duvidosas (*querem*, diz Galvão) procede da imperfeita comprehensão do texto portuguez que já citei; não póde ser pertinacia nem dolo em tão insigne escriptor como o snr. H. Major.

de Galvão, seu illustre patricio, nem estes argumentos puderam nada com o snr. Castello Branco. Segue a terceira «correcção». Pois que Azurara, a mais antiga authoridade, no texto impresso em 1841, escreve «Machito» e não Machin ou Machico, ou Monchrico (erro syllabico do italiano Cadamosto) é a razão unica exhibida pelo snr. Castello Branco para a pronunciação de Maquito, dando-a como corrupção de «Macchia» que em uma das accepções italianas, diz «matta», «charneca», «brenha», «espinhal», «sarça», etc.; e Macchione (com pronunciação de Maxione) diz «mattagal», «bosque fechado». Esta leitura tem o quer que seja de engenhosa e recreativa, mas infelizmente baseia-se n'um erro de imprensa ou de interpretação. Na edição unica de Azurara feita pelo visconde de Santarem (1841) [1] a palavra na verdade é «Machito»; mas prova-se que é erro typographico pelo simples facto de que Barros, que compilou do MS. original de Azurara, já havia escripto «Machico», fórma que usaram igualmente Galvão e Mello, e até hoje subsiste na Madeira. Não ha maior desperdicio de tempo que empregal-o esgaravatando valores etymologicos de nomes proprios que o tempo adulterou nos traslados e na corrupção oral. O certo é que deve ser só uma a fórma correcta d'estas palavras Machico, Machito, Monchrico, ou Maquito, invenção nova do snr.

[1] O publicador foi o *visconde da Carreira;* o prefacio e notas pertencem ao *visconde de Santarem.*

Castello Branco: as outras, as erradas nada prestam. Como decidir qual é a verdadeira? Temos abundantes meios. Já deixei dito que ao mesmo tempo que uma das provincias da ilha foi denominada *Machico,* a outra se chamou *Funchal* — denominações que até hoje subsistem na Madeira. *Machin,* ou, como Galvão escreve, *Macham,* e pelo modo como os historiadores portuguezes nos transmittiram o nome derivado do aventureiro de Bristol, é um perfeito nome britannico: outro identico ha poucos seculos existiu em Glaucestershire; e não é provavel que os portuguezes o inventassem, e menos provavel ainda que intentassem o invento. Recebeu nome de *Machico* aquella porção da ilha onde se acharam a sepultura, a cruz e outros vestigios da tragica aventura de Machin; e as narrativas de historiadores, entre si independentes, como mostrei que eram, combinam-se em derivar do inglez o nome da localidade. Descambar da evidencia de semelhantes factos para regiões de vagas conjecturas, e sob aspecto de «correcção» não me parece que se deva considerar cousa judiciosa nem sustentavel, e muito me apraz saber se são estas as correcções que o meu amigo marquez de Sousa Holstein julga necessarias na traducção da minha obra».

R. H. MAJOR.

As correcções são outras; e pois que o estimavel monographo do infante D. Henrique, um pouco fatuamente as provoca, offerece-se-me satisfazer-lhe as curiosidades aliás legitimas em sujeito de provada sciencia, quando mesmo preponderem n'ellas uns assomos de vaidade, umas pretensões a inviolabilidade, que me parecem menos desculpaveis.

Não possuo o livro original; creio porém na fidelidade da traducção, como tal reconhecida pelo author: *elegant and faithful* [1].

Os meus reparos convergem exclusivamente para o cap. v, que versa sobre o descobrimento da Madeira; mas demorar-me-hei um instante na *Prefação*. A pag. 3 leio que Portugal ficou *reduzido a um estado de torpor... pelo desastre de Alcaçar-Quebir em 1580*. O anno da batalha de Alcaçar foi o de 1578. A pag. 7 leio: *Damião de Goes, chronista da vida de el-rei D. João I, pai do infante D. Henrique,* etc. Damião de Goes não escreveu chronica d'el-rei D. João I; escreveu CHRONICA DO SERENISSIMO PRINCIPE D. JOÃO, que é o segundo rei d'este nome e bisneto do primeiro. O traductor naturalmente conheceu os erros do original; mas entendeu que seria um desacato ao historiador estrangeiro corrigil-os. Os encomios absolutos de alguns jornalistas denotam identico respeito. Mr. Major diz que Damião de Goes *teve noticia do nome* de Azurara, mas não a teve da CHRONICA DO

---

[1] *Athenæum*, pag. 833, col. 2.ª

DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DE GUINÉ. É certo que Damião de Goes não viu a CHRONICA de Azurara: mas presume que Azurara escrevesse *das novas navegações na historia de Guiné que elle diz que compoz* [1]. E a respeito dos outros codices de Gomes Eannes de Azurara escreve largamente mostrando que o conhecia mais que de nome, e leu os manuscriptos depois publicados na COLLECÇÃO DOS INEDITOS DE HISTORIA PORTUGUEZA que são cinco e não tres tomos como diz Major. D'estas bagatellas passemos ao cap. v, pag. 121.

Diz o illustrado biographo que a erronea crença de terem sido os portuguezes os primeiros descobridores e denominadores das ilhas de Porto Santo e Madeira se deve a João de Barros authorisado pelo antigo chronista Azurara. Esta arguição feita aos dous historiadores funda-se em que nenhum d'elles, relatando o descobrimento do grupo das ilhas, mostra conhecer o inglez *Machin*.

Contra a authoridade de Barros e Azurara offerece Mr. Major o testemunho de Francisco Alcoforado, Valentim Fernandes, Antonio Galvão e D. Francisco Manoel de Mello. Podia citar mais dezeseis que todos fallam de Machin; alguns d'estes de categoria menos suspeitosa; e, expungindo da lista o depoimento fantastico de Alcoforado, tornaria os outros mais benemeritos de fé.

[1] CHRON. cit., cap. VI.

Direi primeiro de Francisco Alcoforado.

Este nome apparece pela primeira vez na EPANAPHORA AMOROSA de D. Francisco Manoel de Mello, impressa em 1660. Nenhum escriptor, anterior a Mello, teve noticia de Alcoforado, quer como navegante, quer como noticiarista de navegações. Alcoforado escrevêra uma relação do descobrimento da Madeira, que chegára inedita á mão do romancista da EPANAPHORA. Ahi se contam os amores tragicos de Roberto Machin remessado por temporaes a uma ilha incognita e deshabitada que os portuguezes depois descobriram. Alcoforado, o relator do successo, é um dos descobridores. Escreveu a relação e deu-a ao infante D. Henrique de quem era escudeiro.

Se houve um Francisco Alcoforado, companheiro de Zarco, e relator testemunhal do descobrimento da Madeira, o infante devia dar a essa relação inteiro credito, e, como tal, communical-a ao chronista Azurara, quando o encarregou de escrever a chronica de Guiné. Azurara de certo não omittiria o testemunho de pessoa tão importante. Mas a chronica está impressa, e não contém a historia de Machin nem ponto algum que frize com as referencias da EPANAPHORA ás fabulas da supposta relação de Alcoforado. Além de que, se D. Francisco Manoel tivesse presente a narrativa de uma testemunha do re-descobrimento, teria fixado datas e esclarecido obscuridades, em vez de nos contar que Machin varou em praias desconhecidas quando reinava em Inglaterra Duarte III, deixando uma aberta de meio seculo para as hypotheses, como usam

fazer historiographos de successos remotos e semi-fabulosos. Como é possivel que Alcoforado, conversando com o piloto Juan de Morales que tratára em Marrocos os inglezes sobreviventes á catastrophe do seu patricio, não soubesse no transcurso de cincoenta annos determinar aquelle em que se dera o casual descobrimento e o desastre que tão de vivas côres pintado devia estar na memoria dos captivos?

Em toda a contextura da EPANAPHORA, cimentada em um documento coevo, se revela quanto esse documento suppositicio participava das incertezas do historiador romantico; pois não marca épocas, não dilucida miudezas congeniaes de todos os que escreveram de factos analogos e de maxima importancia n'aquelle seculo, nem sequer denota menos imperfeito conhecimento da topographia da Madeira. O snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, com tanta habilidade como erudição, analysa, confronta, desata e desfia por tal arte e com tamanha evidencia a urdidura da EPANAPHORA AMOROSA que o mythico Francisco Alcoforado desapparece inteiramente da historia e entra na secção dos fazedores innocentes e inventados de manuscriptos tão authenticos como uns que tenho encontrado para os meus *romances historicos* [1].

Digamos de Valentim Fernandes Alemão, esteio

---

[1] As SAUDADES DA TERRA, pelo dr. Gaspar Fructuoso, pag. 356-366.

sobre que o snr. H. Major ampara com maior confiança o testemunho primordial da tradição do Machin, antepondo-o á chronica de Azurara, onde semelhante lenda não se encontra. O primeiro dos mss. de Valentim Fernandes, existentes na bibliotheca real de Munich, citados com alvoroço pelo snr. Major, foi examinado em 1876 pelo snr. Guilherme de Vasconcellos Abreu que frequentava n'aquella cidade a aula de *sanskrito*. É a CHRONICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DE GUINÉ por Gomes Eannes de Azurara trasladada pelo mestre-impressor Valentim Fernandes, em Lisboa, em 1506. Elle mesmo o declara n'estes termos inequivocos: *Deus seja louvado, anno de 1506 aos 14 dias de novembro acabey aqui de escrever e trelladar esta historia de Guynee — Valentim Fernandes Alemã* [1]. Esta confissão em concordancia com a profissão de copista, impressor e editor de livros de especie analoga, desfaz a importancia de historiador que o douto inglez lhe empresta para o investir de authoridade na questão sujeita. Foi Valentim Fernandes um mero compilador de noticias já escriptas ou tradicionaes que colligira com o intento de as imprimir e vender pelo alto preço que essas historias mais ou menos fantasiosas valiam no seculo febril dos descobrimentos. O setimo e ultimo dos codices compilados

[1] Veja BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA. Coimbra, 1879, pag. 48, artigo do snr. Ernesto do Canto.

e attribuidos authoritariamente ao impressor da Vita Christi é a Descripção ou Noticias das ilhas do Athlantico em que surde a lenda do fugitivo inglez e da sua amante, incidente romantico desconhecido a Azurara e João de Barros. Com o proposito de recuar o manuscripto a uma antiguidade conveniente á justificação da fabula, o snr. H. Major arbitra-lhe o anno 1508, estribando-se na simples razão de que o manuscripto anterior da collecção está datado em 1507. Ora, a Descripção ou Noticia das ilhas não tem data; e tanto póde ser de 1508 como de 1557, anno em que o copista Valentim Fernandes ainda vivia. O certo é que o mestre-impressor, *arranjando* para a estampa o Descobrimento das ilhas do archipelago da Madeira, enxertava a fabula do Machin para enviscar a curiosidade pelo engodo da maravilha que o seu contemporaneo Antonio Galvão simultaneamente produzia das atoardas populares. Mas, como logo veremos, Galvão resalvava a sua critica com um «querem» assás significativo da desconfiança com que reproduz a lenda. Em summa, o apparato erudito do snr. Major a fim de dar realces scientificos á authoridade do allemão Fernandes, nada resolve favoravel á certeza; pelo contrario, estabelece evidentemente a fabula de Machin. O snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, comquanto em 1873 não possuisse a certeza de ser a chronica do descobrimento de Guiné, existente em Munich, a de Azurara trasladada por Valentim Fernandes, tirou inferencias tão acertadas e seguras como se a houvesse examinado ou conhecesse os estu-

dos mais que muito louvaveis do snr. Guilherme de Vasconcellos e Abreu feitos sobre o mesmo codice [1].

Pelo conseguinte, Valentim Fernandes corre parelhas em critica historica com Francisco Alcoforado. Este, como historiador do descobrimento da Madeira, existia na fantasia de D. Francisco Manoel de Mello; e o outro, como historiographo, é pouco menos de imaginario no processo a que foi chamado pelo illustre biographo do infante D. Henrique. Refuguem-se ambos do pleito, e aquilatemos o valor da terceira authoridade collaboradora na lenda do Machin.

Antonio Galvão começou a escrever em anno indeterminado e concluiu em 1550 o seu livro intitulado TRATADO DOS DESCOBRIMENTOS ANTIGOS E MODERNOS QUE SÃO (estão) FEITOS EM A ERA DE 1550. Morreu Galvão em 1557, e o TRATADO veio a lume em 1563. Quer o snr. Major que entre a DESCRIPÇÃO de Valentim e o TRATADO de Galvão medeiem cincoenta annos, com o fim de remontar a tradição fabulosa. Para isto, arbitrou ao manuscripto do primeiro a data de 1508 sem adduzir a menor probabilidade chronologica. Mas eu já disse que Valentim vivia no anno em que morreu Galvão, e que suppôl-os ambos simultaneamente a repetirem a lenda do Machin é tão plausivel, quanto é anachronico distan-

[1] AS SAUDADES DA TERRA, pelo doutor Gaspar Fructuoso, pag. 370 e segg.

cial-os um do outro meio seculo, sendo tão coevos e provavelmente tão conhecidos entre si.

Galvão allude á conquista das ilhas Canarias, e com referencia ao descobrimento da Madeira, escreve: «E tambem *querem*... que fosse a ilha da Madeira descoberta por um Ingres que se chamava Machin». Dá uma das versões: «tambem querem»; mas não obtempera ao que *querem,* antes se acinge mais aos *nossos chronistas* do que ao que os *outros dizem,* a respeito da sepultura de Machin encontrada na ilha por Zarco. Não póde, pois, Antonio Galvão ser incluso, sequer, no numero dos que aproveitaram o romanesco da lenda como D. Francisco Manoel de Mello. Elle, com mais lhaneza que criticismo, repetiu uma versão que francamente não rejeita, mas a que não ajunta o minimo commento de plausibilidade. Deve por tanto ser derimido o testemunho que o snr. H. Major lhe attribue.

Quanto a D. Francisco Manoel de Mello, são de grande engenho e muito eruditas as hypotheses que o snr. Rodrigues de Azevedo encadeia para demonstrar que o author da CARTA DE GUIA escrevera a EPANAPHORA AMOROSA com intuito politico. A viuva de D. João IV queria ardentemente alliar-se com Inglaterra mediante o consorcio de sua filha D. Catharina com Carlos II. Receava-se que o casamento se não realisasse sem que a princeza levasse no dote a ilha da Madeira. Tratava-se de cohonestar a cessão da ilha, attribuindo-lhe a inglezes o descobrimento. Pergunta o douto annotador d'AS SAUDADES DA TER-

*

RA: *Entrementes, n'este mesmo angustiado anno de 1660, foram publicadas em Lisboa as* EPANAPHORAS *de D. Francisco Manoel de Mello. — Seriam ellas livro forasteiro ás tormentas da época? Por ventura, o espirito atilado e varonil, imaginoso e patriotico do author, não seria tocado da corrente electrica com que as crises das nações commovem e instigam os seus filhos ainda os mais obscuros e rudes? O veterano mestre de campo das batalhas transtaganas, o authorisado conselheiro das juntas dos generaes e ministros do rei, deixaria que o sopro da desgraça lhe apagasse o fogo sagrado d'aquelle amor patrio com que brandia no Alemtejo a espada vencedora, no Manifesto de Portugal a penna flammejante?*

A esta interrogação eloquente responde com admiraveis argumentos o illustre escriptor; mas não é de facil admissão a sua hypothese, se attendermos a que a EPANAPHORA AMOROSA foi escripta em Bellas, no anno 1654, seis annos antes de se tratar o casamento de D. Catharina com Carlos II.

Parece-me, pois, que D. Francisco Manoel de Mello não teve o menor intuito politico na formação do seu romance historico, nem se me figura que elle se prestasse a illudir o publico sobre assumpto de tamanha gravidade, pondo uma lenda a cobrir uma infamia da rainha que para salvar a dynastia empobrecia um reino, desfalcando-o vergonhosamente para comprar um genro poderoso.

A meu vêr, o motivo que teve a victima do des-

pota para escrever a Epanaphora é d'uma simplicidade tão verosimil como a dos espiritos atribulados que se repousam em imagens d'um sentimento entre amoroso e tragico. Elle mesmo o explica ao amigo a quem a offerece: «Vendo-me agora n'esta solidão, a cujo favor vim fugindo da justiça ou da injustiça do povoado, me puz a discorrer vagarosamente sobre de que maneira eu poderia satisfazer aquella interior promessa, escrevendo a relação de algum successo grande que pertencesse a este reino, procedido ou illustrado de affectos amorosos».

Depois, pareceu-lhe mais proporcionado o descobrimento da ilha da Madeira *no qual se acham todas as varias acções que fizeram intrincadas e por isso agradaveis as historias do mundo.* Occorreram-lhe os adornos da Grecia e Roma, as anedoctas de Thucidedes e Livio, e d'isso tudo formou o maravilhoso de Machin que seria menos aceitavel se não viesse apresentado por um incognito Francisco Alcoforado, companheiro de Zarco, que nenhum escriptor coevo do infante D. Henrique nomeára. É de presumir que o verdadeiro inspirador da Epanaphora haja sido Manoel Thomaz, o poeta da Insulana, a quem D. Francisco Manoel chama o *seu amigo.*

CONCLUINDO:

A invenção de Machin é posterior a Gomes Eannes de Azurara e João de Barros.

Azurara precede todos os historiadores dignos de credito que escreveram do archipelago dos Açores.

Valentim Fernandes copiou a chronica do descobrimento de Guiné não lhe alterando as noticias que dão a primazia do descobrimento da Madeira a Zarco. Redigiu ou copiou uma noticia posterior entretecendo-lhe a lenda de Machin.

D. Francisco Manoel de Mello cingiu-se á versão que encontrou poetisada pelo epico Manoel Thomaz. *Francisco Alcoforado* é um artificio que não merece credito nem censura em obra de tal natureza. Não convenho na importancia politica que o snr. Rodrigues de Azevedo presta á EPANAPHORA pelas razões que, bem ou mal, expendi.

Resta-me, sem desaire da admiração que voto aos recursos scientificos do snr. H. Major, considerar de minima valia as suas razões do livro e a sua replica do *Atheneu* a favor da veridicidade de Machin, que deu o que devia e podia dar á tela imaginosa da INSULANA de Manoel Thomaz e da ZARGUEIDA de Medina e Vasconcellos; mas para historia não serve. Nós,

os portuguezes, trabalhamos ha cincoenta annos para expurgar das entranhas da historia os Laimundos, Ortegas e os Pedros Alfardes. Permitta o snr. H. Major que refuguemos dos nossos estudos serios o historiador Valentim Fernandes e mais o historiador Francisco Alcoforado.

FIM

INDICE

SENTIMENTALISMO

HISTORIA

EUSEBIO MACARIO

(CRITICAS LITTERARIAS)

O facto mais notavel do nosso movimento litterario nos ultimos mezes decorridos, foi, sem duvida, a publicação d'este novo livro de Camillo Castello Branco, editado pela importante e acreditada casa de Ernesto Chardron.

É elle o primeiro de uma serie que o author tenciona publicar sob o titulo geral de *Historia e Sentimentalismo.*

Na parte historica d'este primeiro volume contêem-se tres estudos biographicos de tres dos principaes caudilhos e apaniguados d'aquelle desafortunado e inepto filho da *Pelicana,* os quaes estudos, no dizer do proprio author, foram intentados com o fim de se familiarisar com os individuos mais notaveis do partido do pretensor cuja monographia tenciona dar á estampa. Simples estudos, ou bosquejo de biographias, como lhes elle chama, encontra-se n'elles larga copia de noticias historicas muito interessantes e ignoradas, que constituem um precioso peculio de subsidios muito valiosos para o estudo da época e *façanhas* do preclaro filho do infante D. Luiz e de Violante Gomes.

A vulgar acidia para os trabalhos d'esta ordem entre nós, faz com que se tornem de subido apreço e valor os raros que apparecem, sobretudo quando um nome illustre como o de Camillo os authorisa. É mister n'estes trabalhos de investigação muito rebuscar e discernir, muito esmerilhar de documentos, muito apurar da realidade, joeirando seculares mentiras a que os annos deram fóros de verdades, e que o vulgo se compraz em aceitar e venerar como taes.

É improba a tarefa, e por isso poucos se sentem com alentos para a affrontar. O pó dos archivos não seduz, e o

bafio que trescala dos papeis velhos e bolorentos não tem para o olfacto as delicias dos aromas delicados dos camarins elegantes, nem as glorias que alli se conquistam são tão apregoadas e tão gratas á vaidade como as que aqui se obteem, e as chronicas das salas e dos botiquins galardôam.

Segue-se ás tres biographias de Duarte de Castro, Manoel da Silva Coutinho e D. Francisco de Portugal, a polemica em tempo travada entre Camillo Castello Branco e Manoel Pinheiro Chagas, a proposito da lenda do Machin, polemica agora acrescentada com novas e importantes noticias que o author adduz em favor da sua opinião, e contra a de Major.

É na segunda parte do livro, intitulada — *Sentimentalismo* — que vamos encontrar *Eusebio Macario.*

Todos sabem com que ancia é sempre aguardada a publicação de um novo livro de Camillo, e como os primeiros exemplares vôam das mãos dos livreiros, phenomeno que é um verdadeiro milagre n'esta terra abençoada onde a instrucção primaria falta, e os *homens de letras* abundam. Esse phenomeno ou milagre que só no extraordinario talento do notavel escriptor encontra explicação, attingiu d'esta vez enormes proporções. Os jornaes haviam annunciado que o illustre romancista seguiria no *Eusebio Macario* a escóla e processos de Zola, e por isso, emquanto uns se preparavam para rir ás gargalhadas com a engraçada critica de Camillo, celebravam outros a conversão do compositor de *velhas novellas sentimentaes* ás modernas doutrinas de um realismo nauseativo e asqueroso. Outros havia ainda, ávidos de torpezas, que já pensavam regalar-se com a leitura de scenas sensuaes e desbragadas como as do *Crime do Padre Amaro,* e do *Primo Bazilio.*

Appareceu, finalmente, o livro, e os da conversão, assim como os do *Bazilio,* ficaram corridos e houveram-se por ludibriados. É que o *Eusebio Macario* é um sarcasmo vehemente mas delicadamente atirado a esse realismo ignobil que por ahi nos querem impingir como espelho da sociedade, como se todos vivessemos atolados no lodaçal infecto, aonde esses neo-realistas vão buscar o sudario de chagas e miserias nojentas de que os seus livros são estendal. Ficaram ludibriados e corridos, dissemos, e é verdade. Ninguem lhes déra ainda tão severa lição.

Entendem elles que só nos hospitaes, nos lupanares, e nos esgotos, existe o verdadeiro realismo, e por isso se não fartam de remexer e chafurdar em todas essas *podridões verdes.* É lá que vão copiar os seus quadros, é de lá

que trazem os ignobeis personagens que n'elles figuram. A arte, o engenho, a esthetica, são para elles palavras vazias de sentido. A materia é tudo: os temperamentos tudo explicam e tudo determinam. Entre o homem e a besta, a differença, segundo elles, é unicamente de fórma. Não é na vida dos campos, das aldêas, ou das cidades que vão estudar o seu realismo, como Julio Diniz, Camillo Castello Branco e outros que nunca se subordinaram á sandice de uns processos disparatados, que o senso commum condemna, e os verdadeiros engenhos rejeitam. Não é lá que vão copiar os seus quadros, como não é na grammatica que estudam a arte de fallar e escrever correctamente, porque a grammatica para elles é a mais supina e incomprehensivel de todas as tolices.

Apesar de tudo, porém, era já atroadora a grita com que nos seus arraiaes elles mesmos se exaltavam e glorificavam pelos altos serviços que com as suas algaravias prestavam ás letras patrias, que sem o seu concurso salvador morreriam de inanição e decrepitude. Foi então que Camillo lhes arremessou *Eusebio Macario* que é o apódo, a mofa, a apupada faceta, a gargalhada zombeteira mais estrondosa e opportuna que lhes tem estourado aos ouvidos.

Bem haja elle.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

(Da *Arte*).

O volume escripto sob este titulo pelo snr. Camillo Castello Branco, e editado por Ernesto Chardron, sahido ha pouco á luz, póde dizer-se e ter-se por um verdadeiro acontecimento litterario, e mais uma prova e testemunho indubitavel, aonde elles já sobravam, tornando-se escusado mais um, das poderosas faculdades intellectuaes do grande romancista, por certo o primeiro da peninsula iberica, e um dos seus mais brilhantes e esclarecidos escriptores e criticos.

Divide-se este livro em duas partes: uma historica, é a que se intitula *D. Antonio, prior do Crato;* outra romantica, *Eusebio Macario.*

Na primeira congrega o illustre author, que incumbido fôra, segundo ouvimos, pelo ministerio transacto, de escrever a historia de *D. Antonio, prior do Crato,* elementos

valiosos para esta que, na prefação com que abre o livro, declara ser intento seu dar completa, e reune diversos escriptos seus, do snr. Pinheiro Chagas e de Mr. Richard Henry Major, relativos á polemica litteraria levantada a respeito da *Lenda do Machin,* a epanaphora amorosa de D. Francisco Manoel de Mello, a proposito da reproducção d'ella e sua defeza na *Vida do Infante D. Henrique* escripta pelo mesmo Mr. Richard Henry Major e vertida do inglez pelo snr. José Antonio Ferreira Brandão.

Na segunda, intitulada *Eusebio Macario* dá completa noticia a formosa dedicatoria com que o snr. Camillo Castello Branco a precede.

Como romance realista é um trabalho acabado, e esta justiça a fazem ao eminente escriptor os proprios corypheus do *realismo*. Assim não perdeu elle a aposta que fizera com a sua *querida amiga,* que o vencimento d'ella lhe é consagrado por voto unanime de todos os entendidos.

Sendo, porém, como a ninguem é escuro, o snr. Camillo Castello Branco um dos inimigos mais declarados e decididos e poderosos da escóla realista, pelas demasias em que as mais das vezes cahe, bem de vêr é que no *Eusebio Macario* não levou elle em vista um simples *tour de force,* para mostrar a seus adversarios mais uma vez a pujante malleabilidade de seu vigoroso talento, e que a este não eram estranhos nem difficeis, quanto mais impossiveis como alguns o diziam, os processos praticos do realismo, mas que mirou mais alto e mais longe, e por certo a fazer a critica severa d'este, frisando e levando ao extremo limite esses processos, e tornando assim bem patentes e irrecusaveis os seus defeitos. Conseguiu-o o snr. Camillo Castello Branco, se tal seu intento?

Entendemos que não, e por duas razões. A primeira fornece-nol-a o snr. Guilherme d'Azevedo, um alevantado talento, na *chronica occidental* do n.º 41 do *Occidente,* onde a proposito do *Eusebio Macario* escreve: «Veio (este) apregoado como um golpe de misericordia na escóla realista... Ora Camillo Castello Branco é uma natureza impressionavel e apaixonada de mais para usar pacientemente dos processos criticos de que se costumam servir os demolidores. E assim, vemol-o, de quando em quando, no *Eusebio Macario,* apaixonar-se pela nova *maneira* litteraria, identificar-se com ella, assimilal-a nas suas poderosissimas qualidades de estylista e concorrer, sem pensar em tal, levado na corrente impetuosa da sua phantasia arrebatada, para o triumpho ridente da nova cavallaria litteraria... É certo

que, uma vez por outra, Camillo Castello Branco *pratíca* conscientemente o realismo, *de fito feito e caso mui pensado,* assignalando-se distinctamente as passagens em que é movido por semelhante preoccupação. Mas d'ahi a pouco esquece-se do papel que se propunha representar, e é manifestamente trahido por aquella linguagem viril e sólida em que palpitam e vivem todos os elementos que oito seculos de laboração litteraria podem assimilar na palavra d'um povo». A segunda razão deu-nol-a Guerra Junqueiro, fallando do *Eusebio Macario:* «É uma loucura em Camillo Castello Branco pretender com o *Eusebio Macario* contrariar a corrente litteraria da época. Apesar de seu muito talento ha-de ser vencido, que não ha luctador, por mais valente, que possa fazer recuar ou parar um movimento tal...»

Seja, porém, o que fôr, *Eusebio Macario* ficará e durará por qualquer lado que se encare, como uma obra de subidos quilates e grande valor.

(Da *Aurora do Cavado*).

Recebemos este elegante volume, a que nos lançamos avidamente com o afôgo da curiosidade. Contém a primeira parte uns trechos historicos de muita valia, pois que o eminente escriptor não se prende a copiar dos livros impressos o que a pouca sisuda critica dos nossos antigos historiadores compendiaram ou romancearam. Revolve os manuscriptos, que afugentam os que folgam de vencer trabalho com pouca diligencia, e d'elles tem desentranhado muita nota preciosa, muito ensinamento proficuo, diluido por uma critica sempre sagaz, e quasi sempre segura. No bosquejo de biographias dos parciaes de D. Antonio, prior do Crato, abundam os factos, as dilucidações, as apreciações elevadas, cruas um pouco ás vezes, e lardeadas d'aquelles tons levemente sarcasticos que tão galantemente devolve a sua penna. Duarte de Castro, Manoel da Silva, conde de Torres-Vedras, e D. Francisco de Portugal são os tres personagens que o snr. Camillo retrata, embora incidentemente desfira por alguns outros. Parece-nos que o desejo de rehabilitar a memoria do conde de Torres-Vedras lhe velou um tanto os seus grandes defeitos e erros, ao passo que o le-

vou a exagerar um pouco os do conde de Vimioso, cuja figura cavalleirosa nos parece por demais apoucada.

Na *lenda do Machin,* reflexões á vida do infante D. Henrique, de Major, combate o snr. Camillo, o romance, que não devia ter sido mencionado na grande obra do escriptor inglez, apesar dos motivos que para isso invoca. Os snrs. Pinheiro Chagas e Rodrigues d'Azevedo haviam já tocado o ponto, o segundo com melhor força de argumentos, mas ainda assim o problema ficou insoluvel por emquanto, sendo porém muito possivel que, quando menos se julgue, se ache a origem do nome de Machico, que apesar da muita consideração pelo illustre romancista, não podemos acceitar como a elle entende. Major tem sido um tanto pertinaz em manter as suas opiniões. Com relação á posição da villa do Infante, sustentou contra Varnhagen uma polemica, quanto a nós muito lastimavel, não só em vista do documento e razões que o illustre brazileiro apresentou, mas em vista de outros documentos que reforçam a sua justissima opinião. N'esta questão de Machico voltou a quebrar lanças pela lenda de Machin, não obstante desde os descobrimentos se chamar aquelle sitio Machico e não Machin, como succederia se do supposto inglez se derivasse o nome.

Aproveitando o ensejo diremos que na parte a que o snr. Camillo se refere está a traducção da obra de Major regular, mas pontos ha onde transtorna o sentido do original, fazendo commetter erros a Major que elle não disse, e outras vezes omitte cousas que lá estão; por tanto é sempre mais seguro vêr o original, cujos descuidos ou equivocos puderam ter sido resalvados n'uma traducção mais cuidadosamente trabalhada.

Sabemos que alguem prepara umas annotações á obra de Major, elucidando a Vida do Infante e factos relativos com uma grande quantidade de documentos, a maior parte ineditos, e esperamos que muitos pontos controvertidos sejam então deslindados.

Da segunda parte do livro do snr. Camillo — **Eusebio Macario** — romance segundo os novos processos da escóla realista, e com todos os — tics — do seu estylo, ou antes critica ás demasias d'ella e d'elle, já na chronica do nosso ultimo numero disse o seu redactor o bastante, que seria pleonasmo repetir aqui. Mas fica-nos o dever de agradecermos o valioso regalo.

(Do *Occidente*).